



TOM PERROTTA

A professora
de abstinência

Benvirá

Por querer ensinar os jovens a ter prazer com responsabilidade, a professora de Educação Sexual Ruth é perseguida pelo Tabernáculo do Evangelho Verdadeiro, uma pequena, mas ativa igreja evangélica, e acaba sendo obrigada a ensinar abstinência sexual. Tim Mason, ex-roqueiro, ex-drogado, ex-alcoólatra que só conseguiu dar um jeito na vida depois de aceitar Jesus e se converter, é o treinador de futebol da filha de Ruth, e por isso os dois são obrigados a conversar, mesmo desconfiando um do outro. Apesar das diferenças e dos preconceitos, eles acabam descobrindo que partilham um desejo comum: defender suas convicções. *A professora de abstinência* é um romance forte, que nos coloca diante de velhos tabus sob uma roupagem contemporânea e que expõe não somente a hipocrisia na sociedade americana como em todo o mundo.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

A Professora de abstinência

TOM PERROTTA

A professora de abstinência

Tradução
Marcelo Barbão

Benvirá

Copyright © 2007 by Tom Perrotta
Título original: *The abstinence teacher*
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial: Thales Guaracy
Gerente editorial: Carla Fortino
Editora: Fabiana Medina
Assistente editorial: Carolina Hidalgo Castelani
Estagiário: Danilo Belchior
Diagramação: Linea Editora Ltda.
Arte da capa: Carlos Renato
Imagem da capa: David Mayenfisch/Getty
Imagens Preparação: Eveline Bouteiller
Revisão: Beatriz de Freitas Moreira e Laila Guilherme

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P544p

Perrotta, Tom, 1961-

A professora de abstinência / Tom Perrotta ; tradução Marcelo Barbão. -
São Paulo : Saraiva, 2010.

Tradução de: The abstinence teacher
ISBN 978-85-02-10354-2

1. Romance americano. I. Barbão, Marcelo. II. Título. III. Série

10-3787 02.08.10 10.08.10

CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3

02.08.10 10.08.10 020750

ISBN 978-85-02-103-54-2

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Benvirá, um selo da Editora Saraiva
Rua Henrique Schaumann, 270 — 8º andar
CEP: 05413-010 — Pinheiros
São Paulo — SP
www.benvira.com.br

Índice

[AGRADECIMENTOS](#)

[PARTE UM](#)

[PARTE DOIS](#)

[PARTE TRÊS](#)

[PARTE QUATRO](#)

[CONTRA-CAPA](#)

Para Joe Gordon

Agradecimentos

Escuta o conselho, aceita a correção, e chegarás a ser sábio.

— PROVÉRBIOS, 19:20

Durante o trabalho neste livro, tive a sorte de receber conselhos, instruções e assistência valiosos de Maria Massie, Elizabeth Beier, Dori Weintraub e Sylvie Rabineau — minha gratidão a todas elas. Carol Luddecke, da Lentrega Mortgage Group, forneceu uma perspectiva interna do mercado de hipotecas. Meus amigos Mark Dow e Kevin Pask foram acompanhantes intrépidos no fim de semana do Promise Keepers' em Baltimore. Como sempre, no entanto, minha maior dívida é com minha esposa, Mary Granfield, e com nossos filhos, Nina e Luke, que todo dia me deram excelentes razões para me abster do trabalho e me divertir um pouco.

E se alguém escandalizar um destes pequeninos que acreditam, seria melhor que fosse lançado ao mar com uma pedra de moinho amarrada no pescoço.

— EVANGELHO DE MARCOS

PARTE UM

Algumas pessoas gostam Miss Moralidade

No primeiro dia de Sexualidade Humana, Ruth Ramsey estava usando uma saia curta verde-limão, um top preto bem justo e sandálias de tiras e salto, o tipo de roupa para chamar a atenção que ela normalmente não teria usado nem em um encontro — não que tivesse muitos encontros hoje em dia —, muito menos para trabalhar. Era um pequeno ato de rebeldia de sua parte, um aviso para si mesma — e a todo mundo que se importasse — de que ela não queria participar da farsa que aconteceria mais tarde, naquela manhã no segundo período, na aula de Saúde e Vida Familiar.

A caminho da sala, Ruth parou na biblioteca para entregar o café grande com leite desnatado que sempre trazia para Randall, o bibliotecário, um louco por cafeína como ela, que devolvia o favor correndo, ao meio-dia, até um Starbucks. Os dois tinham ficado amigos anos atrás por causa da revolta em comum contra o que Randall chamava de "Xixi morno de Maxwell", na sala dos professores, e pela disposição em gastar muito dinheiro para evitá-lo.

Randall estava com os olhos presos à tela do computador quando ela se aproximou. Um estranho poderia confundi-lo com um dedicado profissional de Ciências da Informação, dando uma olhada em alguma importante pesquisa, mas Ruth sabia que ele, na verdade, estava navegando pelo eBay atrás de bonecos Hasbro *vintage*, uma tarefa que realizava várias vezes por dia. O companheiro de Randall, Gregory, era um agente imobiliário de sucesso e artista ocasional, que criava elaborados dioramas tendo como tema principal bonecos GI Joe French Resistance Fighter, um modelo muito difícil de encontrar cujo ar gaulês era bastante acentuado por um suéter preto com gola rulê e boina. Em seu mais recente trabalho, Gregory tinha recriado cuidadosamente um café parisiense de 1946, com uma dúzia de

bonecos se olhando expressivamente por cima das mesas com toalhas xadrez vermelhas, e pequenos Gauloises feitos à mão grudados em seus dedos de plástico.

— Graças a Deus — ele murmurou, quando Ruth colocou o copo em sua mesa. — Estava entrando em coma.

— Teve sorte?

— Só uns poucos bonecos de infantaria russos. Em perfeito estado, até parece.

Randall se virou da tela e abriu os olhos ao ver a roupa de Ruth.

— Estou surpreso por sua mãe tê-la deixado sair de casa assim.

— Meu novo *look*. — Ruth fez uma pose, mostrando os quadris e sugando as bochechas, como uma modelo. — Gostou?

Ele deu uma avaliada de cima a baixo, aproveitando a vantagem de ter uma "licença gay" para olhar.

— Gostei. Bem Mary Kay Letourneau, se não se importa que eu diga.

— Minhas filhas disseram a mesma coisa. Só que não falaram isso como um elogio.

Randall pegou o café, levou até os lábios e assoprou três vezes na abertura da tampinha de plástico, como se fosse algum tipo de instrumento de sopro.

— Elas deveriam se orgulhar de ter uma mãe que pode usar uma saia como essa na... — a voz de Randall sumiu diplomaticamente.

— ... *minha idade*? — perguntou Ruth.

— Você não é tão velha — Randall garantiu. — E está ótima.

— Isso me faz muito bem.

Randall assoprou seu café com leite e encolheu os ombros com ar pensativo. Era um pouco mais velho do que Ruth, mas não dava para notar

por causa do cabelo preto enrolado e a eterna cara de garoto. Às vezes, ela sentia pena dele — era um gay muito culto, um dândi amante de ópera com um fetiche por óculos de design italiano, preso o dia todo em uma escola suburbana —, mas Randall raramente reclamava da vida que tinha em Stonewood Heights, mesmo tendo boas razões para isso.

— Nunca se sabe quando a oportunidade baterá à porta

— ele a lembrava. — E, quando bater, não vai querer atender usando um roupão velho e esfarrapado.

— E melhor ela bater logo — respondia Ruth. — Ou o *que* estarei usando nem vai importar.

Randall colocou o copo no descanso da Mulher Maravilha que tinha na mesa, perto de uma foto autografada de Maria Callas. A expressão séria em seu rosto só estava um pouco comprometida pelo bigode sujo de leite.

— Então, como você está se sentindo? — perguntou ele.

— Tudo bem?

Ruth olhou para a janela atrás do balcão, por um momento admirando a imagem outonal contida dentro do quadro: um ônibus escolar estacionado embaixo de uma árvore com folhas laranja, um céu azul brilhante dominando o mundo. Ela sentiu uma intensa vontade de estar longe dali, vagabundeando pelo meio do bosque ou caminhando por uma cidade estranha sem mapa.

— Eu só trabalho aqui — falou ela. — Não faço as regras.

Ruth passou a maior parte do primeiro período conversando com Donna DiNardo, professora de Biologia e treinadora de hóquei, que tinha quase quarenta anos. Durante o verão, depois de anos de solteirice e tristeza, Donna tinha encontrado sua cara-metade — um autoritário optometrista chamado Bruce DeMastro — com a ajuda de um serviço de encontros via internet, e eles ficaram noivos depois de dois mágicos encontros.

Ruth ficou surpresa quando ouviu a notícia, em parte por causa do aspecto fabuloso da história, e também porque ela tinha se cansado da inesgotável choradeira de Donna sobre como era difícil encontrar um cara

depois que se chega a certa idade, que só servia para deixar Ruth muito mais pessimista sobre suas próprias perspectivas. O estranho, entretanto, foi descobrir que o amor não tinha melhorado muito o humor de Donna; ela era uma pessoa preocupada por natureza e a perspectiva de compartilhar sua vida com outra pessoa desencadeava uma tonelada de novas preocupações. Hoje, por exemplo, estava se perguntando se os estudantes achariam muito complicado chamá-la, depois do grande dia, de Sra. DiNardo-De- Mastro.

Apesar de Ruth achar que as mulheres deveriam manter seu nome quando se casassem — ela não tinha feito isso e agora estava presa ao sobrenome do ex-marido —, mantinha essa opinião para si mesma, tendo aprendido da forma mais difícil que não havia como ganhar ao tomar partido em questões tão básicas como essa. Já tinha ofendido uma amiga grávida ao admitir — depois de exigências persistentes por sua *opinião sincera* — que não gostava do nome "Claudia" com o qual, sem saber, a amiga já tinha decidido batizar sua primeira filha. Claudinha tinha oito anos, e Ruth ainda não havia sido completamente perdoada.

— Faça o que quiser — disse Ruth. — Os alunos não ligam.

— Mas DiNardo-De Mastro? — Donna estava parada ao lado da mesa de café, olhando para uma caixa de donuts com uma expressão de desejo evidente. Era uma mulher grande, cuja ansiedade sobre a imagem de seu corpo tinha alcançado um novo nível de obsessão, agora que precisava caber num vestido de noiva. — E um pouco grande, não é?

— Vai dar tudo certo de qualquer jeito — garantiu Ruth.

— Isso está me deixando louca — Donna tirou um de chocolate da caixa, pensou por um momento e voltou a colocá-lo no lugar. — Realmente não sei o que fazer.

Com um ar de determinação melancólica, Donna se afastou dos doces e se serviu de uma xícara do café repugnante, no qual colocou duas porções de creme e três de adoçante cancerígeno.

— Bruce odeia nomes com hifens — continuou ela. — Ele quer que eu adote Donna DeMastro.

Ruth olhou para a sala, esperando alguma ajuda de seus colegas, mas os dois outros professores presentes — Pete Fontana (Artes Industriais) e Sylvia DeLacruz (Espanhol) — estavam ostensivamente imersos em suas leituras, nenhum disposto a se envolver no mais novo capítulo das atribuições pré-nupciais de Donna. Ruth não os culpava; teria feito o mesmo se não fosse por sua consciência culpada. Donna a apoiara bastante na última primavera, quando era Ruth quem estava com problemas, e ainda se sentia em dívida com ela.

— Tenho certeza de que você vai resolver isso — falou.

— Se meu nome fosse Susan não seria um grande problema — Donna afirmou, voltando aos donuts, como se estivesse sendo arrastada por uma força invisível. — Mas Donna DiNardo-DeMastro? São muitos *dês*.

— Aliteração — concordou Ruth. — Sofro disso também.

— Não quero ser alvo de piadas — disse Donna, com uma veemência surpreendente. — Já é difícil ser uma mulher que ensina Ciências.

Ruth simpatizava com ela nesse aspecto específico. Jim Wallenski, o cara que Donna havia substituído, ficara conhecido como "Sr. Mago" pelos estudantes da Stonewood Heights durante três décadas. Era um homem grisalho e pequeno, que caminhava pelos corredores vestindo jaleco e gravata-borboleta, sorrindo enigmaticamente enquanto puxava o lóbulo da orelha direita, o típico geek. Apesar de seu mestrado em Biologia Molecular, Donna parecia não combinar com o papel, usando calças boca de sino e joias de ouro que demonstravam bom gosto. Era muito pé no chão, muito organizada, muito atenta às outras pessoas, mais convincente como a gerente supereficaz de algum escritório do que como a "Sra. Maga".

— Não sei, Ruth — Donna olhava para a caixa de donuts. — Estou esgotada com todas essas decisões.

— Coma logo — disse Ruth.

— O quê? — Donna parecia espantada. — O que você disse?

— Vá em frente. Um donut não vai matá-la.

Donna pareceu escandalizada.

— Sabe que estou tentando fazer as coisas direito.

— Pois encare como um presente para si mesma — Ruth levantou-se do sofá. — Preciso rever umas anotações. A gente se fala mais tarde, está bem?

Depois de uma breve hesitação, Donna tirou um donut da caixa e o colocou na boca, sorrindo para Ruth, como se as duas fossem cúmplices de um crime. Ruth acenou enquanto saía pela porta. Donna respondeu, mastigando lentamente, os dedos e os lábios cobertos de açúcar.

O Superintendente e a Consultora de Virgindade estavam esperando do lado de fora da Sala 23, sorrindo como se estivessem felizes por ver Ruth chegando, rápida, pelo corredor comprido, como se os três fossem velhos amigos que costumavam se encontrar sempre que possível.

— Bem, bem — disse o Dr. Farmer, no tom animado que reservava para situações estranhas. — Se não é a estimada Sra. Ramsey. Bem na hora.

Olhando para a roupa de Ruth com evidente desaprovação, esticou a mão suada. Ela apertou, desconcertada como sempre pela mudança aparente no Superintendente toda vez que se encontravam. A distância, ele parecia consigo mesmo — o homem bonito, vigoroso, de meia-idade que Ruth tinha conhecido há quinze anos —, mas, de perto, transformava-se em um velho perplexo com olhos reumáticos, manchas de fígado e tufos de pelos rebeldes na orelha.

— Pontualidade é uma das minhas maiores virtudes — disse Ruth. — Até meu ex-marido concordaria.

O ex-marido de Ruth — pai de suas duas filhas — lecionou durante alguns anos em Stonewood Heights antes de aceitar um emprego em Giffbrd Township, uma cidade próxima. Tinha sido recentemente promovido a Supervisor de Currículo de Estudos Sociais da sétima e da oitava série, e dizia-se que seria o próximo Diretor Assistente da escola.

— Frank é um bom homem — falou o Superintendente com gravidade, como se defendesse a honra de Frank. — Muito confiável.

– A não ser quando se está casada com ele — disse Ruth, tentando fazer com que isso soasse como uma piada.

– Quanto tempo vocês ficaram casados? — perguntou a Consultora JoAnn Marlow, dirigindo-se a Ruth naquele tom cordial que desarmava os outros, como se as duas fossem colegas e não o pior pesadelo uma da outra.

– Onze anos — Ruth balançou a cabeça, da maneira como sempre fazia quando contemplava a besteira que tinha sido seu casamento. — Não sei *o que* estava pensando.

JoAnn passou a mão, fria e consoladora, sobre o braço de Ruth. Como sempre, estava vestida igual a uma concorrente num concurso de beleza — o cabelo bem penteado, muita maquiagem, tudo preparado, só faltava um maiô e a faixa com os dizeres "Miss Moralidade"—, apesar de Ruth não entender por que ela se dava ao trabalho. Se estivesse determinada a viver como uma freira — e determinada a divulgar esse fato para o mundo —, por que perder todo esse tempo para ficar bonita?

– Deve ter sido terrível — JoAnn sussurrou, como se Ruth tivesse acabado de perder um parente próximo em trágicas circunstâncias.

– Parecia uma tonelada de tijolos em meu peito, se quer saber a verdade. E Frank e eu na verdade nos damos melhor agora que não precisamos nos ver todo dia.

– Estava pensando nas crianças — explicou JoAnn. — Sempre é tão duro para elas.

– As garotas estão bem — comentou Ruth, resistindo à vontade de acrescentar "*mas você não tem nada a ver com isso*".

– Lindas crianças — disse o Dr. Farmer. — Lembro quando a mais velha era só um bebê.

– Ela tem catorze agora — observou Ruth. — Já me alcançou em altura.

– E quando começa a diversão. — Ele balançou a cabeça, falando por experiência própria. Sua filha do meio, Andréa, tinha sido uma adolescente complicada, fugiu de casa e se envolveu com drogas,

entrando e saindo de clínicas de reabilitação várias vezes antes de finalmente conseguir largá-las. — Os garotos começam a ligar, você fica preocupada pensando onde elas estão, com quem estão, a que horas voltarão para casa...

O sinal tocou, marcando o final do primeiro período. Em segundos, os corredores estariam cheios de adolescentes sonolentos, acenando e cumprimentando outros que passavam. Alguns deles pareciam jovens, pensou Ruth, outros tinham jeito de adulto, adultos com dezesseis e dezessete anos. De acordo com as pesquisas, pelo menos um terço deles fazia sexo, embora Ruth soubesse muito bem que não dava para adivinhar apenas olhando.

— As garotas precisam se proteger — disse JoAnn. — Vivem num mundo perigoso.

— Eliza fez dois anos de caratê — informou Ruth. — Ela chegou à faixa verde. Ou talvez laranja, não me lembro. Mas Maggie, a mais jovem, é atleta. Vai fazer o teste para a faixa azul no mês que vem. Joga futebol e nada também.

— Impressionante — notou o Dr. Farmer. — Minha esposa acabou de começar tai chi. Ela faz com umas senhoras chinesas no parque, logo de manhã. Mas não é uma arte marcial de fato. É mais uma coisa de movimento.

Os adultos deixaram o corredor, abrindo caminho para os estudantes começavam a ir para as classes. Vários deles sorriram para Ruth e uns poucos a cumprimentaram. Ela se sentia bem até ali, mais ou menos em Paz com a decisão que tinha tomado. Mas agora, de repente, começou a perceber o suor frio escorrendo pelas axilas, a sensação de enjoo se espalhando pela barriga.

— Estava falando sobre autodefesa espiritual — disse JoAnn. — Vivemos numa cultura tóxica. As mensagens que garotas recebem da mídia são completamente degradantes. Não me espanta que se odeiem.

O Dr. Farmer assentiu distraído enquanto olhava para o vazio. Seu rosto relaxou quando o Diretor Venuti entrou corredor ao lado do ginásio e começou a caminhar rapidamente na direção deles, encurvado como

sempre, como se estivesse em posição de luta, procurando o próximo desafiante para derrubar.

— Aqui está o quarto participante — disse o Dr. Farmer. Estamos prontos.

— Parece que sim — concordou Ruth. — Será um alívio resolver isso.

— Ah, vamos *lá* — sugeriu JoAnn, sorrindo para Ruth a fim de ocultar sua contrariedade. — Não vai ser *tão* ruim.

— Não para você — disse Ruth, sorrindo de volta. — Vai ser ótimo para você.

Algumas pessoas gostam.

Foi tudo o que Ruth disse. Mesmo agora, quando já tinha pesado a loucura que essa afirmação iniciou, ela ainda se espantava com o poder dessas três palavras, que tinha dito sem premeditar e sem qualquer intenção de pisar em terreno proibido.

O incidente ocorreu na primavera anterior, durante uma aula sobre contracepção que Ruth dava a uma turma da nona série. Ela tinha completado uma explicação bastante detalhada de como funcionava o DIU, quando fez uma pausa e perguntou se alguém tinha alguma dúvida. Depois de um momento, uma garota pálida, normalmente quieta, chamada Theresa McBride, levantou a mão.

— Sexo oral é nojento — declarou Theresa, algo que não tinha nada a ver com a aula. — É o mesmo que beijar uma privada. Dá para pegar todo tipo de doença, certo?

Theresa olhava direto para Ruth, como se a desafiasse a negar esse fato indiscutível. Ao lembrar, Ruth achou que deveria ter sido capaz de perceber a intenção hostil no olhar decidido da garota — a maior parte dos alunos da nona série mantinha os olhos firmemente nas suas mesas durante as partes mais fortes de Educação Sexual —, mas Ruth não tinha o hábito de pensar em seus estudantes como adversários potenciais. Na verdade, ficou grata pela garota criar o que seus professores da faculdade costumavam chamar de "um momento de diálogo".

— Bom — começou Ruth —, pelo que ouvi falar de sexo oral, algumas pessoas gostam.

Os garotos no fundo da sala riram alto, uma atitude que Ruth entendeu mais como bravata do que experiência, apesar de todos os rumores sobre boquetes serem tão comuns quanto andar de mãos dadas no ensino médio. Theresa ficou um pouco vermelha, mas não desviou os olhos enquanto Ruth continuava com a parte mais séria de sua resposta, na qual discutia pontos básicos de higiene sexual e descrevia as engenhosas estratégias do corpo para separar os sistemas urinário e reprodutor, apesar de compartilharem a mesma área. Ela terminou enumerando as várias DSTs que podem e as que não podem ser transmitidas no contato orogenital, e recomendando o uso de preservativos e das incomuns "barreiras dentais" para tornar o sexo oral mais seguro aos parceiros.

— Feito de maneira apropriada — continuou ela —, o *cunnilingus* e o *fellatio* podem ser bem mais agradáveis e mais limpos do que beijar uma privada. Espero que isso responda à sua pergunta.

Theresa assentiu com entusiasmo. Ruth voltou para sua explicação, tirando um diafragma da embalagem e jogando como um *frisbee* para Mark Royalton, o macho alfa da última fila. Agindo por reflexo, Mark pegou o objeto no ar e depois resmungou com desgosto, de maneira melodramática, quando percebeu o que estava segurando.

— Não tenha medo — disse Ruth para ele. — É novinho. Somente uma amostra.

Foi sua culpa, ela pensou, por não ter visto o problema crescendo. A atmosfera na escola, e na cidade, tinha mudado muito nos últimos dois anos. Uma pequena igreja evangélica — O Tabernáculo do Evangelho Verdadeiro — dirigida por um pastor jovem e impetuoso, conhecido como Pastor Dennis, tinha começado uma cruzada para purgar Stonewood Heights de todas as formas de decadência moral ateia, como se essa comunidade sonolenta fosse uma abominação perante o Senhor; Sodoma com boas escolas e um supermercado aberto vinte e quatro horas.

O Pastor Dennis e um pequeno bando de fiéis tinham realizado uma série de manifestações bem-sucedidas do lado de fora da locadora Mikes World of Video, convencendo o dono — Jerry, filho de Mike — a fechar a pequena seção "Somente para Adultos" no fundo da loja; a igreja tinha também protestado contra o uso, pela prefeitura, de cartazes que diziam "Boas Festas" em vez de "Feliz Natal". Os membros do Tabernáculo tinham

reclamado contra o ensino do evolucionismo nas reuniões do conselho escolar, e iniciaram uma campanha para banir vários romances de Judy Blume da biblioteca, incluindo *Are you there, God? It's me, Margaret*, um dos favoritos de Ruth. Randall tinha feito um discurso contra a censura na reunião, e foi atacado pessoalmente no *Stonewood Bulletin-Chronicle* pelo Pastor Dennis, que afirmou que não seria uma surpresa encontrar livros imorais na biblioteca, quando o sistema escolar colocava "pessoas imorais" em posição de autoridade.

— Deram aos internos o controle do hospício — observou o Pastor Dennis. — É espantoso que estejam tomando decisões insanas?

Mas as pessoas boas ganharam aquela batalha; o conselho escolar votou cinco a quatro para manter Judy Blume nas prateleiras (infelizmente, os livros foram alvo de vandalismo várias vezes depois da decisão, forçando os bibliotecários a removê-los para uma área segura atrás do balcão de circulação). Em todos os eventos, Ruth tinha preferido encarar esses incidentes de maneira isolada (o que foi um erro) — como tempestades que irrompem subitamente e desaparecem —, em vez de vê-los pelo que eram — o clima no qual ela agora vivia.

Seu segundo erro foi pensar em si como alguém inabalável, alguém que não podia ser atacada. Ela lecionava Educação Sexual no ensino médio já há mais de uma década e tinha se tornado uma pessoa admirada — ou era o que gostava de pensar — pela franqueza com que discutia os assuntos mais complicados. Acreditava que "prazer é bom, culpa é ruim e conhecimento é poder"; encarava como uma missão desmistificar o sexo para os adolescentes de Stonewood Heights, para que não passassem a vida acreditando que a masturbação era um crime contra a natureza ou que sexo oral era o equivalente funcional a beijar uma privada, ou, pior, perpetuando a tradição norte-americana de ignorar a existência de algo como o clitóris, e ainda mais a parte do corpo em que ele poderia estar. Ela fazia o que qualquer bom professor faria — iluminar seus alunos, abrindo a cabeça para novos modos de pensar, dando a informação vital de que precisavam para viver da melhor maneira possível — e, ao fazer isso, tinha ganhado mais do que sua porção justa de respeito e afeição dos jovens que passavam por sua classe, e um pouco de gratidão da comunidade.

Então, quando o Diretor Venuti contou que precisavam conversar sobre uma "questão importante", ela apareceu na sala dele sem o menor receio. Mesmo quando viu o Superintendente ali, bem como um homem que se apresentou como advogado do distrito escolar, sentiu-se mais espantada do que alarmada.

— Essa não é uma entrevista formal — contou o Superintendente.
— Estamos apenas tentando entender os fatos.

— Quais fatos? — perguntou Ruth.

O Diretor e o Superintendente se viraram para o advogado, que não parecia muito feliz.

— Sra. Ramsey, a senhora... humm... bem, a senhora *defendeu* a prática de *fellatio* para seus estudantes?

— Eu o quê?

O advogado olhou para seu bloco de notas amarelo.

— Na última quinta-feira, em Saúde, durante o sexto período?
Como resposta a uma pergunta de Theresa McBride?

Quando Ruth percebeu sobre o que ele estava falando, riu aliviada.

— Não só *fellatio* — explicou ela. — *Cunnilingus* também. Nunca falaria só de um deles.

O advogado franziu a testa. Era um cara desleixado usando um terno barato, o tipo de advogado que se vê às vezes na TV, piscando muito, tentando explicar por que dormiu durante o julgamento de seu cliente acusado de assassinato. Stonewood Heights era uma cidade relativamente próspera, mas Ruth às vezes sentia que as pessoas no comando não tinham problemas em cortar alguns custos.

— E você está dizendo que defendeu essas práticas?

— Não as *defendi* — disse Ruth. — Se me lembro bem, acho que disse que algumas pessoas gostam de sexo oral.

Joe Venuti soltou um resmungo consternado. O Dr. Farmer parecia ter sido acertado por um soco.

— Tem certeza absoluta? — perguntou o advogado num tom insinuante. — Por que não pensa um pouco? Porque, se suas palavras estiverem sendo usadas equivocadamente, tudo seria muito mais fácil.

Nesse momento, Ruth finalmente percebeu que poderia estar com problemas.

— Você quer que eu diga que não falei isso?

— Seria um alívio — admitiu o Dr. Farmer. — Nos pouparia de muita dor de cabeça.

— Há um monte de testemunhas — lembrou ela.

— Ninguém tinha um gravador, certo?

O advogado riu quando disse isso, mas Ruth não achou que estivesse brincando.

— Não posso acreditar nisso — falou ela. — As pessoas não podem mais gostar de sexo oral?

— As pessoas podem gostar do que quiserem — Joe Venuti olhou para Ruth de maneira claramente pouco amigável. Antes de ser nomeado Diretor, tinha sido um treinador lendário de luta livre, famoso por abusar verbalmente de várias gerações de estudantes atletas. — Mas não podemos defender o sexo pré-marital para adolescentes.

— Por que vocês ficam falando isso? — perguntou Ruth.

— Não estava defendendo nada. Estava apenas apresentando um fato. Não é diferente de dizer que algumas pessoas gostam de comer frango.

— Se você tivesse dito que algumas pessoas gostam de comer frango — disse o advogado a ela —, não acho que o Sr. e a Sra. McBride estariam nos ameaçando com um processo.

Ruth ficou momentaneamente sem palavras.

— E-eles o quê? — gaguejou. — Estão me processando?

— Não só você — disse o advogado. — Todo o distrito escolar.

- Mas por quê?
- Não sabemos ainda.
- Vão pensar em algo — falou Venuti. — São parte daquela igreja. Tabernáculo qualquer coisa.
- Têm alguns advogados cristãos trabalhando *pro bono* - explicou o Dr. Farmer. — Esses caras vão processá-la por usar a cor errada de meias.

Depois de viver os primeiros quarenta e um anos de sua vida na obscuridade quase total, Ruth tinha ficado chocada ao notar que havia sido transformada em figura pública — a Senhora do Sexo Oral —, uma pessoa que ela não reconhecia. A história apareceu primeiro no *Bulletin-Chronicle* ("Professora de Educação Sexual passou dos limites, afirma família"), e depois foi citada em alguns jornais regionais maiores antes de chegar de maneira horrível às páginas de um tabloide ("Sexo oral é bom, professora diz aos jovens"). Ruth foi contatada por vários jornalistas loucos para ouvir sua versão do suposto escândalo, e apesar de sentir uma coceira para se defender — rebater as maliciosas e mal informadas "Cartas ao Editor", colocar seus "comentários controversos" em algum tipo de contexto real, defender o que entendia como o papel correto da Educação Sexual no currículo escolar —, havia recebido instruções estritas do advogado do distrito escolar para não fazer nenhum comentário, pois não queria que ela atrapalhasse as "negociações sensíveis" que ele estava realizando com a equipe de representantes legais dos McBride.

A ordem de censura permaneceu durante a reunião emergencial do conselho escolar, chamado para tratar da crise, o que significava que, depois de publicar um pedido de desculpas conciso e abjeto para "todos que possam ter se sentido ofendidos" por algo "impróprio" que tenha dito, Ruth se sentou e permaneceu calada enquanto vários oradores a acusavam de imprudência e irresponsabilidade e até, no caso de um velho bastante bravo, sugeriam que ela tinha algumas coisas em comum com "uma certa senhora da Babilônia". Alguns pais defenderam Ruth, mas o apoio deles pareceu morno — era compreensível que as pessoas estivessem relutantes em defender a bandeira do sexo oral numa reunião do conselho escolar —, e suas declarações eram sempre interrompidas por um coro de vaias do contingente do Tabernáculo.

O gosto amargo dessa experiência ainda era forte na boca de Ruth quando ela foi trabalhar na manhã seguinte e encontrou uma mensagem em seu armário anunciando uma palestra especial para toda a escola, cujo tema era: "Abstinência sexual: dizendo sim para dizer não", proferida por uma organização chamada Escolhas Inteligentes para Adolescentes. Em qualquer outro ponto de sua carreira, Ruth teria chutado a porta do Diretor e dito a Joe Venuti exatamente o que achava de educação para a abstinência — que era uma farsa, uma afronta à sexualidade em si, nada mais do que a aceitação oficial da ignorância —, mas ela sabia que a administração da escola não tinha o menor interesse em sua opinião. Essa palestra era uma manobra para controlar os danos, pura e simplesmente uma tentativa transparente de aplacar a Tabernáculo e seus apoiadores para que soubessem que suas reclamações tinham sido ouvidas.

Assim, Ruth fechou o bico —já estava se acostumando a isso — e foi para a palestra, curiosa para ver o que os estudantes fariam. Afinal, Stonewood Heights não estava no Cinturão Bíblico; era um subúrbio rico do Nordeste do país, não liberal, mas tampouco muito conservador. No geral, as crianças que cresciam ali acreditavam em dinheiro, status e diversão; a maioria delas admitiria que estava mais focada em entrar numa boa faculdade do que no Reino dos Céus. Viajavam, dirigiam bons carros, usavam roupas legais e navegavam na web em seus celulares. Era difícil imaginá-las sendo receptivas à ideia de que existia um prazer terreno que não pudessem aproveitar quando e como quisessem.

Ruth não tinha certeza de que tipo de oradora estava esperando, mas certamente não era a jovem que subiu ao palco depois das boas-vindas do Diretor Venuti. A convidada não era só loira e bonita; era *gostosa* e sabia disso. Dava para ver no jeito como caminhava até o púlpito — como uma estrela de cinema prestes a receber um prêmio — aquela consciência de que estava sendo olhada, o prazer que sentia pela atenção. Usava uma blusa azul com uma saia que ia até os joelhos, uma roupa cuja modéstia mais provocava a curiosidade do que a sufocava. Ruth, por exemplo, flagrou-se apertando os olhos, tentando decidir se os peitos da oradora estranhamente orgulhosos e apertados contra a blusa de seda tinham sido aumentados cirurgicamente.

— Boa tarde — começou ela. — Meu nome é JoAnn Marlow e gostaria de contar algumas coisas sobre mim. Tenho vinte e oito anos,

sou de leão, participo de competições de dança de salão e minha banda favorita é Coldplay. Gosto de esportes com raquete, de acampar e de fazer caminhadas, além de andar na Harley do meu namorado. Ah, sim, e mais uma coisa: sou virgem.

Ela fez uma pausa, esperando que a plateia se recuperasse de uma súbita epidemia de gemidos e risadas, pontuados por gritos de "Que desperdício!" e "Não por muito tempo!" e "Eu sou carinhoso!", vindos de grupos desordenados de rapazes espalhados por todo o auditório. JoAnn não parecia perturbada pelas impertinências; era parte do show.

– Acho que sentem pena de mim, não? Mas sabem o quê? Não me importo. Sou feliz por ser virgem. E meu namorado é feliz também.

Alguém tossiu a palavra "besteira" e logo metade dos estudantes estava gritando com as mãos levantadas. Uma balbúrdia tão grande que o Diretor Venuti precisou se levantar e lançar seu olhar de reprovação até que eles parassem.

– Vocês provavelmente querem saber por que sou tão feliz com algo que parece tão babaca, não é? Bem, deixem-me contar uma história.

A história era sobre uma garota desencanada chamada Melissa, que JoAnn tinha conhecido na faculdade. Melissa transava com vários, mas achava que estava bem, porque os caras sempre usavam camisinha. Uma noite, no entanto, quando ela estava praticando "sexo seguro" com um cara lindo que havia conhecido num bar — *um cara que nunca tinha visto antes* —, a camisinha estourou, algo que pode acontecer com as camisinhas.

– O cara parecia saudável — explicou JoAnn. — Mas ele tinha Aids. Melissa está morta agora. E eu estou viva. Essa é a razão número um pela qual sou feliz por ser virgem.

E no final JoAnn tinha muitas razões. Ela era feliz porque nunca tinha tido gonorreia, como sua amiga Lori, uma estudante muito boa que não percebeu que estava doente até a noite do baile de formatura, quando descobriu um líquido asqueroso em sua calcinha; ou a dolorosa doença inflamatória pélvica sofrida por sua ex-companheira de quarto, Angela, que não tratou a clamídia e agora era infértil; ou herpes, como seu velho companheiro de montanhismo, Mitch, que ficou sem andar por alguns dias

por causa da agonia causada pelas pústulas em seu pênis; ou as hediondas verrugas genitais incuráveis que acometeram sua linda vizinha, Misty; ou chato, que não era realmente chato, mas piolhos — insetos vivos! — que faziam uma festa nos pelos púbicos, como tinha sofrido seu ex-parceiro de dança, Jason.

— Oh, meus amigos costumavam tirar sarro de mim — disse JoAnn. — Me chamavam de pudica e certinha. Bem, vocês podem apostar que eles não fazem mais isso.

E havia mais uma coisa. JoAnn estava feliz por nunca ter passado pelo mesmo que sua amiga Janice, nunca teve de fazer xixi numa tira de papel para descobrir que estava grávida de algum estúpido que havia conhecido numa festa da faculdade e com quem nunca teria conversado se não estivesse tão bêbada a ponto de não conseguir andar; nunca teve de ir até uma clínica de aborto com esse mesmo estúpido, que a desprezava tanto quanto ela o desprezava; nunca teve de se deitar ali enquanto um médico horrível fazia o serviço com uma mangueira a vácuo; nunca teve de viver com a responsabilidade de fazer um bebê e não permitir que ele nascesse.

— Eu consigo dormir à noite — declarou JoAnn —, e isso é mais do que posso dizer sobre um monte de pessoas que conheço. Posso dormir porque não tenho remorsos. Sou forte, autossuficiente e posso me olhar no espelho e dizer, com sinceridade, que minha mente e meu corpo estão cem por cento intactos. São meus e só meus, estou orgulhosa disso.

Era o pilar da Educação para a Abstinência, em outras palavras — fomentador de medo sem nenhuma vergonha, sustentada por algumas meias verdades, exemplos fajutos e retórica inflamada —, nada que Ruth não tivesse visto antes, mas, dessa vez, por alguma razão, parecia diferente. A maneira como JoAnn apresentava essas coisas parecia vir de uma experiência viva, e por um tempo — até sair do transe e perceber, consternada, como havia sido manipulada — até Ruth tinha caído em seu feitiço, perguntando-se como tinha sido fraca por pensar que poderia ser prazeroso ou até necessário se permitir ser tocada ou amada por outro ser humano. Por quê, se tudo isso nos deixava vulnerável a todas essas doenças, todo esse remorso?

Depois de um curto momento para perguntas, JoAnn concluiu sua fala com um *slideshow*. Em vez da galeria de genitálias doentes que Ruth

esperava, Stonewood Heights High School viu uma série de fotografias de JoAnn e seu namorado em férias numa ilha caribenha. Se não tivessem dito antes, daria para pensar que estavam em lua de mel — dois jovens felizes e bonitos brincando no mar, bebendo água de coco perto da piscina, beijando-se embaixo de uma palmeira, claramente se divertindo juntos (agora que tinha visto a parte de cima do espantoso biquíni de JoAnn, Ruth estava convencida de que seus seios tinham se beneficiado da cirurgia plástica). A imagem final mostrava o namorado sozinho — um norte-americano comum, musculoso e sem camisa —, parado na beira da água de bermudão e com uma prancha de surf embaixo do braço.

— Como podem imaginar — disse JoAnn —, não é fácil dizer não para um cara tão gostoso como o Ed. Mas quando fica difícil, eu só imagino minha noite de núpcias e de como será incrível quando eu me entregar a meu marido com o coração puro, a consciência limpa e o corpo perfeitamente intacto. Porque essa será minha recompensa, e marquem minhas palavras, gente: será tão bom, oh meu Deus, melhor do que se pode imaginar.

As luzes se apagaram, e os estudantes aplaudiram entusiasmados, apesar de Ruth não ter certeza se estavam aplaudindo o sexo incrível que JoAnn teria no futuro ou seu compromisso de evitá-lo aqui e agora. De qualquer forma, Ruth precisou admitir, relutante, que estava impressionada. JoAnn Marlow tinha conseguido, de alguma forma, realizar a proeza de parecer sexy e puritana ao mesmo tempo, de personificar uma feminista enquanto articulava um conjunto de ideias que pareceriam retrógradadas em 1954, de fazer com que a abstinência parecesse sensual e arrojada, uma versão de direita do sexo tântrico. Era um pouco assustador.

Mas tinha terminado. Ou pelo menos Ruth achava que tinha, até que saiu do auditório e viu o Dr. Farmer, o Diretor Venuti e vários membros do conselho escolar parados no corredor, felizes e animados.

— Não foi extraordinário? — perguntou o Dr. Farmer.

- Que grande modelo para as crianças.

— Informativo, também — disse Venuti. — Muitos fatos e cuidados médicos.

Os conselheiros — havia cinco, o suficiente para um voto majoritário — assentiram entusiasmados, e Ruth viu que seria inútil brigar com os fatos de JoAnn ou encontrar erros na apresentação. A situação tinha progredido claramente, além do ponto em que fatos serviriam para algo, então ela só assentiu educadamente e seguiu seu caminho.

Pelo menos estava alerta e não se sentiu numa emboscada um mês depois, quando o conselho escolar anunciou que a escola reformularia o currículo de Educação Sexual durante o verão, com a ajuda de uma dinâmica organização sem fins lucrativos chamada Escolhas Inteligentes para Jovens. Mais tarde, na mesma reunião, também foi anunciado que a família McBride tinha decidido não processar o distrito escolar de Stonewood Heights.

Uma corrente palpável de eletricidade viajou pela classe quando Ruth se encostou na ponta da mesa de metal, cruzando as pernas de forma decorosa na altura dos tornozelos. Puxando a bainha de sua saia, ficou momentaneamente surpresa - era algo que acontecia bastante nesses dias — com a visão de suas batatas das pernas, transformadas pelas corridas que tinha praticado durante o verão. Elas pareciam lindas e pouco familiares, quase como se as tivesse pedido emprestadas de uma mulher com a metade de sua idade.

Tinha começado a se exercitar no final da primavera, na época do escândalo, por sugestão de seu ex-marido, que achou que exercícios aeróbicos vigorosos poderiam aliviar as dores de cabeça causadas pela tensão e a insônia que a tinham deixado grogue e mal-humorada, sem condições de funcionar como professora ou mãe. Ele a lembrou de como andar de bicicleta a tinha ajudado a enfrentar os piores dias do divórcio, quando sentia tanta saudade das filhas que sempre chorava antes de dormir.

— Não pode ficar enfiada dentro de casa — disse ele. — Precisa sair e fazer algo positivo.

Foi o melhor conselho que ele dera a Ruth. Ela começou devagar, meio andando, meio correndo, umas poucas voltas ao redor da pista da escola, mas seu corpo respondeu imediatamente. Em julho, estava correndo cinco quilômetros por dia em ritmo lento e constante; no meio de agosto, oito quilômetros rápidos não a faziam sentir como se estivesse a ponto de vomitar ou ter um ataque do coração. Ela participou de uma corrida de dez

quilômetros no Dia do Trabalho, terminando em nono na categoria de mulheres com mais de quarenta. Em seis meses, perdeu dez quilos, melhorou toda a parte inferior de seu corpo e percebeu, para seu deleite e espanto, que parecia mais magra e mais saudável do que quando estava na faculdade, onde tinha se formado em Psicologia com especialização em Doritos. A única parte ruim de sua transformação física na meia-idade era que a deixava muito mais consciente da falta de um homem em sua vida — parecia um desperdício ter um corpo bonito de novo e ninguém para apreciá-lo.

A maior função da corrida, no entanto — Ruth conseguiu ver mais claramente em retrospectiva e não na época —, era canalizar a raiva e ajudá-la a chegar a algum nível de aceitação do novo regime. Porque, por mais que quisesse defender o que acreditava e se demitir em protesto, como ficaria sua vida? Ela era divorciada, mãe de duas filhas que logo iriam para a faculdade, professora vitalícia ainda com seis anos para ter direito à aposentadoria integral. Não seria fácil encontrar outro distrito na área disposto a contratar alguém com sua bagagem. E, além disso, Randall sempre a lembrava, se ela pedisse demissão, aí *eles* ganhariam, as forças da vergonha e da negação, as pessoas dariam graças ao Senhor se conseguissem que ela deixasse a disciplina e a substituíssem por alguém mais submisso. Não seria melhor ficar e ver o que acontecia? O currículo de abstinência era um programa-piloto, parte de um estudo de dois anos financiado com dinheiro federal. Quando terminasse, quem sabia o que o substituiria?

Todos esses argumentos tinham parecido perfeitamente plausíveis para Ruth enquanto corria ao redor de Stonewood Lake ao entardecer, ou suava na ciclovia aos primeiros raios da manhã. Mas agora, olhando para a classe cheia do nono ano, ela se perguntava se não tinha sido traída pelas endorfinas, porque tudo o que queria fazer era pedir desculpas a seus estudantes por desapontá-los, por permitir que isso acontecesse.

Sabia que já deveria ter começado, mas parecia não encontrar sua voz. Os jovens estavam olhando para ela, os rostos alertas e curiosos, prestando o tipo de atenção que ela teria adorado receber em qualquer outro dia. Na última fileira, os responsáveis estavam impacientes, trocando olhares de perplexidade e preocupação. JoAnn se inclinou para o Dr. Farmer e sussurrou algo. O Diretor Venuti limpou a garganta e fez um movimento

giratório com seu dedo médio, mostrando que era hora de começar. Ruth sentiu um horrível sorriso amarelo — uma reação adolescente ao pânico social que nunca tinha superado completamente — surgindo nos cantos da boca. Foi preciso muito esforço para conseguir evitá-lo.

— Bem — ela finalmente conseguiu falar, numa voz que não reconheceu como sua —, aqui estamos.

Vamos descobrir

Eram pouco mais de seis da tarde na sexta, mas o Bombay Palace já estava lotado, a entrada repleta de famílias irritadas que tinham sido informadas sobre a espera de meia hora para uma mesa na única alternativa razoável da cidade ao Applebees. Cortando um pedaço de *aluparatha*, Ruth registrou com uma ponta de prazer seu status de solteira. Era uma das poucas compensações do divórcio, pensou, a noite semanal em que Frank levava as garotas e ela podia fazer o que quisesse, sem precisar pagar uma babá, ninguém para ficar controlando a hora em que chegava em casa. Uma oportunidade perfeita para fazer as coisas erradas, se tivesse alguém para fazê-las com ela.

— Olhe para o lado bom — disse Gregory. — Pelo menos você está praticando o que prega.

— Não acho que pode ser considerada abstinência se é involuntária — respondeu Ruth. — Só é patético.

— Não é definitivamente abstinência se há um vibrador envolvido — acrescentou Randall.

— Você está certo — concordou ela. — O novo currículo afirma claramente que a masturbação de todos os tipos é estritamente *proibida*. Aparentemente, é formadora de hábitos e interfere no trabalho escolar.

— Droga — disse Gregory. — Então é por isso que não consegui entrar em Harvard.

— Francamente — disse Randall —, é um milagre que tenha conseguido sua licença de agente imobiliário.

Gregory assentiu:

— Estou feliz por não ter feito o teste quando tinha quinze anos.

– Acreditem — disse Ruth. — As crianças não ficaram muito felizes quando eu dei a notícia.

– Aposto que Homo Joe ficou completamente devastado também — observou Randall. — O que ele vai fazer com aquele pote de vaselina tamanho família que carrega no bolso do casaco?

– Ou com aquele minipôster do Burt Reynolds que carrega na carteira? — zombou Gregory.

Randall e Gregory costumavam brincar que o Diretor Venuti era, na verdade, um gay enrustido — apelidado de "Homo Joe"— que tomava banhos muito longos no vestiário dos garotos, mantinha uma pilha de suportes atléticos roubados em sua gaveta "Confidencial" e era frequentemente visto dançando no The Manhole com jeans apertados, camisa de redinha e peruca de Príncipe Valente. Sempre que possível, uma nova perversão era adicionada à lista.

– Realmente não entendo a lógica por trás de todo esse negócio de abstinência — disse Gregory. — Quer dizer, cresci sendo ensinado que o sexo antes do casamento era errado e que os gays iriam direto para o inferno, e que se tocar era pecado. E olha como me saí.

– Greg estava usando calças de couro e uma coleira cheia de tachas na noite em que nos conhecemos — Randall contou para Ruth.

– Eu sei — disse Ruth. — Você me mostrou as fotos.

– Era uma festa de Dia das Bruxas — explicou Gregory. — E tinha acabado de sair do seminário. Estava tentando recuperar o tempo perdido.

– Não estou reclamando — Randall esticou a mão por cima da mesa e deu um furtivo aperto na mão de seu namorado. — E não recusaria uma volta ao passado mais tarde.

– Podemos tentar — disse Gregory, cético. — Mas vai ser preciso uma chave de fenda para conseguir colocar minha bunda gorda naquele traje.

– A coleira é suficiente — garantiu Randall.

Como sempre fazia na companhia deles, Ruth se perguntou quanto disso era sério e quanto era dito para ela se divertir. De qualquer forma, jantar com Randall e Gregory era muito mais divertido do que a ocasional noite das garotas, que ela fazia com Donna DiNardo e Ellen Michaels, uma colega de longa data que ensinava História. Desafiando o estereótipo de *Sex and the City* — garotas solteiras despudoradas e desinibidas contando segredos interessantes a suas amigas —, as três mulheres raramente falavam de outra coisa que não fosse trabalho e filmes. Ruth e Donna faziam um esforço especial para ficarem distantes do campo problemático de sexo e romance, pois isso desencadeava o choro de Ellen, alimentado pelo Chardonnay, e seus ataques contra o ex-marido, Marty, um advogado que tinha fugido com uma colega muito mais jovem e começado uma nova família, deixando-a sozinha com uma casa grande e vazia, os filhos crescidos e morando longe, nada mais do que a maldita TV como companhia, provavelmente pelo resto de sua vida.

Essa noite, especialmente, Ruth estava grata por ter companhias tão divertidas. Tinha sido uma semana difícil, um ataque sustentado contra sua dignidade e autoestima. Aqui estava ela — uma mulher que sempre tinha se orgulhado de ser uma lutadora —, parada todos os dias em sua classe, sob os olhares cuidadosos de seus três "observadores convidados", traindo tudo em que acreditava como professora, os valores sobre os quais tinha construído toda a sua carreira. Ela tinha feito tudo para mostrar aos alunos que não acreditava em nada do que estava falando — fazia caretas, lia com uma voz robótica, afirmando sempre que possível que o currículo não necessariamente refletia sua opinião pessoal, mas isso não importava muito. Ela ainda se sentia suja ao fim de cada aula, incapaz de encarar os alunos quando eles saíam da sala.

— Abstinência é perfeitamente razoável na teoria — dizia Gregory.
— O problema é que não funciona na prática. É como fazer dieta. Dá para fazer por um ou dois dias, até por uma semana. Mas no final aquela pizza tem um cheiro tão gostoso.

— E só perguntar ao Padre John — falou Randall.

— Quem é esse? — perguntou Ruth.

— O padre que o molestou — Randall olhou para Gregory. — Quantos anos você tinha, doze?

– Treze — disse Gregory

– O quê? — Ruth ficou chocada. — Vocês estão brincando, certo?

Os dois homens balançaram a cabeça.

– E mesmo? — disse ela. — Por um padre?

– Finalmente — Randall levantou o punho fingindo triunfo. — Uma história que não contamos para ela.

– *Molestado* é uma palavra muito forte — disse Gregory. — Acho que é mais preciso dizer que foi consensual.

– Até parece — protestou Randall. — Nada é consensual quando se tem treze.

– Não tecnicamente — afirmou Gregory. — Mas eu gostei. E certamente voltei voluntariamente.

– Isso é maneira de falar — disse Randall.

– Não ligue para ele — Gregory falou para Ruth. — Está com ciúmes.

Ruth assentiu, tentando não julgar. Nenhuma mulher que conhecia admitiria ter gostado do assédio sexual cometido por figuras de autoridade aos treze anos, mas ela começava a acreditar que algumas coisas realmente eram diferentes para os homens.

– Ele era um lindo coroinha — disse Randall. — A coisa toda foi um ridículo clichê.

Ruth não tinha dificuldade em acreditar nisso. Mesmo com trinta e oito, com seu rosto em forma de maçã murcha, cabelo escuro, Gregory ainda parecia um membro do coro dos Garotos de Viena, apesar do peso que ganhara nos últimos anos. Aos treze, devia ser um anjinho.

– O Padre John era um homem doce e confuso — Gregory sorriu com certa saudade.—Morreu de Aids, mas nenhum dos paroquianos admitiria isso. Até hoje, ainda dizem que foi câncer.

—Treze anos é muito jovem — insistiu Randall. — Concordo com o pessoal da abstinência nesse ponto.

— Talvez — disse Gregory. — Mas os outros garotos já me chamavam de bicha desde o segundo ano.

— E daí? — perguntou Randall. — O que isso tem a ver?

— Não sei — Gregory parecia pensativo. — Foi só um tipo de alívio tornar as coisas oficiais.

— Você se sentia solitário e ele se aproveitou — disse Randall. — Deveria, pelo menos, ser capaz de ver as coisas como são.

— Aconteceu comigo — replicou Gregory. — Não com você. Então, não me diga o que foi.

— Só não acho que foi algo correto — murmurou Randall.

— Acho que não tive tanta sorte quanto você. — Havia um tom na voz de Gregory que Ruth nunca tinha ouvido antes. — Não encontrei o Sr. Perfeito no primeiro dia da faculdade e montei um álbum romântico.

— Querido, não estou criticando. Só estou tentando dar minha opinião — Randall se virou para Ruth. — Você não acha que treze anos é muito jovem?

— Todo mundo é diferente — Ruth conciliou depois de uma breve hesitação, relutante em apoiar algum lado na disputa. — É difícil generalizar.

— É muito fácil — rebateu Randall. — Você é mãe. Quer que suas filhas façam sexo aos treze anos?

Ruth deu de ombros:

— Queria que esperassem até chegar à faculdade. Mas um monte de gente não espera.

Gregory se aproximou:

— E você?

Ruth cutucou sua *saagpaneer* por um momento antes de responder.

—Tive meu primeiro namorado de verdade na faculdade — ela falou.
— Tive umas experiências estranhas no colégio, mas não sei realmente

como processá-las.

Randall e Gregory trocaram olhares lascivos, aliados novamente.

– Experiências estranhas — disse Randall. — Agora você conquistou nossa atenção.

– Vamos lá — Gregory fez um movimento de persuasão com a mão. — Conte tudo.

– Não foi nada — insistiu Ruth. — Só, sabe, os toques normais.

– Os toques normais sempre foram bons o suficiente para mim — disse Randall.

– Ao contrário dos anormais? — perguntou Gregory.

– Mesmo isso é melhor do que nada — disse Randall com um riso. — Quem quer outra Kingfisher?

Ruth não estava conseguindo dormir. Isso acontecia sempre que bebia demais, e ela quase sempre bebia demais quando saía com Randall e Gregory. Tinha ido para a casa deles depois do restaurante, para assistir a um vídeo de Margaret Cho, mas eles demoraram com outras coisas. Primeiro, foram até o estúdio no porão de Gregory para ver seu último trabalho, uma instalação incrivelmente grande que colocava vários GI Joe French Resistance em baías de escritório apertadas, horríveis, e cada boneco olhava uma miniatura idêntica de computador, em cujo monitor aparecia o rosto sorridente do falecido Papa João Paulo II. Ruth estava surpresa com a obra, até que Gregory explicou que era uma alegoria montada para ilustrar a maneira como o existencialismo/ateísmo tinha perdido espaço para a religião organizada nos últimos anos, fruto de uma ansiedade generalizada criada pela presença cada vez maior da tecnologia digital em nossas vidas.

– Uau! — Ruth estava impressionada. — Você realmente deu muitos significados a isso.

Gregory parecia feliz.

– A arte tem a ver com a compressão.

– Demorou três meses para reunir estes bonecos — disse Randall, lembrando-os de sua contribuição ao projeto. Apontou um dedo para

Gregory. — A partir de agora, você terá de começar a trabalhar com Barbies.

— Ah, está bem — murmurou Gregory, como se esse gracejo devesse ser levado a sério. — Seria muito original.

Randall sorriu como as pessoas costumam fazer quando estão ofendidas e tentam não mostrar, depois subiu para testar uma receita de martinis de chocolate retirada do jornal de domingo.

O experimento não foi um sucesso. Depois de uns goles, eles jogaram a bebida horrível na pia e prepararam *manhattans*, uma aposta muito mais segura. Enquanto Randall misturava sua bebida, Ruth pegou um envelope com fotos que estava em cima da mesa e ficou olhando; as imagens documentavam o casamento de Dan e Jerry, dois dos mais antigos amigos de Randall e Gregory, em Massachusetts. Formavam um casal muito chamativo, um homem alto, careca e simpático de smoking preto, e o outro de branco, barbudo, corpo forte e ligeiramente intenso demais. Os noivos dançavam de rosto colado, servindo-se de pedaços de bolo e posando com seus pais, que sorriam valentes para a câmera, apesar de um pouco desconfortáveis. Randall tinha achado a cerimônia incrivelmente tocante — *como um sonho*, ele falou —, enquanto Gregory tinha uma visão mais triste, sabendo tudo sobre a relação complicada entre Dan e Jerry.

— Esses caras brigam a cada seis meses, mais ou menos — contou ele. — Só voltam porque são muito dedicados a fazer com que o outro seja infeliz.

Ruth riu:

— Parecem com muitos casais que conheço.

— Dan e Jerry têm todo o direito de um péssimo casamento como qualquer outro — disse Randall.

— As pessoas não deveriam casar só porque *podem* — disse Gregory.

Randall olhou para ele, o rosto vermelho pela mistura de álcool e raiva.

— Nem tudo precisa ser perfeito, sabe? Você só precisa amar o outro, para o melhor ou para o pior.

Gregory se virou para Ruth.

– Isso tem a ver conosco, sabe? Ele está bravo porque não o peço em casamento.

– Não estou *bravo* com você — insistiu Randall. — Só não consigo entender por que você tem tanto medo. Já estamos juntos há doze anos.

– Não tenho medo — respondeu Gregory. — Só não vejo motivo para ficarmos noivos se não podemos nos casar.

– Estamos formalizando um compromisso — disse Randall. — Quando for legal, seremos os primeiros na fila.

– Vamos cruzar essa ponte quando pudermos — observou Gregory.

– Esqueça — o rosto de Randall mostrou um sorriso pouco convincente. — Não vale a pena brigar por isso.

– Quem está brigando? — disse Gregory. — Estamos no meio de uma discussão tranquila.

Randall secou seu martíni.

– Vamos assistir ao filme.

Já passava das dez. Ruth tentou fazer uma saída educada, mas Randall insistiu para que ela ao menos visse os primeiros dez minutos, quando Margaret fazia a hilária imitação de sua louca mãe coreana. Ela concordou relutante, mas aí ficou curiosa com a história e continuou até o amargo final; nesse ponto os dois amigos já tinham dormido — Gregory cochilando numa poltrona, as mãos descansando na barriga, e Randall roncando baixo no sofá, o rosto sem barba, quase infantil, sem os óculos. Ruth achou que nenhum dos dois arrancaria a coleira essa noite. Ela deu beijos de boa-noite nos dois e foi embora.

Ruth sempre dormia nua quando suas filhas não estavam em casa. Era um prazer simples e, infelizmente, o ponto mais erótico da semana. Esse ritual particular — tirar as roupas no escuro, entrar no meio dos lençóis frios, saborear o doce toque do algodão contra sua pele — parecia um tipo de preliminar, automaticamente levando-a àquele reino de fantasia vibrante

que era sua única fonte de prazer sexual. E se essas fantasias às vezes a inspiravam a pegar o vibrador que mantinha escondido em uma caixa de sapatos na estante mais alta do seu armário, bem, e daí? Era seu corpo — seu corpo definido, musculoso, adorável e não amado —, e ela não merecia se sentir bem de vez em quando, principalmente se não havia ninguém por perto para ouvir o som da maquininha ou os gratos gemidos de uma mulher que não tinha ninguém para agradecer a não ser a si mesma?

Nessa noite, no entanto, sua mente estava concentrada em outra coisa. Deitou no escuro, exausta e ligada ao mesmo tempo, os olhos bem abertos, o peso da solidão pressionando-a como um cobertor pesado. Sentia saudade das filhas, perguntou-se se a casa sempre ficaria assim vazia quando elas fossem para a faculdade, grande e perdida, pronta para sair voando como um balão de ar quente. Ela se confortava com o pensamento de que ainda tinha sete anos antes de Maggie se formar no ensino médio, tempo suficiente para fazer algumas mudanças. Talvez encontrasse um homem até lá; talvez o êxodo das garotas parecesse mais uma lua de mel do que um abandono, uma transição de uma fase para outra.

Talvez.

Porque era muito estranho considerar a alternativa: nenhuma mudança, tudo levando ao triste e tardio reconhecimento de que os melhores dias já tinham se passado sem que ela tivesse percebido. A mãe de Ruth tinha ficado assim nas semanas antes de morrer, um tipo de nostalgia desesperada por tudo o que não tinha apreciado quando teve a oportunidade.

— Lembra-se daquela casa em Manasquan? — ela havia dito, encostada na cama do hospital, segurando o "botão de dor" que lhe permitia ministrar sua própria morfina. — Aquela que alugamos quando... 1978? Foram férias legais. Você gostou, não?

— Gostei — dizia Ruth, porque seria cruel lembrá-la da verdade, já que todos tinham ficado desapontados com algo que sonhavam há anos. A casa que alugaram era pequena e cheirava mal; a praia tinha ficado interditada por dois dias por causa da poluição no mar. Mas, principalmente, aquelas férias tinham acontecido tarde demais. Ruth já era adolescente, uma adolescente claustrofóbica presa em um lugar pequeno com sua família, rangendo os dentes e esperando que tudo acabasse. O único momento bom de que ela se lembrava envolvia

algumas fugas à noite com a irmã mais velha para fumar cigarros à beira-mar.

— Era tão adorável perto do mar — sussurrava a mãe, apesar de ter passado toda a semana presa naquela casinha horrível, cozinhando, limpando e assistindo à TV, as mesmas coisas que fazia em casa. — Vamos voltar lá, em algum momento.

Ruth fechou os olhos e se virou, sentindo o choro se aproximar perigosamente. A noite a tinha estragado, todas aquelas discussões entre Randall e Gregory. Ela suspeitava que estavam passando por uma crise já há algum tempo — Randall tinha dado várias pistas disso —, mas, até essa noite, acreditava que não era nada sério. Agora, pela primeira vez, seria necessário considerar a possibilidade de que estivessem a caminho de uma separação, e isso surpreendentemente a perturbava. Gostava dos dois como indivíduos, mas gostava ainda mais como casal. As vezes, quando tentava imaginar seu futuro e não conseguia criar a imagem de um homem que a amasse, acabava se entretendo com um cenário alternativo, no qual ela, Randall e Gregory viajavam pelo mundo juntos, um trio estranho visitando lugares interessantes e comendo refeições exóticas, rindo aonde fossem. Era difícil trocar isso por um futuro imaginário no qual ela teria de lidar com eles separadamente — como a filha de pais divorciados —, cuidando do que fala, tentando não tomar partido, tendo de conhecer seus novos namorados, lembrando constantemente dos bons tempos.

Por trás dessa preocupação, no entanto, algo mais a estava perturbando. Uma das coisas que mais valorizava em sua amizade com os rapazes era a honestidade. Tinha percebido mais de uma vez nos últimos anos que Randall e Gregory eram as únicas pessoas que realmente a conheciam, as únicas a quem podia confiar seus segredos. Entre outras coisas, ela confiou neles para contar a medíocre vida sexual com Frank, sobre os dois homens com quem dormiu no ano seguinte ao divórcio — a memorável transa de uma noite na Conferência da Associação de Professores em Atlantic City, e o técnico em computadores divorciado que tinha decidido se mudar para a Carolina do Norte quando as coisas estavam começando a esquentar entre eles — e sobre a seca que tinha vivido desde então. Eram bons ouvintes, mundanos e facilmente chocáveis, loucos por detalhes, curiosos e acríticos, ao mesmo tempo, sempre felizes para aconselhar, mas só quando eram

solicitados. Era por isso que tinha ficado tão surpresa ao se pegar mentindo no jantar quando Gregory perguntou se ela tinha esperado até a faculdade para ser sexualmente ativa. Teria sido o momento perfeito — e um enorme alívio — para finalmente contar a verdade.

Porque o fato era que ela nunca tinha contado a ninguém sobre Paul Caruso — nem à sua mãe ou sua irmã, nem para a colega de quarto da faculdade, nenhum de seus namorados, nem para seu marido, nem mesmo para as duas terapeutas com quem tinha se consultado.

E não sabia realmente por quê. Não havia nada especialmente vergonhoso sobre isso. Só dois adolescentes entediados explorando a sexualidade juntos, uma passagem necessária da curiosidade para a experiência. Acontecia todos os dias.

Ou pelo menos costumava acontecer, *ela pensou*.

Paul Caruso era o vizinho de Ruth, quando ela era adolescente, um garoto gordo dois anos à frente na escola. Como ele era um cara legal e um músico talentoso, não tinha passado pelo mesmo ritual de humilhações que os outros "garotos grandes" em Oakhurst Regional. O único entre o grupo de sofrendores que evitou ganhar apelidos como Carga Pesada, Jamanta, Rolha de Poço, Bolão, Porpeta, Pudim de Banha, Fofinho, Chupeta de Baleia ou Tonelada. Ele era só Paulie C., trompetista estrela do grupo de jazz e da banda da escola, ganhador de prêmios, célebre por suas apresentações complicadas e alta precisão militar. As pessoas assistindo à apresentação no meio do jogo pela primeira vez acabavam olhando para o garoto gordinho com o instrumento brilhante e cabelo escuro, embaixo do ridículo chapéu de soldado de brinquedo com a correia muito apertada, e sentiam-se compelidas a comentar sua marcha ágil, a graça surpreendente que ele mostrava para alguém que precisava arrastar tanto peso.

Na primavera do último ano, Paul quebrou o tornozelo saindo de uma escada rolante no North Vista Mall. Foi um acidente estranho; ele disse que pisou errado e o osso se quebrou como um lápis. A poucos meses da formatura, precisou andar com muletas, a metade inferior de sua perna direita estava dentro de um gesso. Não podia ensaiar com a banda, não conseguia colocar as muletas no banco de trás de seu Civic. Sua namorada, Missy Prince — uma lançadora forte de softball, considerada a atleta mais bonita da escola —, o pegava de manhã, mas tinha treino à tarde.

Aparentemente, os outros amigos de Paul também estavam ocupados, porque ele logo foi obrigado a pegar o ônibus para voltar, o transporte que alguém do último ano só tomava quando não havia outra possibilidade.

Paul tomava o ônibus há uma semana quando Ruth se aproximou dele na calçada; ele tinha acabado de completar uma complicada operação para descer do veículo, pulando em uma perna com as muletas embaixo do braço, a mochila em uma das mãos e o *case* do trompete na outra. Por isso aceitou, grato, sua oferta de ajuda, e os dois caminharam lentos pela Peony Road, conversando sobre a irmã de Ruth, Mandy, que estava terminando o primeiro ano na Rutgers. Ela o ajudou a subir os degraus da porta de sua casa — usou o ombro dela como apoio, aplicando tanto peso que Ruth achou que ficaria amassada como uma lata de alumínio —, depois o acompanhou do hall até a cozinha, que pareceu instantaneamente familiar, embora há anos não entrasse ali, mas lembrava quando ela, Mandy e Paul brincavam na infância. Tudo estava exatamente igual ao que ela lembrava: os bancos de couro vermelho no balcão, a tostadeira que aceitava oito pedaços de pão, o quadrinho em cima do forno que dizia: *Pegue o quanto quiser, mas coma tudo o que pegar*.

— Aqui está — disse ela, colocando a mochila e o *case* do trompete na mesa.

— Obrigado — Paul sorriu, limpando o suor da testa com uma toalha verde-clara. Parecia estar tendo dificuldade em recuperar o fôlego. — Não sabia... como... carregar toda essa merda.

— Sem problema — disse Ruth. — Era meu caminho.

Ele usou os dedos rosados e redondos para tirar uns fios de cabelo da testa e prendê-los atrás da orelha, um gesto estranhamente feminino que fez com que Ruth de repente percebesse a delicadeza de seus traços — nariz pequeno, cílios grandes, o fantasma de um rosto mais magro preso na carne de um mais gordo.

— Você, hã, quer um sanduíche ou algo assim? — ele perguntou.

Ruth hesitou. A cozinha estava escura e silenciosa, e não era impossível ignorar o fato de que estavam sozinhos na casa. O Sr. Caruso

trabalhava na linha de produção da GM; a Sra. Caruso era assistente do dentista de Ruth. Seus irmãos e irmãs eram mais velhos, viviam sozinhos.

- Acho que não — ela respondeu.
- Tem rosbife, presunto, peru...
- Não estou com muita fome.
- Tem certeza? Que tal um refrigerante ou algo assim?
- É melhor ir para casa.

Ele deu o que Ruth mais tarde reconheceu como um olhar penetrante, focando um novo tipo de atenção sobre ela, como se de repente tivesse percebido que tinha crescido e se tornado algo mais interessante do que simplesmente a irmã menor de sua vizinha.

Embaraçada por seu olhar, Ruth sentiu seus olhos viajando pela barriga macia e as grandes coxas dele antes de finalmente chegar ao gesso, que estava quase completamente coberto com desenhos psicodélicos. Havia ainda uns espaços vazios perto do dedo, e Ruth gostaria de conhecê-lo melhor para escrever seu nome e uma breve mensagem de melhoras. Ela deu uma desculpa.

— Muita lição — ela falou.

A primavera estava estranha e instável para ela, a primeira vez que ficava realmente sozinha. Desde que Mandy tinha ido para a faculdade, Ruth havia caído num estado que se aproximava do luto. Sua irmã mais velha era a única pessoa indispensável em sua vida — aliada, melhor amiga, conselheira, era quem explicava o mundo para ela. As duas compartilharam um quarto durante treze anos, contando fofocas, reclamando dos pais, sussurrando segredos até dormir, depois acordavam juntas com o barulhinho do radiorrelógio na mesinha entre as camas. Com Mandy longe, a casa parecia perpetuamente sem sentido — demasiadamente organizada e silenciosa, como se algo mais do que uma única pessoa tivesse sido retirada do conjunto.

Não tinha sido tão ruim nos primeiros meses. Mandy ligava quase toda noite e vinha para casa vários fins de semana, cheia de informações fascinantes e estranhas opiniões. Mas aí, num feriado de Ação de Graças,

ela solenemente anunciou para a família que tinha *se apaixonado* — fez esse anúncio na mesa de jantar, com um ar de importância que Ruth tinha achado emocionante e vagamente aterrorizante — e, desde então, não tinha voltado para casa, exceto no obrigatório Natal. Agora, Ruth se considerava com sorte se conseguia falar com a irmã uma vez por semana e, quando conseguia, a cabeça de Mandy estava a mil quilômetros de distância; não conseguia nem fingir interesse nos detalhes dos dramas adolescentes patéticos de Ruth. Só queria falar de Desmond, o aluno irlandês com olhos bonitos e voz comovente que a tinha acordado para o sofrimento e a injustiça do mundo. Estava planejando viajar para a Nicarágua no verão para ver a Revolução Sandinista de perto, superar a névoa de mentiras e propaganda vomitada pelo governo norte-americano e seus bajuladores na mídia.

Ótimo, *pensou Ruth*. E eu vou ficar em casa com mamãe e papai, trabalhando de garçonne no IHOP.

Não é que Ruth tivesse uma relação ruim com seus pais, pelo menos em comparação com vários amigos dela. Não eram muito rigorosos nem muito vigilantes; na maior parte do tempo, confiavam que ela poderia tomar suas próprias decisões sobre suas companhias, aonde ir e a que horas chegar em casa. Provavelmente ajudava o fato de que Ruth tirava boas notas, não tinha namorado e raramente era convidada para festas.

Ela só tinha um problema de verdade com seus pais, mas era muito sério: eles eram *deprimidos* demais. Com Mandy ao redor, nunca tinha percebido. Agora, no entanto, Ruth não tinha escolha a não ser observá-los durante esses intermináveis, geralmente silenciosos, jantares de família, e se perguntar como era possível que duas pessoas razoavelmente atraentes, razoavelmente inteligentes pudessem dormir na mesma cama e ter tão pouco interesse no que o outro estava pensando ou sentindo. Eles raramente falavam uma palavra doce ou curiosa para o outro, e ainda mais raramente riam quando estavam juntos.

Davam um beijo de despedida pela manhã, mas o ato parecia totalmente mecânico, não terno ou com algum significado — igual ao pai dela batendo no bolso de trás, enquanto caminhava até a porta, para ter certeza de que a carteira estava ali. Eles prestavam tão pouca atenção um ao outro que um estranho poderia achar que tinham recebido uma ordem aleatória para

morarem juntos, companheiros de quarto que só queriam ficar fora do caminho um do outro.

Nem sempre foi assim, no entanto. Ruth tinha a prova fotográfica disso — álbuns de casamento, fotos da lua de mel, retratos felizes da família quando ela e sua irmã eram pequenas. Nas velhas fotografias, sua mãe e seu pai sorriam, se tocavam, *olhavam* um para o outro. Então, o que tinha acontecido? De vez em quando, sozinha com a mãe, ela tentava descobrir.

- Tem algo errado? Você e o papai estão bravos um com o outro?
- De jeito nenhum. Tudo está ótimo.
- Ótimo? Você nem *conversa* com ele.
- A gente conversa o tempo todo. Temos uma relação excelente.

Conversas como essa fizeram com que Ruth ficasse feliz por sua mãe ter voltado a trabalhar em tempo integral, o que significava que ela, pelo menos, tinha umas horas para si quando chegava em casa da escola, um tempo para ficar tranquila e fazer sua lição em paz. Isso não importava muito no outono, quando Ruth tinha sido líder de torcida, uma atividade que a mantinha ocupada às tardes e favorecia um pouco sua vida social. Mas ela tinha aposentado os pompons no final da temporada de futebol americano — não era tão *animada* assim — e imediatamente foi exilada do grupo de garotas bonitas e populares ao qual tinha sido arrastada no primeiro ano, baseando-se na visão generalizada e equivocada de que era uma versão mais jovem de Mandy, que *fora* realmente uma líder de torcida bonita e popular, apesar de se arrepender disso agora, com base em opiniões feministas.

Tudo o que Ruth realmente sabia quando aquele fatal abril começou era que estava vivendo num tipo de limbo, um período de espera entre o que tinha acontecido antes e o que aconteceria depois. Temporariamente sem irmã e sem amigas, passava a maior parte do tempo num estado de vaga antecipação, olhando para o telefone, desejando que tocasse, esperando ouvir uma voz amiga do outro lado, um garoto misterioso que confessasse que a olhava e pensava nela, e quem sabe, ela não queria deixar a lição para lá e se divertir?

Então era legal, de repente, ter um encontro regular com Paul Caruso, mesmo se não fosse mais do que a caminhada de quinze minutos do ponto de ônibus até sua casa. Eles logo criaram uma conexão, deixando para trás a sensação estranha do primeiro dia, entrando numa área de intimidade relaxada que a fazia sentir que eram amigos há anos em vez de vizinhos que pouco notavam a existência um do outro até alguns dias atrás.

Ele confessou seus problemas com Missy, que tinha ficado muito carente com a aproximação da formatura. Iriam para faculdades diferentes — ela tinha sido recrutada para jogar softball na Universidade de Delaware; ele estudaria Música na William Paterson — e Paul não tinha ilusões de que podiam continuar juntos depois do fim do verão. Mas Missy estava determinada a continuar com essa relação a distância.

— Nunca funciona — ele contou. — Já ouviu falar de algum caso que tenha funcionado?

Ruth gostava da maneira séria como ele fazia essas perguntas, como se ela fosse uma mulher madura com uma grande experiência de vida, alguém com quem ele podia contar para ter um bom conselho.

— Não funcionou para minha irmã — ela falou. — E ela e Rich só estavam a uma hora de distância. Acho que ela queria começar algo novo.

— É assim que estou me sentindo — admitiu Paul. — Mas não sei como dizer isso. Missy está muito emotiva nesses dias. Chora por qualquer coisinha.

Ruth normalmente se considerava uma pessoa compassiva, mas achou impossível sentir qualquer simpatia por Missy, que se recusava a cumprimentá-la nos corredores, apesar de terem passado várias manhãs de sábado juntas no outono, separando vidro e metal no Centro de Reciclagem. Ruth odiava isso; como alguém pode ser tão legal um dia, depois ignorá-la completamente?

— Ela deve estar muito assustada — especulou Ruth. — Sobre se mudar e tudo mais.

— Pessoalmente, estou com muita vontade de ir. Você não acha que esse lugar é um pouco *chato*?

— Um *pouco*? — ela falou, e ele deu uma risada que fez com que sentisse um excitante ar conspiratório, como se os dois partilhassem algo que a chorona Missy não sabia.

Todo dia ela acompanhava Paul até sua casa, colocava a mochila e o trompete dele na mesa da cozinha, depois sofria um momento doloroso de suspense, esperando que a convidasse para comer um sanduíche ou tomar um refrigerante, até mesmo um copo de água gelada, mas ele nunca falava nada. Era como se tivesse achado que sua recusa no primeiro dia era uma declaração de princípios, uma objeção filosófica à comida e à bebida.

A temperatura subiu no final de abril, um glorioso período de dias perfeitos — passarinhos cantando, céu azul, flores caindo de árvores frutíferas em pequenas chuvas rosa e verde. Se Ruth tivesse um cachorro, iria levá-lo para passear, mas, em vez disso, colocava shorts de ginástica e uma camiseta, abria uma toalha de praia na grama de seu quintal e deitava, de cara para o sol. Conseguia ouvir o som do trompete de Paul saindo da janela de seu quarto, tremulando pelo ar acima dela. Ele estava tocando uma versão jazzística de "My Favorite Things", e ela ficou imaginando que ele estava olhando para ela pela janela, incluindo-a entre as gotas de chuva, as rosas e os pacotes de papel pardo citados na música.

Mesmo naquela idade — especialmente naquela idade — Ruth não costumava se achar bonita. No melhor dos casos, conseguia um seis, numa escala de um a dez em que muitos rapazes feios e repulsivos gostavam de avaliar as garotas, mas que nunca teriam pensado em usar com eles mesmos. Acreditava que merecia uma nota acima da média, porque não havia nada obviamente errado com ela — tinha um corpo decente e um rosto normal, nenhuma verruga estranha, pelos na cara ou problemas na pele, nada desfigurado ou estranhamente desproporcional. Por outro lado, não tinha nenhuma das características boas que a classificariam para o grupo principal — seus seios eram pequenos, seu rosto "fofo" em vez de "bonito", o cabelo era castanho-claro e um pouco sem vida. É possível ter uma visão bastante realista de si mesma, quando se cresce à sombra de uma irmã mais velha que fazia os homens virarem a cabeça desde os doze anos. Se Mandy usava biquíni — era uma devota adoradora do sol, sempre feliz por ter uma desculpa para mostrar a pele —, Ruth não ficava nem perto, para evitar possíveis comparações desfavoráveis. Mas hoje ela estava

sozinha, sem dúvida a garota mais bonita do quintal e queria ser corajosa o suficiente para usar um maiô ou pelo menos uma blusa tomara que caia, para deixar que seu corpo fosse apreciado dentro de suas capacidades mais modestas.

Ela pegou a edição de *Até as vaqueiras ficam tristes* que tinha retirado da biblioteca por recomendação de Paul e tentou começar. Mas era difícil persuadir sua mente a visualizar uma realidade imaginária quando a que está na sua frente era tão vivida e insistente — as nuvens como marshmallow passando por cima, os enfeites de jardim em forma de pato rodando suas asas de madeira com a brisa, as lagartas fazendo cócegas em sua canela. Num ponto, percebeu que a música tinha parado e não pôde evitar um olhar ansioso para a janela do quarto de Paul. Mas tudo o que viu foi o reflexo do sol no vidro, um clarão ofuscante no lugar em que o rosto dele deveria estar.

No dia seguinte, eles foram cuidadosos um com o outro a caminho de casa, menos falantes do que o normal. Já tinham virado no quarteirão de suas casas quando Paul perguntou se ela estava gostando do livro de Tom Robbins.

— Não tenho certeza — falou ela. — Tentei ler ontem, mas não consegui me concentrar.

— Por que não?

— Não sei. Acho que minha cabeça estava em outras coisas.

— Estranho — ele disse. — Eu estava tentando ensaiar com meu trompete, e a mesma coisa aconteceu comigo. Não conseguia me concentrar na música.

— Deve ser a primavera.

— Deve ser.

O coração dela pareceu pular no peito enquanto o seguia até a cozinha, certa de que tinham cruzado um ponto e que não havia como voltar. Colocou as coisas dele na mesa e se virou com uma expressão solene.

— Então — falou ela.

— É — concordou ele.

Não sabia o que fazer, como passar do diálogo para o resto, e ele parecia tão perdido quanto ela, embora tivesse menos desculpas, sendo mais velho e mais experiente. Eles se olharam até o silêncio ficar embaraçoso. Ela dirigiu a próxima pergunta para o chão.

— Acho que você precisa ensaiar, não?

— Uma hora por dia.

— Você é realmente disciplinado.

— E você? — perguntou ele. — Vai ficar no quintal?

— Provavelmente. — Ela hesitou por um momento, dando-lhe mais uma chance de salvá-la. — Acho que é melhor ir, não?

Tudo o que ele precisava falar era: *Não, não vá. Fique mais um pouco aqui comigo.* Mas ele não falou nada, nenhum pequeno gesto para impedi-la, e Ruth não teve alternativa a não ser ir embora. Conseguia sentir a frustração nos olhos dele, enquanto caminhava para a porta. Era doloroso, como estar preso num pesadelo em que tudo o que você tinha a fazer era dizer uma coisa, mas não sabia as palavras.

Ruth deitou em sua toalha usando um maiô roxo e fingiu ler. Era um tipo de tortura, sabendo que ele estava por perto, como seria simples se ela tivesse coragem de tomar a iniciativa, cruzar o gramado e tocar a campainha.

Ele estava tocando de novo, mas eram somente escalas, nada de músicas com mensagens secretas, as subidas e descidas mecânicas começaram a deixá-la um pouco louca, tão monótonas quanto uma serra elétrica ou a música do carrinho de sorvetes. Ela se sentou, tampou os ouvidos com os dedos indicadores e forçou a concentração no livro. A história era ridícula — algo sobre uma garota com polegares gigantes e sua amiga chamada Bonanza Jellybean — e de repente parecia que Paul estava tirando um sarro dela, convencendo-a a se deitar no quintal de maiô e ler esse livro estúpido para nada.

Para nada.

Ela gritou frustrada, se levantou, deixando a toalha e o livro para trás enquanto corria pela grama até a casa dele. Tinha chegado ao pátio quando ouviu uma janela se abrir. Paul enfiou a cabeça para fora, olhando para baixo do segundo andar.

– Ruthie — ele falou. Nunca a tinha chamado assim antes, e ela sentiu um calor se espalhando por seu rosto.

– Quê?

– A porta dos fundos está aberta.

O que a espantou não foi ter ido lá, cruzando a grama de maiô, ter entrado e subido as escadas até o quarto dele. Essa parte era o previsto, tudo que estivera esperando desde o primeiro dia que tinham ido para casa juntos. O que a espantou foi o que fez ao chegar lá.

Foi desconcertante. Faltava um mês para cumprir dezesseis anos e ela era ainda bastante inocente, pelo menos em comparação com muitas garotas que conhecia. Tinha jogado umas partidas de Verdade ou Desafio, e beijado três garotos diferentes nos dois primeiros anos do colégio. O mais recente, Scott Molloy, tinha tocado seus seios, mas muito rapidamente, e só por cima do sutiã.

Ruth realmente não sabia como explicar a completa ausência de medo que a acometeu ao entrar no quarto dele. Paul parecia tão inocente — tão doce e nervoso — sentado na cama, o trompete no criado-mudo perto de um pacote de Ruíles, o pé machucado em cima de um travesseiro. Ele começou a falar algo complicado — parte uma desculpa por tê-la deixado esperando por tanto tempo, misturada com murmúrios culposos por Missy —, mas Ruth o calou com um beijo e começou a soltar o cinto dele. Sua boca tinha gosto de pão com atum.

– Ruth? — A voz dele tremeu um pouco, como se ela estivesse a ponto de queimá-lo com um cigarro. — O que está fazendo?

– Vamos descobrir — ela disse.

Tinha algo a ver com Mandy, Ruth entendeu, porque tinha a firme impressão de que sua irmã estava olhando para ela, uma terceira pessoa invisível no quarto, sorrindo com aprovação enquanto abria o zíper e

puxava as calças de Paul até o joelho, encorajando-a enquanto tirava seu maiô e jogava no chão.

— Ruth? — Paul falou de novo. — Tem certeza...

Ela apertou um dedo contra seus lábios enquanto subia nele.

Vá em frente, *Mandy parecia dizer*. Não tenha medo. Só vai doer um pouquinho e depois ficará ótimo.

— Está tudo bem — ela sussurrou, guiando-o para dentro dela. E doeu, bem mais do que ela esperava, embora não tenha tentado mostrar, ainda consciente da sensação de ser julgada por sua irmã, de se colocar à prova por uma professora querida.

Porque, é claro, era assim que Ruth tinha aprendido tudo o que sabia, deitada na cama à noite, ouvindo sonolenta e excitada as confissões meio encabuladas, meio triunfantes de Mandy sobre o que tinha e não tinha feito com esse ou aquele garoto — a primeira vez que tinha feito Billy Frelinghausen ficar duro com sua mão, a primeira vez que usou sua boca em Danny Wirth, a noite em que perdeu a virgindade no quarto dos pais de Rich Lodi, com uma galeria de fotos da família sorrindo para ela.

Mas isso é diferente, pensou Ruth, enquanto Paul soltava uma série de gemidos espantados embaixo dela. Mandy tinha trabalhado para isso durante anos, dando um passo de cada vez, avançando metodicamente em direção ao objetivo. Ela teve namorados sérios desde a oitava série e tinha, de alguma forma, conseguido adiar o sexo até o fim do ensino médio, guardando-se para um garoto que realmente acreditava amar.

— Oh, Deus! — gritou Paul. Ele parecia ter superado suas dúvidas e estava mexendo os quadris com força, quase como se estivesse tentando jogá-la para fora da cama. — Puta merda!

Por muito tempo, Ruth tinha se sentido muito atrás de sua irmã, tanto que era como se não conseguisse vê-la mais. Mas agora, em questão de poucos minutos, num gigantesco salto para a frente, talvez tivesse alcançado Mandy.

— Jesus! — Paul olhou para ela abismado quando tudo terminou. Seu rosto estava molhado de suor, o cabelo, grudado nas bochechas. — Pensei que íamos dar uns beijos.

Durou pouco mais de duas semanas. Havia uma qualidade febril nas tardes roubadas que Ruth nunca esqueceu, uma intensidade agitada que deixou seu sentimento exaltado, como se estivesse separada do mundo.

Eles iam direto para o quarto depois da escola, fechavam as cortinas e retomavam exatamente de onde tinham parado no dia anterior. Por causa da mobilidade limitada, Paul passava a maior parte do tempo deitado de costas, sem tirar a camisa (ele tinha vergonha de seu corpo) e as calças abaixadas até o joelho (era uma grande dificuldade tirá-las por cima do gesso), olhando para Ruth com uma expressão de pasma gratidão enquanto ela se abria em cima de sua cintura, desfrutando de sua admiração. Ele não conseguia acreditar em sua sorte, não conseguia acreditar que algo tão milagroso tivesse sido causado por um tornozelo quebrado.

— Pareceu um saco quando quebrei — ele falou. — Mas acabou sendo a melhor coisa que aconteceu comigo.

— Está falando sério?

— Nada chegou perto.

As quatro horas, ela dava um beijo de tchau e ia para casa, seu corpo maduro, inflamado, estranho, matéria de constante fascinação. As vezes, tomava um banho, mas geralmente não — era excitante possuir essa aura sexual, deixar dentro de si a memória do que tinha acabado de fazer, uma fora da lei em sua própria casa. Fazer lição era algo impossível, então ela se ocupava fazendo o jantar, acompanhando as músicas no rádio enquanto descascava as batatas ou mexia a salada. Até sua mãe, normalmente tão densa e indiferente, notou que algo estava acontecendo.

— Você parece tão animada ultimamente — dizia. — Se não a conhecesse, poderia pensar que tem um namorado.

— Ah, claro — Ruth girava os olhos.

— Logo, logo — sua mãe falava. — E só esperar.

Se tivesse sido uma personagem das fábulas de abstinência de JoAnn Marlow, Ruth pensou, teria pago caro por aquele pequeno interlúdio de prazer depois da escola, e passaria o resto da vida glorificada em uma história de advertência: Pobre Ruth, que descobriu que estava grávida no

aniversário de dezesseis anos; Pobre Ruth, que ficou cega por causa de uma rara doença venérea; Pobre Ruth, que foi atacada por ser uma vagabundinha expulsa do colégio...

E isso poderia ter acontecido, claro, pelo menos a gravidez. Durante todo o tempo juntos, Paul nunca usou camisinha, e Ruth nunca pediu; parecia desnecessário, por algum motivo, algo seco e prático, como se estivessem operando no mundo real das escolhas e consequências, em vez dessa cápsula sonhada e selada em que era possível fazer o que quisesse e não se preocupar com nada. Em doenças sexualmente transmissíveis, não pensavam; Paul era tão inexperiente quanto ela, apesar de sua virgindade ser uma questão mais de preferência da namorada do que dele.

Missy não quer fazer isso, era uma frase constante naquelas tardes, uma que não se aplicava somente ao sexo em si, mas a coisas menos importantes como beijos na orelha ou chupar os dedos ou deixar que ele a visse de calcinha e meias. *Ela acha isso nojento*.

— Por que você não desmancha seu namoro com ela? — perguntou Ruth.

— Não posso fazer isso agora — ele explicou. — Não tão perto da formatura.

Ela só tinha uma lembrança ruim daqueles dias, mas que a perseguia há anos, seu poder intacto mesmo com a passagem do tempo. Aconteceu numa tarde quente perto do final da escola, umas duas semanas depois que Paul tirou o gesso e foi levado pela vida real, Missy e a banda. Ruth estava na cozinha, ajudando a mãe a limpar tudo depois do jantar, quando o pai chamou da sala.

— Ei, vejam isso.

O que ele queria que elas vissem era a limusine branca estacionada na frente da casa dos Caruso. Uma pequena multidão de vizinhos curiosos tinha se juntado ao redor para admirar o veículo — estava brilhando no cair da noite, um esplendor bruxuleante — alguns conversando com o motorista uniformizado, outros circulando o carro, olhando as janelas e chutando os pneus, como se estivessem pensando em comprar uma.

— Deve ser para o baile de formatura — disse a mãe de Ruth.

O pai de Ruth era um homem que gostava de saber o que estava acontecendo. Sempre que uma ambulância ou um carro de bombeiros aparecia em Peony Road, não importava a que hora do dia ou da noite, ele saía para investigar, fazendo perguntas a todos os observadores e trabalhadores, depois voltando com o boletim: *A Sra. Rapinski estava sentindo falta de ar, foi um incêndio pequeno no fogão, o velho se sentiu tonto.* Ruth não ficou surpresa ao vê-lo colocando os sapatos.

— Isso vai ser interessante — ele falou.

— Quem é o par dele? — perguntou sua mãe. — E aquela garota grande? A jogadora de beisebol?

— Como vou saber? — gritou Ruth.

Seus pais saíram incapazes de resistir ao glamour da noite de formatura. Ruth ficou em casa, olhando pela janela, desejando ter coragem para voltar à cozinha e continuar a colocar os pratos na lavadora, mas descobrindo que era impossível deixar de olhar o espetáculo.

O motorista da limusine — era um senhor mais velho com um rosto cuidadosamente sem expressão — tinha tirado um pano e começado a limpar algo no vidro quando as pessoas ao redor começaram a aplaudir, como se estivessem elogiando seu cuidado. Ruth demorou um momento para perceber que Paul e Missy tinham saído da casa, porque não conseguia vê-los de onde estava. Mesmo com o rosto apertado contra o vidro, seu campo de visão só chegava à metade do jardim da frente, onde estavam o pai de Paul e outro homem — um cara forte usando um blusão, que deveria ser o pai de Missy — estavam ajoelhados, tirando fotos.

Os espectadores gritavam comentários que pareciam divertidos, mas Ruth não conseguia entender; ela via seus pais rindo na calçada. Finalmente, não aguentou mais estar fora da ação, ficar presa aqui enquanto tudo estava acontecendo lá fora.

Foi até a porta da frente, hesitou um momento quando percebeu as roupas ridículas que estava usando — moletom e uma velha camiseta herdada de sua irmã —, um conjunto que não devia ser mostrado em público. Imaginou se haveria tempo para pelo menos pegar uma jaqueta jeans no quarto ou pentear o cabelo, mas não havia.

Saiu bem na hora em que Paul e Missy estavam caminhando para a limusine, na qual o motorista os esperava, segurando a porta de trás aberta e fazendo um eloquente gesto de convite com a mão livre. Eles pararam no meio-fio, posando para uma última foto, Paul volumoso e imponente em seu smoking alugado, Missy um pouco estranha em um vestido laranja sem mangas com uma saia bufante, um corpete apertado — com um *corsage* desajeitado preso diretamente sobre seu seio esquerdo — e tiras que enfatizavam a corpulência de seus ombros fortes. O cabelo loiro preso parecia estranhamente brilhante, quase iridescente; quando ela beijou Paul no rosto, arrumou a gravata-borboleta dele e depois entrou no carro. Ele estava a ponto de segui-la quando se virou de repente, como se arrastado pelo olhar de Ruth, e olhou direto para ela.

Aquele contato não durou mais de um ou dois segundos, o suficiente para Ruth ver que ele tinha cortado o cabelo — nada drástico, só uns centímetros de cada lado — e perceber sua expressão estranha, como se seu rosto tivesse ficado entre um sorriso falso para as câmeras e um pedido de desculpas mudo para ela.

Ou talvez estivesse imaginando a parte das desculpas, afinal, por que ele precisaria pedir desculpas? Ruth não era sua namorada, nunca tinha sido. Eles só se divertiram um tempo e agora estava tudo acabado. Ela não tinha direito de ficar com ciúmes, nenhum direito de querer estar na limusine dentro de um vestido bonito depois de ter sido aplaudida pelos vizinhos, nenhum direito de gritar e pedir para ele reconsiderar, lembrá-lo como acariciava seu cabelo e dizia que ela era o tipo de garota em quem os compositores pensam quando escrevem suas músicas.

Ele manteve os braços perto do corpo e deu de ombros, como se quisesse dizer que não podia fazer nada. Tinha a sensação de que ele estava a ponto de falar algo, mas o motorista da limusine agiu antes que tivesse alguma chance, colocando a mão no ombro de Paul e guiando-o gentilmente para dentro do carro. Ainda estava olhando para ela quando a porta se fechou, o rosto confuso e infeliz, desaparecendo por trás do vidro fumê.

Quem apreciamos?

Ruth chegou atrasada e com um pouco de ressaca para o jogo de futebol de sua filha no sábado pela manhã. Com um sorriso ligeiramente enjoado, ela abriu caminho na lateral do campo, cumprimentando os pais mais pontuais, muitos que não via fazia algum tempo. Alguns espectadores estavam sentados em cadeiras portáteis, mas a maioria estava em pé, animando as filhas enquanto bebiam café em canecas térmicas, dando a toda a cena um jeito de festa ao ar livre.

Como sempre, o ex-marido de Ruth, Frank, tinha se afastado do grupo, a atenção voltada totalmente para o jogo. Ele parecia o jogador de beisebol que já tinha sido — os joelhos dobrados, as mãos descansando nas coxas — observando a ação com uma expressão de absorção intensa que Ruth poderia confundir com desgosto se não o conhecesse tão bem.

— Bom dia — ela falou, tocando gentilmente sua manga. — Como estamos?

— Dois a dois — ele murmurou, dando um olhar de reprovação. — O primeiro tempo quase terminou. Maggie pensou que você tinha esquecido.

— Eu perdi a hora.

— Já ouviu falar em despertador?

— Não tocou — ela explicou, deixando de fora a parte em que desligou a coisa, durante a insônia que a pegou às três da manhã. Porque, na verdade, o que podia ser pior que ficar acordada no escuro, vendo sua vida passar, um minuto insubstituível após o outro?

— Vamos lá, azuis! Passe a bola! Vocês estão se arrastando ali! — gritou Frank, incentivando o time da filha.

Ruth olhou para o campo, se xingando por ter esquecido os óculos escuros. Estava com eles quando saiu a primeira vez de casa, mas tinha decidido voltar para uma última ida ao banheiro, sabendo muito bem que,

ao chegar ao jogo, sua única alternativa seria um banheiro químico no fundo do campo. Ela deve ter tirado os óculos ao entrar no banheiro — não que fosse impossível mijar perfeitamente bem no escuro —, porque não estavam mais no seu rosto quando chegou ao estacionamento do Parque Shackamackan.

— Candace! — Frank estava com as duas mãos em cima da cabeça e as movia como um daqueles caras de aeroporto. — Você é meio-campo! Volte!

Candace Roper, uma garota muito bonita que Maggie conhecia desde a pré-escola, tinha ido até o meio-campo, aparentemente sem perceber que uma de suas oponentes — elas usavam blusas amarelas com a palavra *Comets* no peito — tinha passado por trás dela e teria o caminho livre para o gol se suas companheiras tomassem a bola. Candace olhou sobre o ombro, colocou a mão na boca revelando uma surpresa culpada, e voltou para sua posição.

— Jesus — disse ele. — Estamos dormindo hoje.

— Onde está Eliza?

Frank fez um movimento com o polegar sobre o ombro. Ruth se virou para ver sua filha mais velha sentada numa mesa de piquenique embaixo de uma árvore que já tinha perdido metade de suas folhas. Estava olhando uma revista, provavelmente um número antigo de *O* ou *Martha Stewart Living* que a namorada de Frank, Meredith, fazia questão de dar, sabendo quanto ela gostava. Ruth acenou e gritou, mas Eliza não percebeu — provavelmente estava muito ocupada se atualizando com as receitas de *creme brûlée* light ou as tendências em cores para o inverno. Ruth olhou para ela por um instante, lutando contra a combinação de exasperação e pena que Eliza frequentemente provocava nela. Tinha catorze, mas parecia ter quarenta, pelo amor de Deus. Já não era hora de um pouco de rebeldia adolescente?

— Vamos lá, juiz! — Frank bateu na coxa. — Abra os olhos! Ela está dando cotoveladas!

— Calma — Ruth o aconselhou. As duas filhas tinham recentemente reclamado do comportamento horroroso do pai nos jogos

de futebol. — Você não pode atacar o juiz.

— A número 14 vai machucar alguém! — ele continuou, como se Ruth não tivesse dito nada. — Está jogando como um brutamontes!

Ele gritou alto o suficiente para que o brutamontes em questão — uma garota grande com as bochechas rosadas, que usava o cabelo loiro preso em tranças — se virasse e olhasse para ele, os braços abertos num gesto de inocência espantada.

— E isso mesmo, querida! — Frank apontou um dedo acusador. — Estou de olho em você!

— Chega — disse Ruth. — E só uma criança.

Ela falou mais forte dessa vez, e Frank escutou. Sua expressão ficou mais calma e ele balançou a cabeça, como se tentasse tirar as teias de aranha.

— Desculpe. Às vezes fico um pouco nervoso.

— Não me diga.

— É uma loucura. Essas garotas de Bridgeton são um bando de animais. O que estão colocando no leite daquele lugar?

Era verdade, percebeu Ruth. As Comets *eram* estranhamente grandes para a idade — tirando uma garotinha asiática bem ágil, elas pareciam uma tribo de guerreiras vikings — e jogavam de uma forma bem pesada, com muitos empurrões, puxões e jogadas de corpo. Mas era preciso dar um pouco de crédito ao time da Maggie; o que faltava em tamanho, tinha em rapidez e habilidade, frequentemente tomando a bola de suas oponentes e avançando com uma série de passes perfeitos. Se não fosse pelas várias perigosas e espetaculares defesas da goleira das Comets, que não tinha medo de sair do travessão para desafiar a atacante, Stonewood Heights estaria ganhando.

Ruth ficou especialmente impressionada com o desempenho de sua filha. Maggie sempre tinha sido uma atleta, mas no passado parecia estranha no campo, muito educada. Se uma garota do outro time queria muito a bola, Maggie saía de lado e deixava que ficasse com ela. Hoje, no

entanto, jogava com uma voracidade que pegou Ruth de surpresa, uma intensidade parecida com a de seu pai. Corria por todo o campo, liderando os ataques, ajudando na defesa, lutando forte pelo controle da bola. Falava muito durante o jogo, gritando instruções incompreensíveis para suas companheiras — usava um bocal para proteger seus dentes —, que pareciam entender exatamente o que ela queria.

— Uau — disse Ruth. — Ela melhorou muito.

Frank assentiu:

— Está assim desde o começo da temporada.

Até o divórcio, Ruth tinha sido uma mãe zelosa, entregando-se, nas manhãs de sábado, aos duvidosos prazeres de assistir a crianças chutando uma bola para cima e para baixo num campo de grama, muitas vezes debaixo de um clima ruim. Agora que Frank tinha as garotas no sábado, entretanto, ficara com os eventos esportivos do fim de semana, uma parte das obrigações que Ruth tinha lhe entregado sem reclamar. Deus sabia que ela passava tempo suficiente levando e trazendo as meninas para várias aulas, ensaios e casas de amigos durante o resto da semana.

Além disso, Frank gostava dos jogos mais do que ela, principalmente depois que Maggie foi chamada para atuar nos times principais. Nos dois últimos anos, ele tinha se tornado consultor da filha, companheiro de treinos e maior fã; além de levá-la para vários jogos, ele supervisionava seu desenvolvimento, matriculava-a em workshops e caríssimos programas de verão (em julho último, ela passou duas semanas num acampamento dirigido por ex-jogadoras da seleção nacional dos EUA). Eliza — uma atleta medíocre que parou de fazer esportes assim que deixaram — sempre reclamava que a irmã mais nova era a favorita de Frank, que ele só falava de Maggie, Maggie, Maggie, futebol, futebol, futebol.

Ruth não deixou de ver a ironia disso, pois se lembrava muito bem de como Frank tinha ficado desapontado quando nasceu uma segunda filha em vez de um filho com quem ele "poderia jogar bola". Usava essa frase o tempo todo, como se meninos existissem para o único propósito de jogar bola com seus pais. Pressionou Ruth para considerar a política que existia de dois filhos desde o começo do casamento, e mudou de ideia sobre fazer

uma vasectomia com a qual tinha concordado depois que alcançassem essa cota.

Olhando em retrospectiva, Ruth percebia que o nascimento de Maggie marcou o começo do fim do casamento deles. Lenta, mas inexoravelmente, Frank começou a se afastar. Sem consultá-la, matriculou-se numa pós-graduação em Educação e mergulhou nos estudos com uma energia que teria sido admirável em outras circunstâncias, concluindo o Mestrado em Administração em apenas dois anos, mesmo com um emprego de professor em tempo integral. Só sua família sofreu, mas Ruth entendeu que essa era a questão — ele tinha voltado para a escola para sair daquela maldita casa cheia de mulheres, para estar longe do insuportável tormento de não ter um garoto com quem jogar bola.

Mas agora ele tinha uma garota com quem podia jogar bola, e tudo estava esquecido. Ruth não invejava seu prazer ou sua proximidade com Maggie, não mais. Para ela, era muito bom que ele ficasse na chuva e gritasse para os juízes o que quisesse, conquanto ela pudesse passar as manhãs de sábado acordando tarde, numa casa quente e silenciosa. Esse privilégio parecia um luxo duplo durante os dias terríveis do escândalo da Educação Sexual da última primavera, quando enfrentar pais de jogadoras de futebol estava abaixo de cirurgia dental na lista de Coisas Legais a Fazer de Ruth.

Maggie parecia perfeitamente contente com a divisão de trabalho de seus pais até uns meses atrás, quando tinha escolhido jogar no Stonewood Stars, o time de elite da cidade para garotas com onze anos ou menos. Era uma grande honra, e Ruth nunca a tinha visto tão feliz antes. Dormiu com seu uniforme — azul royal com uma estrela branca sobre o coração — e o usava todo dia no quintal, onde passava uma hora driblando cones e chutando a bola na lateral da garagem. E toda sexta, pouco antes de Frank levá-la, junto com Eliza para passar o fim de semana, Maggie lembrava Ruth sobre o jogo no sábado e pedia para ela ir assisti-la jogar, e essa semana Ruth finalmente não teve nenhuma desculpa.

O placar ainda estava empatado no final do primeiro tempo, mas as Stars pareciam relaxadas e tranquilas, como se tivessem ganhado. Várias jogadoras estavam brincando com um labrador preto com uma bandana roxa ao redor do pescoço; três outras estavam treinando um passo de dança

— combinando elementos de Macarena com outros — com seus treinadores, um par incongruente que parecia genuinamente interessado em aprender a complicada sequência de movimentos. Depois de um momento de incerteza, Ruth reconheceu um dos dois homens como John Roper, pai de Candace, apesar de ter perdido muito cabelo e ter ganhado uns vinte quilos desde que ela o tinha visto deixando sua filha na escola Little Learners sete anos antes. Não conhecia o outro treinador — ele era mais jovem, com um jeito estranhamente hippie para Stonewood Heights, um homem compacto cujo cabelo escuro poderia estar preso facilmente num respeitável rabo de cavalo.

Sem prestar atenção nas brincadeiras, Maggie se sentou na grama ali perto, conversando com sua amiga, Nadima, uma garota de origem paquistanesa com grandes olhos marrons e pernas impressionantemente magras. Nadima estava ouvindo concentrada, assentindo como se faz quando se quer demonstrar que entende seu interlocutor e simpatiza com sua posição, mesmo se não concorda completamente com ele. Ruth se aproximou com cuidado, esperando conseguir ouvir pedaços da conversa — elas pareciam tão sérias, como mulheres crescidas discutindo uma relação complicada ou um problema absurdo no trabalho —, mas Hannah Friedman atrapalhou tudo, ao olhar para cima enquanto coçava a barriga de um cachorrinho.

— Oi, Sra. mãe da Maggie! — ela gritou, com sua voz aguda e teatral.

Ao contrário da maioria das garotas do time — ela tinha onze ou menos, afinal —, Hannah já tinha começado a desenvolver seios e uma personalidade adolescente chata para acompanhá-los.

— Oi — Ruth respondeu, desconfortável ao perceber os vários rostos se virando para ela ao mesmo tempo. — Vocês estão jogando muito bem.

Com um incrível grito de deleite, Maggie se levantou e correu para sua mãe, cumprimentando-a com um abraço de magnitude várias vezes maior do que o normal. Ruth a apertou também, sentindo o suor da filha através da camiseta.

— Mamãe! — a voz de Maggie parecia tão teatral quanto a de Hannah, mas seus olhos estavam cheios de emoções verdadeiras. — Obrigada por vir.

— Estou feliz por ter vindo — disse Ruth. — Desculpe-me por ter chegado atrasada.

Maggie a soltou, arrumando o uniforme. Ruth ficou inesperadamente emocionada pela visão, como se estivesse vendo duas Maggies ao mesmo tempo: a garotinha que ela ainda era — uma molecona com joelhos sujos que parecia saída de um desenho de Norman Rockwell — e a jovem feliz e confiante em que estava começando a se transformar.

— Você viu quando eu marquei? — ela perguntou, chutando uma bola imaginária. — A goleira pulou, mas a bola passou reto pelas mãos dela.

Ruth deu uma desculpa:

— Desculpe, querida, cheguei atrasada. Mas nem acredito como você está jogando bem. Você parece aquele coelho da Energizer. Estou tão orgulhosa.

— Deveria estar — disse a voz de um homem. — Ela é nossa craque.

Ruth se virou e viu o treinador de cabelo comprido se aproximando com uma expressão amigável e mancando um pouco, provavelmente resultado da lição de dança.

— Quer um pedaço de maçã? — ele perguntou, aproximando um pote plástico. — As garotas nem deram uma mordida.

Maggie pegou um pedaço, mas Ruth recusou.

— Tem certeza? — O treinador parecia um pouco chateado com sua recusa. — Estão frescas. Eu coloquei suco de limão para não ficarem marrons.

— Boa ideia — disse Ruth. — Não pode dar errado com suco de limão.

Concordando como se ela tivesse falado uma verdade profunda, o treinador passou o pote para a mão esquerda e estendeu a direita.

– Tim Mason. Sou o destemido líder desse grupo louco.

Eles se cumprimentaram. Sua mão era maior e mais quente que a dela.

– Sou Ruth. Mãe da Maggie.

Mantendo o aperto firme, Tim Mason estudou seu rosto, como se ela fosse uma boa amiga que ele não via há muito tempo. De perto, ele parecia mais velho do que esperava, pelo menos quarenta. Alguns fios grisalhos. Pés de galinha. Uma certa cautela nos olhos.

– Ouvi falar muito de você — disse ele.

Ruth riu nervosa, feliz por ter tido tempo de tomar banho e se maquiar antes de sair de casa.

– Coisas boas, espero.

Tim Mason não respondeu, nem soltou a mão dela. Só ficou olhando para Ruth, o momento se esticando, o ar recendendo a maçãs.

– Significa muito para ela que você esteja aqui — ele disse. — Sei o quanto sentia sua falta.

Quando soltou a mão dela, Ruth sentiu-se aliviada e vagamente triste ao mesmo tempo.

– Bem, obrigada por ser o treinador — comentou. — Sei que é um compromisso sério.

– Eu adoro — ele contou, virando-se para Maggie e mexendo no cabelo dela. — Temos ótimas garotas.

Ruth não tinha certeza por que o breve encontro com Tim Mason a tinha deixado tão perturbada. Não tinha sido nada, realmente, só uma conversa inócua e um aperto de mãos que durou um pouco demais com um cara que ela nem sabia se tinha achado atraente (ele era razoavelmente bonito, mas ela sempre encontrava algo vagamente estranho em um homem de meia-idade com cabelo comprido). E, mesmo assim, lá estava ela, toda acesa e compenetrada no começo do segundo tempo, olhando direto através do campo até a lateral, para o treinador — ele estava segurando uma

prancheta, batendo na perna como se fosse um pandeiro —, incapaz de pensar em outra coisa a não ser na pressão de sua palma contra a dela, e como o tempo parecia ter parado quando ele olhou direto para seus olhos.

Era embaraçoso, ela entendia, querer o treinador de futebol de sua filha, casado — oh, ela tinha visto o anel; sempre procurava o anel —, possivelmente o ponto mais baixo a que podia chegar. Não que isso fosse sua culpa. Era o tipo de coisa que acontecia quando se ficava muito tempo sem sexo. Depois de um tempo, qualquer atenção masculina — um sorriso irônico, uma palavra doce, a mínima aparência de flerte — era suficiente para criar uma perturbação completa em um cérebro carente de amor. Um cara diz "Com licença" no supermercado, bem, e ele se torna o Escolhido, sua Última Chance de Felicidade. Ou, quer dizer — como a felicidade era querer demais —, sua última chance de uma vida normalmente infeliz em que alguém pelo menos a tocaria a cada uma ou duas semanas.

O que fez com que tudo ficasse mais ridículo foi que não tinha nem chegado no meio da manhã e Tim Mason já era sua segunda Última Chance do dia. Durante a noite, tinha ficado tão animada pensando em Paul Caruso e no interlúdio de paixão secreta há tanto tempo esquecido — eles não tinham compartilhado algo especial? Não era uma pena que tivessem perdido contato? — que ela tinha feito algo de que já tinha se arrependido. Arrastando-se para fora da cama às três e meia, acessara o Classmates.com e postara uma mensagem no mural de recados da Oakhurst Regional High: "Alguém sabe como entrar em contato com Paul Caruso, Classe de 80? Era um trompetista que vivia em Peony Road".

O que tinha sido isso, que ela tinha feito seis horas antes? E já tinha trocado seu velho amante por um treinador hippie de futebol que sem dúvida seria substituído pelo mal-humorado cara russo com bafo de bebida que colocava gasolina no posto da Hess. Assim será o resto da minha vida, pensou Ruth, uma fantasia não correspondida após a outra até que finalmente me enrugue toda e morro?

Ela foi resgatada dessa infinita linha de questionamentos pela súbita aparição ao seu lado de Arlene Zabel, uma mulher incrível que tinha uns cinquenta anos, cuja filha, Louisa, era goleira das Stars. Arlene tinha cabelo comprido grisalho, o que só aumentava a consciência de Ruth de como, por

outro lado, parecia jovem — seu corpo em boa forma, o rosto vivo e sem rugas.

— Ruth — ela falou. — Faz muito tempo.

Ruth concordou. Arlene deu uma secada, aprovando-a.

— Você está ótima. Perdeu peso?

— Estou correndo — explicou Ruth. — Principalmente para não ficar louca.

Arlene concordou, como se entendesse exatamente por que Ruth poderia precisar tomar medidas para preservar sua sanidade. Era uma advogada tributária que se transformou em terapeuta e massagista — uma verdadeira renegada, dentro dos parâmetros estreitos de conduta adulta aceitável em Stonewood Heights —, e Ruth sempre a considerou uma alma gêmea.

— Há meses que quero ligar para você — disse Arlene. — Mas sabe como é. Mel viaja a trabalho, e eu tenho um monte de coisas, quase não tenho tempo de respirar.

— Tudo bem — disse Ruth. — Também andei bastante ocupada.

A falsidade do momento era absurdamente aparente para as duas. Há quatro anos, eram boas amigas. Juntavam as duas famílias para jantar, os dois casais saíam para passear, levavam as crianças ao cinema, museus e parques de diversões. Mas Frank conhecia Mel desde a escola e ficou tacitamente entendido por todos os envolvidos que ele ficaria com a custódia dos Zabel depois do divórcio. Ruth e Arlene tentaram sustentar uma amizade independente por um tempo, mas ela se apagou depois de alguns cafés melancólicos.

— E uma pena o que fizeram com você — disse Arlene.

— Não merecia ser jogada no fogo desse jeito.

— Obrigada.

Ruth apreciava o sentimento, embora tivesse sido melhor alguns meses antes, quando o fogo ainda estava queimando.

— Não sei de onde vêm todos esses Loucos da Bíblia - continuou Arlene. — Quero dizer, eles não costumavam ser tão escandalosos.

Ruth olhou bem a tempo de ver uma das Comets roubar a bola de Nadima e chutar para a frente, para a garota asiática. Um murmúrio de expectativa cresceu entre os torcedores de Bridgeton quando sua atacante principal driblou Hannah Friedman e foi em direção ao gol. Sozinha no gol, Louisa Zabel parecia nervosa, incerta entre ficar parada ou correr e forçar o chute.

— Oh, Deus — disse Arlene, segurando forte o pulso de Ruth.

A garota asiática chutou forte, mas foi direto para Louisa, que espalmou e correu para agarrar a bola, se enroscando ao redor dela antes que a atacante pudesse chegar.

— Isso mesmo, Lou-Lou! — gritou Arlene. — Tire a bola daí!

Louisa se levantou, avançou e jogou a bola quase no meio do campo.

— Uau — disse Ruth. — Ela tem um ótimo braço.

— Esse jogo vai me dar um ataque do coração — falou Arlene. — Do que eu estava falando?

— Dos Loucos da Bíblia?

— Ah, esqueça. — Ela fez um gesto de desgosto com a mão. — Estou cansada de falar disso. Parece que o mundo todo está ficando louco.

— São as crianças que estão sendo enganadas — apontou Ruth. — Temos um pequeno grupo de fanáticos dizendo a todo mundo o que podem e não podem fazer, o que devem ou não devem ler ou sobre o que conversar. Onde isso vai acabar?

— Gostaria que fosse um pequeno grupo de fanáticos. Estou começando a pensar que há mais deles do que dos nossos. Afinal, estão governando o país.

— Só porque falam mais alto. As pessoas do nosso lado não falam nada. É como se fôssemos um bando de bananas que não acreditam em nada.

As Stars tinham um lateral. Nadima levantou a bola alto sobre a cabeça e mandou para um lugar vazio no centro do campo, um pouco à frente de uma companheira — uma menina rápida, de cabelo escuro, que Ruth nunca tinha visto antes — que veio correndo atrás da bola. Infelizmente, uma das Comets — a 14, com tranças wagnerianas — chegou do outro lado exatamente ao mesmo tempo. Foi triste ver: as duas jogadoras se chocaram a toda velocidade e caíram no chão.

A garota maior levantou imediatamente — estava chorando e segurando firme a barriga —, mas a companheira de Maggie permaneceu caída no chão. Tim Mason e John Roper entraram correndo no campo antes mesmo de o juiz soprar o apito.

— Quem se machucou? — perguntou Ruth.

— Abby, filha do Tim — Arlene deu um suspiro ansioso. — Espero que esteja bem. Na semana passada, uma garota de Willard Falls quebrou a clavícula. Teve de ser levada de ambulância.

As jogadoras descansavam enquanto os treinadores cuidavam de Abby. Tim Mason se ajoelhou ao lado da filha, a mão tocando de leve seu ombro. Ele fez um comentário preocupado para seu assistente, que assentiu triste, e fez um gesto para o juiz. Nesse ponto, o treinador de Bridgeton tinha entrado no campo para ver se podia ajudar.

— Isso é assustador — disse Arlene.

Quase no mesmo momento, entretanto, o rosto de Tim se abriu num deslumbrante sorriso de alívio quando Abby se sentou e esticou o braço. Num movimento tranquilo, seu pai a levantou do chão e a abraçou. Fez uma pergunta; ela respondeu sim com a cabeça. Os espectadores aplaudiram quando eles voltaram devagar para o campo, como noivos à moda antiga.

— Ele parece um cara legal — disse Ruth.

— Quem, o Tim?

— É. Acabamos de nos conhecer, faz alguns minutos.

— Ele é bom com as garotas — disse Arlene, um pouco desconfortável.

Ruth não conseguiu evitar:

– Eu na verdade achei que era bem bonitão. Quer dizer, sei que ele está casado e tudo mais.

– Está brincando, não?

– E um pouco baixo — Ruth cedeu. — Mas tem um corpo forte.

Arlene hesitou por um momento, aparentemente tentando decidir se Ruth estava tirando um sarro.

– Você sabe que ele é um deles, não?

– Um de quem?

– Daquela igreja. Tabernáculo. O nome que for.

– E mesmo? Ele não faz o tipo.

– Pode perguntar — disse Arlene. — Ele vai adorar ar para você.

– Ah, merda — Ruth riu, lembrando a forma como o treinador segurou sua mão e olhou em seus olhos. Ele não queria seu corpo. Queria sua alma. — Sou uma idiota.

Arlene bateu no ombro dela.

– Vamos encontrar um namorado para você.

Não era uma oferta vazia. Fora Arlene quem tinha apresentado Ruth a Ray Mattingly, o técnico em informática divorciado que tinha sido sua única relação séria desde que Frank a ido embora. Não que fosse realmente séria. Eles tiveram encontros ruins, depois uns bons, aí um agradável fim de semana juntos em Poconos; no caminho de volta ele contou que se mudaria para o Triângulo da Pesquisa da Carolina do Norte. Disse que deveria ter mencionado isso antes, mas não queria estragar a viagem.

– Algum candidato? — perguntou Ruth.

– Vou pensar um pouco — prometeu Arlene.

A bola saiu pelo fundo do campo das Comets e as Stars pediram substituição. Maggie era uma das três garotas que entraram.

— Graças a Deus — disse Arlene. — Agora quem sabe temos algum ataque. Se ganharmos hoje, disputaremos o primeiro lugar na Divisão B-3.

Ruth não pensava em si como o tipo de pessoa que se ocupava muito com o resultado de um jogo de estudantes do quinto ano — ou a classificação na Divisão B-3, nem sabia o que isso significava —, mas viu que era impossível não se envolver na torcida enquanto o relógio corria, e cada jogada vinha repleta de perigo e possibilidades. Dava para ver a tensão nos rostos dos espectadores — eles tinham parado de conversar e caminharam para a lateral do campo, criando uma cerca humana irregular — bem como as jogadoras, que pareciam usar a adrenalina pura para vencer a fadiga. Olhando para elas, Ruth sentiu uma pontada profunda de inveja, desejando que pudesse estar ali — o cabelo preso, a canela guardada embaixo de meias, completamente viva em seu corpo, no momento —, desejando ter crescido numa época em que os esportes fossem uma parte rotineira na vida de uma garota. Ela seria uma pessoa mais feliz agora, tinha certeza.

A situação tinha mudado de forma preocupante na parte final do segundo tempo. Agora eram as Comets que dominavam, montando um assalto ofensivo após o outro, conseguindo mandar vários chutes ao gol — incluindo um pênalti que bateu na trave —, mas sem marcar. As Stars pareciam intimidadas, como se tivessem desistido de tentar ganhar e decidido que o melhor era deixar o relógio correr e escapar com um empate.

— Vamos, senhoritas! — Frank gritava da lateral, Ruth tinha se afastado dele no segundo tempo, incapaz de aguentar seu entusiasmo, sua voz tão cheia de emoção que Ruth sentia vergonha pelos dois. Era simplesmente inacreditável que tivesse passado duas horas com um homem assim, quanto mais doze anos de sua vida. — Vamos mostrar mais determinação!

Sentindo o cheiro de sangue, mas claramente frustradas pela incapacidade de marcar, as Comets lançaram um furioso ataque, subindo com duas defensoras ao campo de ataque para aumentar a pressão sobre as cercadas Stars, que não conseguiam afastar a bola de seu gol, por mais que tentassem.

— Oh, Jesus — reclamou Arlene. — Isso não é bom.

Uma das Comets — uma magricela com cabelo loiro bem curtinho — chutou a bola bem longe. Alguns segundos depois, a mesma garota cobrou com excelência um escanteio bem na frente do gol das Stars, mas Louisa reagiu rapidamente, agarrando depois que a bola quicou. Sem um segundo de hesitação, ela correu para a frente e mandou a bola para o meio do campo, do lado direito. No começo pareceu para Ruth que estava jogando aleatoriamente, só tentando que a bola fosse o mais longe possível, mas de repente ficou claro que era uma manobra planejada, porque Maggie já estava ali, movendo-se muito rápido, como se soubesse onde a bola cairia antes que Louisa a tivesse soltado, antes que as Comets sentissem o perigo.

Maggie controlou a bola perto do meio de campo, sem nada a não ser a grama entre ela e o gol. Parecia para Ruth um desses cenários de algum sonho muito desejado — uma jogadora na frente, todo o resto correndo atrás, incapaz de alcançá-la. Quando ficou claro que a ajuda chegaria muito tarde, a goleira das Comets começou a correr na direção dela, esperando forçar um chute errado. Maggie continuou avançando como se a goleira não estivesse ali, e Ruth achou, por um segundo, que outra colisão seria inevitável.

— Chuta! — Frank estava gritando. — Manda pro gol!

Mas Maggie não chutou. Com a goleira vindo em sua direção, ela mandou a bola de lado em vez de direto para a frente, uma manobra que não fez nenhum sentido para Ruth até ela notar que Candace Roper também tinha corrido mais que as Comets e estava ao lado de Maggie no momento exato para receber o inesperado passe.

Candace teve um pouco de dificuldade em controlar a bola, dando tempo para a goleira girar e fazer uma corrida desesperada de volta ao gol, mas era tarde demais. Quando chegou ali, o chute de Candace — um toque fraco facilmente defensável em outras circunstâncias — já tinha cruzado a linha do gol.

Não era verdade, como certas pessoas insistiriam nas semanas seguintes, que Ruth tinha ido ao Parque Shackamackan naquela manhã pensando em causar problemas. Na verdade, problema era a última coisa em sua mente quando o juiz apitou para terminar o jogo, dando às Stars a dura vitória de três a dois.

— Ganhamos! — gritou Arlene, abraçando Ruth e pulando ao mesmo tempo. — Não acredito que ganhamos!

— Que grande jogo — disse Ruth. — As garotas não se entregaram.

Ela estava surpresa por se sentir tão vibrante — orgulhosa principalmente de Maggie, mas misteriosamente sentindo-se validada como mãe —, e esses bons sentimentos até transbordavam para Frank quando ele se aproximou com um sorriso no rosto. Ele parecia elétrico, do mesmo jeito que ficava quando passava a noite toda escrevendo um artigo.

— Dá para acreditar na sua filha? — ele perguntou. — Ela não é maravilhosa?

Ruth estava a ponto de concordar com tudo, mas se conteve quando viu que Eliza tinha vindo da mesa de piquenique até eles.

— Você perdeu um jogão — informou Frank.

Ela deu de ombros.

— Como esteve Maggie?

— Boa — contou Ruth. — Elas ganharam.

Eliza assentiu e Ruth pôde ver a luta da filha mais velha em dar um sorriso fraco.

— Legal — falou.

Ruth tinha pena da menina. Eliza estava numa situação complicada. O divórcio tinha sido duro para ela, os artigos nos jornais sobre sua mãe a deixaram mal e a puberdade havia chegado muito forte. Em três anos, tinha passado de uma garotinha adorável a uma adolescente corpulenta, com proporções estranhas e um cabelo ensebado — não importava quantas vezes lavasse —, os olhos sempre semicerrados e a boca geralmente aberta com uma expressão constante de desorientação. Suas notas eram medíocres e sua melhor amiga a tinha trocado por um grupo mais popular.

— Maggie estava *boa*? — perguntou Frank. — Está brincando comigo? Ela detonou.

A única reação de Eliza foi cobrir o lábio inferior com o superior, um hábito estranho que tinha desenvolvido nos últimos meses.

— Podemos ir agora? — ela perguntou ao pai. — Estou morrendo de fome.

— Não tivemos tempo para tomar café hoje de manhã — Frank explicou. — Prometi às garotas que ia levá-las até a lanchonete depois do jogo. — Ele hesitou, olhando primeiro para Eliza, depois para Ruth. — Você pode vir também, se quiser.

Ruth ficou tentada — gostaria de conversar sobre o jogo com Maggie, e ver o que podia fazer para animar Eliza —, mas ela e Frank tinham concordado em evitar ao máximo as saídas "familiares", para evitar que as garotas pensassem sobre a possibilidade de uma volta.

— Não, obrigada — ela falou. — Preciso ir. Vou me despedir de Maggie.

Ruth deu um beijo no rosto de Eliza, aí cruzou o campo bem quando as Comets começaram seu grito de guerra obrigatório depois do jogo.

As Stars não tinham cantado seu grito de guerra ainda; estavam sentadas em círculo na grama, de mãos dadas, parecendo inesperadamente solenes enquanto ouviam o que Tim Mason e John Roper diziam. Os treinadores eram parte do grupo e isso deixava a cena ainda mais bonita — os dois adultos de mãos dadas com a completa falta de timidez que mostraram enquanto dançavam no intervalo —, até que Ruth percebeu de repente o que estavam fazendo, quando tudo deixou de parecer bonitinho.

— Com licença — ela falou, acelerando o passo. — Só um minuto!

Várias garotas se viraram ao som da voz dela, incluindo Maggie. Ruth sentiu o olhar de espanto nos olhos de sua filha, o pedido silencioso para que ficasse fora disso, mas ela não diminuiu.

Tim Mason ignorou sua aproximação. Continuou olhando para o chão e falando em voz baixa.

— ... e todas as bênçãos que Ele concede a nós. Nossos pais, nossas famílias, todo o material...

— Ei? — interrompeu Ruth. — Você não pode fazer isso.

O treinador parou de falar e olhou para cima.

— Isso é ridículo — continuou Ruth. — Elas não são suas filhas.

O olhar que dirigiu a ela não era desafiador, mas calmo e firme.

— Participe também — ele falou. — Você é muito bem-vinda.

— Maggie — disse Ruth, a voz mais dura do que ela quis. — Saia já daí.

— Mãe — falou Maggie.

— Ruth — disse John Roper. — Acalme-se.

Tim Mason olhou para Maggie.

— Ela precisa ouvir isso — ele disse. — E você também.

— Você não me conhece — Ruth falou para ele. — Não me venha dizer do que eu preciso.

— Você não é diferente de nenhuma outra pessoa — ele respondeu. — Todos precisamos da mesma coisa.

Ruth estava espantada pela onda de ódio que percorreu todo o seu corpo. Era como se tudo o que tivesse engolido nos últimos seis meses — o abuso, os insultos, a humilhação — tivesse se juntado numa bola de ferro que subia da barriga até a garganta. Ela agarrou o braço de Maggie, colocou-a em pé e a tirou do círculo.

— Está tudo bem, mãe — sussurrou Maggie. — Está tudo bem mesmo.

A docilidade na voz de sua filha fez com que parasse por um segundo, perguntando-se se tinha feito a coisa certa. Mas tinha, sabia que tinha. Respirou fundo e apontou o dedo para o treinador.

Vou falar do que preciso — ela disse. — Preciso que você fique longe da minha filha.

PARTE DOIS

O bom sexo cristão

Corrida de três pernas

Abby estava quieta no carro no domingo de manhã e, como sempre, Tim não sabia o que fazer com seu silêncio. Será que estava triste por deixá-lo por outra semana ou aliviada por retomar sua vida normal, para a casona chique onde vivia com sua mãe, seu padrasto e seu irmãozinho? Ou só estava perdida em seus próprios pensamentos, preocupada com sua lição, ou com alguma confusão entre suas amigas que não tinha nada a ver com ele?

— Você está bem?

— Estou — disse ela, um pouco rápido demais. — Por quê?

— Não sei. Parece um pouco apagada.

Ela insistiu que estava bem, fazendo com que se perguntasse se a tristeza estava toda do lado dele, se estava tentando encontrar um sinal de que queria ficar mais com ele. Não podia deixar de sentir um pouco de saudade de quando era criança, a menininha cujo humor era tão óbvio quanto o clima. No último ano, tinha começado a usar uma máscara com ele, fazendo com que toda interação fosse um jogo de adivinhação. Não ajudava o fato de que Tim nunca conseguia se decidir se essa estranheza era somente algo normal da adolescência começando ou algo mais específico entre os dois.

— Oooh, veja — ela falou, girando a cabeça para seguir um carro esporte que passou por Pembroke Boulevard. — É um Audi TT. Essas coisas são incríveis.

Tim não respondeu. Desde que Abby começou a estudar em uma escola particular, ela tinha desenvolvido o que ele achava ser um

desencorajador entusiasmo bem informado pelas melhores coisas da vida — TV de plasma, Rolex, bolsas de grife, iPod, carros que custavam mais do que ele ganhava em um ano — e tentava, sem querer parecer superior, mostrar que não ficava tão impressionado quanto ela, embora a menina não parecesse se importar muito com a opinião dele, de qualquer forma.

— Talvez um dia desses você possa vir a uma reunião dominical comigo — ele arriscou. — Sabe, só tentar. Ver o que você acha.

— Você teria que falar com a mamãe.

Os dois sabiam o que isso significava. O acordo de custódia dava a sua ex-esposa controle exclusivo sobre a orientação educacional e espiritual da filha, e Allison se recusava categoricamente a deixar que Abby pisasse no Tabernáculo, que chamava de "aquela casa de loucos". Tim entendia muito bem de onde vinha isso e, se ele tivesse vindo do mesmo lugar, provavelmente se sentiria exatamente igual. Mas aquele lugar era um pântano de vaidade e autoilusão, e ele rezava para que Allison encontrasse seu caminho e saísse disso, no futuro, por mais improvável que fosse.

Não que ele estivesse perdendo o sono pelo estado da alma de sua ex-mulher; ela era adulta, responsável por sua própria vida, tanto nesse mundo como no próximo. Mas Abby ainda era uma criança, e Tim se sentia um covarde e um péssimo pai, deixando que um juiz de família ficasse entre sua filha e Deus.

Era louco: ele podia ser o treinador de futebol de Abby, mas era impedido de guiá-la em algo muito mais importante, a única coisa que importava.

— Então, hã, o que você vai fazer o resto do dia?

— Descansar — disse ela. — Provavelmente trocar umas mensagens no computador e depois ir ao shopping.

Tim se arrependeu na hora pela maneira como suspirou, sabendo que isso o fazia parecer um Ned Flanders sem o bigode.

— É o Dia do Senhor, querida. Você não deveria ir ao shopping.

— Talvez a gente vá ao cinema — ela falou. — Não tenho certeza.

Sua sensação de impotência — de fracasso pessoal — intensificou-se quando entrou em Greenwillow Estates, um condomínio luxuoso cheio de mansões, uma monstruosidade mais brega e presunçosa que a outra. Seu desgosto com o excesso das casas — que família realmente *precisava* de dois mil metros quadrados de espaço? — era agravado por uma reclamação profissional. Tim era agente hipotecário, mas de alguma forma nunca conseguiu se conectar com o tipo de cliente que comprava casas como essas. Só lidava com os mais pobres, gente que conhecia na igreja, principalmente — famílias trabalhadoras, com duas rendas, pouco crédito e sem poupança, que só podiam se candidatar para empréstimos de juros altos e taxas variáveis que permitiam comprar uma casinha meio caída em alguma rua movimentada ou em algum bairro distante.

Passando pelos jardins enormes, completamente imaculados da Country Club Way — era meio de outubro, e havia pouquíssimas folhas caídas à vista — ele fantasiou, como fazia toda semana, com fazer uma curva em U e ir direto para o Tabernáculo. Que prazer seria entrar na igreja com sua garotinha ao lado, a pessoa que ele mais amava no mundo, ficar ao lado dela ouvindo a palavra de Deus, cercada pelo amor que preenchia os espaços vazios, todas as doces vozes se juntando em uma canção.

Mas isso não aconteceria. O padrasto de Abby era advogado e, pelo que ele sabia, muito competente. Apesar de Mitchell ser sempre muito educado e amigável, Tim não tinha ilusões em relação às consequências que sofreria se violasse o acordo de custódia. O Pastor Dennis o teria encorajado a fazer isso — a se levantar para defender o que era certo e confiar em Jesus —, mas Tim não tinha chegado a esse nível de fé ainda. Havia uma ligação especial entre ele e Abby — sentiu isso na primeira vez que a viu, apenas segundos depois de sua chegada a esse mundo —, e essa conexão tinha sobrevivido a todo tipo de confusão, aqueles anos quando ele desapareceu no deserto e infligiu todo tipo de sofrimento às pessoas que amava. Ele tinha muitos acertos a fazer e não podia aguentar passar um minuto a menos com sua filha do que já passava, quanto mais arriscar a possibilidade de ser impedido de vê-la.

Mitchell e Allison viviam num lugar chamado Greek Revival, em Running Brook Terrace, uma casa monumental de tijolos com uma sacada apoiada em pilares. Ao parar seu Saturn na calçada superlarga, perto de uma SUV Lexus negra muito brilhante, Tim deixou o carro ligado enquanto se

virava para sua filha. Era uma forma de prolongar o tempo deles juntos, como se seus direitos de custódia não terminassem oficialmente enquanto ele não desligasse o motor.

— Minha garotinha — disse ele, passando a mão sobre o cabelo escuro e liso dela, tão parecido com o seu. — Você vai ficar bem, não vai?

Ela olhou para ele, o rosto vazio e paciente. Depois de um longo momento, assentiu:

— Vou, pai.

Ele sentia tanto amor pela filha que era até dolorido e gostaria de pensar em algo para dizer que fizesse justiça ao que sentia. Mas as palavras nunca surgiam quando ele precisava delas.

— Vou sentir saudade, Ab.

Ela riu contente — o primeiro som de felicidade que tinha saído de sua boca a manhã toda — e deu um tapa no joelho dele.

— Cara — ela falou —, é só uma semana.

Allison estava parada sob a luz do sol, no *foyer* de dois andares — tinha um candelabro brilhante que podia ser levantado ou abaixado por controle remoto —, parecendo docemente desarrumada em um roupão de seda dourada que Tim nunca tinha visto antes, amarrado não muito forte para que ele pudesse visualizar a tentadora camisola preta transparente que ela usava por baixo. Ela abraçou Abby, depois o convidou para o ritual da xícara de café de domingo e o interrogatório paterno. Ele poderia ter ido embora, claro, poderia ter dito que estava com pressa, que tinha de se aprontar para a igreja ou algo assim, mas nunca o faria. Ela era a mãe de sua filha, uma mulher que o defendera por mais tempo do que tinha merecido antes de finalmente jogar a toalha e o mínimo que podia fazer era lhe dar quinze minutos semanais de seu tempo.

Ele só queria que ela vestisse mais roupa. Allison era uma mulher bonita — mesmo aos quarenta anos, com dez quilos a mais depois de dois partos que pareciam ter vindo para ficar —, e Tim precisava se forçar a manter os olhos nos lugares apropriados, enquanto caminhava pela sala de jantar até a entrada da sala da família, onde parava para cumprimentar

Mitchell e o filho de dois anos deles, Logan, que estava brincando com um jogo de madeira que parecia ter saído de um catálogo de brinquedos educativos feitos de materiais naturais pelos melhores artesãos do Velho Mundo.

— *Hola* — disse Mitchell. Tinha cara de criança, quase quarenta anos, cabelo enrolado e um corpo forte. — E o *Senor* Tim.

— *Hola* para você também — respondeu Tim. — Como está o pequeno?

Mitchell colocou dois dedos ao redor do braço de Logan.

— Forte como um touro — declarou num ridículo acento russo que fez o menino rir, aumentando a sensação de que tinha sido clonado de seu pai.

Abby tirou a jaqueta e se uniu ao irmão e ao padrasto, enquanto Tim e Allison seguiam para a mesa do café da manhã. Era possível, ele pensou, que houvesse uma explicação inocente para o fato de sua ex-esposa estar vestida indecentemente quando ele aparecia nos domingos de manhã — era verdade que ela nunca tinha tido vergonha de seu corpo e gostava de passar os fins de semana meio nua desde que ele a conhecesse —, mas não podia deixar de suspeitar que ela sentia alguma satisfação em lembrá-lo de tudo o que tinha jogado fora, todos os prazeres e privilégios que tinha deixado de lado pela simples e estúpida razão de que gostava mais de ficar chapado do que de ser marido e pai.

Se essa era sua estratégia, estava funcionando muito bem. Parada embaixo dos arcos de uma cozinha dos sonhos — parecia um cenário de filme, não um lugar em que pessoas de verdade cozinhavam comida de verdade —, vendo como servia o café, ele não podia deixar de perceber como seu roupão era desavergonhadamente curto, não muito maior do que uma minissaia, que o fazia pensar em quão curta era a camisola, o que levava, inevitavelmente, a pensamentos mais específicos sobre seu corpo e as muitas formas como ela tinha se entregado a ele durante vários anos. Mitchell deve ter sentido que havia morrido e entrado no paraíso, um advogado especializado em propriedades, nerd e intelectual, vivendo numa casa como essa com uma esposa que tinha um morango negro tatuado na bunda — ela tinha feito isso no meio dos anos oitenta quando ainda era

ousado — e, a menos que as coisas tivessem mudado, um incomum apetite sexual. Toda a coisa de pagamento-gratificação havia realmente dado certo para o cara, e Tim não podia deixar de sentir inveja por sua disciplina e visão de futuro.

O balcão onde tomavam café era longo e brilhante, a parte de cima era uma folha de granito azul polido com uma pia estranhamente funda numa das pontas. Sentada diante dele, Allison arrumou as lapelas de seu roupão com um gesto de modéstia tardia, como se tivesse acabado de perceber o que estava usando e quem era ele.

– Então, como foi o jogo ontem?

– Ganhamos. Estamos disputando o primeiro lugar na divisão.

– Uau — ela parecia impressionada, embora os dois soubessem que ela não dava a mínima. — Como Abby jogou?

– Muito bem.

Deu um gole no café, um pó escuro que Allison insistia que era melhor do que o da Starbucks, embora Tim nunca conseguisse sentir a diferença.

– Mas, não se assuste, ela se chocou feio perto do final do jogo. Ela e uma outra garota trombaram a toda velocidade e Abby ficou desmaiada por um ou dois minutos.

– Oh, meu Deus, você...

– Não se preocupe. O Dr. Felder disse que ela está bem, nenhum sinal de concussão ou algo assim. Ele disse só para ficar de olho nela, mas não prevê nenhum problema. Você pode ligar para ele se quiser.

Tim esperava ser questionado sobre os detalhes — sabia que ela questionaria a firmeza dos julgamentos dele, algo que vinha dos dias em que suas preocupações eram mais do que justificadas —, mas sua explicação pareceu satisfazê-la. Ela balançou a cabeça com o que parecia uma empatia verdadeira.

– Deve ter sido aterrorizante.

– Você não tem ideia.

– Ainda bem que foi com você — ela falou, girando o pescoço em um movimento preguiçoso. Allison recentemente tinha feito luzes loiras no cabelo, e Tim gostou do jeito que cintilavam contra o dourado escuro de seu roupão. Sempre tinha gostado do cabelo dela; costumava provocá-lo com o cabelo quando estavam fazendo amor, passando no rosto e na barriga dele como uma vassoura, e nunca reclamava se ele puxava quando o sexo era mais selvagem.

– Teria tido um ataque do coração.

A conversa parou por uns segundos, o suficiente para ele registrar a música que estava tocando no fundo; era Dead, uma versão ao vivo de "Cassidy" que nunca tinha ouvido. Ele se surpreendeu.

– O que é isso, um *bootleg*?

– Um daqueles álbuns Dicks Picks — ela falou.

– Desde quando você...?

– Eu sempre gostei deles — disse ela, um pouco na defensiva.

– Novidade para mim.

– Aprecio a música. Só não gostava de todas as drogas e loucura.

– Está bem — ele concordou. — Como você quiser.

Ela olhou para ele como se estivesse muito curiosa.

– Você ainda gosta deles?

– Não muito. Estou tentando deixar tudo isso para trás.

– Deve ser difícil — ela sorriu triste, reconhecendo a profundidade do sacrifício dele.

– Um pouco mais fácil a cada dia.

– Que ótimo — ela fez uma pausa, permitindo que Jerry terminasse uma parte mais jazzística, aquele som limpo e ensolarado que ninguém podia reproduzir. — E como está Carrie?

– Bem — ele não gostava de conversar sobre sua esposa com Allison, embora ela ficasse muito feliz em falar sobre seu marido com

ele. — Como sempre.

— Bom, diga que eu mandei um beijo.

Tim assentiu, sentindo-se momentaneamente desorientado. Sentado diante de Allison, nessa incrível cozinha, ouvindo Grateful Dead num domingo de manhã, era fácil acreditar que essa era sua vida — a vida *deles* —, uma nova versão melhorada daquela que ele tinha detonado de maneira tão absurda. Abby estava com eles, e Mitchell, Logan e Carrie eram apenas pessoas que eles conheciam, e não eram muito importantes. Era uma sensação tão convincente que ele precisou fazer um esforço para lembrar que perder aquela vida, por mais doloroso que tivesse sido, fora a melhor coisa que havia acontecido. Deus tinha um plano para ele e envolvia algo mais importante do que uma casa grande, uma esposa bonita e uma família feliz e inabalável. Ele desceu do banquinho e apertou sua palma contra o calor da caneca.

— Preciso ir — disse.

Na maior parte do tempo, Tim sentia-se bastante confortável em seu apartamento novo — dois dormitórios com piso de madeira, ar-condicionado central, lareira a gás e balcões de granito —, mas sempre parecia pequeno e escuro quando voltava de Greenwillow Estates. Tudo estava bastante espremido — o armário do tamanho de meia banheira perto da entrada, a mesa da cozinha apertada entre a geladeira e a máquina de lavar louça, forçando-o a ficar de lado quando estava servindo a comida ou limpando. Os móveis, que eram bonitos, e nada baratos, pareciam comuns e desinteressantes, e até um pouco cafonas, de uma maneira que ele não conseguia definir.

Teve uma reação parecida com Carrie, que estava sentada no sofá da sala, folheando uma revista *Parade*. Com Allison fresca em sua memória, ela parecia mais pálida e menos vivida do que o normal, vagamente desapontadora. Ele deve ter olhado um pouco demais para ela, ou com muita intensidade, porque ela baixou a revista e olhou com um sorriso preocupado.

— Está tudo bem?

— Ótimo.

— Como está a mãe de Abby? — Por algum motivo, Carrie insistia em se referir a Allison dessa forma, e Tim nunca conseguiu decidir se ela usava isso como um ataque sutil ou uma expressão de respeito.

— Difícil saber. Só parei por um ou dois minutos.

Ela assentiu, mantendo seu olhar treinado no rosto dele, como se esperasse outras instruções. Apesar de já estar vestida para a igreja, sabia que estava esperando que ele pegasse sua mão e a levasse para o quarto, como sempre fazia nos domingos pela manhã, aproveitando o breve interlúdio — o primeiro momento livre do fim de semana — entre levar Abby e ir para a igreja.

Mas Tim ficou parado ali, as mãos enfiadas no bolso, lembrando da promessa que tinha feito ao Pastor Dennis depois da Noite de Estudos Bíblicos na quarta-feira, de não tocar sua esposa até ter limpado sua cabeça e purificado seu coração. Porque era enganoso e desrespeitoso fazer amor com Carrie depois de ficar excitado com Allison, transformando uma mulher na substituta da outra.

— Você parece chateado — ela falou. — Posso preparar ovos ou outra coisa?

Ele balançou a cabeça, sentindo uma súbita onda de afeição por ela. Carrie era uma garota doce e não queria nada exceto fazê-lo feliz. Caminhou até o sofá e esticou sua mão, como se a estivesse tirando para dançar.

— Ore comigo — ele falou. — Você faria isso?

Tim e Carrie estavam casados há menos de um ano. O Pastor Dennis os apresentara durante um piquenique da igreja logo depois que Tim havia entrado no Tabernáculo e renascido em Cristo.

— Quero que você conheça alguém — ele falou. — Acho que vai gostar dela.

Tim ficou agradavelmente surpreso quando o Pastor o levou até a mesa de condimentos, onde uma loira com jeito de cantora de folk estava lutando contra um saco grande de garfos, colheres e facas de plástico que parecia não querer abrir. Ao contrário da maioria das solteiras que participavam do Tabernáculo, ela era jovem e razoavelmente bonita, com cabelo comprido

liso e lindos olhos azuis. Na forte luz da tarde, Tim não deixou de perceber que sua blusa simples — uma roupa fina e bordada, o tipo de coisa que garotas liberais usavam no final dos anos setenta — era transparente o suficiente para ver facilmente o contorno de seu sutiã por baixo, o que era o mais excitante que se podia esperar em uma reunião como essa. Seus seios eram cheios, não tanto quanto ele gostava, mas teve de fazer um esforço para parar de olhar na direção deles. Não sentia orgulho por se comportar de maneira tão ímpia, mas tinha sentido luxúria por mulheres desde seus doze anos e era um hábito mais difícil de abandonar do que tinha imaginado.

O Pastor Dennis pegou o pacote problemático de Carrie.

— Você está demitida — falou brincando. — Agora saia daqui. E leve esse cara com você, certo?

Carrie riu tímida para Tim, passando as costas da mão por sua testa suada.

— Ei — ela falou. — Você é o guitarrista.

— Baixista — ele corrigiu, momentaneamente distraído pelo Pastor Dennis, que não estava tendo mais sorte com o pacote. Ele o agarrava com as duas mãos, um sorriso forçado, como um homem tentando rasgar uma lista telefônica.

— Meu Deus — ele murmurou.

— É um plástico realmente grosso — avisou Carrie.

Com um final grunhido heroico, o Pastor rasgou o pacote em dois, soltando uma cascata de utensílios por toda a mesa, incluindo algumas facas que caíram em cima de um prato de feijão. Tim e Carrie tentaram ajudá-lo com a bagunça, mas ele os expulsou.

— Estou bem — ele insistiu. — Vocês dois vão se conhecer melhor. Aposto que têm muitas coisas em comum.

Sentaram-se na sombra, bebendo refrigerante morno, vendo as crianças se amarrando em preparação para a corrida de três pernas. O Tabernáculo era uma igreja relativamente nova naquele momento — só havia começado há dois anos, depois que o Pastor Dennis e algumas famílias insatisfeitas tinham se separado da Living Waters Fellowship, em Gifford Township, que

acusaram de ser "um bando de hipócritas melosos e sentimentaloides que amavam mais a TV a cabo do que Jesus Cristo"—, então só havia umas doze crianças competindo, que iam de cinco ou seis anos até doze ou treze.

No geral, Tim não conseguia parar de pensar, eram um grupo pouco atrativo, os meninos magrelos e sombrios, as garotas com muita roupa para um dia quente, visivelmente desconfortáveis, nada como as patricinhas confiantes com quem Abby jogava futebol. Eles estavam parados com má postura, assentindo sérios enquanto o Pastor de Juventude, Eddie, explicava que o pecado era como uma terceira perna, algo estranho que crescia e nos fazia mancar quando tentávamos caminhar pela vida. Se pudéssemos nos livrar dele, caminharíamos como o vento, com nosso Salvador ao lado.

Era uma metáfora interessante e não parecia atrapalhar a diversão de ninguém. Quando começou a primeira corrida, os pequenos dispararam, conseguindo dar uns passos estranhos antes de gritar alarmados e cair na grama com seus parceiros. Depois de uns poucos segundos de risos, eles conseguiram se levantar e recomeçaram, arrastando aquela perna extra o melhor que conseguiam.

— Você teve uma vida muito interessante — Carrie disse para ele.
— Eu não fiz quase nada.

Até onde ele podia ver, ela não estava exagerando. Era uma mulher de vinte e quatro anos, criada em um lar estritamente evangélico, que não tinha feito faculdade ou morado sozinha. Raramente saía, não tinha amigas fora da igreja e passava os dias dirigindo o escritório do agente de seguros cristão que era amigo da família. Da forma como descrevia, o único ato desafiador que já tinha realizado era ter seguido o Pastor Dennis ao Tabernáculo, contra o desejo de seus pais, que tinham ficado na Living Waters. Fazia sentido que ela ficasse intrigada pelo passado acidentado de Tim, principalmente as bandas de rock em que ele tinha tocado quando tinha a idade dela.

— Deve ter sido incrível — ela falou, como se ele tivesse contado que tinha subido o Monte Everest ou lutado numa guerra. — Nem consigo imaginar.

— Parecia muito divertido na época — ele concordou. — Mas eu era egoísta. Machuquei muitas pessoas.

— Mas agora você está salvo — ela falou. — Então está tudo bem.

Por um ou dois segundos, ele não teve certeza se ela estava brincando. Isso acontecia muito nos primeiros meses no Tabernáculo, antes de passar mais tempo com cristãos fervorosos. Ele tinha se acostumado tanto a conviver com safados, mentirosos e viciados que se sentia desequilibrado quando alguém conversava com ele de maneira direta, sem dúvidas ou ironia.

— É maravilhoso — ele confirmou. — Mas carrego muita culpa ainda.

Ele comentou sobre Allison e Abby, e o remorso com o qual convivia.

— Perdemos uma casa — ele contou. — Cheirei os pagamentos da hipoteca.

— Sou uma pecadora, também — Carrie disse.

Ele assentiu, compreendendo que suas intenções eram boas, mesmo se estivesse falando besteira — expressões cristãs criadas para fazer com que as pessoas se sentissem um pouco melhor, um pouco menos sozinhas.

— Não se parece com uma pecadora — ele falou, olhando para o campo, onde a segunda corrida tinha começado. Os gêmeos Rapp, de onze anos, Mark e Matthew, estavam correndo juntos, se distanciando do grupo, como se a terceira perna deles fosse a coisa mais natural do mundo. Carrie riu, um pouco mais alto do que ele esperava, e tocou de leve em seu braço.

— Não importa como se parece — ela garantiu. Se não tivesse consciência de onde estavam, ele poderia ter pensado que a garota estava flertando com ele. — Importa o que se faz.

Eles se encontraram muitas vezes nas semanas seguintes, bem mais do que poderia ser considerado coincidência. O Pastor Dennis o convidava para jantar, e Carrie estava lá, também, junto com outros fiéis, assim não parecia tão óbvio. Se ele fosse voluntário para pintar o santuário no sábado de manhã, descobria que ela tinha se oferecido para a mesma tarefa. Quando ofereceu seu Saturn para caronas até o Festival de Jesus, ela acabou sentada no banco do passageiro. Ele entendeu imediatamente o que estava

acontecendo — não havia muitos solteiros no Tabernáculo, e o Pastor Dennis estava sempre avisando sobre os perigos de saírem com não crentes —, então ele tentava, o mais educadamente possível, mostrar que não estava interessado.

A coisa que mais o espantava era entender por que uma boa garota cristã como Carrie iria *querer* se envolver com um cara como ele. Não conseguia ver que ele era uma mercadoria já estragada — pai divorciado, viciado em recuperação, músico que poderia ter seu próprio episódio de *Por trás da música*, se alguém tivesse pelo menos ouvido falar nele?

O outro lado de sua incapacidade de ver o que havia para Carrie era uma consciência muito evidente do que *não havia* para ele. Porque o fato triste era que, mesmo agora, depois de ter aceitado Jesus em seu coração, deixado para trás as drogas e o álcool e se comprometido a caminhar sob a luz do Senhor, ainda não conseguia ficar excitado com boas garotas cristãs. Certos tipos de pasta de dentes, acabou descobrindo, eram mais difíceis de colocar de volta no tubo do que outros.

Parcialmente era só hábito — pelo menos ele esperava que fosse. As mulheres com quem tinha se relacionado no passado, Allison incluída, fumavam, bebiam e eram — bem — devassas, garotas más com calças apertadas que adoravam sair em fotos e riam sobre a vez em que bateram uma punheta para um estranho bonitinho no ônibus, porque era uma longa viagem de Harrisburg até Nova York e não tinham mais nada a fazer para passar o tempo. Não era que Tim quisesse se sentir atraído por mulheres assim, ele simplesmente *era assim*, e às vezes parecia que sua sexualidade tinha sido deturpada durante esses anos e nunca tinha sido capaz de endireitá-la.

Todo o assunto era tão complicado e confuso que ele nem sabia por onde começar quando o Pastor Dennis puxou-o de lado depois do culto de domingo, um mês depois do piquenique, e perguntou por que era tão frio com Carrie, quando era óbvio que ela sentia muito afeto por ele.

— Eu... eu... não sei — ele gaguejou. — Quero dizer, ela é uma garota doce e tudo. Mas é tão jovem. É como se vivêssemos em planetas diferentes.

O Pastor Dennis parecia não ter ficado feliz com essa resposta.

— Os dois amam Jesus — ele falou. — Isso parece ser o mesmo planeta para mim.

O Pastor tinha certa razão, mas era muito mais fácil para Tim murmurar algo sobre a diferença de idade do que contar a verdade, que ele estava envolvido em um estranho e estúpido caso com uma mulher casada que era a completa antítese de Carrie e, triste dizer, fazia muito mais o tipo dele.

Deanna Phelan era uma conselheira de vícios que tinha conhecido uns anos antes no que, para ele pelo menos, acabou sendo um programa de reabilitação espetacularmente desastroso no Hospital St. Bartholomew. Ela era a líder de seu grupo, uma mulher bonita que falava muitos palavrões e que se referia frequentemente, e com grande efeito cômico, à sua própria história impressionante de dependência química e comportamento autodestrutivo. Ela tinha ligado algumas vezes para ver como ele estava, mas Tim sempre estava muito ocupado para ligar de volta; no dia seguinte, ao fim do programa, tinha dado um salto triplo mortal de volta e embarcado em uma farra de coca que terminou com seu casamento e acabou levando-o a estar cara a cara com seu Salvador.

Ele não a viu novamente até pouco depois de ter se aproximado do Tabernáculo, quando eles se encontraram no Jiffy Lube, na McLean Road. Tim estava lendo sua Bíblia na área de espera quando ela entrou, falando tão alto ao celular, sem se dar conta disso, que parecia que estava em sua própria casa.

— Não estou dirigindo a porra de um restaurante, querido. Você quer algo diferente, cozinhe você mesmo.

Sua voz pareceu instantaneamente familiar — era rouca, um pouco beligerante e o fez levantar os olhos, mesmo não querendo —, mas só demorou uns segundos para localizá-la. Tinha um longo rabo de cavalo quando estava no hospital; agora era curto como o de um garoto, dando um ar moderninho que combinava bem com seu visual magricelo e conduta de garota má.

— Que mal, rapaz. Essa é a mãe que você tem. — Ela mandou um beijo pelo telefone. — Também amo você. Agora vá fazer sua lição.

Ela fechou o celular e encostou a palma da mão na lateral da cabeça, como se tentasse tirar água da orelha.

– Adolescentes — falou para ele, explicando.

Tim sorriu; seus olhos se abriram ao reconhecê-lo.

– Puta merda — ela falou. — E o Sr. Deadhead.

Feliz por ter sido lembrado, ele se levantou e apertou a mão de Deanna. Ela deu uma secada nele.

– Você parece muito melhor do que quando a gente se viu pela última vez.

– Estou sóbrio há um ano — ele contou, fazendo o máximo para não sorrir como um garoto que acabou de tirar A na escola.

– Que ótimo — ela falou. — Doze passos?

Ele mostrou sua Bíblia.

– Jesus.

Um olhar familiar de desapontamento cruzou seu rosto. As pessoas que não estavam salvas não queriam ouvi-lo falando de Jesus. Deixava-as desconfortáveis, como se estivesse se gabando de uma grande festa para a qual eles não tinham sido convidados, apesar de terem sido, claro.

– Há muita coisa assim acontecendo hoje em dia — ela falou.

– Não era forte o suficiente para fazer sozinho — ele explicou. — Precisava da ajuda Dele.

Ela parecia querer dizer algo desdenhoso, mas pensou melhor.

– Ei — disse ela, dando um aperto de parabéns no ombro dele. — Se isso funciona para você, sua esposa deve estar muito feliz.

O rosto de Tim ficou vermelho, como sempre ficava quando o assunto era sua situação civil.

– Nós, hã... não estamos mais juntos.

Ele contou um resumo da saga, afirmando que não culpava Allison por tê-lo deixado e insistindo que estava feliz por ela ter colocado os pés no

chão tão rápido, encontrando um homem que poderia dar o tipo de vida com a qual ela sempre tinha sonhado.

— É sério — ele disse, detectando um pouco de ceticismo no gesto de Deanna. — Aquela mulher merece um troféu.

— Você tem uma filhinha também, não é?

— Boa memória. Só que ela já tem dez agora, não é tão pequena. Estou tentando recuperar o tempo. Sinto que perdi toda a infância dela.

— Passa muito rápido — ela falou. — Nossos garotos estão no ensino médio agora. Eles nem sabem mais como falar. São só grunhidos.

O cara do Jiffy Lube chamou "Saturno azul" e Tim foi até o caixa pagar. Parou na saída para se despedir de Deanna.

— Foi muito bom encontrá-la — ele falou.

Ela colocou um cartão no bolso da camisa dele.

— Me liga se precisar conversar com alguém — ela disse, surpreendendo-o com um abraço que foi mais comprido do que o esperado. — Estou realmente orgulhosa de você, Tim.

Ele enfiou o cartão na carteira — tinha o telefone profissional de Deanna impresso na frente e o e-mail escrito à mão no verso — e falou para si que não havia nenhuma segunda intenção nesse gesto. Ela era somente uma amiga, fazendo a comum oferta pouco sincera para manter contato. Era ridículo ler qualquer sentido escondido nisso.

Exceto que ele estava solitário — há meses não tocava em uma mulher — e tão excitado quanto um adolescente. E uma voz em sua cabeça — a voz terrena do homem corrupto e egoísta que ele não queria mais ser — ficava lembrando que mulheres adultas não colocavam seus números de telefone no bolso de caras com os quais não queriam ficar em contato. Não importava se estavam casadas ou não. Ele já tinha vivido muito para saber que algumas pessoas estavam mais casadas que outras.

Usando uma incrível força de vontade, conseguiu passar duas semanas sem contatá-la, o cartão queimando em sua carteira o tempo todo. Mas aí o

Pastor Dennis deu um sermão com o assunto "Tentação" que o fez repensar sua estratégia.

— Sabem o que é tentação? — ele perguntou. — É um fungo. Esconde-se nos cantos escuros da alma, aquelas rachaduras úmidas e fissuras que preferimos esquecer. Bem, vou contar algo a vocês. Não dá para ignorar a tentação. Não, senhor. E assim que ela cresce. Você finge que não está ali, e logo essa pequena verruga se transforma em um cogumelo gigante venenoso com raízes profundas. Mas vejam como é fácil livrar-se disso! Não, a coisa a fazer com a tentação é encará-la sob o sol do meio-dia! Imediatamente! No segundo em que vocês perceberem que ela está aí! Coloque-a exposta ao ar fresco e à luz solar de Jesus Cristo! Porque sabem o quê, amigos? Aquele fungo nojento não aguenta a luz do dia! Ele se enrugam e morre! Amém!

Depois do sermão, Tim foi para casa e escreveu um longo e-mail para Deanna, contando sobre o Tabernáculo, que linda força positiva era em sua vida e como queria compartilhá-la com seus amigos. Ele não sabia qual era sua posição em relação a Jesus, mas achava que poderia ser uma boa ideia para ela e sua família visitá-los no domingo. Poderia ser uma experiência bastante poderosa para seus filhos, que, como adolescentes, estavam expostos a muitas coisas ruins que talvez não estivessem moralmente equipados para encarar. Esperava que não ficasse brava por ele ser tão direto, mas acreditava que Deus os havia unido por uma razão.

"Sei que você está procurando algo", ele escreveu. "Todos estamos. Sou uma prova viva da misericórdia de Deus. Meu único objetivo é louvar a Deus e espalhar a palavra."

"Que bom que você escreveu", ela respondeu. "Infelizmente, preciso dizer que não tenho o menor interesse na sua religião. Mas adoraria que nos encontrássemos para tomar um café. O melhor para mim é durante a semana."

A pretexto de encarar a tentação, Tim se encontrou com Deanna num Starbucks numa quinta de manhã da semana seguinte. Ela estava usando saia, salto alto e uma camisa com um decote profundo, e ele não conseguiu deixar de dizer como ela estava bonita. Quando a cumprimentou, no entanto, percebeu que tinha usado um tom errado, que esperava ser cordial, mas não galanteador.

— Obrigada — ela disse, mexendo nervosa em um bracelete. — Ainda bem que você aprovou. Devo ter colocado uns seis conjuntos antes de escolher esse. Foi difícil, porque não tinha certeza de que tipo de encontro seria.

— Não é nenhum encontro — ele garantiu. — E só... você sabe, velhos amigos se encontrando para um café. Nada de mais.

— Certo, ótimo — ela falou. — Bom que esclarecemos isso. Somos velhos amigos tomando um café.

E foi o que pareceu por um tempo. Eles conversaram sobre filhos, empregos e o desafio de ficar sóbrio, e trocaram histórias de horror dos dias que passaram com as drogas. Ela o atualizou sobre alguns membros de seu grupo no St. Bartholomew, incluindo um cara que estava na cadeia e outro que tinha morrido por dirigir bêbado.

— Poderia ter sido eu — ele falou. — Fiz tantas coisas estúpidas na época. Só foi pela graça de Deus que não me matei. Ou matei outra pessoa. Sabe por que o juiz me mandou ir para a reabilitação daquela vez?

— Foi por dirigir bêbado, não foi?

— Foi depois de um show. O guitarrista estava dormindo no banco do passageiro e comecei a dirigir na contramão. Não só dirigindo, *correndo*. Eram quatro da manhã, mas havia muitos carros e pensei que *eles* estavam errados. Fiquei buzinando e dando o farol alto, gritando para que aqueles estúpidos idiotas saíssem do caminho e acho que foi o que me salvou. Devo ter dirigido quase dez quilômetros antes da chegada dos policiais. Aparentemente, fiquei completamente indignado quando eles me algemaram. Fiquei perguntando: por que estavam me enchendo o saco e deixando aqueles loucos soltos?

Deanna riu e balançou a cabeça. Sem aviso, ela esticou a mão sobre a mesa e a depositou em cima da dele. O gesto pareceu tão natural e despretensioso que ele não pensou em resistir.

— E tão bom ver você — ela falou. — Sei que é pouco profissional admitir, mas eu fiquei um pouco a fim de você na época.

— Hã — ele falou, lisonjeado e alarmado ao mesmo tempo. Tirou a mão. — Não tinha ideia.

— É. Eu queria convidá-lo para sair, mas você nunca retornou minhas ligações.

— Convidar a mim? — ele perguntou. — Éramos casados, os dois.

— Não estou dizendo que era algo inteligente. — Sua expressão ficou encabulada. Ele sentia o pé dela se esfregando contra seu tornozelo embaixo da mesa. — Não sei. Tenho problemas com a monogamia de vez em quando. Claro, Jack é um cara ótimo, mas vinte anos é muito tempo.

Tim ouviu essa confissão tanto com desejo quanto consternado. Era exatamente o que ele temia. Ou era exatamente o que ele queria?

— Não acontece isso com comida o tempo todo? — ela perguntou. — Sabe, você adora frango, é sua comida favorita, poderia comer frango todo dia. E aí, um dia, é tipo, *bam*, você não consegue nem *olhar* para um frango.

— Eu... eu gosto de frango — ele titubeou, afastando sua perna do pé dela.

— Eu também — ela falou. — Foi algo hipotético.

Ele reuniu uma sensação urgente de determinação, tomou o restinho morno de seu café com leite e levantou-se como se tivesse ouvido um tiro.

— Foi muito bom — disse ele. — Mas preciso voltar ao trabalho.

— Agora?

— E, eu, hã...

— Eu o assustei?

— De jeito nenhum. Tenho um compromisso. Tinha esquecido completamente.

— Está bem — ela concordou, juntando os lábios e fazendo um biquinho. — Vai voltar a me ligar?

— Claro — ele assentiu, esticando a mão como se estivesse concluindo uma transação financeira. — Foi ótimo encontrá-la.

— Também achei — ela falou, imitando seu tom masculino enquanto apertava a mão dele. — Ótimo encontrá-lo.

Tim sabia que tinha se esquivado de uma bala e jurou para si mesmo que não deixaria voltar a acontecer. Dois dias depois, no entanto, Deanna mandou um e-mail no trabalho perguntando se ele estaria ocupado naquela noite. Tim respondeu que não tinha planos. Ela perguntou se poderia ir até a casa dele. Ele viu uma perfeita oportunidade para esclarecer as coisas entre eles.

"NÃO", escreveu. "NÃO SERIA UMA BOA IDÉIA. POR FAVOR, PARE DE ME TENTAR ASSIM. NÃO É ASSIM QUE QUERO CONDUZIR MINHA VIDA!!!"

Ele refletiu sobre as palavras na tela, sentindo-se orgulhoso de si por manter suas convicções. Mas, enquanto se congratulava, sentiu uma sensação revigorante de entrega se espalhando por todo o corpo. Tinha sido forte por tanto tempo. Mas a fraqueza era sua amiga antiga. Ele apertou o botão de backspace até que toda a tela estivesse limpa, depois digitou: "Claro, seria ótimo!!!".

Ele passou o resto do dia tentando se convencer a evitar o que tinha iniciado. Não conseguiu comer ou se concentrar no trabalho, só continuava tentando pensar em estratégias para evitar Deanna. Podia ir embora ou se esconder e deixar as luzes apagadas. Podia deixar um aviso na porta da frente pedindo para ela ir embora. Mas estava se enganando. Oito horas e ele tinha tomado banho, feito a barba e tremia de excitação quando abriu a porta. Ela entrou, usando tênis, shorts de Lycra e um top esportivo rosa e roxo. Ela deu um beijo, passando a mão por sua barriga até a fivela de seu cinto.

— E melhor você me fazer suar — ela disse. — Deveria estar na academia.

O caso se resumiu a isso — um monte de e-mails e uma hora de sexo ilícito uma ou duas vezes por semana. E, mesmo assim, parecia algo enorme, uma sombra escura sobre o resto de sua vida, incluindo — principalmente — sua relação pessoal com Jesus. Porque como ele poderia

amá-Lo da maneira que Ele merecia ser amado se não podia evitar o pecado ou, pior, se estava *procurando o* pecado? E como poderia louvá-Lo da maneira que Ele merecia ser louvado, quando suas orações sinceras por força caíam em ouvidos surdos?

Para seu mérito, Tim não desistiria sem lutar. Sempre que estavam juntos, ele jurava que iam acabar, que, por mais que gostasse de sua companhia, ele não podia mais continuar vivendo como um hipócrita, traindo as promessas solenes que tinha feito para si mesmo e para Deus. Ela agia como se acreditasse nele, assentindo triste e dizendo que ele tinha de fazer o que achava certo, que ela entendia completamente e sentiria saudade dele. Mas aí, algumas noites depois, como se a conversa nunca tivesse ocorrido, Deanna aparecia na porta dele sem ligar, com roupa de ginástica, e toda a farsa voltaria a se repetir.

Com o passar das semanas, os encontros ficaram cada vez mais hostis. Parecia que, às vezes, ela se deleitava com a fraqueza dele, sentindo um prazer perverso em assistir como ele desmoronava, como se sua incapacidade para se controlar se refletisse bem nela, como mulher. Mas o que realmente o irritava era o ar de inocência que a cercava, como se ele fosse a única pessoa moralmente comprometida na cama.

– O que acontece? — ele perguntou uma noite, enquanto ela fazia sexo oral nele. — Você vai para casa e dá um beijo em seus filhos com essa boca?

Ela olhou para ele, mais surpresa do que ferida.

– Eu escovo os dentes primeiro, se isso o faz se sentir melhor. Você acha que devo fazer gargarejo também?

– Não me importa o que você faz. Só estava curioso.

Uns minutos depois, quando Tim estava retribuindo, Deanna falou de repente:

– Fico imaginando o que Jesus faria.

Ele levantou a cabeça.

– O que foi? O que você falou?

– Fico imaginando se ele me chupasse, se faria esse giro com a língua? É um movimento muito gostoso.

– Deixe-O fora disso, por favor.

– Precisamos? — ela falou. — Podiam os dois me comer.

Essa deveria ter sido a última gota. Ele deveria ter levantado, juntado as roupas dela, mandando-a embora e que nunca mais voltasse. Mas simplesmente abaixou a cabeça e voltou ao trabalho.

Mais tarde, quando tentou entender por que tinha deixado que ela insultasse o Senhor desse jeito, pensou em duas explicações. A primeira, que fez com que se sentisse um pouco melhor, não era tanto uma explicação, era mais um reconhecimento do fato de que tinha pedido isso, que ela nunca teria falado uma palavra sobre Jesus se ele não a tivesse provocado falando sobre seus filhos. Nessa versão dos eventos, não falou nada por culpa e um instintivo sentido de justiça, sabendo que ele tinha cruzado uma linha de decência e que ela merecia a retaliação.

A segunda explicação, por outro lado, não o deixou melhor. Porque, quanto mais pensava naquilo, mais podia ver que a gozação dela contra suas crenças religiosas o tinha deixado tão excitado quanto ofendido, e que tinha esse efeito precisamente porque parte dele — o velho Tim, o viciado cínico que estava querendo continuar vivo — concordava com ela ou, pelo menos, estava querendo considerar a possibilidade de que esse vício por Jesus tinha perdido sua utilidade. Claro, tinha sido uma ótima muleta, ajudando-o a finalmente quebrar sua dependência do álcool e das drogas. Mas talvez fosse só isso. Talvez agora, que tinha conseguido se limpar, poderia largar Jesus e voltar ao que era antes, parar de tentar estar à altura do que estava se tornando um código de conduta bastante rigoroso, um caminho tão reto e estreito que um cara solitário de quarenta anos precisava se bater toda vez que fazia amor com uma mulher bonita que chegava à sua porta e se oferecia a ele com o coração aberto e nada a perder, o tipo de prêmio que, em qualquer outro momento de sua vida, teria aceitado como um presente milagroso do céu.

Quem sabia quanto tempo teria durado, até onde ele teria afundado, se não tivesse sido resgatado por uma batida na porta uma quinta à noite? Foi tão perto da saída de Deanna que Tim automaticamente presumiu que ela

tinha voltado para pegar algo que havia esquecido ou dar um último beijo, que foi por isso que ele abriu a porta só de cueca e um riso bobo que desapareceu à visão do rosto carrancudo do visitante.

— Uau — ele falou. — Não estava, hã...

O Pastor Dennis passou por ele sem dizer uma palavra, parando logo depois da porta para sentir o cheiro no ar com uma concentração canina.

— Adorável — ele falou, e apesar de Tim não ter percebido antes, de repente sentiu o forte cheiro de sexo no apartamento, tão penetrante e inconfundível quanto o cheiro de alho frito.

Sem esperar um convite, o Pastor Dennis atravessou a sala e se sentou no sofá, como se isso fosse uma visita social. Era uns dez anos mais jovem do que Tim, um cara magro com cabelo loiro bem fino, mandíbula proeminente e óculos grandes fora de moda. Com calças cáqui bem passadas e uma camiseta polo, ele se parecia exatamente com o que costumava ser — um geek que vendia computadores na Best Buy — antes de o Senhor bater em seu ombro e colocar outras responsabilidades em suas mãos.

— Você tem um bom apartamento — ele falou, olhando para a sala com poucos móveis. — Um verdadeiro apartamento de solteiro.

— É um lixo — disse Tim. — Mas é tudo o que consigo pagar no momento.

Tim já vivia ali havia um ano, mas a TV ainda estava sobre uma caixa de leite. O hediondo sofá xadrez e as cortinas tinham sido deixadas pelo inquilino anterior, um velho que tinha pedido para Tim adotar seus dois dachshunds trêmulos, que pareciam ter reumatismo — os dois não podiam ir para a casa de repouso para onde seus filhos queriam que ele fosse — depois o chamou de "FDP sem coração" quando se recusou.

O Pastor Dennis pegou a Bíblia que Tim mantinha na mesa de vidro da sala, a única peça decente de mobília no apartamento — alguém em Greenwillow Estates tinha jogado fora, por mais incrível que pareça — e começou a folhear as páginas. Era algo que Tim o havia visto fazer várias vezes nas reuniões de Viciados por Cristo, e raramente demorava mais de

alguns poucos segundos para localizar algo incrivelmente relevante para a situação.

— Tem estudado o Livro Sagrado? — ele perguntou.

— Todo dia — garantiu Tim. — A primeira coisa de manhã e logo antes de dormir.

— Impressionante — o Pastor fechou a Bíblia e colocou-a de volta na mesa com um descuido que pareceu perturbador para Tim. — Parece que você aprendeu muito.

O rosto de Tim queimou de vergonha. Apesar de estar usando uma cueca que parecia a folha da figueira, sentiu-se nu e amaldiçoado, como Adão parado na frente de Deus com um gosto de fruta na boca.

— Talvez tenha lido mais cuidadosamente do que eu — continuou o pastor. — Nunca encontrei o versículo que diz que não há problema em se divertir com prostitutas no seu apartamento.

— Ela não é prostituta — Tim falou. — Não a chame assim.

— Tanto faz — o Pastor deu de ombros. — Nunca me contou que tinha uma namorada.

— Não é minha namorada. Ela só... vem aqui de vez em quando.

— Que conveniente. Não precisa nem pagar o jantar?

— Olha — murmurou Tim. — Peço desculpas por isso.

— Ela é bonita — disse o Pastor. — Com isso preciso concordar. Tentei falar com ela, mas parecia estar com pressa. Acha que tem alguém esperando por ela em casa?

Culpado como estava, Tim começou a ficar bravo com o interrogatório. Era adulto, um cara divorciado que vivia sozinho. Tinha direito à privacidade, como todo mundo.

— Sabe o quê? — ele falou. — Não estou orgulhoso do que estou fazendo. Mas você não tem nada a ver com isso.

— Não tenho nada a ver? — o Pastor Dennis pareceu machucado. — Você é parte do meu rebanho. Não quero que se perca de novo.

— Não estou perdido — insistiu Tim. — Só me sinto sozinho às vezes. Sou apenas humano, está bem?

Os dois homens se olharam por um longo tempo antes de o Pastor finalmente assentir, aceitando isso.

— Está bem — ele falou. — Faça o que quiser. Mas não quero vê-lo na igreja neste domingo. Adúlteros não são bem-vindos no Tabernáculo.

— O quê? — Tim deu um passo para trás. — Não posso ir à igreja?

— Não na minha. — O Pastor Dennis se levantou do sofá. — Leve seu pecado para outro lugar. Não vou tolerar isso.

— Isso não é justo. Não pode simplesmente...

— Desculpe — a voz do Pastor Dennis era monótona e dura. — Estamos tentando dar o exemplo. Você sabe disso.

— Espere — Tim agarrou o braço do Pastor quando este andava até a porta. — Não faça isso comigo.

— Você está fazendo isso para si mesmo. — A voz do Pastor titubeou, e Tim ficou espantado ao ver que enxugava uma lágrima do rosto. — Eu o julguei mal. Achei que era um dos meus guerreiros.

— Estou fazendo o melhor que posso — protestou Tim.

— Não — disse o Pastor Dennis. — Eu me recuso a acreditar nisso.

Por uns segundos depois que o Pastor saiu, Tim ficou parado, espantado e com raiva, no meio de sua sala. *Vai se foder*, ele pensou. *E foda-se a sua igreja, seu moralista de merda*. Ele devia saber que isso não funcionaria. Havia pessoas que podiam viver dentro das regras e pessoas que não conseguiam, e ele sempre tinha sido uma das que não conseguiam. Não importava quem as impunha — pais, professores, técnicos, patrões, outros músicos, mulheres com quem dormia e agora o ministro. Tinha sido uma loucura imaginar que poderia ser diferente.

Mas aí ele se tocou. *Não*, pensou. *De jeito nenhum. Isso não pode estar acontecendo*. Era impossível, intolerável, nesse ponto de sua vida, acabar

com *isso* — um emprego horrível, o nada da TV e do computador, o vazio aliviado somente aos sábados com Abby e uma visita de Deanna uma ou duas vezes por semana. Claro, havia outras igrejas, igrejas nas quais o ocupado pastor não faria nenhuma visita para dizer que você ia para o inferno e não choraria se estivesse desapontado. Mas valeria a pena participar delas?

Saiu pela porta, correndo descalço pela calçada ainda quente antes de se lembrar que não estava realmente vestido de maneira apropriada. Por sorte, Hillside Gardens não era o lugar mais movimentado a essa hora da noite. Ele correu até o estacionamento sem encontrar um vizinho e viu com imenso alívio que o Pastor Dennis estava parado ao lado do porta-malas de seu Corolla, a cabeça abaixada, rezando.

— Espere — gritou Tim. — Precisamos conversar.

Ele diminuiu o passo enquanto cruzava o asfalto duro, tentando recuperar o fôlego e recompor seus pensamentos. Antes que pudesse falar, no entanto, o Pastor Dennis abriu os braços e começou a caminhar na direção dele.

— Aleluia — falou.

Tim se sentiu estranho no começo, abraçando outro homem em público com tão pouca roupa, mas o abraço passou logo. Ele fechou os olhos e se deixou abraçar.

— Estou bem aqui — o Pastor sussurrou, pressionando a cabeça de Tim contra seu ombro. — Não vou a lugar nenhum.

Num esforço para se redimir perante Deus depois desse fiasco, Tim começou a participar das sessões individuais de oração e aconselhamento com o Pastor Dennis, além das reuniões semanais do Estudo da Bíblia para Homens e dos Viciados por Cristo. O Pastor acreditava que Tim precisava olhar dentro de seu coração e decidir de uma vez por todas se estava com Jesus ou contra Ele. Também acreditava que seria uma excelente ideia se Tim convidasse uma certa jovem cristã para sair.

— Leve-a ao cinema — ele falou. — Se não funcionar, nunca mais falo nada.

Tim concordou, mais por culpa do que por entusiasmo, mas se divertiu mais do que esperava (foram ver *Homem-Aranha 2* e jantaram no Rustic Barn Diner depois). Carrie era tranquila e surpreendentemente pouco crítica. Ela fez um monte de perguntas sobre sua vida e ele as respondeu o melhor que pôde, num ponto dando até uma detalhada explicação das diferenças entre fumar pasta-base e crack que pareceu fasciná-la. No final da noite, ele a levou até a porta da casa de seus pais para se despedir. Pensou em beijá-la, mas achou melhor estender a mão. Ela riu e deu um beijo no rosto dele.

— Me diverti muito — falou.

Eles foram ver *Rei Artur* na sexta seguinte, depois caminharam bastante ao redor do Blue Lake no final do culto de domingo. Estava um dia espetacular e ele podia senti-la exercendo um sutil puxão gravitacional, arrastando-o lenta, mas irresistivelmente para sua órbita. Na metade do lago, ganhou coragem e pegou na mão dela. Carrie deixou escapar outro riso nervoso quando seus dedos se juntaram.

Houve mais filmes durante o verão, alguns jantares, uma viagem de um dia para a praia, alguns beijos. Mas não foi como se apaixonar, pelo menos não como Tim tinha experimentado no passado. Sem fogos de artifício ou montanha-russa emocional, só uma sensação calma de aceitação, uma entrega para algo tão óbvio que rapidamente parecia inevitável. No final de setembro, eles começaram a tocar no assunto de casamento.

Não que ele estivesse muito certo disso. Ao contrário da maioria das mulheres que o tinham atraído em sua vida, Carrie não era muito comunicativa; às vezes, eles tinham dificuldades em encontrar assuntos para conversar além de detalhes da vida pessoal de ambos e do Tabernáculo. E ainda havia esses momentos irritantes quando ela não conhecia algo que para ele era uma referência chocantemente óbvia — Muddy Waters, R. Crumb, Agente 99. Amenidades no geral, mas ele nunca deixou de ficar chocado e desapontado quando acontecia, uma sensação de que a distância entre eles era maior e mais difícil de transpor do que tinham imaginado.

No meio de outubro, os pais de Carrie o convidaram para jantar. O Sr. e a Sra. Frischknecht eram rígidos e formais, velhos o suficiente para serem os avôs de Carrie. Viveram no exterior durante muitos anos, trabalhando como missionários em lugares como Bolívia e Coréia do Sul, mas tinham

voltado no final dos anos setenta, quando a Sra. Frischknecht começou a sofrer de fortes enxaquecas. Carrie nascera uns anos depois, quando seus pais já tinham se resignado a um casamento sem filhos.

Os Frischknecht foram educados com Tim, mas claramente cuidadosos. Ele fez o melhor para tranquilizá-los, falando abertamente sobre os problemas na sua vida, e a incrível transformação pela qual tinha passado desde que aceitara Jesus. Contou sobre Abby também, como era uma boa estudante e talentosa atleta, querendo que soubessem que era um pai dedicado, sem suavizar o fato de que vinha com uma bagagem negativa.

— É uma boa garota — ele contou. — Esse ano vai usar uma fantasia de Hermione no Halloween. Sabem, a garota esperta amiga do Harry Potter?

O Sr. e a Sra. Frischknecht olharam para ele com o rosto vazio, e Tim percebeu que tinha dito algo errado.

— Eu... eu acho que vocês não conhecem o Harry Potter. Quer dizer, sei que está cheio de bruxo, magia e esse tipo de coisa, mas as crianças realmente adoram.

O Sr. Frischknecht assentiu bruscamente e voltou a comer. Carrie olhou para Tim.

— Nós não comemoramos o Halloween — ela contou.

— Não?

Ela balançou a cabeça.

— Nem mesmo quando você era pequena?

— Não é um feriado cristão — a Sra. Frischknecht interveio.

— Não me interessa ver uma criança vestida como o demônio — o Sr. Frischknecht acrescentou. — Isso não me parece nada divertido.

— Hummm — disse Tim. — Não tinha visto dessa forma.

O Sr. Frischknecht explicou que algumas igrejas tinham começado a usar o Halloween para conseguir objetivos cristãos - montavam verdadeiras casas mal-assombradas para ensinar às crianças o que era pecado e inferno.

— Você as deixa bem assustadas — ele falou. — E depois estão prontas para ouvir a alternativa.

— Deve haver uma na região — disse a Sra. Frischknecht.

— Talvez você pudesse levar sua filha.

A caminho de casa naquela noite, Tim pensou que Carrie e ele tinham realmente crescido em países diferentes. No começo, isso pareceu deprimente, mas depois de um tempo percebeu que era útil pensar sobre a relação deles dessa forma, e até estranhamente reconfortante. Se ela fosse uma mulher japonesa ou turca, digamos, ele não esperaria que conhecesse Bad Company ou risse de uma menção aos Coneheads. Teria explicado a referência ou dito que não era nada importante. Mas não teria ficado chateado ou preocupado por sua ignorância de algo que não tinha por que conhecer a princípio. E ele não ficaria surpreso ao ouvir que nunca tinha se fantasiado para o Halloween, nem saído para pedir doces com seus amigos.

Não era como se fosse um daqueles fracassados pedindo uma noiva pelo correio porque não conseguia uma mulher norte-americana. Nada disso: *ele* era o imigrante, um turista que tinha viajado para um país estrangeiro, encontrado uma mulher local e decidido ficar. A questão não era fazer com que ela se parecesse com ele, encher sua cabeça com o mesmo lixo que o tinha confundido; era exatamente o oposto — queria se parecer mais com ela, deixar o velho país para trás para que pudesse criar um novo, uma versão melhor de si. Foi nesse espírito de aventura e auto renovação que, uns dias depois, Tim pediu Carrie em casamento.

Eles se casaram numa cerimônia simples no Tabernáculo, com Abby e o resto da desorientada família de Tim acompanhando. A recepção monótona no salão VFW — sem bebida, dança ou música profana — não poderia ter sido mais diferente do desastre que foi seu primeiro casamento, quando ele ficou completamente bêbado, enfiou um pedaço de bolo na cara de Allison, insultou o pai dela e precisou ser tirado da limusine no final da noite pelos padrinhos que estavam um pouco menos travados do que ele. Não conseguia se lembrar de nada depois disso, mas não tinha razão para duvidar da afirmação de Allison de que o casamento só foi consumado na tarde seguinte.

Dessa vez a festa foi até as nove. Os recém-casados deram adeus aos convidados e caminharam de mãos dadas até o Saturn de Tim, que ele tinha lavado e arrumado para a ocasião. O vestido grande de Carrie parecia muito engraçado dentro do carro; Tim teve de enfiar a mão por baixo do tecido para conseguir soltar o freio de mão. Ele a beijou antes de ligar o carro.

— Como você está? — ele perguntou.

— Muito bem. — Ela deu um sorriso doce, um pouco distraído. — Foi muito divertido.

Ele a olhou por um bom tempo, enquanto saíam do estacionamento. Estava sentada ereta no banco do passageiro, as mãos no colo, o rosto calmo e atento. Se estava preocupada com a próxima fase da noite de núpcias, não demonstrava.

— Estou feliz por Abby ter vindo — ele falou. — Acho que ela gostou.

— Ela é tão linda — disse Carrie. — Queria que gostasse de mim.

— Ela vai. Só precisa conhecê-la melhor.

— Espero que sim.

Era verdade que sua filha tinha ficado um pouco distante

— Tim precisou convencê-la a dar um abraço de boa-noite na noiva —, mas isso era o esperado. Abby e Carrie só tinham se encontrado algumas vezes antes dessa noite e nenhuma das duas parecia ter a mínima ideia de como se comunicar. Tim tinha culpado principalmente Allison por essa situação, que havia envenenado a mente de Abby contra o Tabernáculo e o povo que fazia parte da igreja, e um pouco a Carrie também, que parecia não perceber que o ônus era do adulto para iniciar e sustentar uma conversa com uma criança. E certamente não ajudava ter sua família olhando tão carrancuda e chocada durante a cerimônia, além de se recusar a conversar com o povo da igreja na recepção. A única exceção foi o pai de Tim, um vendedor de janelas antifuracão aposentado que colocou uma garrafa de uísque num bolso, um frasco tamanho gigante de enxaguante bucal no outro e se orgulhava de sua capacidade de "se dar bem com todo mundo".

- Pelo menos meu pai se divertiu — ele afirmou.
- Ele é engraçado — observou Carrie. — Me faz lembrar você.

Se Allison tivesse ouvido isso, teria rido muito. Durante anos, Tim falara que ela tinha permissão de atirar nele se começasse a agir como seu pai.

- Ele trata muito bem mulheres jovens — contou Tim.
- Sei muito bem disso.

Carrie deu um tapa em seu joelho.

- Sua pobre mãe, no entanto, parecia que estava num enterro.

Tim havia considerado uma vitória que sua mãe tivesse ido. Ela era contra o casamento e ameaçara boicotar a cerimônia desde o dia em que tinha sido anunciado.

- Desculpe — Tim apertou a mão dela. — Ela fez o melhor que pôde.
- Ela tentou — concordou Carrie. — Disse que eu estava bonita.

Dois dias antes, a pedido do Pastor Dennis, Tim fora jantar na casa de seus pais, como um último esforço para mudar a cabeça de sua mãe. A noite, depois que os pratos de sobremesa tinham sido retirados e seu pai fora dormir, ele se sentou na frente dela na mesa da cozinha e ouviu mais uma vez sua posição contra o casamento, impressionado pelo fato de ela ter se transformado em uma oradora forte e articulada. Ela tinha sido fraca quando ele era mais jovem, uma mulher triste e amedrontada, que queria acreditar em qualquer mentira absurda que ele contasse, se isso significasse que podia continuar a fingir que tudo estava bem, que seu filho querido não tinha problemas com drogas — a maconha pertencia a um amigo, alguém tinha colocado LSD na bebida dele, honestamente não sabia nada sobre a TV e o aparelho de som que tinham desaparecido da sala enquanto seus pais tinham saído. Mas anos de desapontamento e Al-Anon a endureceram, dando uma visão clara e um pouco cínica do comportamento dele, além de um vocabulário com o qual se expressar.

— Você tem uma personalidade viciada — ela falou. — E me preocupa que você esteja usando Jesus como um substituto para as drogas, como metadona ou outra coisa. E isso é ótimo agora. Mas, no final, vai precisar encarar o mundo com seus próprios pés.

— Entendo o que está falando, mãe. Mas Jesus não é nenhum caminho para chegar a algum objetivo. Ele é real. E sei o que Ele significa para mim.

Sua mãe fechou a cara.

— Por favor, não fale sobre Jesus para mim. Sinto como se não o conhecesse mais.

Tim precisou morder a língua para não lembrá-la de que se dizia presbiteriana e supostamente acreditava em Jesus. Mas eles já tinham discutido isso antes — ela insistiu que o Jesus dele e o dela eram coisas totalmente diferentes — e não havia motivo para retomar isso agora.

— Quero que me conheça — ele disse. — Quero amá-la e honrá-la por quem você é e quero que faça o mesmo por mim.

— Eu amo você. E por isso que estou dizendo que é uma péssima ideia.

— Que tal se eu implorar? — ele falou, fazendo cara de cachorrinho. — Isso funcionaria?

Sua expressão não abrandou.

— Conhece pouco essa garota. Você mesmo contou.

— Talvez isso seja algo bom — ele observou. — Allison e eu ficamos juntos cinco anos antes de nos casarmos. Sabíamos tudo um do outro. E veja como terminou.

— Não me venha com essa — ela disse. — Você e Allison eram perfeitos juntos. Nunca deveria tê-la deixado ir embora.

— Eu não *deixei*. Ela foi embora sozinha.

— Não, querido. — Sua mãe balançou a cabeça, como se tivesse pena dele. — Você a *fez* ir embora.

— Tanto faz — disse Tim. — Ela já é passado, e eu vou me casar no sábado. Você precisa aceitar isso.

— Eu aceitaria isso se achasse que é algo que o faria feliz. Você realmente acha que vai?

— Não sei. Estou entregando nas mãos de Deus.

— É um risco muito grande. — Sua mãe olhou direto para ele, que pôde sentir sua súplica em um nível mais profundo do que as palavras. — Por que não pode adiar o casamento por seis meses ou um ano, até ter certeza do que está fazendo?

Essa era uma pergunta que Tim já tinha feito para si mesmo várias vezes nas últimas semanas; também discutiu isso numa sessão de aconselhamento pré-nupcial, quando o Pastor Dennis levantou pela primeira vez a possibilidade de aumentar o período normal de espera para casais que queriam se casar no Tabernáculo. O Pastor acreditava firmemente que era o momento para que Tim saísse das tentações da solteirice, parasse de questionar a si mesmo e a seu compromisso com Jesus, se unisse a alguém que compartilhava sua fé e suas prioridades, e continuasse a vida como marido, pai e servo do Senhor. Ele citou a Primeira Epístola aos Coríntios 7:1-2: "É bom para o homem abster-se de mulher. Entretanto, para não cair em imoralidade sexual, tenha cada qual a sua mulher, e cada mulher, o seu marido".

Era um versículo estranho, pensou Tim, encorajando o casamento não como uma coisa boa em si, mas simplesmente como a melhor entre as alternativas ruins. Dificilmente seria material para canções de amor. E, mesmo assim, como muita coisa na Bíblia, está cheia de um tipo de sabedoria prática que tinha tudo a ver com sua experiência do mundo e as circunstâncias atuais. De uma perspectiva cristã, ser um solteiro com quarenta anos era simplesmente uma condição espiritualmente inviável.

— O casamento não será adiado, mãe. E vai ser muito triste se você não for.

Sua mãe soltou um suspiro de derrota e encostou na cadeira. Deu um sorriso cansado que a fez parecer ainda mais velha.

— É tarde — ela comentou. — E não consegui dormir muito bem.

– O papai ainda ronca?

Ela riu.

– Você não acreditaria nos barulhos que saem daquele homem.

– Por que não o chuta para fora? Mande-o para o quarto de hóspedes.

– Eu tentei — ela falou, um pouco tímida. — Me senti sozinha.

Caminhou até a porta e deu um beijo no rosto dele. Mas aí, em vez de soltá-lo, ela o abraçou com toda a força, como se Tim estivesse indo fazer uma longa viagem e não tivesse certeza se iria vê-lo de novo.

Carrie passou muito tempo no banheiro na noite de núpcias, tanto que ele começou a se preocupar.

– Você está bem? — ele perguntou.

– Só um minuto — respondeu ela.

Não podia culpá-la por estar nervosa; ele mesmo estava sofrendo de um caso leve de dores estomacais. Agora que estavam sozinhos, as minúcias do planejamento e a animação do grande dia para trás, a enormidade do que tinham feito finalmente começou a pesar. Uma coisa é dar um salto de fé, ele pensou, outra coisa é chegar ao chão.

– Algo em que eu possa ajudar? — ele perguntou.

– Não agora.

Ele não tinha certeza se ajudava ou atrapalhava ter essa nuvem de suspense sexual pendurada sobre tudo, como se tivessem voltado ao ano de 1955. Não sentira esse nervosismo em relação ao sexo desde a adolescência, quando Jenny Rego o convidou para ir à sua casa numa sexta à noite, contando que seus pais estavam viajando e mandando que levasse maconha e camisinhas.

Mesmo em seus dias mais selvagens, Tim não tinha sido exatamente um Don Juan, mas era um músico relativamente bonito, e sempre parecia haver mulheres que o achavam charmoso, principalmente as que

compartilhavam seu entusiasmo por substâncias proibidas. Em mais de uma ocasião, tinha vivido a fantasia da estrela de rock de acordar ao lado de uma garota cujo nome não sabia ou pelo menos não conseguia se lembrar.

Mas tinha sido um cavalheiro com Carrie e não se arrependia. De alguma forma eles tinham conseguido passar por toda a fase de namoro sem fazer nada mais do que se beijar como adolescentes, embora pudessem ter ido para seu apartamento quando quisessem. Depois do noivado, Carrie tinha até dado indiretas de que não teria nenhum problema, mas ele não acreditou. Tinham assinado termos com o Tabernáculo se comprometendo a evitar relações pré-nupciais e ele estava determinado a não começar tudo errado.

Além de não fazerem sexo, eles também não conversavam muito sobre isso, além de repetir o quanto desejavam viver juntos como marido e esposa. Parcialmente, Tim pensou, isso acontecia porque era difícil para duas pessoas, cujas histórias eram tão diferentes, conversar sobre sexo no abstrato, e em parte porque Carrie ficava visivelmente embaraçada sempre que o assunto surgia. Ele presumia que só resolveriam os problemas quando chegasse a hora.

Mas talvez eles devessem ter discutido seus medos e expectativas em maiores detalhes, pensou, quando Carrie finalmente saiu do banheiro do hotel. Usando uma camisola de cetim branca que tinha sido um presente de sua mãe, ela parecia um *apin-up* fora de moda — cheia de curvas, macia e incrivelmente jovem —, e ele teria ficado com muita vontade de se deitar com ela na cama, se o rosto dela não estivesse tão pálido e aterrorizado, os olhos tão vermelhos e inchados pelo choro.

— Querida — ele falou. — O que foi?

Ela tentou contar para ele, mas as palavras não saíam. Depois de dois ou três falsos começos, balançou a cabeça frustrada e voltou a chorar. Ele a abraçou até que se acalmasse. Sussurrou que estava tudo bem, que era normal ficar com medo e nervosa antes da primeira vez. Ele prometeu ser gentil ou, se ela preferisse, eles poderiam dormir e tentar novamente de manhã, quer dizer, se se sentisse melhor.

— Não é... — ela começou, mas não conseguiu completar a sentença.

– Não é o quê?

Ela respirou fundo e fez um esforço visível para se controlar.

– Minha primeira vez — completou.

Tim ficou chocada, mas tentou não demonstrar.

– Tudo bem — ele contou. — Também não é a minha.

Ela riu no meio das lágrimas. Ele trouxe um copo de água.

– Quer que a gente converse sobre isso? — perguntou.

– Eu gostaria — ela explicou. — Mas é muito difícil.

Ela se sentou ao lado dele, na ponta da cama. Com a voz

baixa e trêmula, contou sobre a crise espiritual que sofreu quando tinha dezenove anos, depois da morte de sua avó. Ela perdeu a fé e fugiu de casa.

– Para onde você foi?

– Vários lugares.

– Sozinha?

– As vezes — contou, incapaz de olhar para ele. — Nem sempre.

– Conheceu um cara.

Ela mordeu o lábio e assentiu.

– Tudo bem — ele falou. — Isso foi há muito tempo. Acabou.

– Não foi só um — ela falou.

– Um, dois, tanto faz. Não importa.

Ela não respondeu. Ele começou a ficar um pouco preocupado.

– Só por curiosidade — ele disse. — De quantos caras estamos falando?

– Um monte — ela confessou. — Oito, talvez nove. Eu perdi a conta.

- E mesmo? Por quanto tempo você fugiu?
- Alguns meses.
- Uau. Você ficou bastante ocupada.
- Eu me perdi — ela disse, finalmente conseguindo reunir a coragem para olhar nos olhos dele. — Fiquei um pouco louca.

De uma forma engraçada, a confissão de Carrie serviu para corrigir um desequilíbrio na relação deles que o tinha preocupado desde o começo, liberando os dois de um roteiro rígido no qual ele era forçado a ser o homem mais velho castigado procurando redenção na santificada jovem. Também aliviou um pouco da pressão sexual que estava sentindo em antecipação à Grande Noite. Ele nunca entendeu o fetiche que alguns caras pareciam ter por dormirem com virgens. Havia feito isso duas vezes — uma no colégio, a outra na faculdade —, e a experiência tinha sido dolorosa para as garotas e pouco prazerosa para ele; era um tremendo alívio saber que não haveria ninguém sendo deflorada naquela noite na Suíte Nupcial.

E o sexo acabou sendo bom, nada a ver com a operação delicada ou sombria que ele temia. Carrie era suficientemente entusiástica, apesar de um pouco quieta — Tim gostava de ouvir os ruídos das mulheres, além de alguns palavrões —, mas ela tinha seu próprio estilo. Tim olhou para baixo em um momento e percebeu uma expressão no rosto da esposa — os olhos fechados, um pequeno sorriso no canto da boca — que ele tinha visto várias vezes nos cultos de domingo, quando ela erguia os braços em louvor e se balançava seguindo a música. Quando terminou, ela deitou a cabeça no ombro dele e deixou escapar um suspiro.

— Oh, Senhor — ela falou. — Estou tão feliz por sair daquela casa.

Carrie era, de muitas maneiras, a esposa cristã ideal — modesta, afetuosa, sinceramente devotada à felicidade dele. Tim sabia como era sortudo por tê-la encontrado, então ficou espantado pelas dúvidas que começaram a incomodá-lo na época em que mudaram para o primeiro apartamento, na parte de cima de uma casa na rua Baxter.

Ele tinha poucas reclamações específicas. Carrie não era boa cozinheira — por causa dos problemas estomacais de seu pai, sua família tinha eliminado qualquer tempero mais exótico além de sal e pimenta —, e

Tim acabou se sentindo um pouco deprimido por uma dieta regular de carne muito cozida e batatas. Também o incomodava como ela demonstrava pouco interesse por política ou eventos atuais. Fez um esforço, numa manhã, para explicar a velocidade com que a situação se deteriorava no Iraque, mas podia sentir, pelo olhar vazio quando começava a falar palavras como *sunita* ou *xiita*, que entrariam por um ouvido e sairiam pelo outro.

E a incapacidade de Carrie de se conectar com sua filha era uma fonte constante de irritação. Tim normalmente pensava que Abby era uma criança doce, mas algo em sua nova madrasta tinha feito aflorar a criança mimada que existia nela, uma malcriação que só piorava apesar de seus constantes pedidos para que tivesse um pouco mais de respeito. Carrie respondia escondendo seus sentimentos sob um manto de carinho pouco convincente e solicitude adúladora — *O que posso fazer por você, querida? Linda, você precisa de mais luz?* — que irritava tanto a Tim quanto a Abby.

No final, entretanto, essas eram queixas menores, as decepções inevitáveis que marcavam a transição entre a lua de mel e o *até que a morte os separe*. A coisa que realmente o incomodava era maior e mais complicada, mas era algo que atingia diretamente o eixo da relação deles, sua suspeita de que faltava algum ingrediente vital no casamento.

Eles nunca brigavam.

Carrie era a pessoa mais agradável que ele já tinha conhecido. Tudo que quisesse estava bem para ela. Ele controlava as finanças, escolhia os programas que assistiam na TV e determinava o que fariam nos fins de semana. Ela seguia suas instruções feliz, sem ressentimento ou hesitação, de acordo com a passagem dos Efésios, que estava num quadro que tinham ganhado de presente do Pastor Dennis e agora estava pendurada na parede do quarto: "De fato, o marido é a cabeça da sua esposa, assim como Cristo, salvador do corpo, é a cabeça da Igreja. E assim como a Igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres são submissas em tudo aos seus maridos".

Ele percebeu que muitos caras o invejariam; de muitas formas: era como viver em um mundo de fantasia à la *Jeannie é um Gênio*. Tudo que podia imaginar era que os anos que passou com Allison — uma mulher mal-humorada e exigente nas épocas boas — tinham deformado sua visão do casamento, feito pensar que não era uma parceria amorosa, mas uma luta

exaustiva para ganhar sempre, aliviada por ocasionais ataques de sexo raivoso e estimulante. Qualquer que fosse a razão, ele estava achando tudo um pouco chato, por conseguir tudo que queria, nunca precisar adular, fazer acordos ou até realizar os tipos mais mundanos de trocas maritais. Tudo parecia fácil demais.

Ele sentiu isso de forma mais aguda na cama. Ao contrário de Allison, que era mestre em negar sexo — ela sentia verdadeiro prazer em fazê-lo implorar —, Carrie nunca dizia não. Toda a vida amorosa dos dois acontecia de acordo com os desejos dele, que dizia quando ela devia tirar a camisola, quando ficar de costas, quando usar a boca. Era um sentimento poderoso no começo, ter uma mulherzinha obediente completamente à sua disposição.

Mas ele logo se cansou. Não havia nenhuma resistência, e tampouco havia suspense. Carrie não dizia não, mas nunca iniciava o sexo também, nunca chegava por trás dele enquanto estava lavando os pratos e pegava em seu pinto, como Allison tinha feito em algumas ocasiões memoráveis. Ela nem sonhava em acordá-lo de manhã colocando o bico do peito em sua boca entreaberta ou voltar da locadora com *Vizinhas safadas 2* em vez de *Apoio 13* (não que isso teria sido bom, agora que ele havia renunciado à pornografia).

Às vezes ele se perguntava se deveria falar sobre isso, mas não tinha certeza de como fazer. Parecia uma contradição em si, dizer para alguém ser mais espontânea e depois fornecer todas as instruções detalhadas de como fazer isso.

O Pastor Dennis deve ter sentido que havia algo errado, porque puxou Tim de lado alguns meses depois e perguntou, com uma voz séria, como ele e Carrie estavam indo.

— Bem — disse Tim. — Sem reclamações.

O Pastor abaixou a voz.

— E a vida amorosa? Tudo funcionando como deveria?

Tim hesitou. Não era problema de ninguém, a não ser dos dois.

— Nada mal — ele falou. — Ainda em processo de reconhecimento.

O Pastor Dennis ponderou isso por um momento.

— Sabe o quê? Acho que seria uma boa ideia se minha esposa conversasse com a sua.

— Está tudo bem — reafirmou Tim. — Realmente não é necessário.

— Nada muito pesado — o Pastor garantiu. — Só uma conversa entre mulheres.

A esposa do Pastor, Emily — uma mulher rechonchuda, quase otimista demais — passou no apartamento um sábado, enquanto Tim e Abby estavam no jogo de futebol. Trouxe um livro chamado *O bom sexo cristão: a forma divina de apimentar seu casamento*.

— Ela disse que devíamos ler isso — informou Carrie na cama aquela noite. — Parece que funcionou muito bem para ela e o Pastor Dennis.

Considerando o caráter bastante puritano do Tabernáculo, o livro acabou sendo até picante. Os autores, o Rev. Mark D. Finster e sua esposa, Barbara G. Finster, afirmavam as boas novas bem na introdução: "Para um casal cristão, sexo não é nada menos que uma forma de adoração, uma celebração de seu amor pelo outro e uma glorificação do Pai Celestial que os uniu. Então, é claro que Deus quer que tenham um sexo melhor! E Ele quer que estejam sempre melhorando, em posições que provavelmente desconheciam, com orgasmos mais fortes do que achavam que fosse possível!".

Tim ficou principalmente intrigado pelo capítulo cinco, "Isso é correto?", no qual os Finster mostravam uma lista de quase todos os atos sexuais concebíveis — incluindo uns poucos que ele não conhecia — junto com um polegar para cima ou para baixo, em sinal de aprovação ou reprovação, dependendo se a prática em questão era expressamente proibida pela Escritura.

De acordo com os Finster, sexo entre cristãos casados era bem mais liberal do que Tim imaginara. Prostituição, adultério, *ménages*, orgias, bestialidade — basicamente tudo que envolvesse uma pessoa ou animal fora do casamento — estavam proibidos, mas fora isso todo o resto estava bem.

Masturbação não era proibida (principalmente se o outro parceiro estiver olhando), bem como fantasiar, desde que o casal continuasse casado dentro do contexto inventado, uma exigência que deixou Tim um pouco incômodo: *Certo, você é a enfermeira e eu sou paciente.... e, hã, a gente se casou logo antes da minha operação de hérnia*. Os Finster não viam nenhuma razão bíblica pela qual o marido não pudesse tirar fotos de sua esposa nua, e vice-versa, desde que mais ninguém as visse, e não conseguiram localizar nada nas Escrituras que mostrasse uma desaprovação explícita de *bondage* e/ou sadomasoquismo consensual. O mesmo para usar roupas do outro sexo. Até sexo anal, que Tim havia presumido ser parte da categoria *proscrita* de "sodomia", acabou sendo considerada normal para casais heterossexuais casados; somente homens homossexuais eram proibidos de realizar isso, o que Tim acabou achando injusto, mas não era ele que fazia as regras. Os autores expressavam certa ambivalência em relação ao chamado "beijo no ânus" — eles não acreditavam em usar eufemismos —, mas a objeção era mais bacterial do que religiosa.

Os Finster eram geralmente entusiasmados com lingerie sexy — o Reverendo contou umas duas vezes sobre a visão de Barbara G. de cintaliga e meia de seda —, mas avisavam aos leitores para tomar cuidado ao comprar esses itens em catálogos e sites de respeito. A visão de modelos glamorosas em roupas sumárias e deliberadamente provocantes tendia a produzir sentimentos pecaminosos de luxúria nos homens que as viam, enquanto também inspiravam comparações injustas entre suas esposas e as mulheres magras, "melhoradas" por cirurgias plásticas que apareciam nas fotos. Como alternativa, os Finster recomendavam alguns sites cristãos que vendiam lingerie sem exibir modelos. Tim mostrou a lista para Carrie.

— O que você acha? Deveríamos comprar algumas coisas?

— Claro — ela falou. — Se você quiser.

Por um momento, pelo menos, o livro deu um choque bem-vindo de eletricidade na cama deles. Tim comprou uma camisola transparente para Carrie, algumas meias finas e até um maiô aberto na área da vagina que a deixou muito embaraçada (ele finalmente mandou que tirasse aquilo e jogasse no lixo). Por alguma razão, ela ficou menos transtornada com a fantasia de viúva alegre e muito feliz em usar a de empregada francesa como se fossem vinganças por todos os Halloweens de que fora proibida de

participar quando era criança. O elemento da roupa os libertou de alguma forma, fez com que fosse um pouco mais fácil tentar algumas das "Atividades gostosas" marcadas no capítulo sete, "Esquentando os lençóis".

Teria sido ótimo se Tim não se pegasse pensando cada vez mais em Allison — ela era doida por Victoria Secret — e as roupas sexy com que o surpreendia no passado. Em algumas ocasiões, sucumbiu à tentação de comprar itens mais ou menos idênticos para Carrie — conjuntos de calcinha e top com estampa de camuflagem, saias de pregas estilo colegial, sutiãs e calcinhas de lacinho vermelhos — e depois tentar recriar as memoráveis fantasias de seu primeiro casamento.

Nunca funcionou, no entanto. Não importava o que ela usasse ou o que pedisse que ela fizesse, Carrie sempre permaneceria como era — doce, submissa, louca para agradar. Ela falaria palavrões se ele insistisse, mas seu vocabulário era bastante limitado e nunca conseguiria parecer muito convincente. A única vez que deu uns tapas na bunda dela também foi um desapontamento. Não importa o quanto ele tentasse, não conseguia acreditar, nem por um minuto, que era uma garota má que merecia apanhar. E ela não dizia *Ui* da mesma forma que Allison, como se estivesse gostando secretamente da punição. Carrie só reclamava como se estivesse doendo.

Apesar desses problemas, eles continuaram trabalhando obstinadamente por todo o verão e o outono para conseguir a parte de sexo cristão a que tinham direito. Carrie nunca reclamava, mas recentemente ele tinha começado a sentir certa cansaço nela, um desejo de somente fazer sua parte e terminar logo com tudo. O próprio entusiasmo de Tim estava falhando também; e pela primeira vez em sua vida ele começou a sofrer fracassos intermitentes na cama, uma triste mudança que fez com que os dois se sentissem inadequados.

Havia noites nas quais ele se sentia tão perdido que a única coisa que conseguia fazer era entrar no carro e dirigir sem rumo por Stonewood Heights, ouvindo um dos três CDs do Grateful Dead — *American Beauty*, *Workingmans Dead* e um pirata de um show em Buffalo do verão de 1988 — que ele não conseguira jogar fora, apesar das garantias que tinha dado ao Pastor Dennis de que havia cortado os laços, não só com as pessoas com quem bebia e se drogava no passado, mas com todos os livros, músicas e roupas que o conectavam àquele capítulo sombrio. E se isso já não fosse

muito ruim, às vezes se pegava passando repetidamente na frente de certos bares, pensando em como seria agradável entrar e tomar uma cerveja, menos pela cerveja do que pela companhia, e a escuridão, e a música — e o alívio de finalmente se sentir em casa, entre seus iguais. Ele já tinha enfrentado isso antes, claro, e sabia com triste precisão que tipo de perigo estava enfrentando.

Estava tão desanimado com toda essa situação que não se importou em dizer a verdade quando o Pastor Dennis o acompanhou até o carro depois da Noite de Estudos da Bíblia na última quarta-feira e perguntou como as coisas estavam indo entre ele e Carrie.

— Mais ou menos — disse Tim. — Estamos meio que em compasso de espera.

— Estava imaginando — comentou o Pastor. — Eu achava que ela já estaria grávida depois desse tempo.

— Ainda não estamos prontos — confessou Tim. — Sabe, em termos financeiros. Comprar o apartamento acabou com nossa poupança.

— Sabe como me sinto em relação a esperar — lembrou o Pastor. — Você precisa entrar de cabeça.

— Ela é jovem. Temos muito tempo.

— E o livro que minha esposa levou para vocês? Ajudou?

— Um pouco — Tim deu de ombros. — Não sei. Eu tenho me sentido... meio confuso ultimamente.

Estavam parados no estacionamento quase vazio do Tabernáculo. A noite estava fria e ventava; folhas voavam pelo asfalto. O Pastor se inclinou para a frente, estudando Tim um pouco mais de perto.

— Confuso? Em que sentido?

— E estranho — Tim fez uma pausa, demorando um momento para apagar um sorriso impróprio de seu rosto. — Não sei por quê, mas estou sentindo, hã, um monte de coisas em relação à minha ex-esposa

ultimamente. Sexuais. Isso meio que está me deixando confuso em relação a Carrie.

— Sua ex-esposa está casada — lembrou o Pastor Dennis. — Ela seguiu em frente. Você também.

— Eu sei — a voz de Tim era pouco mais alta que um murmúrio. — Mas de vez em quando... quero dizer, não tenho orgulho disso, mas de vez em quando é como se estivesse usando Carrie como uma substituta. Como se eu estivesse com ela, mas estivesse fingindo que é Allison.

Mesmo no escuro, Tim conseguia ver a frieza nos olhos do Pastor.

— Você é patético — ele falou.

— Eu sei — respondeu Tim. — Mas o que devo fazer?

— Arrume sua vida — disse o Pastor. — Peça a ajuda de Deus.

— Tentei fazer isso.

O Pastor Dennis olhou para o céu, como se procurasse algum conselho. A lua estava brilhante, três quartos cheia, a parte inferior obscurecida por uma nuvem irregular.

— Tente com mais fé — ele falou, trazendo seu olhar de volta para a terra. — Enquanto isso, mantenha suas mãos impuras longe da sua esposa. Ela merece algo melhor do que isso.

Tim abaixou a cabeça. O Pastor deu um suspiro. Parecia chateado, como um cara que estava precisando de um trago.

— Você fez várias promessas, Tim. Está na hora de começar a cumpri-las.

Tim sabia exatamente o que devia fazer naquele domingo de manhã quando ele e Carrie se ajoelharam juntos no tapete da sala. De acordo com o Pastor Dennis, havia um procedimento aceitável — tirado de Coríntios 7 — no qual um marido notificava sua esposa de que se absteria de ter relações sexuais com ela por um tempo definido até expiar a luxúria que impedia que ele fosse o marido pretendido por Deus. Por sorte, o marido não tinha obrigação de informar a sua esposa sobre os detalhes do desejo pecaminoso;

tudo o que devia fazer era garantir que estava trabalhando no problema e que as coisas logo voltariam ao normal.

Tim sorriu para Carrie e tomou sua mão. Ela sorriu de volta, o rosto doce e confiante, como sempre, mas mostrando uma ansiedade vigilante que não estava ali no dia em que o Pastor Dennis os juntou no piquenique. Ela ainda parecia muito jovem, mas não era possível negar que o casamento havia mudado sua vida.

— Senhor Jesus — disse ele —, às vezes não somos tão fortes quanto o Senhor quer.

Carrie assentiu concordando, mas Tim podia ver como seu corpo ficava tenso, como se estivesse se preparando para as más notícias. Imaginava se ela desejaria nunca tê-lo conhecido, que Deus a tivesse guardado para um homem mais jovem, mais gentil, menos exigente, um marido que não viesse com o peso de uma filha presunçosa, uma ex-mulher que não saía da cabeça dele e tantas necessidades sexuais.

— E por isso que precisamos de Sua ajuda — ele continuou.

— Todos precisamos — disse Carrie com uma voz doce, e Tim não conseguia saber se era parte da oração ou se ela estava falando diretamente com ele. — Não é vergonha nenhuma.

Tim olhou para o teto. Entendeu perfeitamente bem que a introdução havia terminado e que havia chegado o momento de se abrir com sua esposa. Ele até tinha memorizado sua fala. Deveria olhar direto para ela e dizer: *Carrie, tomei uma decisão.*

Ela não choraria, ele pensou. Ouviria as notícias e resistiria. Mas ficaria preocupada, ele achou, e provavelmente se culparia por ter feito algo errado, apesar de nunca ter feito nada errado. Não para ele e provavelmente para ninguém. Toda a bagunça era culpa dele e parecia muito ruim fazê-la sofrer por isso. Muita força de vontade foi necessária para que ele voltasse a mirar sua esposa nos olhos.

— Oh, Senhor — ele falou. — Sou tão grato por trazer essa mulher maravilhosa para minha vida. O Senhor sabe que não mereço.

Carrie balançou a cabeça em negativa, mas ele podia ver como ela estava agradecida. Tim se inclinou para a frente e beijou sua testa.

— Faça-me um favor — ele rezou. — Ajude-me a amá-la do jeito que ela merece.

A equipe de louvor

Tim e Carrie chegaram quarenta e cinco minutos antes do culto de domingo. O estacionamento estava quase vazio, mas eles pararam várias fileiras longe da entrada principal, deixando as vagas mais próximas para os idosos, famílias com crianças pequenas e qualquer um que tivesse algum problema.

Apesar do nome imponente, o Tabernáculo não era muito grande, sem nenhum monumento de mármore e vidro à glória de Deus. Era, na verdade, um edifício comercial sem nenhum atrativo, um salão de uns seiscentos metros quadrados — tinha sido uma loja em sua "encarnação" anterior — em Griswold Commons, um shopping center bastante popular que tinha passado por maus bocados depois que o resplandecente Stonewood Arcadia Retail &c Entertainment Center abrisse suas portas a menos de um quilômetro de distância, num terreno perto da estrada de ferro que antes tinha sido ocupada por uma fábrica química, uma de papelão e outra de brinquedos infláveis de piscina.

Considerando que a participação e a renda do Tabernáculo tinham mais do que dobrado no último ano, o Pastor Dennis poderia ter dinheiro para se mudar para um lugar com mais classe — a arquidiocese local estava procurando inquilinos evangélicos para algumas de suas instalações recentemente esvaziadas —, mas ele não tinha interesse em se mudar. Além da emoção de ministrar o culto para uma casa lotada a cada semana, o Pastor apreciava o amplo estacionamento — só algumas lojas vizinhas estavam abertas na manhã de domingo —, e o fato de que curiosos e iniciantes nervosos podiam assistir através de uma janela de vidro antes de tomar a decisão de entrar. Também gostava do simbolismo da igreja no shopping — mais um Templo de Ganância recuperado pelo Senhor — e fez o melhor para explorar as possibilidades oferecidas pelo proselitismo criativo. Nessa manhã, por exemplo, havia um cartaz laranja preso na janela da frente.

"LEVE SATÃ A FALÊNCIA!", dizia. "NÃO PERCA NOSSA GRANDE SALVAÇÃO!"

Além de todas as vantagens práticas da localização atual, no entanto, Tim e o resto da congregação sabiam que o Pastor Dennis tinha uma razão mais pessoal para ficar ali: ele acreditava que Griswold Commons era um solo sagrado. Foi aqui, apenas alguns anos atrás, que ouvira o primeiro chamado do Senhor e começara sua carreira como pregador.

Havia contado a história em um sermão durante uma das primeiras visitas de Tim ao Tabernáculo, e referia-se frequentemente a ela nos meses seguintes, sempre com o mesmo tom de silencioso encantamento com o fato de ter sido derrubado na Estrada para Damasco.

A maneira como descreveu mostrava que ele era uma alma perdida na época — um homem de quase trinta anos, em um emprego que pagava mal, vivendo no porão da casa da mãe. Era algo bastante embaraçoso porque ele tinha sido um garoto com potencial, o segundo melhor aluno de sua turma, vencedor de uma bolsa parcial no prestigioso Rensselaer Polytechnic Institute.

Mas algo tinha dado errado na faculdade. Quase imediatamente, uma escuridão o cobriu. Sentia-se confuso e cansado o tempo todo; dormia mal e não conseguia se concentrar nos trabalhos. Os médicos chamaram de depressão, mas isso não parecia correto. Depressão é interna; isso era externo, como se um manto negro tivesse sido jogado sobre sua cabeça.

Ele viveu sob essa escuridão por dez longos anos, trabalhando meio período quando conseguia, assistindo a uma aula aqui, outra ali. Tinha poucos amigos e sofria de uma solidão debilitante que só podia ser aliviada, temporariamente, pela pornografia e por videogames violentos.

Pouco depois de seu vigésimo oitavo aniversário, por razões que ninguém conseguia explicar, ele começou a se sentir um pouco melhor. Arranjou um emprego integral no departamento de computadores da velha Best Buy em Griswold Commons (a loja tinha mudado agora para o Arcadia Center), onde impressionava seus supervisores com sua atitude positiva, conhecimento técnico e fortes capacidades comunicativas. Já se falava em oportunidades na área de gerência, um futuro a longo prazo com a empresa.

E o melhor: ele gostava da Best Buy; sentia-se em casa ali. Era um privilégio estar cercado por todos aqueles produtos incríveis—TVs de tela

grande, muitos componentes de áudio, laptops fininhos com processadores ultrarrápidos, câmeras digitais que cabiam no bolso, toneladas de filmes, música e videogame — uma quantidade impressionante de toda a magia high-tech do mundo. Era, ele pensava, como trabalhar no Museu das Maravilhas.

Pelo menos foi como ele se sentiu depois de seis meses, até que o velho chegou no final de uma tarde de sábado, um cara forte, de cabelo branco, vestido com um terno surrado, manco de uma perna. Veio até Dennis com um sorriso dissimulado no rosto, como se fossem amigos há muito tempo.

— Aí está ele — disse o velho. — Exatamente o garoto que estava procurando.

— Posso ajudá-lo? — perguntou Dennis.

O velho segurava um livro gordo.

— O chefe mandou dar isso a você.

Dennis aceitou o livro, surpreso por ver que era uma Bíblia.

— Foi o Kenny que mandou?

Kenny era o assistente da gerência de plantão, um cara de meia-idade que sempre ia direto para o bar quando terminava seu turno. Dennis tinha ido junto algumas vezes, mas depois de ter tomado uns copos, Kenny só queria contar como adorava mulheres com bunda grande, quanto maior, melhor. Ele poderia continuar nesse assunto por horas.

— Eu falei — disse o velho — que é do chefe.

— Está falando do Phil?

Phil era o gerente da semana, o superior direto de Kenny.

— Não é do Phil — zombou o velho. — Phil não é o chefe.

Nesse ponto, Dennis estava perdendo a paciência.

— Estou um pouco ocupado agora. E algum tipo de piada?

O velho parecia ofendido.

– Viajei muito para trazer isso até você. Acredite, eu preferiria ter ficado em casa.

– Acho que você está falando com o cara errado — disse Dennis.

– Não é possível — respondeu o velho.

– Mas eu não quero a Bíblia.

— Não é problema meu. Só me mandaram entregar. O que acontece depois é problema seu.

O velho lançou-lhe um olhar inquiridor, virou-se e foi embora, movendo-se rápido o bastante para um cara cuja perna direita quase não tocava o chão. Dennis o teria seguido — ainda queria esclarecer essa questão do chefe —, mas foi chamado por uma jovem bastante exigente com uma lista de perguntas com o título: "Problemas/Soluções de Rede sem Fio".

Dennis não sabia o que fazer com a Bíblia. Não queria levá-la para casa, mas não achou correto jogá-la fora. No final, acabou enfiando-a numa prateleira no meio de folhetos sobre computadores e se esqueceu dela.

Mas a Bíblia não se esqueceu dele, embora demorasse um pouco para ele perceber isso. Tudo o que sabia na época era que a loja, de repente, começou a parecer estranha. Ele sempre pensou nela como uma colmeia cheia do barulho de máquinas úteis e engenhosas obras de arte, mas agora parecia sem alma, vagamente maligna. Os clientes não pareciam animados, mas confusos, hipnotizados por imagens piscando, estupefatos por todo o metal brilhante e o plástico moldado. As vezes, caminhando pela fileira de DVDs, tinha quase certeza de poder sentir o cheiro de algo pútrido, como se carne podre estivesse escondida dentro daquelas caixinhas elegantes com belas figuras de homens e mulheres na frente. Ele via as crianças testando os videogames nos consoles da loja e precisava reprimir a necessidade de arrancar os controles das mãos delas e gritar para que corressem e se escondessem. Em mais de uma ocasião, ele se pegou de joelhos na sala dos empregados, vomitando, apesar de não se sentir enjoado.

Perguntava-se se não estaria ficando louco, se passaria por outro episódio como o que o tinha deixado em *loop* na faculdade, mas esse parecia diferente. Antes, ele se sentia tonto, dois passos atrás do resto do

mundo, mas dessa vez era o contrário, estava lúcido, hiperconsciente. Era a loja que estava errada, não ele, tinha certeza disso.

Pensou seriamente em pedir demissão para preservar sua saúde, mas não queria alarmar sua mãe. Ela estava feliz por seu filho ter se recuperado, que tudo estaria bem. Não queria tirar isso dela, fazer algo que a deixasse novamente com medo.

Numa quinta à noite bastante corrida, ele fuçou na prateleira de panfletos sobre computadores para pegar o manual de um organizador pessoal quando seus olhos avistaram a Bíblia que o velho tinha entregado. O que viu o deixou pasmo. O livro estava brilhando como um farol, pulsando com energia, chamando-o. De repente, como se o conhecimento o atingisse como um jato de água, ele entendeu quem era o Chefe e o que devia fazer.

— Oh, Senhor — ele falou, colocando a mão sobre o livro. — O Senhor me encontrou.

Sua própria lembrança do que aconteceu depois era obscura e fragmentada — tudo o que sabia era que o Espírito tinha entrado em seu coração e irrevogavelmente o transformara —, mas ele tinha sido capaz de reconstruir uma grande parte por conta do boletim de ocorrência da polícia, de conversas com testemunhas e do vídeo filmado perto do fim do incidente.

Pelo que contam, ele se levantou com olhos selvagens, segurando a Bíblia com as duas mãos e balbuciando em uma língua que nunca tinha sido ouvida na Best Buy. Ele se afastou do balcão, jogou um monitor de tela plana no chão e caminhou para chutar os MP3 Players.

O Espírito ainda estava saindo de sua boca, apesar de algumas pessoas afirmarem que era um discurso ininteligível misturado com loucuras divinas, avisos a alguns clientes específicos para desviarem o olhar dos trabalhos pecaminosos do homem e fixarem seus olhos no Senhor.

Dennis não era um homem grande e nunca tinha feito muito exercício, mas o Espírito o deixava forte. Ele arremessou várias impressoras como se fossem caixas vazias, derrubou uma estante de componentes de *home theater*, espalhou CDs como se estivesse jogando cartas. Alguns de seus colegas tentaram pará-lo, mas eram muito fracos. Um grupo de clientes —

alguns movidos pela paixão, outros excitados pela possibilidade de violência — começou a segui-lo enquanto ele se encaminhava, ao que parecia, para o fundo da loja, onde se colocou diante de uma TV de plasma que custava três mil dólares, com sessenta e uma polegadas, *wide-screen* e tela plana, na qual estava passando *Lara Croft: Tomb Raider*.

— Prostituta! — ele gritou. — Aberração!

Houve uma incerteza sobre o aparelho de som, se ele tinha agarrado no caminho ou se alguém tinha entregado a ele naquele momento, mas não havia dúvidas sobre o fato de que ele levantou o cubo negro sobre a cabeça — era um JVC com *subwoofers* internos — e o jogou contra a tela, fazendo com que Angelina Jolie se desintegrasse em uma chuva de cacos de vidro. Gritos de protesto e de aprovação se misturavam enquanto Dennis caía de joelhos e chamava por Deus.

Algumas testemunhas acreditam que ele estava a ponto de demolir uma segunda TV, mas não teve chance; dois guardas pularam sobre ele e começaram a atacá-lo com socos e cassetetes, uma surra selvagem e longa que foi filmada por um cliente. Tim se lembra de tê-lo visto nos noticiários da TV — ele estava passando pelo divórcio na época e bem longe de Deus — e ter pensado: "Grande coisa, o otário pediu isso", o que mais tarde percebeu, envergonhado, era exatamente o que muitas pessoas "boas" devem ter pensado há dois mil anos, quando viram um homem semimorto sendo surrado por soldados enquanto arrastava uma cruz de madeira para cima do monte.

Dentro, o Tabernáculo não parecia grande coisa: um grande salão aberto com teto baixo, paredes brancas e carpete cinza. Duas áreas menores — o lobby e a sala dos Jovens Apóstolos - estavam separadas do espaço maior por divisórias. Tim se despediu de Carrie logo depois de cruzarem a porta principal - ela estava no Comitê de Pães e Peixes, que servia lanches na entrada — e continuou até o Santuário.

Estava quieto ali, um campo de cadeiras dobráveis brancas vazias, e Tim parou no fundo do salão, como fazia toda semana, para saborear o momento. Não importa o que mais estava acontecendo em sua vida — como estava distraído por problemas com Abby, Carrie ou Allison — ele nunca deixava de se sentir limpo e elevado com esses primeiros alentos de ar santificado. Podia sentir a presença de Deus ao redor dele, uma calma e

poderosa benevolência irradiando do teto para o chão, e seu coração inflado por uma mistura de reverência, gratidão e orgulho sincero por poder participar da cerimônia que estava prestes a se realizar.

Caminhou pelo corredor central até o altar, uma plataforma baixa de madeira que também servia de palco para a equipe de Louvor. Os outros músicos já estavam no palco, mexendo nos amplificadores e nos instrumentos, olhando o *sei list*, não prestando atenção na reunião do Esquadrão de Oração que acontecia bem na frente deles. Uns doze membros da igreja estavam ao redor de Alice Palmiero, mãe de duas crianças, não muito mais velha do que Tim, que recentemente havia sido diagnosticada com câncer de ovário. De longe parecia uma formação de futebol americano, corpos encurvados bem juntos, mãos em torno dos ombros dos companheiros em cada lado, um murmúrio baixo de súplica se elevando do grupo. Tim sabia como era estar no centro de toda aquela energia poderosa — o Esquadrão da Oração tinha se dedicado à causa de sua sobriedade logo depois de ele ter aceitado Jesus — e esperava que Alice estivesse recebendo o mesmo conforto e segurança que ele tinha conhecido ao perceber que não estava sozinho em suas provações, que pessoas boas queriam que ele melhorasse e queriam que o Senhor soubesse disso.

Um pouco à direita do grupo de oração, os Pastores da Juventude Eddie e Elise Kim estavam parados com os braços esticados e os rostos estáticos voltados para o teto. Tim não tinha certeza se eram satélites do grupo maior ou estavam realizando outra tarefa. Ele passou entre eles tentando chamar a menor atenção possível e foi até o palco, cumprimentando Bill Spooner, o guitarrista solo e líder da banda, que estava de joelhos regulando sua pedaleira, uma elaborada cidade em miniatura formada por caixa de metal e fios multicoloridos.

— Irmão Mason — ele falou baixo, mostrando que tinha visto a chegada de Tim com uma saudação sarcástica. — Rock and Roll.

— Amém — Tim murmurou como resposta. — Suba o volume até o onze.

Para Tim, o Louvor de domingo era fácil; tudo o que precisava fazer era montar, plugar e tocar. Seu Fender Jazz Bass e o amplificador Peavey já

estavam no palco, bem onde ele havia deixado na semana anterior, como sempre. Ele nem se incomodava em levá-los para casa.

Ao contrário de alguns caras na equipe de Louvor — Bill tinha uma banda que tocava covers de clássicos chamada Gary and the Graybeards, e o baterista, Ben Malinowski, tocava num trio de jazz que se apresentava todo sábado no Red Roof Inn em Gifford Township —, Tim não tinha nenhuma vida musical fora do Tabernáculo. Aquele mundo era muito cheio de tentações. Ele não era o tipo de alcoólatra recuperado que podia passar a noite num bar bebendo somente Coca Diet, nem era o tipo de viciado recuperado que podia ficar perto de alguém fumando maconha e não dar um tapinha, ou o tipo de cara casado e responsável que se lembrava de mencionar a existência de sua esposa assim que uma mulher bonita comesse a flertar com ele. Queria que fosse diferente, mas nunca tinha encontrado uma forma de separar o rock 'n' roll do sexo, das drogas e da bebida que sempre pareciam acompanhá-lo, o bom e o ruim reunidos em um mesmo pacote emocionante, descolado e tóxico. Ele se lembra de rir de Little Richard alguns anos atrás, pensando em como era patético para um artista daquela estatura ter achado necessário denunciar "a música do Demônio", mas tinha aceitado relutante a possibilidade de que o Sr. Tutti Frutti tivesse razão.

O que era triste, porque Tim adorava rock e sabia como era bom tocando. Um baixista que podia cantar, ele tinha sido chamado por todo tipo de banda — rock sulista, new wave, blues, punk, rockabilly, funk — e ainda recebia ligações de músicos que conheciam sua reputação ou se lembravam dele em shows que começaram no meio dos anos oitenta, e ele sempre precisava lutar contra uma onda de excitação antes de recusar, triste, os convites para uma audição.

Felizmente, Bill Spooner tinha se lembrado dele, também; eles tinham tocado em muitos clubes no começo dos anos noventa, quando Tim estava em uma banda grunge chamada Placenta e Bill era o principal compositor e guitarrista do Killing Spree, um trio de death metal famoso localmente que tinha lançado alguns discos bem recebidos por uma gravadora independente de New Brunswick. Bill tinha ligado há um ano e meio para perguntar se Tim poderia ajudá-lo a fazer um único show no domingo de manhã.

— E na minha igreja — ele falou. — Só quatro músicas. Posso ensiná-las em meia hora.

— Você frequenta uma igreja? — Tim nem pensou em esconder seu espanto. Killing Spree tinha todo o visual Slayer — braceletes com tachas, referências gratuitas a Satã, fotos de animais mortos projetadas na tela atrás da banda —, sem oferecer a menor dica de que estavam só zoando.

— Cara — ele falou. — Essa igreja salvou minha vida. Sabe, depois que Jill morreu. Eu estava num buraco negro.

— Jill morreu? — Tim sentiu-se um idiota. — Eu não sabia. Sinto muito mesmo.

Bill e Jill eram o casal famoso do rock'n'roll. Jaquetas de couro, tatuagens, cabelo no rosto. Iam para todos os lugares na Harley de Bill, usavam jaquetas combinando com o logo do Killing Spree nas costas, um esqueleto com um cigarro na boca, atirando com uma metralhadora.

— Faz três anos — disse Bill. — Estávamos morando na Pensilvânia. Ela ia ter um bebê e algo deu errado. Eles salvaram o bebê, mas ela faleceu. Dá para imaginar? O tipo de cara que eu era, com uma esposa morta e um recém-nascido para cuidar?

— Não consigo imaginar — disse Tim.

— Voltei para morar com meus pais. — Ele deu uma risada de espanto. — Cara, eu estava detonado. Aí um cara me convidou para ir até essa igreja.

— E agora você está me convidando — disse Tim.

— Não precisa acreditar — Bill garantiu. — Só precisa tocar umas músicas. E, além disso, pode comer todos os bolinhos que quiser.

— Que se dane — disse Tim. — Não vou fazer nada no domingo mesmo.

Tim e Bill saíram para o lobby depois da passagem de som para pegar um pouco de café. Estava começando a lotar e era animado como uma festa, muitos abraços, apertos de mão e *como você está*. Desde a primeira visita

ao Tabernáculo, Tim havia sentido o calor e a amizade que encontrou ali; quase sem exceção, os membros da igreja eram gentis e abertos, nada como os puritanos carrancudos que ele tinha esperado. Havia sido o mesmo com os punks e deadheads que tinha conhecido em seus dias selvagens: apesar das reputações temidas no mundo externo, eles habitualmente eram bastante normais depois que a gente os conhecia.

Carrie estava parada atrás de uma mesa de petiscos, tentando consolar Evelyn Braithwaite, que tinha perdido um filho no Iraque havia um ano, mas ainda estava sentindo como se isso tivesse acontecido na semana passada. Tim levantou uma sobancelha em condolência quando passou — Carrie havia reclamado mais de uma vez de como era difícil ouvir Evelyn contar a mesma coisa sobre Jason a cada semana —, e ela respondeu com uma discreta movimentação dos dedos, como se estivesse digitando uma mensagem num teclado invisível.

A esposa de Bill, Ellie, chegou bem quando estavam acabando os donuts, uma mulher grande, com olhar confuso, ruiva, com um bebê de três meses nos braços e a enteada de quatro anos a tiracolo. A pequena Gillian era uma criança delicada, um pouco inquieta, estranhamente parecida com sua falecida mãe: magra com cabelo escuro, lábios sempre amuados e uma expressão arrogante de desdém pelo mundo. Tim sentia um pequeno choque de reconhecimento sempre que a via, uma janela para uma época mais louca, drogas, motocicletas e um retorno vibrando em cima de um Marshall, garotas com olhos vidrados com maquiagem branca e lábios pretos.

Bill correu para cumprimentar sua família, pegou Gillian nos braços e depois beijou demoradamente a boca de Ellie. Talvez fosse só para se mostrar — Tim nem sempre confiava em casais que se comportavam como adolescentes —, mas não parecia. Bill estava em paz com sua nova vida, livre do passado. Ele não parecia se importar por ter perdido o cabelo e engordado um pouco, ou trocado sua roupa de motoqueiro por uma camisa havaiana estranha com desenhos de cachorro-quente e hambúrgueres, da mesma maneira que parecia não se importar que Ellie não chegava nem perto de Jill; ele aceitou sua segunda esposa como tinha aceitado Jesus — sem questionar, com alegria e gratidão pelo presente que tinha recebido e sem nenhum desejo de olhar para trás. O fato de Jill estar morta deve ter ajudado, pensou Tim. Talvez Bill não achasse tão fácil se tivesse de vê-la

toda semana com outro homem e lembrar o que eles tinham significado um para o outro.

Bill beijou Gillian na testa e a colocou no chão. Então Ellie lhe entregou o bebê e seu rosto se iluminou feliz. Tim sentia mais culpa do que inveja; ele ainda insistia em usar preservativo com Carrie, adiando a criança que sabia que ela queria desesperadamente. Dizia que era porque queria guardar algum dinheiro, que preferia estar bem financeiramente para que ela pudesse ficar em casa com o bebê, mas isso era apenas uma parte da coisa. Algo mais o impedia, uma relutância teimosa de tomar esse passo final irrevogável, criar uma nova família que para sempre suplantaria a velha.

Seus olhos se voltaram para Carrie, que ainda não tinha conseguido se livrar da conversa com Evelyn. Não era realmente uma conversa — Evelyn era a única a falar; Carrie só assentia e balançava a cabeça, de vez em quando tocando o braço da senhora. Mesmo assim, Tim podia ver como Carrie estava intencionalmente focada nela, e como Evelyn se sentia confortada ao ser envolvida por sua atenção simpática. Sentiu uma onda de respeito e afeto por sua esposa; ela era uma boa mulher e ele, um tonto por não ver isso. Pensou em se juntar a ela, aliviar um pouco o peso de consolar Evelyn, mas recebeu um forte tapa nas costas antes de conseguir dar o primeiro passo.

— Ei, treinador.

Tim virou-se para ver seu amigo John Roper, um homem com uma barriga alarmante, se aproximando dele com um grande sorriso de domingo de manhã no rosto. Tim também sorriu, momentaneamente espantado — reagia do mesmo jeito toda semana — pela visão de seu treinador assistente de terno e gravata. Até alguns meses atrás, Tim só o vira suando.

— Como está a Abby? — perguntou John.

— Bem. Um pouco enjoada na noite passada, mas sentia-se bem esta manhã.

— Louvado seja Deus. — John caminhou até Tim, abrindo os braços. — Me dê um abraço.

Com uma relutância que esperava ter conseguido esconder, Tim se submeteu ao abraço do homem. Não que ele não gostasse de abraçar outros caras — era uma prática comum no Tabernáculo —, mas, como um cara pequeno, achava embaraçoso ser esmagado nos braços de um cara enorme como John, ex-atacante do Montclair State que tinha uns cinquenta quilos a mais que ele. Fazia com que se sentisse uma criança, um menininho que precisava tomar muito mais leite.

John manteve os braços ao redor de Tim bem depois que os dois já haviam trocado os obrigatórios três tapinhas nas costas. Esses abraços extralongos eram um hábito de John, sua maneira de dizer obrigado. Fora Tim que o havia convidado para o Tabernáculo no verão — ele tinha visto uma oportunidade depois de uma conversa na qual John reclamara sobre ataques de pânico no meio da noite, uma sensação de tontura, como se estivesse caindo num vazio infinito — e tinha agido como seu guia espiritual e padrinho nos meses seguintes, da mesma forma que Bill Spooner tinha feito com ele. O Pastor Dennis chamava de Corrente do Resgate: eu salvo você, você salva outro cara e ele vai salvar outro.

– Foi um ótimo jogo ontem — disse John, dando um aperto final, estilo anaconda, antes de soltá-lo. — Ainda estou nas nuvens.

– Bem, precisamos agradecer por isso — Tim cumprimentou a filha de John, Candace, que estava parada ao lado de seu pai, mexendo nervosa no bracelete Livestrong no pulso esquerdo. — Foi um gol impressionante. Não consigo acreditar como você foi rápida.

Candace ficou envergonhada; era uma garota adorável com o pescoço comprido e o porte de uma bailarina. Tim percebeu que estava olhando para ela com muito interesse — ainda não tinha feito doze anos, pelo amor de Pedro — e rapidamente voltou sua atenção para o pai dela, que não era nem um pouco agradável de se olhar.

– Ela quase não alcançava — disse John com um risinho afetuosos. — Por um segundo, achei que a bola não teria força suficiente para cruzar a linha do gol.

Ele esticou o braço para fazer um carinho no cabelo da filha, mas ela afastou a mão dele.

— Pai.

John retirou a mão, envergonhado.

— Desculpe. — Ele girou os olhos para demonstrar a Tim bom humor. — Sempre esqueço que no cabelo é proibido.

Tim balançou a cabeça demonstrando solidariedade. Ele se perguntava se era estranho para John assistir a essa garotinha crescer e se transformar em uma jovem linda, loira, com pernas compridas que, dentro de um ou dois anos, não seria capaz de caminhar pelas ruas sem causar alguma perturbação física nos homens. Não era tão complicado para Tim, pelo menos ainda não. Ao contrário de Candace, Abby parecia longe da puberdade, mesmo se já fosse absurdamente adolescente em alguns de seus comportamentos e atitudes.

— Vou dizer uma coisa — disse Tim. — Naquele ponto, não estava me importando se íamos ganhar ou perder. Só estava orgulhoso das garotas por não se entregarem.

O rosto de John ficou solene. Ele colocou sua mão gorda no ombro de Tim.

— Foi corajoso o que você fez depois do jogo.

— Não foi nada — Tim murmurou.

— Foi sim — insistiu John. Ele falava baixo, olhando direto para Tim. — Foi algo importante. Você defendeu o Senhor e quero agradecê-lo por isso.

Tocar música era um pouco como fazer amor, pensou Tim, quando a equipe de Louvor começou com "Marvelous", a mais agitada das três músicas com que abriam o show. Às vezes, você estava com tudo, completamente sintonizado com sua parceira, todo submerso no ato. Outras vezes, estava estranhamente distante, flutuando sobre si, assistindo com interesse médio enquanto pensava em outras coisas, como o prazo vencido para a troca de óleo, ou se perguntando quando foi, exatamente, que tinha perdido o gosto por manteiga de amendoim.

Hoje, ele podia sentir, seria um desses dias mais ou menos. Os dedos estavam tocando as notas certas, e sua voz saía forte no microfone, sorrindo

para a cantora principal, Verna Deaver, quando eles cantavam juntos no refrão:

The Lord has done this, And itsfabulous, Miraculous, Wonderful.

The Lord has done this, And its marvelous In our eyes![{1}](#)

Mas sua mente estava distante, retornando insistentemente para a oração no fim do jogo de futebol de ontem, a perturbadora sensação — só agravada pelo elogio de John — de que tinha feito algo estúpido ou pelo menos tinha se metido em algo mais confuso do que pretendia.

Nunca tinha pedido para o time orar com ele antes, nunca tinha considerado essa possibilidade. Mas tinha sido um jogo tão emocionante e, quando as garotas se juntaram para o abraço final, uma sensação de amor tomou conta dele — todas aquelas carinhas doces, coradas e jovens olhando para ele —, que falou do coração, sem premeditar.

— Vamos dar as mãos — ele tinha dito — e agradecer a Deus.

Nenhuma delas reclamou ou hesitou; elas não pareciam se sentir ameaçadas ou desconfortáveis com o que tinha pedido. Deram-se as mãos e se sentaram na grama como se naturalmente rezassem juntas todo dia. Foi só quando a mãe de Maggie veio correndo com aquela cara de terror que Tim pensou que poderia ter ultrapassado o limite.

Ele sabia que ela estava ali, claro. Tinham se conhecido no intervalo e conversaram um pouco — ela tinha sido mais amigável do que ele esperava, com uma risada surpreendentemente jovem —, então ele não tinha nenhuma desculpa por não prever sua reação. Na verdade, não a culparia por pensar que ele tinha planejado todo o incidente simplesmente para antagonizá-la.

Mas a verdade era que ele tinha se esquecido completamente de Ruth Ramsey naquele momento. A parte final do segundo tempo — tudo depois que Abby sofreu a contusão — tinha ficado meio borrada. Ficara tão aterrorizado ao ver sua filha caída imóvel na grama — houve um momento nauseante em que ela realmente pareceu estar morta — e tão aliviado quando ela finalmente abriu os olhos, que ainda não estava pensando direito quando a mãe de Maggie apareceu e começou a gritar.

Ele tentou acalmá-la, mas ela não ouvia. Só arrancou sua filha do meio do time, com todas as outras garotas olhando, e disse que os dias dela nas Stars tinham terminado. Maggie começou a chorar ao ouvir a mãe — era uma garotinha dura e ele se lembra de ter pensado que ela chorava como um menino, com raiva, como se tivesse sido traída por seu corpo — e isso Tim não conseguia esquecer.

Ele não tinha se arrependido de orar, e certamente não tinha problemas em ofender alguém como Ruth Ramsey, mas estava muito arrependido de colocar Maggie naquela horrível situação, embaraçando-a na frente de suas companheiras, fazendo com que um ótimo momento se transformasse em algo feio e confuso.

E agora ele teria de pedir desculpas para a mãe de Maggie, por mais que odiasse a ideia. Porque ele ficaria destruído se Maggie saísse do time e não só porque ela era a melhor jogadora. Ficaria destruído porque ela era uma ótima garota que adorava jogar e porque não deveria parar por causa de uma disputa entre adultos, algo que não tinha nada a ver com ela.

Tim começou a se animar um pouco em "Jerusalem", a canção final da abertura. Sentiu no momento em que Verna Deaver deu a primeira nota que o piloto automático não funcionaria; teria de entrar no clima se não quisesse ficar para trás.

— *My soul is weary*{2} — Verna cantou, a riqueza de sua voz tomada por um tom forte de lamento. — *And my body is tired!**

Tim e Bill Spooner faziam a resposta dos barítonos.

Goiri up to Jerusalem.

But my faith is burning -with a heavenly fire!

Goiri up to Jerusalem.{3}

Verna era uma mulher negra e grande e era a integrante mais recente da equipe de Louvor. Tim não sabia que idade ela tinha, na realidade não conhecia muito, só sabia que trabalhava no KFC da Estrada 23, parecia criar alguns netos e sofria de algum problema nos pés que a obrigava a ensaiar sentada numa cadeira. Nos domingos de manhã, no entanto, ela sempre ficava em pé e segurava orgulhosa o microfone, levantando os braços e se movendo devagar de um lado para o outro, como se Deus tivesse concedido um movimento temporário que a aliviasse da dor.

Não havia muitos negros no Tabernáculo — mesmo pelos padrões mais generosos, Stonewood Heights não podia ser considerada uma comunidade diversificada —, mas o número deles tinha crescido bastante no último ano, já que a novidade sobre a liderança carismática do Pastor Dennis tinha se espalhado pela região, bem como sua intransigente denúncia contra a imoralidade.

Verna tinha participado da primeira onda de afro-americanos a se unir à igreja, um grupo de uma dúzia, mais ou menos, de mulheres mais velhas que tinham chegado no último inverno, na época em que o Pastor Dennis começou a aparecer semanalmente num programa da TV a cabo chamado *A Boa Semente*. Tim se lembrava bem da primeira vez que a tinha visto, porque estava acompanhada por uma jovem linda com dreadlocks, bochechas grandes e olhos amendoados — usava uma saia justa e botas brilhantes até o joelho — que não voltou na semana seguinte, nem nunca mais, embora Tim ainda não tivesse parado de procurá-la.

Verna pediu para fazer um teste na equipe de Louvor no final da primavera. Os caras ficaram céticos no começo; ela não tinha nenhuma experiência anterior como cantora e não parecia que se encaixaria facilmente em um grupo de músicos veteranos que tinham tocado em bandas de rock desde que eram adolescentes. Mas essas objeções desapareceram no momento em que ela terminou o primeiro verso de "Amazing Grace" — ficou imediatamente claro que Verna tinha um dom natural, uma voz muito expressiva e um sentido instintivo de como usá-la. Não foi um teste como o de sempre, o novato seguindo a banda. Verna simplesmente subiu no palco e tomou conta, e ninguém teve nenhum problema com isso.

Let the first be last and the last be first, uh-huh!

Goirí up to Jerusalem.

Held me, Lord! Lift me up now!

Goirí up to Jerusalem. ^{4}

Durante o verão, a equipe de Louvor tinha passado por uma forte transformação, mudando de um conjunto de iguais — a ponto de Bill, Tim e o tecladista, Gary Rawson, terem dividido a responsabilidade de cantar — para acompanhantes de uma vocalista virtuosa. Ou, como Bill gostava de

dizer, "Éramos o Crosby, Stills, Nash & Young; agora, somos o Big Brother and the Holding Company".

My feets are sore! But I got to keep on walking!

Góirí up to Jerusalem.

Oh, Lord! I'm right here at your side!

Góirí up to Jerusalem. {5}

Durante o mesmo período, o repertório mudou aos poucos, mas, decisivamente, deixando o pop/rock que tinha sido o padrão e passando à música gospel mais tradicional, que era o que Verna cantava melhor. Os membros mais antigos da igreja tinham ficado desconcertados no começo, especialmente por causa das incríveis improvisações no final das músicas, durante as quais Verna às vezes se animava, jogando a cabeça para trás e batendo repetidamente na perna enquanto louvava, mas depois se acostumaram. Nas últimas semanas, os participantes tinham começado a bater palmas acompanhando a música, fazendo um som alegre que era novo para o Tabernáculo e claramente agradava a Deus.

Quando a música finalmente acabou, não houve aplausos, nada que sugerisse que um show tinha acontecido. Os músicos simplesmente deixavam seus instrumentos — Tim e Bill davam o braço para Verna descer do palco, respirando pesado, os olhos selvagens e desfocados — e se sentavam entre os outros membros da igreja.

Para Tim, esse era um dos momentos mais satisfatórios do culto, aquele que mostrava o significado de ser cristão. Não era uma questão de Nós e Eles — a banda separada da audiência, as pessoas especiais acima dos comuns —, eram todos iguais, os crentes, o povo do Tabernáculo.

Por muito tempo, ele tinha sido atraído por essa sensação de comunidade; era algo que tinha procurado, em momentos diferentes de sua vida, tanto no punk rock quanto no Grateful Dead e, nos dois casos, por um tempo, tinha encontrado. Mas não tinha durado e, de qualquer modo, as comunidades nas quais havia participado eram desapontadoramente pequenas e homogêneas se comparadas com essa. Os punks e os dreadheads eram majoritariamente brancos, suburbanos e jovens; quase todos usavam roupas e cabelos parecidos, e tinham mais ou menos a mesma experiência do mundo. Não era como aqui, onde se viam avós e crianças, pessoas em cadeiras de rodas, famílias inteiras, casais inter-raciais, imigrantes que

pouco falavam inglês, professores universitários, gente em reabilitação, pacientes de câncer que tinham perdido o cabelo, pessoas solitárias que não tinham nenhum amigo no mundo antes de colocar os pés no Tabernáculo.

Tim assentiu para os rostos familiares e bateu no ombro de conhecidos antes de chegar na cadeira vazia perto de Carrie, que o olhava com sua costureira mistura de afeto e preocupação. Ela apertou a mão dele e deu um leve sorriso antes de começar a prestar atenção no púlpito, claramente curiosa, como ele, sobre o que seria o sermão daquela manhã.

Tim não sabia por quê, mas o Pastor Dennis diminuía o número de sermões nesse outono, e não porque estivesse doente ou viajando. Em três semanas do último mês, oradores convidados — um missionário que tinha trabalhado entre os pobres na Guatemala, uma enfermeira que falou sobre cristianismo e ética médica e um ex-gay que renunciara à sua homossexualidade e agora era casado e tinha dois filhos — tinham falado para a congregação enquanto o Pastor Dennis ouvia com atenção, sentado numa cadeira.

Esse fenômeno tinha causado muita discussão entre o povo do Tabernáculo, que não podia deixar de especular sobre as razões subjacentes à recusa pouco comum do Pastor em ficar em evidência. Estava cansado? Estava preocupado com a igreja ter se tornado um "Culto à Personalidade", como a carta de um leitor desgostoso tinha acusado no *Bulletin-Chronicle*? Ou havia algum objetivo mais amplo, sutil, oculto a suas escolhas, que seria gradualmente conhecido nos próximos meses? Enquanto várias pessoas defendiam diferentes explicações, havia uma sensação quase unânime entre a congregação de que os convidados não tinham sido muito bons, apesar de suas experiências de vida interessantes. Uma coisa era falar sobre si; o Pastor Dennis tinha o raro talento de inspirar outros, usando suas palavras para se conectar com seus ouvintes e aproximá-los de Deus.

O ex-gay — ele se apresentou simplesmente como "Troy" — tinha sido o pior orador para Tim, e não só porque não parecia haver nada "ex" nele. Tim entendia que era injusto estereotipar, mas tinha certeza de que podia reconhecer um gay quando via um. Não era somente a voz afeminada de Troy ou seus gestos exagerados, ou seu suspeito corpo musculoso, nem mesmo o jeito galanteador como colocava as mãos na cintura, girava a cabeça para o lado e dizia: "Gente, não estou neeeem um pouco orgulhoso

do meu comportamento". Qualquer uma dessas coisas poderia ser pura coincidência, mas, juntas, pareciam gritar: "Ainda sou gay!". Tim se perguntava como a Sra. Troy conseguia se convencer de que tudo estava bem quando parava na frente dele com uma camisola fina e via o olhar de profunda indiferença no rosto dele, a menos que fosse uma lésbica em recuperação, e nesse caso provavelmente ficaria mais aliviada do que outra coisa.

Na maior parte do tempo, Tim fazia o máximo para ser um bom cristão e seguir a linha bíblica, mas, não importava o quanto tentasse, não conseguia se convencer de que a homossexualidade era um pecado. Simplesmente parecia não ser tão errado assim para ele, certamente não era algo que merecia o banimento para o inferno e provavelmente não valia todo o tempo e energia que o Pastor Dennis e muitas outras pessoas dispensavam nisso, quase obcecados, principalmente porque Jesus não falava uma única palavra sobre o assunto nos Evangelhos.

Parecia uma omissão óbvia, considerando que Jesus tinha dito muitas coisas sobre outros pontos da moralidade sexual, incluindo um que era particularmente inconveniente para Tim: "Todo homem que se divorcia de sua mulher e se casa com outra comete adultério". Não dava para ser mais claro que isso e, mesmo assim, o Pastor Dennis não foi contra o casamento de Tim com Carrie, ao contrário. Tinha simplesmente deixado toda a coisa de recasamento-adultério, temperando a lei dura de Deus com uma dose de compaixão humana. Tim não podia deixar de sentir que os gays mereciam a mesma coisa, um reconhecimento de que uma escolha entre uma vida de pecado e uma vida de celibato não era realmente uma escolha.

Era incrível como Tim estivesse tão honestamente no campo da tolerância sexual porque isso estava muito longe do que ele havia sido. Fora adolescente no final dos anos setenta, parte da última geração de garotos norte-americanos que podiam usar a palavra "bicha" com um ar inocente, sem pensar que alguém em algum lugar poderia ficar ofendido. O mero pensamento de dois homens transando era suficiente para fazer com que ele e seus companheiros tivessem ataques de nojo. Ao mesmo tempo, estavam sempre fazendo piada sobre isso; era rara a conversa que terminava sem o convite ritual "chupa minha pica". Eles devotavam muito tempo em fervorosas discussões sobre o pesadelo do estupro na prisão, principalmente

a variedade na qual um negro enorme afirmava que um dos caras era a garotinha dele.

Sua homofobia sobreviveu intacta por boa parte da faculdade — Stockton State no começo dos anos oitenta não tinha muito espaço para o pensamento progressista — até conhecer Scott Dalerio. Isso foi na primavera do terceiro ano, uma época em que Tim havia parado de ir às aulas e preferia se divertir. Scott era vizinho de alojamento, um bobão de cabelo comprido e personalidade tranquila, sempre drogado; usava boné preto o tempo todo e apresentava um programa de jazz-fusion na estação de rádio da faculdade tarde da noite. Eles se encontravam o tempo todo no edifício — Scott parecia ter tão poucas obrigações acadêmicas quanto Tim — e aos poucos criaram o hábito de passar as tardes juntos, fumando maconha e ouvindo música no apartamento de Scott.

Um dia, do nada, Scott colocou a mão na perna de Tim e perguntou se podia chupá-lo. Tim se sentou com um espanto drogado — ele estava esparramado no sofá, contemplando a monstruosa genialidade da Mahavishnu Orchestra —, a mente um ou dois segundos atrasada em relação à ação.

— Cara — ele balbuciou. — O que você disse?

Scott estava ajoelhado no tapete, olhando para Tim, o rosto forte e vulnerável ao mesmo tempo.

— Perguntei se posso chupá-lo.

Um riso tonto e curto escapou da boca de Tim.

— Isso não é engraçado.

— Não estou brincando — Scott garantiu. Tinha uns cílios supercompridos que Tim nunca havia percebido antes. — Ninguém precisa saber.

— Você está doidaço. Nem sabe o que está falando.

— É só uma chupeta — respondeu Scott, num tom estranho e irritado. — Feche os olhos e finja que sou uma garota.

Tim agarrou sua erva e a seda da mesinha e se levantou.

— Cara — ele falou. — É melhor eu ir. Você está me assustando.

— Ah, merda — Scott bateu a mão contra a testa e começou a choramingar. — Merda. Me desculpe.

Tim deu uns passos incertos até a porta.

— Não vá embora — Scott pediu.

— Acho que é melhor — respondeu Tim.

— Vamos lá — implorou Scott. — Não faça isso comigo.

Tim não tinha certeza do que o fez voltar. Talvez a instabilidade na voz de Scott. Talvez a vontade de não ser o tipo de pessoa que abandona um amigo quando ele está implorando para que você fique.

— *Por favor* — Scott parecia estar a ponto de chorar. — Eu realmente não queria ofendê-lo.

— Está bem — disse Tim. — Não estou ofendido.

Estava surpreso por se ouvir falando isso, e ainda mais surpreso por perceber que era verdade. Estava chocado e embaraçado pelos dois, mas não estava bravo.

— É só que... — Scott se levantou. Tentou sorrir, mas não conseguiu. — Estive pensando muito em você. Tipo, o tempo todo. As vezes, não sei, às vezes, acho que estou apaixonado por você.

— Nem sabia que você era gay.

— Não quero ser — garantiu Scott. — Simplesmente sou.

Eles foram até a cozinha, beberam umas cervejas e conversaram por muito tempo. Scott disse que sabia desde que era criança, apesar de ter resistido o máximo que podia. Até teve umas namoradas no ensino médio, mas era só para mostrar, como se estivesse atuando numa peça de teatro. Disse que nunca teve um namorado de verdade, mas que ia a alguns bares às vezes, lugares onde universitários que pareciam héteros eram bem populares. Quando Tim finalmente decidiu ir embora, eles voltaram a

garantir que estava tudo bem entre eles, que ainda eram amigos e que continuariam como se todo o episódio nunca tivesse acontecido.

Não funcionou assim, claro. Eles tentaram se encontrar mais algumas vezes depois daquilo, mas sempre havia uma atmosfera de estranheza, um clima constrangedor. No passado, eles se sentavam juntos durante bastante tempo sem conversar, contentes por ficarem chapados e escutarem música — pelo menos era o que parecia a Tim —, mas agora eles se sentiam forçados a quebrar o silêncio com assuntos bobos, cada um tentando assegurar que o outro estava bem, que não estava se sentindo tímido ou desconfortável. Depois de um tempo, ficou mais fácil inventar desculpas. Tim começou a tocar bastante com o Freebies; Scott de repente tinha muito trabalho na rádio.

Tim desistiu da faculdade no final do verão e nunca mais viu Scott. Mas pensou bastante nele nos anos seguintes, sempre que alguém fazia uma piada de bicha ou dizia que os gays mereciam ter Aids. As vezes, se as circunstâncias permitiam, Tim desafiava a outra pessoa, perguntava se ele — na experiência de Tim, era sempre um homem que falava isso — tinha algum amigo gay. Quase sempre o cara dizia não.

— Espere até ter um — dizia Tim. — Aí você vai perceber como era um estúpido.

O Pastor Dennis normalmente começava o sermão logo depois que a equipe de Louvor saía do palco, mas essa manhã houve um atraso. Depois de dois ou três minutos olhando para o palco vazio, as pessoas começaram a checar o relógio e girar a cabeça incertos, pensando se alguém deveria fazer algo ou pelo menos fazer um anúncio.

O suspiro de alívio que a súbita chegada do Pastor Dennis causou — ele veio rápido pelo corredor central, bem quando o Pastor da Juventude Eddie estava subindo ao palco com uma expressão carrancuda no rosto — rapidamente se dissolveu em murmúrios de confusão e preocupação ao perceberem sua aparência desgrehada. Em vez das calças e da camiseta polo azul sempre bem passadas, que eram seu uniforme desde que Tim havia entrado no Tabernáculo, ele estava usando um terno cinza amassado, grande para seu corpo, com uma das mangas rasgada. Sua gravata estava frouxa e torta, a camisa para fora das calças; ele podia ser um empresário voltando para o hotel depois de uma noite de balada forte numa cidade

estranha. O fato era que estava mancando um pouco e tampando o olho direito com a mão, o que só aumentava o mistério de uma situação já peculiar.

Os dois pastores se abraçaram no palco. Depois de uma breve conversa sussurrada, o Pastor Eddie voltou para sua cadeira, enquanto o Pastor Dennis assumiu seu posto em frente ao microfone.

— Terão de me perdoar — ele falou. — Não consegui dormir ontem à noite. Eu estava em um casamento e havia muita bebida.

Ele tirou a mão do olho, revelando uma mancha escura.

— Como vocês podem suspeitar, não era um casamento cristão. Oh, não duvidem; se perguntassem às pessoas ali se acreditavam em Jesus, a maioria delas diria sim. Mas vocês e eu entendemos que eles só dizem isso porque não *conhecem* Jesus, não como nós. Na verdade, não reconheceriam nosso Senhor se Ele tocasse a campainha da casa deles, usando seu deslumbrante manto branco. Sabem, as roupas que o Evangelho de Marcos descreve como "mais brancas do que qualquer um no mundo poderia deixar". Ele poderia se apresentar como o Filho de Deus e explicar que tinha morrido pelos pecados deles, e esses *cristãos* só bateriam a porta na Sua cara e voltariam para assistir a *Desperate Housewives*.

"Então o que *eu* estava fazendo ali, vocês poderiam perguntar. A resposta fácil é que não tinha escolha. A noiva é a prima da minha esposa e tinha pedido a Emily que fosse uma das madrinhas. Então lá fui eu ao casamento com minha esposa, porque fomos convidados. Mas a melhor resposta é que eu devia estar ali, entre os loucos bêbados e os crentes sem fé. E exatamente o que Jesus disse aos fariseus quando estes exigiram saber por que um homem santo dividiria o pão com os pecadores: 'Não são os saudáveis que precisam de médico, mas os doentes'.

"Para que vocês possam entender a situação, devo explicar que a festa de casamento consistia em uma longa mesa em frente ao salão de banquetes. Era onde estava Emily, o que significava que eu estava livre. Acontece que havia uma boa quantidade de homens sozinhos no casamento, suficiente para ter uma mesa só para nós, ali no fundo do salão, perto da cozinha. A mesa dos machos, era como os rapazes a chamavam.

"Meus companheiros eram caras comuns — um era eletricitista, outro vendia celulares, alguns trabalhavam com computadores. Todos tinham em comum o fato de gostar de esportes e todos tinham ido ao casamento com o objetivo de se embriagar. E vou dizer uma coisa: conseguiram. Quando o jantar estava sendo servido, alguns dos meus companheiros já estavam bem embriagados e os outros estavam a caminho. Então, não é de se espantar que começassem a discutir sobre clubes de *strip* bem ali na recepção do casamento. Preciso admitir que fiquei abatido, já que não sabia que esse era um assunto aceitável para conversas na mesa de jantar. Ninguém parecia pensar que havia algo vergonhoso naquilo; longe disso. Meus companheiros de mesa não sentiam vergonha! Estavam orgulhosos de si! Eram tão machos, tão sofisticados, tão homens do mundo!

"Acham que não podia ter ficado pior, não é? Mas havia um cara pior na mesa, Jay era seu nome, que não parava de falar de Jenna Jameson. Agora, espero que a maioria de vocês nunca tenha ouvido falar de Jenna Jameson e, se for o caso, peço desculpas por ser a primeira pessoa a fazer isso. É suficiente dizer que Jenna Jameson é a maior prostituta do mundo e que é muito bem paga pelos seus serviços. E esse cara patético não conseguia parar de falar nela. 'Eu adoro Jenna', ele falava. 'Ela é a garota certa para mim.'

"Bom, imaginem como me senti com toda essa besteira vil, mas fiquei quieto, porque, como Jesus dizia: 'Não vim para julgar o mundo'. Mas Jay deve ter percebido que eu não estava participando da conversa e isso o deixou nervoso. Depois de um tempo, ele se virou para mim e disse: 'Então, hã, Denny, você é fã da Jenna?'.

"Eu falei que era muito bem casado com uma mulher de carne e osso, e que a amava com todo o meu coração: 'Pense nisso', falei. 'Para que precisaria de uma porca como Jenna Jameson?'

"Bom, os outros caras parecem ter achado isso hilário, como se fosse uma coisa ridícula ouvir um homem dizendo que amava sua esposa mais do que uma ordinária de filme pornô. 'Quem é esse otário?', um deles perguntou ao outro. Eu aproveitei a oportunidade para dizer que era um homem de Deus e que pregava o Evangelho de Jesus Cristo para todos que quisessem ouvir. E esses idiotas riram ainda mais alto. Exceto por uma

coisa. Percebi que Jay não estava rindo. Estava olhando para mim com uma expressão de raiva, machucado, como se eu o tivesse insultado.

"Depois do jantar, começou o baile e queria muito ir embora daquele casamento. Mas fiquei sentado direito e esperei a hora passar. E quando Jay se levantou para ir ao banheiro, eu o segui. Quando ele não podia fugir, fiquei ao seu lado e disse: 'Jenna Jameson não o ama, mas eu conheço alguém que ama'.

"Jay me disse que não queria ouvir meu lixo cristão, no entanto, acreditem, ele usou uma palavra mais forte do que lixo. Ele até chegou a sugerir que eu era gay. Dá para imaginar?"

O Pastor Dennis fez uma pausa, permitindo que o absurdo dessa acusação penetrasse fundo na congregação. Tim não conseguiu evitar um riso, assim como várias outras pessoas ao seu redor.

— Eu garanti que não havia nenhum osso homossexual em meu corpo — continuou o Pastor — e que, se houvesse, não hesitaria em arrancá-lo, como o Senhor manda. Mas ele não acreditou em mim. "Se você não é gay", falou, "por que me seguiu até o banheiro masculino?"

"'Porque me importo com você', respondi. 'Porque não quero que acabe queimando no inferno!'.

"Ele não gostou nem um pouco disso, e não posso culpá-lo. Sua voz ficou toda chorosa, como se eu tivesse atacado seus sentimentos. 'Por que você fala uma coisa dessas? Estou aqui no casamento do meu amigo, cuidando dos meus assuntos e você vem ao banheiro para me dizer que vou para o inferno? Isso é bastante rude, com certeza.' 'Só digo isso porque é verdade', expliquei. 'E porque tenho boas notícias para você'.

"Ele se afastou de mim, balançando a cabeça e murmurando algo. Eu o segui até a pia. 'Posso sentir que você está machucado', falei para ele. 'Você se odeia e odeia sua vida. Mas não precisa ser assim.'

"Bem, Jay perdeu a paciência. Agarrou minha camisa e me empurrou contra a parede. 'Vou mostrar quem vai ficar machucado', falou.

"Eu disse que o inferno era um lugar de tormento eterno. 'Pense nisso', falei. 'O fogo nunca apaga. Você vai sofrer e sofrer e sofrer.' Ele gritou me mandando calar a boca. Falei que o pior dia de sua vida seria um

piquenique comparado com um segundo no lago de fogo. E foi quando ele me bateu."

O Pastor Dennis levantou a cabeça, mostrando a mancha escura ao redor do olho.

— Foi um soco muito bom, também, com certeza o melhor que já tomei desde que comecei a espalhar a Palavra de Deus. Mas vou dizer algo em favor de Jay, ele se sentiu mal pelo que tinha feito. Antes de eu pedir para me acertar de novo, ele começou a pedir desculpas. Falei que estava tudo bem, que as pessoas que amavam Jesus tinham sido espancadas, amaldiçoadas, humilhadas por dois mil anos e que aceitávamos a punição. E citei: "Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus!". Jay pegou uma bolsa de gelo para mim na cozinha e, ao sairmos, ficamos conversando muito. Eu contei sobre minha vida e ele me contou sobre a dele. A gente acabou se conhecendo muito bem. E, quando o sol saiu esta manhã, estávamos de joelhos no estacionamento vazio da Pinehurst Manot. E por isso que eu cheguei um pouco atrasado para nosso encontro hoje. E é por isso que estou parado na frente de vocês agora e digo: "Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida".

O Pastor Dennis olhou para os membros da congregação.

— Jay, meu amigo, você poderia vir até aqui?

Tim se virou, como fez o resto da congregação, e viu um cara prematuramente careca, usando um terno tão desgrenhado quanto o do Pastor, levantar-se de uma cadeira na última fila. Jay era mais jovem do que Tim havia imaginado, perto dos trinta no máximo, um ex-atleta de ombros largos com o queixo pequeno e a barriga grande. Era fácil imaginá-lo esparramado no sofá de cueca, assistindo a filmes de Jenna Jameson.

As lágrimas escorriam de seu rosto enquanto caminhava até o altar, mas estava sorrindo como uma noiva, assentindo e agradecendo todos os votos de boa sorte que eram dirigidos a ele, bem como as mãos que ofereciam as boas-vindas. Tim reconheceu a complexa emoção em seu rosto. Era alegria, a súbita percepção de ter uma chance de recomeçar e melhorar, de salvar um pouco de esperança e sentido numa vida que parecia detonada e sem

solução. Ele se inclinou pelo corredor e esticou sua mão para que Jay pudesse tocá-la ao passar.

PARTE TRÊS

O Deus do treinador Tim

Que seja

Como qualquer educadora sexual que se preze, Ruth era grande fã das camisinhas de látex. Eram baratas, eficientes, fáceis de usar e de encontrar. Em termos do bem que elas tinham feito à humanidade ao evitar anos de sofrimento — gravidez indesejada, doenças terríveis, destruição de vidas jovens —, ela colocava aquela borrachinha humilde bem ao lado dos antibióticos e das vacinas no panteão das Maravilhas da Saúde Pública do Mundo Moderno. Para o estudante médio, ainda mais, as camisinhas *eram* a forma de controle de natalidade — realmente não havia nenhuma alternativa viável. Ruth costumava brincar, em tempos mais fáceis, que todo o currículo de Educação Sexual da nona série poderia ser reduzido a três palavras: *Camisinhas, Camisinhas, Camisinhas!*

E era por isso que parecia tão irritante ficar "ensinando" a lição de hoje, que soava ultrapassada, cujo título equivocado e perigoso ela tinha escrito no quadro-negro no começo da aula com a mão trêmula e sentindo ódio de si mesma: "NÃO EXISTE SEXO SEGURO". Bem, claro que não existia, não se você definisse seguro como a impossibilidade de que algo ruim acontecesse com alguém. Não havia nenhuma viagem de carro sem riscos, também, mas ninguém ensinava às crianças como ficar longe dos carros. Ensinavam-se técnicas de direção defensiva e recomendava-se milhões de vezes para que usassem o cinto de segurança, porque dirigir era uma parte importante da vida e todo mundo precisava aprender como fazer isso da maneira mais segura possível.

— A lição pede outro exercício de teatro — Ruth anunciou. —
Algum voluntário?

Como era esperado, as mãos de Dan Hayes e Courtney Brenner se levantaram. A classe tinha feito quatro desses diálogos na última semana e

Dan e Courtney tinham sido os jovens amantes em todos eles.

– Que tal alguém novo? Alguém que ainda não participou?

Ruth não ficou muito otimista sobre esse pedido; tinha aprendido havia muito tempo que teatro e Educação Sexual não se misturavam muito bem. A maioria dos adolescentes hesitava em ficar diante de seus companheiros para representar cenas que estavam tão perto das suas vidas reais ou, até pior, bem distantes. Aqueles que gostavam eram os atores experientes como Dan, ou exibicionistas sem um pinga de vergonha, como Courtney.

– Vamos lá, gente. Isso é uma aula. Todos precisam participar — Ruth deixou que vários segundos se passassem, mas ninguém mordeu a isca. — Certo, acho que então é hora de outro show de Dan e Courtney.

As duas estrelas se levantaram de suas cadeiras e foram até a frente da sala, agradecendo felizes os aplausos de seus colegas, que, na maior parte, não eram sarcásticos. Além de estarem agradecidos por livrar a cara, os outros alunos pareciam genuinamente entretidos pelo desempenho deles, e Ruth podia ver pelo menos por que se sentiam assim, mesmo se não concordasse completamente. Por mais irritante que fossem,

Dan e Courtney tinham uma química estranha, contra intuitiva, e se jogavam em seus papéis com um entusiasmo e uma entrega que era pouco comum em primeiros anos do ensino médio.

Dan era pequeno para sua idade, quase não tinha barba, era um rapaz magro, com a cabeça grande e uma personalidade estranha e mandona. Tinha atuado desde o ensino primário, não só em teatros locais e regionais, mas também em comerciais de TV. Ruth o vira em um anúncio de Olive Garden, enfiando um garfo gigante de espaguete na boca enquanto um garçom feliz olhava, com a mão no rosto, espantado, e num comercial do State Farm, no qual ele se balançava num trampolim em câmera lenta enquanto seus pais na trama olhavam para ele com expressões amorosas, felizes por saber que seu futuro estava garantido.

Courtney era mais alta que seu parceiro e parecia uma década mais velha, uma jovem com um corpo de mulher e uma aura desconcertante de confiança sexual. Suas roupas estavam sempre perto de violar o código de vestimenta da escola, apesar de violarem, em espírito; as coisas que ela usava tinham uma forma peculiar de escorregar ou se abrir. Ruth sempre a

via nos corredores com rapazes mais velhos, em geral jogadores de futebol, e eram eles que pareciam extasiados e gratos pela companhia, não Courtney.

– Certo — Ruth deu um sorriso fraco, tentando ignorar os peitos grandes da menina. — Vou contar a história. Courtney, você é Gina, e Dan, você é Ethan, os dois...

– Espere — disse Courtney. — Em vez disso, posso ser Heather?

– Não tem nenhuma Heather — disse Ruth. — O nome da garota é Gina.

Courtney franziu a testa.

– Posso mudar para Heather? Não gosto nada do nome Gina.

– E só uma encenação — Ruth a lembrou. — É para fingir.

– Não me sinto confortável sendo Gina.

– Certo, tanto faz. Realmente não importa.

– Importa para mim — insistiu Courtney. — Eu realmente prefiro Heather.

– Posso ser Skip? — perguntou Dan. — Quer dizer, se ela pode mudar o nome dela...

– Skip? — Courtney tirou um sarro. — Que nome horrível é esse?

– É legal — respondeu Dan, mas menos seguro de si do que o normal. — É tipo um cara bem tranquilão.

– Que coisa ridícula — Courtney falou para ele. — Ninguém se chama Skip.

Quando falou isso, Courtney distraidamente levantou a bainha da blusa acima do umbigo, revelando uma boa parte de sua barriga juvenil. Toda a classe pareceu congelar por um momento enquanto ela languidamente esfregava a barriga, como um velho que tinha acabado de comer muito.

– Skip é um ótimo nome — ela declarou, abaixando a blusa. — Para um cachorro.

— *Au!* — Blake Vizzoni latiu no fundo da classe. Seus colegas responderam com o esperado coro de risos.

— Já chega — Ruth disse para eles. Ela se virou para Dan e Courtney. — Certo, vocês são Skip e Heather, os dois com dezesseis anos, namorados há um ano. Acabaram de chegar da escola e estão sozinhos no salão de jogos, sem a supervisão de adultos.

— Na minha casa ou na dela? — perguntou Dan.

— Isso importa?

— Mais ou menos — ele falou. — Gosto de ter os detalhes claros.

— Digamos que é a casa do Skip, está bem? Vocês estão se beijando e está ficando quente. Isso é algo que já aconteceu uma ou duas vezes antes, mas conseguiram parar antes que as coisas saíssem do controle. Mas, hoje, tem algo diferente. Hoje, Skip tem uma camisinha na carteira.

Ruth tinha terminado, mas os atores continuaram olhando para ela, como se esperassem mais instruções. Depois de um momento, ela percebeu o que tinha esquecido — era algo que Dan sempre insistia — e, sem muita vontade, bateu as mãos.

— Ação.

A palavra nem tinha saído de sua boca quando os jovens amantes se abraçaram e começaram a se beijar de uma maneira perturbadoramente realista, com Dan na ponta dos pés, o pescoço para trás em um ângulo desconfortável. Ruth não achou que estivessem usando a língua, mas era difícil ter certeza — da maneira como Courtney estava encurvada, o cabelo formava um tipo de cortina ao redor do rosto deles. Enquanto isso, as mãos de Dan estavam passeando livremente pelas costas dela, fazendo ocasionais incursões ao limite norte da região da bunda, provocando ruídos de deleite e gritos de incitação da plateia, o que, obviamente, não tinha sido a intenção de JoAnn Marlow quando criou o exercício.

Por mais feliz que estivesse ao ver o novo currículo subvertido de todas as formas, Ruth também sabia que não poderia imaginar que o que acontecesse em sua aula ficaria entre aquelas quatro paredes. Também

estava especialmente preocupada com a lealdade de uma estudante, uma garota observadora chamada Robin LeFebvre, cuja família supostamente pertencia ao Tabernáculo (Ruth tinha feito uma pesquisa). Robin anotava tudo do começo ao fim da aula — estava escrevendo bem agora, o rosto pálido e visivelmente chocada pelo espetáculo que Dan e Courtney estavam realizando —, e Ruth tinha a leve suspeita de que não estava fazendo isso para conseguir uma boa nota na prova final.

— Está bem — ela falou. — Já é suficiente. Entendemos a situação. Vamos seguir.

Com o que pareceu uma relutância verdadeira, Courtney separou seu rosto do de Dan. Estava vermelha e arrumou o cabelo e as roupas; sua voz estava rouca, um pouco sem ar.

— Oh, meu Deus, Skip. Você me deixa com tanta vontade. Eu quero... você sabe...

— O quê, Heather? — Dan falou com um sussurro, mas que podia ser ouvido em toda a sala. — Eu faço você querer o quê?

— Transar, Skip. Ir até o fim. Porque eu amo você de verdade.

— Também amo você — disse Dan. — Agora tire a calcinha.

Courtney mordeu os lábios consternada, esperando que as gargalhadas cessassem.

— Eu quero tirar minha calcinha — ela falou. — Oh, Deus, Skip, você não sabe quanto eu quero. Mas tenho medo.

— De quê?

— Você sabe. Já conversamos sobre isso. Tenho medo de ficar grávida ou de pegar uma doença.

— Bom, não precisa ter medo. — Com um floreio de mágico, Dan tirou uma carteira imaginária do bolso e imitou o ato de retirar uma camisinha. — Eu vim preparado.

— Oh, meu Deus — os olhos de Courtney se arregalaram.

— Isso é o que estou pensando?

– E totalmente segura — ele disse. — Garanto que não vai ficar grávida e não vai pegar nenhuma doença. Não que eu tenha doenças.

Courtney colocou a mão no queixo e pensou por um momento. Aí seu rosto se abriu em um grande sorriso.

– Ótimo! — ela falou. — Vamos nessa!

Houve um momento de silêncio assombrado na classe, seguido de uma súbita gritaria. Metade dos alunos gritava aprovando, enquanto a outra metade reclamava. Um garoto normalmente bem-comportado, Donald Swift, caiu da cadeira e começou a bater com o punho repetidamente no chão para expressar seu deleite.

– Pessoal! — Ruth gritou. — Vamos lá, chega. Acalmem-se! Donald, volte para sua cadeira. Isso não é o primário.

Donald voltou tímido. Balançando a cabeça brava, Ruth se virou para Courtney, preparando-se para lhe dar uma bronca por ter arruinado o exercício. Mas ela se segurou quando viu o olhar de confusão inocente no rosto da menina.

– Não estou entendendo — disse Courtney. — Por que isso é tão engraçado?

– Acho que você não entendeu — Ruth contou para ela.

– Heather não deveria dizer sim. Ela deveria duvidar da afirmação de Skip de que as camisinhas fornecem proteção segura contra gravidez e doença.

– Elas não fornecem? — Courtney parecia alarmada.

– Pensei que sim.

– Não totalmente — Ruth informou. — Você não leu a tarefa?

– Eu ia ler. Mas estava ocupada ontem à noite.

Ruth perguntou se alguém poderia ajudá-la. Vik Ramachandran levantou a mão:

– Heather deveria dizer a Skip que as camisinhas não protegem contra certas DSTs como HPV, que pode causar verrugas genitais.

Muitos estudantes fizeram barulho e uns poucos fizeram o som de vômito, que era a resposta normal a qualquer menção a essa doença em particular.

— Exato — disse Ruth. — Você está correta sobre o fato de que as camisinhas não previnem a transmissão de HPV, apesar de fazerem um bom trabalho prevenindo várias outras DSTs, incluindo gonorreia, clamídia e HIV. Mais alguém? O que mais Heather poderia falar a Skip sobre as camisinhas?

— Ela podia falar sobre os índices de falhas — sugeriu Marsha Gewirtz. — O folheto diz que o índice é de trinta e seis por cento? Então, isso é uma chance em três de que Heather poderia ficar grávida, mesmo se Skip usasse uma camisinha, certo?

Ruth retrucou:

— Sei que é isto que está no folheto, mas é um número um pouco duvidoso. Primeiro, nunca vi outro estudo que chegue nem perto dos vinte e cinco por cento e já vi alguns que colocam o índice perto dos três por cento. O número comum está ao redor de dez por cento, mas é preciso entender que esse é um índice *anual*, significando que, durante o curso de um ano inteiro, dez por cento dos casais usando somente camisinhas para controle de natalidade poderiam esperar uma gravidez indesejada. O índice de falhas para qualquer relação individual seria, é claro, muito, muito menor.

— E na prova? — perguntou Susan Chang. — Colocamos trinta e seis por cento ou dez por cento?

— Para esse currículo, acho que devemos colocar trinta e seis — disse Ruth. — Mas quero deixar claro que esse não é um número universalmente aceito. Se estiverem procurando uma fonte mais confiável sobre controle de natalidade, sugiro que olhem o site da Planned Parenthood — Ruth se virou para os atores. — Certo. Estão prontos para a cena dois?

— É tarde demais — um bobão chamado Mike Petoski gritou. — Skip já gozou nas calças.

Essa brincadeira desencadeou muitas risadas nas duas últimas fileiras da sala e muitos olhos revirados nas primeiras.

— Chega — gritou Ruth. — Se não puderem se controlar, vou ter de pedir que saiam.

— Foi o que *ela* disse — murmurou Blake Vizzoni.

Ruth decidiu ignorá-lo. Estava a ponto de dizer *Ação* quando percebeu a mão de Robin LeFebvre levantada.

— Que foi, Robin?

— Não ouvi antes — Robin mantinha os olhos grudados no caderno enquanto falava. — Qual era o nome do site que a senhora mencionou antes?

— Plannedparenthood.org — respondeu Ruth. — Tudo junto, sem ponto. Planned Parenthood é uma organização nacional muito respeitada, com um longo histórico de defender a liberdade reprodutiva das mulheres. É uma excelente fonte para todos os que precisam de informação sobre contracepção ou saúde sexual em geral.

A caneta de Robin corria pela página com uma velocidade impressionante. Parecia que estava copiando um ditado, tentando registrar cada palavra que Ruth dizia para a posteridade ou pelo menos para a próxima reunião do conselho escolar.

— Estou falando muito rápido? — Ruth perguntou. — Quer que eu repita alguma coisa?

Robin olhou para cima. Era uma menina bonita, se conseguisse ignorar as roupas sem graça e o rabo de cavalo. Mas não havia nenhum sinal de simpatia em seu rosto, nem um mínimo esforço para disfarçar a aversão que sentia por sua professora.

— Está bem — ela falou. — Acho que anotei o mais importante.

Era uma tarde chuvosa, o céu cinzento caía sobre o mundo como a tampa de uma caixa. Rajadas de vento moviam o topo das árvores, arrancando as folhas com eficiência impiedosa. Procurando as chaves do

carro no estacionamento da escola no final do dia, Ruth se pegou olhando ansiosa sobre o ombro como se fosse tarde da noite em uma rua deserta.

São os malditos cristãos, ela pensou, entrando no carro e fechando a porta atrás de si. Eles não vão me deixar em paz.

Sabia que tinha cruzado uma linha perigosa no quarto período, desafiando abertamente o currículo da Escolhas Inteligentes, encorajando as crianças a procurar fontes mais confiáveis de informação. Haveria um preço a pagar no final — provavelmente mais cedo do que ela esperava —, não tinha nenhuma ilusão sobre isso. Mas qual era a alternativa? Ficar ali parada como um bom zumbi e deixar que meias verdades e mentiras absurdas — índice de falhas de trinta e seis! — passassem sem dar um pio de protesto?

Estou cansada de fazer o trabalho sujo deles, Ruth pensou, ligando o limpador de para-brisa para tirar as folhas molhadas do vidro que pareciam recordações num diário de garota. Eles vão ter de fazer isso sozinhos, a partir de agora.

De alguma forma, estava grata ao treinador de Maggie por deixar a situação tão clara. Até ter visto aquelas garotas, aquelas lindas atletas, sentadas na grama sob o sol, sendo coagidas por adultos em que confiavam a rezar ao Deus de Jerry Falwell e Pat Robertson e o Partido Republicano — o Deus da guerra e da abstinência, da vergonha e da ignorância obstinada, o Deus que amava todo mundo exceto os homossexuais, que enviava pessoas boas ao inferno se não acreditassem Nele e permitia que criminosos e violadores de crianças entrassem no céu se acreditassem, o Deus que fez as mulheres como uma segunda opção, e depois as amaldiçoou com a dor do parto, o Deus que nunca teria deixado as garotas jogarem futebol se dependesse d'Ele — até então, tinha se permitido sucumbir à confortável ideia de que sua briga com os Loucos da Bíblia estava confinada a sua classe, a uma disputa política sobre o que ensinar ou não ensinar a seus alunos. Mas agora ela entendia que tinha se enganado. Isso não era apenas profissional; era pessoal. Eles já tinham mexido com seu emprego e agora estavam atrás de suas filhas.

Toda a extensão da ameaça não tinha ficado clara até sábado à noite, quando Frank trouxe as garotas para casa e Ruth tentou fazer com que conversassem sobre o que tinha acontecido naquela manhã no campo de futebol. No momento, ela tinha ficado mais preocupada por explicar sua

posição para Maggie, mas não ficou triste de ver Eliza seguir sua irmã menor até a cozinha e se sentar à mesa. A garota ainda não tinha se recuperado dos quinze minutos de fama de sua mãe na última primavera e parecia uma boa ideia prepará-la para a possibilidade de a situação ficar feia de novo, o que era algo que Ruth esperava evitar, mas não podia descartar.

— Quem quer chocolate quente? — ela perguntou animada. — Está frio.

As duas garotas balançaram a cabeça.

— Então — Ruth sorriu, sentando-se na cadeira. — Vocês tiveram um bom dia?

— Tudo bem — murmurou Eliza.

Maggie só deu de ombros, olhando para Ruth com frieza. Em sábados normais, ela tomava banho e se trocava na casa do pai, mas nessa noite ainda estava usando o uniforme amassado e sujo de grama em sinal de reprovação, mostrando a Ruth que ela ainda não tinha sido perdoada.

— Olhe — Ruth falou para ela. — Sei que você acha que eu exagerarei hoje de manhã.

Isso era pouco. Maggie tinha ficado espantada com a intervenção de sua mãe na oração após o jogo e só tinha conseguido balbuciar umas poucas objeções enquanto Ruth a separava de suas companheiras e a arrastava do campo. Só quando elas chegaram ao estacionamento foi que Maggie conseguiu falar, mas naquele momento ela já estava arrasada, chorando furiosa e usando palavrões para se referir a Ruth, palavras que Ruth nunca a tinha ouvido falar antes. Maggie também repetira as frases *Você está louca* e *Eu odeio você* várias vezes, em resposta às confusas tentativas de sua mãe defender o que tinha feito. Apesar de ter acreditado que merecia um pedido de desculpas, Ruth tinha decidido deixar a questão passar; não achava que ganharia muito rediscutindo declarações que sua filha tinha feito quando estava com raiva e das quais provavelmente já se arrependera.

— Admito que posso não ter lidado com a situação tão bem quanto poderia — ela falou. — Talvez fosse mais inteligente se tivesse puxado o treinador de lado e falado com ele de uma maneira menos brava. Mas

isso não muda o fato de que ele estava fazendo algo que não deveria fazer, e que eu pretendo garantir que não faça novamente.

Maggie mordeu o lábio inferior e fez uma careta, um olhar que, por toda a ferocidade que queria demonstrar, só fez com que Ruth quisesse abraçá-la. Era exatamente a mesma cara que Maggie fazia quando era bebê, quando começava a chorar.

— Por que está fazendo isso comigo? — ela questionou. — O treinador Tim não estava fazendo nada errado. Só estava agradecendo a Deus por todas as nossas bênçãos e dizendo como estava feliz por ninguém ter se machucado. Não vejo nada de mal nisso.

Ruth nem sabia por onde começar.

—*Agradecendo a Deus?*—ela gaguejou. — Ele é treinador de futebol, não um pastor.

— E daí? Não é preciso ser pastor para acreditar em Deus.

— Primeiro de tudo, querida, nem todo mundo acredita no mesmo Deus. Há as garotas judias no seu time, e Nadima, ela é...?

— Muçulmana — respondeu Maggie. — Mas não segue rigorosamente.

— Vejam, vocês têm garotas judias, uma menina muçulmana...

— Ateias — se intrometeu Eliza. Até aquele momento, Ruth não sabia se ela estava prestando atenção à conversa, pois estava completamente absorta no origami que estava montando a partir de uma folha de caderno.

— Exato — concordou Ruth. — Ateias e agnósticas, também. Nem todo mundo acredita no mesmo Deus e algumas pessoas não acreditam em nenhum Deus. E outras pessoas não têm certeza no que acreditam. Mas sabe o quê? Mesmo se todas no seu time pertencessem à mesma igreja, o treinador ainda não teria o direito de orar com elas. O time de futebol é uma organização da cidade. Tenho certeza de que ensinaram a você sobre a separação entre Igreja e Estado em Estudos Sociais.

Maggie pareceu confusa.

- Você disse que é cidade, não estado.
- Estado significa governo. Cidade, estado, governo federal, não importa. O governo não pode favorecer uma religião específica.
- Meu time de futebol é parte do governo?
- É uma liga patrocinada pela cidade — disse Ruth, preocupada que a discussão entrasse no terreno da técnica. — Além disso, vocês estavam jogando em um parque do condado.

Maggie pareceu momentaneamente travada pelo argumento legal, mas logo se realinhou.

– Bom, ainda não vejo por que você precisava gritar com o treinador Tim daquele jeito. Você parecia uma doida. Sua voz ficou aguda e trêmula. — Maggie levantou as mãos ao redor da cabeça como se estivesse sendo atacada por um bando de vespas e gritou, imitando Ruth: — *Pare essa oração ou vou chamar a polícia!*

Eliza reprimiu o riso, e Ruth olhou brava para ela. Não era agradável ser ridicularizada por suas filhas, principalmente quando estava tentando protegê-las.

– Estava brava, querida. Depois do que aqueles loucos fizeram comigo no ano passado, talvez você possa entender por que não quero dar o benefício da dúvida a eles. E não ameacei chamar a polícia, por falar nisso.

— Tanto faz — Maggie concordou. — Mas só para que você saiba, não vou deixar o time. Não me importa o que você pensa, e o papai concorda comigo. Ele assinou minha permissão.

Ruth fez um esforço para não dizer algo desagradável. Ficava louca quando Frank jogava o velho Dividir e Conquistar. Ao mesmo tempo, ela tinha se arrependido de sugerir ao treinador que Maggie não jogaria mais com as Stars. Tinha falado isso num acesso de raiva, sem pensar direito, e agora tinha acabado em uma situação sem vencedores — ou se comprometia publicamente ou transformava sua vida familiar em um inferno.

— Não falei que *você* tinha de sair — ela explicou, refinando sua posição na hora.—Tudo o que quero é garantir que seu treinador se comportará adequadamente no futuro. E se ele não fizer isso, aí acho que *ele* deveria sair.

— O treinador Tim não pode sair — disse Maggie com a voz trêmula. — Ele é o melhor treinador que já tive. Todas as garotas me odiariam.

— Não acho isso — respondeu Ruth. — Algumas delas poderiam ficar felizes. Mas se a escolha for entre fazer a coisa certa e ser popular, ficamos com a coisa certa.

— Mas estamos perto do primeiro lugar. Precisamos dele.

— O Sr. Roper poderia assumir, não poderia?

— Ele é parte da igreja, também.

— É mesmo?

— Foi o que Candace disse.

Ruth ficou espantada com isso, apesar de perceber que não deveria. John tinha participado do círculo de oração naquela manhã, apesar de não ter falado nada. Ela achava que ele fora engolido como todo o resto. Quando o conheceu, ele era um cara que ganhava bem e bebia muito, com um emprego na área de finanças, longe da ideia de um renascido. Era como viver num filme de horror, ela pensou. *Invasores de corpos* ou algo assim. Nunca dava para saber quem eles tomariam em seguida.

— Tenho certeza de que vocês vão encontrar alguém — disse Ruth. — Seu pai ficaria feliz em treinar os últimos jogos. Ele conhece muito de futebol.

— Por favor — disse Maggie, bem tranquila. — Preocupe-se com os seus problemas.

— Esse é meu problema — disse Ruth. — Seu treinador não tem o direito de obrigá-la a rezar para um Deus no qual não acredita.

Eliza se meteu.

– Você quer dizer um Deus que *você* não acredita.

– E isso. Não acredito no Deus do treinador Tim e não acho que sua irmã acredite também. — Ruth se virou para Maggie, de repente preocupada que Eliza soubesse algo e ela não. — Você não acredita, não é?

– Não sei — disse Maggie. — Ninguém nunca me ensinou nada sobre isso.

– Bem, eu acredito — disse Eliza. — Eu acredito no Deus do treinador Tim.

– Não acredita, não — mandou Ruth.

– Você acha que eu sou idiota? — retrucou Eliza. Havia uma sujeira no canto de sua narina esquerda que Ruth precisou se controlar para não limpar.

– Não — garantiu Ruth. — E não acho que você seja uma renascida, fundamentalista, evangélica, cristã doida, também. Porque é isso que ele é.

– Acredito em Deus — Eliza falou lenta e calmamente, olhando para a mãe. — E acredito que Jesus é Seu único filho e que Ele morreu na cruz por meus pecados.

Maggie olhava para a irmã, claramente espantada por essa notícia. O impulso imediato de Ruth era tentar convencê-la de que Eliza não estava falando sério, que estava só chamando a atenção, mas não funcionaria. Havia algo em seu rosto e sua voz — a horrível serenidade do crente — que não podia ser negado.

– Desde quando? — ela perguntou.

– Uns meses atrás — contou Eliza. — Tenho conversado com uma garota na minha classe.

– Que garota? Eu a conheço?

– Grace Park. Ela se mudou para cá no ano passado. Eu a conheci no grupo de estudo.

– Gostaria de conhecê-la.

– Sua família quer me levar à igreja com eles.

Ruth falou:

– E o Tabernáculo?

Eliza negou com a cabeça:

– Chama-se Living Waters Fellowship. Em Gifford.

Ruth fechou os olhos, tentando se conter, reagir a isso

como uma boa mãe, não fazer nada que abrisse um abismo maior entre ela e Eliza do que já existia.

– Você realmente quer ir?

Eliza assentiu:

– Estava morrendo de medo de contar.

Ruth esticou o braço por cima da mesa e segurou a mão de sua filha. Estava seca e áspera — exatamente como a de seu pai —, apesar de Ruth sempre falar para ela usar hidratante.

– Não deveria ter medo de me contar qualquer coisa, preciso saber o que acontece na sua vida.

Eliza parecia estar suspeitando de algo, mas não tirou sua mão.

– Então, posso ir?

– Acho que sim. Se você realmente quiser.

– Não está brava?

– Não estou *brava* — Ruth falou. — Só não vejo para que você precisa de Jesus.

Eliza sorriu triste e balançou a cabeça, como se sentisse pena de qualquer um que precisasse perguntar.

– Ele me ama — ela falou.

Os consultórios do Stonewood Medical Group eram no terceiro andar do Healing Arts Complex, um edifício de quatro andares com janelas escuras que pareciam ter sido colocadas equivocadamente em um trecho

desagradável da Hawkins Road, todo dominado por lojas de peças de carro e pequenas fábricas com nomes misteriosos: Diamond Catalysis, Universal Recoil, Northeastern SaniSys, Zip Global Force. Ruth só tinha ido à H.A.C. uma vez antes, quando Maggie tinha tirado uma verruga na planta do pé com um podólogo insensível que ela ainda chamava de Dr. Aienberg.

A recepcionista informou que o Dr. Kamal estava um pouco atrasado. Ruth se sentou na sala de espera, pegou uma revista *People* e fingiu não ficar perturbada com a senhora de idade, sentada a umas três cadeiras de distância, que parecia estar à beira de tossir uma bola de pelos. Durante um momento de contato visual involuntário, a mulher sorriu e garantiu a Ruth que não tinha nada contagioso. Ruth agradeceu pela informação e voltou a seu artigo detalhando o colapso no casamento de Jessica Simpson. Ela achou difícil manter o foco; seus pensamentos evocavam sua mãe, que tinha passado muito tempo sozinha em salas de espera de médicos durante o último ano de sua vida e estava sempre disposta a conversar com estranhos. Ruth tirou os olhos da revista.

— Está feio lá fora, não?

A mulher levantou o dedo indicador enquanto outra onda de tosse a atacava. Sorrindo uma desculpa, ela limpou os cantos da boca com um lenço de papel e deu um gole numa garrafa de água que carregava numa bolsinha.

— Não me importo com chuva — ela disse. — Mas odeio neve.

— Concordo — disse Ruth. — Tudo bem quando está caindo, mas depois fica horrível.

A mulher apertou o punho contra a boca e limpou a garganta por um bom tempo, como se estivesse a ponto de começar uma frase. Quando sua voz finalmente surgiu, no entanto, estava fraca e rouca, quase inaudível.

— Minha filha está na Califórnia. Vou para lá no Natal.

— Isso parece ótimo.

— Tenho dois netos. Uma garota que tem oito e um menino que está com três.

— Três? Deve ser lindo.

– Um terrorzinho. Mas eu o adoro.

Ruth estava a ponto de perguntar o nome do garoto quando a mulher ficou muito ofegante e precisou se inclinar para a frente. Tinha acabado de se endireitar e respirar um pouco quando uma enfermeira enfiou a cabeça na sala de espera.

– Sra. Ramsey? A senhora pode entrar agora.

Ruth se levantou, sorrindo para sua companheira.

– Foi ótimo conversar com a senhora.

A mulher deu um sorriso desconfortável enquanto massageava a clavícula.

– Amanhã vai sair sol — ela falou. — Muito melhor do que hoje.

A enfermeira levou Ruth até a sala de exames, falou que o médico logo estaria com ela, depois saiu. Depois de um momento de hesitação — havia uma cadeira ao lado do computador, mas parecia presunçoso sentar-se — Ruth se encostou na mesa de exames, perguntando-se se o Dr. Kamal tinha entendido errado o objetivo de sua visita.

Seu primeiro impulso foi se divertir com essa possibilidade, mas ficou cada vez menos divertido quanto mais ela esperava naquele espaço minúsculo e antisséptico, sem nada para olhar a não ser alguns panfletos mal ilustrados sobre como administrar a diabetes e a hipertensão. Seu médico pelo menos deixava uma pilha de revistas antigas por ali em caso de emergência.

A pior parte disso era que Ruth nem queria conversar com o Dr. Kamal por telefone, muito menos visitá-lo. Era evidente que era um homem ocupado — Ruth nunca tinha conseguido encontrá-lo, embora suas filhas fossem amigas desde o primeiro grau — e ela teria ficado muito mais feliz se conseguisse resolver tudo com sua esposa.

Tudo o que tinha feito no domingo à tarde foi ligar para os pais das companheiras de time de Maggie para discutir o incidente no jogo e sentir qual a possibilidade de coassinarem uma carta para Bill Derzarian, o Diretor da Associação de Futebol Juvenil de Stonewood Heights. Como os Zabel e os Friedman, os Kamal pareceram aliados naturais nessa luta em particular.

Como ela esperava, Nafisa Kamal atendeu o telefone. Ruth não a considerava exatamente uma amiga, mas elas se davam bem. Tinham compartilhado uma dezena de conversas bastante agradáveis na porta de suas casas enquanto pegavam ou deixavam suas filhas nos últimos anos, bem como a ocasional xícara de chá, e Ruth sempre tinha achado que ela era uma excelente companhia — gentil e amigável, com um sotaque gostoso e uma risada fácil. Mas algo aconteceu quando Ruth mencionou a oração no jogo de futebol.

— Desculpe — a voz de Nafisa tornou-se repentinamente formal, um pouco fria. — Sobre esse assunto, você precisa falar com meu marido.

Ruth ficou espantada. Nafisa era uma mulher sofisticada e educada — tinha vindo para os Estados Unidos estudar Biologia —, dirigia uma Mercedes e sempre se vestia como se tivesse voltado de uma farra de compras em Paris. Bebia vinho, usava muita maquiagem e contava piadas sobre seu marido. Nunca tinha dito nada que sugerisse o hábito de respeitá-lo de maneira tradicional.

— Hã, está bem — disse Ruth. — Ele está?

— Infelizmente Hussein está trabalhando esse fim de semana.

— Pode me dar o telefone dele?

Nafisa hesitou:

— Eu aviso que você ligou.

Ruth foi correr mais tarde naquele dia e, quando voltou, havia uma mensagem em sua secretária de "Heidi, da Medica Associates", dizendo que o Dr. Kamal poderia recebê-la em seu consultório às quatro e meia da tarde da segunda-feira.

— Sra. Ramsey — o sorriso do médico era frio e cauteloso quando entrou na sala de exames às cinco para as cinco.

— Desculpe por deixá-la esperando.

Era magro e inesperadamente jovem, nada a ver com o que Ruth tinha esperado a partir das descrições feitas por Maggie do pai rigoroso de

Nadima, o mestre sem humor das tarefas que tomava as lições de matemática e soletração na mesa do jantar e marcava o treino de piano com um cronômetro.

– E bom conhecê-lo finalmente — Ruth deslizou da mesa para apertar a mão recém-lavada e imperfeitamente seca.

– Desculpe por perturbá-lo no trabalho.

– Não é preciso se desculpar — o sotaque do Dr. Kamal era menos pronunciado do que o da esposa, mas ele falava rápido, juntando as frases como se fossem uma única palavra. — Foi sugestão minha. Agora, diga-me o que posso fazer pela senhora.

Ruth hesitou, confusa sobre como continuar. Sentiu-se com uma sutil desvantagem e precisou fazer um esforço consciente para não assumir a atitude de uma suplicante, uma paciente ou uma vendedora com uma razão pequena para tomar o tempo do homem importante. *Sou amiga da família, ela se lembrou. Estou fazendo um favor para ele.*

– Gosto muito de Nadima — ela falou. — É uma garotinha adorável. Tenho certeza de que o senhor sente muito orgulho por ela.

– Temos muito orgulho de nossas duas filhas — o médico falou.

– E uma ótima atleta, também. Todas as garotas são. Não tinha visto nenhuma partida nessa temporada, mas estava no jogo de sábado e eu fiquei encantada ao ver como jogam bem.

O Dr. Kamal sorriu desconfortável.

– Me contaram. Infelizmente, jogo tênis nas manhãs de sábado. — O médico ficou de lado — ele tinha o quadril incrivelmente estreito para um homem adulto — e encenou um gracioso golpe com uma raquete imaginária para apoiar sua afirmação. — Mas me falaram que no próximo ano as garotas jogarão à tarde, então finalmente terei a chance de ver se essa animação se justifica.

– Não é animação — Ruth garantiu. — Eu realmente as invejo. Quando eu era jovem, as garotas não praticavam esportes como hoje.

O Dr. Kamal a considerou por um momento. Tinha os mesmos olhos tristes e traços delicados de Nadima, a mesma expressão gentil e um pouco cautelosa.

— Onde eu cresci, as garotas não podiam usar shorts.

Ruth assentiu, fazendo o melhor para manter uma expressão educadamente neutra. Não era fácil; pouquíssimas coisas a deixavam mais brava do que o tratamento que as mulheres recebiam no mundo muçulmano, os panos e véus, o medo patológico da sexualidade delas, a maneira como eram consideradas propriedade por seus pais, irmãos e maridos que, em certos lugares, preferiam que elas morressem a serem examinadas e tratadas por um médico homem.

— O senhor veio aqui para estudar? — ela perguntou.

— Há vinte anos — ele respondeu. — Universidade da Pensilvânia. Banheiros mistos foram um choque profundo. Ainda não me recuperei completamente.

Ruth riu, apesar de ter sentido que o médico não estava realmente brincando. Seguiu-se um silêncio estranho, e ela sabia que tinha chegado o momento de fazer seu pedido. Antes de conseguir formular a declaração inicial, o Dr. Kamal olhou para ela com um jeito reprovador.

— Devo dizer, Sra. Ramsey, que deixou minha esposa muito brava com sua ligação ontem.

— Brava? O que está dizendo?

— A senhora precisa entender. Nossa família vem de um lugar onde a religião é levada muito a sério. Tomamos a decisão de nos afastar disso.

— E por isso que achei que queriam saber o que aconteceu no jogo — Ruth explicou. — Fanáticos são fanáticos. Não importa qual religião sigam.

O Dr. Kamal balançou a cabeça.

— Se o que me contaram está correto, tudo o que esse homem fez foi uma breve oração. Não acho que isso mereça tanto barulho.

– Ele é treinador de futebol. Não tem o direito de forçar as meninas a fazer uma oração cristã.

– Nadima me garantiu que não foi forçada a dizer nada contra sua vontade.

– Talvez não diretamente — concordou Ruth. — Mas o treinador Tim é um adulto que elas respeitam e está aproveitando sua posição para assumir uma atitude proselitista com essas crianças impressionáveis. Não acho que isso seja correto.

– Não gosto disso também — disse o Dr. Kamal. — Mas parece que foi um episódio isolado que não fez nenhum mal.

– Foi exatamente o oposto de isolado — Ruth garantiu. — A Direita Cristã está tomando todo o país. Logo, nossas crianças irão orar na escola e ler o livro do Gênesis nas aulas de Biologia.

O Dr. Kamal não rebateu. Em vez disso, virou-se e caminhou até a pia, onde lavou as mãos com um cuidado que Ruth achou excessivo e, possivelmente, um pouco ostensivo.

– Sabe qual é meu nome? — ele perguntou, puxando uma toalha de papel. — Meu primeiro nome?

– É Hussein, não é?

O médico esboçou um meio sorriso.

– Se não se importa, Sra. Ramsey, acho que minha família e eu vamos ficar fora dessa questão.

Encontrar frango na geladeira deixou Ruth inesperadamente brava. Às vezes, parecia que era tudo o que comiam. Maggie odiava peixe e qualquer vegetal, a não ser alface e ervilha; Eliza era contra carne vermelha por questões éticas (Ruth não tinha certeza por que seus problemas morais não se estendiam a aves domésticas e não planejava perguntar), e as duas garotas não queriam que sua mãe fizesse nenhum outro prato principal, além de sopa ou chili. Então, tirando a ocasional lasanha ou pizza, o que sobrava era frango. E como as garotas não gostavam de carne escura ou qualquer lembrança inconveniente de que o jantar já tinha sido um ser vivo, "frango" na verdade significava peito sem pele e sem osso, que Ruth servia

com arroz e batatas ou macarrão, seguido de uma salada verde com um molho do Paul Newman. Até o Paul Newman estava começando a deixá-la nervosa, o jeito convencido como sorria para ela na garrafa, como se soubesse muito bem que era o único homem na mesa de jantar.

Essa noite era marinado com limão, uma receita que tinha tirado de um livro chamado *500 Formas de cozinhar frango*, que poderia ter o nome mais preciso de *Não importa como você faça, ainda é a mesma porcaria de ontem à noite* ou *Coma frango até morrer*. Porque havia noites nas quais era assim que ela se sentia, como se fosse algum animal estúpido, colocado na Terra para comer umas poucas centenas — poucos milhares? — de animais que eram ainda mais estúpidos do que ela, depois desaparecer sem deixar nenhum traço.

Pelo menos gostou de bater no frango com um martelo de madeira, descontando toda a frustração com o Dr. Kamal nos inocentes filés. E não tinha sido só o médico que a tinha desapontado. Nenhum dos outros pais cujo apoio ela havia solicitado se ofereceu para assinar sua carta de protesto, nem mesmo o pai de Hannah Friedman, Matt, um advogado ambientalista que tinha um adesivo do Peixe de Darwin e outro "Não me culpem — votei no Kerry" no seu Audi. Como desculpa, falou a Ruth que não queria causar nenhum problema a Tim Mason, a quem descreveu, para surpresa dela, como um viciado em recuperação que tinha feito um trabalho incrível reconstruindo sua vida nos dois últimos anos.

– Estou dizendo, Ruth. Você precisa dar um pouco de crédito quando ele é merecido. Esses cristãos transformaram muitas vidas. Pelo que ouvi falar, Tim era um desastre completo antes de encontrar Jesus. Sua ex-esposa nem permitia que a filha entrasse no carro dele.

– Como você sabe tudo isso?

– Um sócio na minha empresa casou com a ex de Tim. Ele me contou toda a saga.

– Isso é ótimo — disse Ruth. — Estou feliz por ele estar sóbrio. Mas isso não lhe dá o direito de fazer o que ele fez.

Matt suspirou.

– Eu sei. E vou mandar um e-mail falando sobre isso para ele. Mas essa coisa de carta oficial reclamando parece demais. Só faltam umas semanas para o fim da temporada. Poderia não ser má ideia deixar isso pra lá.

– Não vou deixar pra lá, Matt. Já deixei muitas coisas pra lá.

– Vamos lá, Ruth. Eles dizem "sob Deus" todo dia no Compromisso da Aliança e não ouço você gritando sobre isso.

– Talvez devesse começar — ela respondeu. — Talvez você também.

– Talvez — concordou Matt. — Mas ainda acho que deveríamos dar uma chance para o cara.

Pelo menos Matt Friedman tinha uma razão humanitária decente para não concordar com Ruth; Mel Zabel tinha sido somente um covarde egoísta. Embora Arlene estivesse cem por cento ao lado de Ruth, Mel tinha convencido a esposa a não assinar a carta por medo de que isso atrapalhasse a posição da filha no time.

– Ele não quer que a gente se envolva — Arlene informou, tímida. — Diz que os mandachuvas da Associação de Futebol têm boa memória. Se agitarmos o barco neste ano, não deveríamos nos surpreender se Louisa passasse para o time B no ano que vem.

– Louisa é muito boa — disse Ruth. — Eles não a colocariam no time B.

– Eu sei — disse Arlene —, mas tudo é tão competitivo hoje em dia. Tenho certeza de que muitas garotas no time B são tão boas quanto ela.

Ruth tentou argumentar que havia coisas mais importantes do que um lugar no time A e Arlene concordou, em princípio.

– Estou com você em espírito. Mas prometi a Mel que não assinaria a carta.

– Acho que estou sozinha, então.

– Me desculpe, Ruth. Gostaria de poder ajudar.

Está bem, pensou Ruth, enquanto batia com o martelo na carne dura, que ela envolvia em plástico para evitar manchas pela cozinha. *Se vai ser assim, que seja.*

Não ajudou o fato de Maggie estar no jardim com sua camiseta das Stars, chutando a bola contra a lateral da garagem. Ruth conseguia vê-la pela janela, uma garota magra parada na chuva, as pernas nuas, o cabelo para trás, mostrando o rosto bravo e determinado enquanto acertava um chute atrás do outro, pegando a bola que quicava de volta, alternando as pernas como tinha aprendido no Acampamento de Futebol All-Star no verão passado. Ela normalmente chutava numa rede, mas hoje parecia querer fazer o máximo de barulho possível, para lembrar sua mãe o quanto adorava esse jogo e tinha lutado por ele.

Você vai me odiar, pensou Ruth, ouvindo a bola bater contra a parede um segundo depois de o martelo bater no frango, os dois sons criando um ritmo que lembrava uma conversa, como se ela e Maggie estivessem conversando através do vidro.

Tum!

Bam!

Tum!

Bam!

Tum!

Ela deve ter perdido a noção porque havia uma expressão estranha no rosto de Eliza quando entrou na cozinha, carregando a Bíblia que Ruth nem sabia que tinha até ontem. Deve ter escondido numa gaveta ou debaixo do colchão, da mesma maneira que Ruth e Mandy tinham escondido livros como *O poderoso chefão* e *A aliciadora feliz*.

— Mãe. Você está bem?

— Ótima. Por quê?

— Não sei. Parece que está atacando essa carne.

Ruth olhou para baixo e o que viu não era muito bonito. A embalagem de plástico tinha começado a rasgar por causa dos golpes repetidos, e o frango não estava muito plano, parecia destruído, em pedaços, e desfiado nas pontas. Ruth passou o antebraço pela testa suada e sorriu para a filha.

— Só amolecendo — ela se justificou. — Faço isso sempre.

Yusuf Islam

Ruth esperava se sentar e escrever uma carta formal de reclamação em questão de minutos. Parecia uma proposta simples e direta: O treinador Tim violou o artigo X, seção Y das Regras da Associação de Futebol — quer dizer, "Treinadores não devem impor suas crenças religiosas sobre suas jogadoras" —, e deveria, portanto, ser punido por sua infração.

Só havia um problema: não existia tal regra. Ela investigou todo o *Manual da Associação de Futebol Juvenil de Stonewood Heights (SHYSA)* que estava disponível em PDF para download no site — e não conseguiu encontrar uma única referência a religião em todas as vinte e duas páginas do documento. Até o surpreendentemente detalhado *Código de Conduta do Treinador* não falava nada. Havia parágrafos devotados à responsabilidade do treinador sobre o comportamento nas laterais do campo ("A SHYSA tem uma política de tolerância zero para o abuso verbal ou acusações contra os juizes"), sobre garantir a participação de cada jogador durante uma quantidade de tempo razoavelmente igual nos jogos, sobre cuidar para que os jogadores não ficassem expostos a condições de tempo severas ou perigosas e sobre não expor as crianças de Stonewood Heights a cigarros. Toda uma página devotada à questão do abuso sexual — Ruth ficou feliz por descobrir que os treinadores precisavam passar por uma checagem de antecedentes e ficou impressionada pelo conjunto rígido e altamente específico de proibições, embaixo de um título grande — VOCÊ NÃO DEVE:

- Permitir ou tocar de forma imprópria qualquer criança (Exemplos: Não "ajude" uma criança a se trocar ou mesmo dobrar uma camiseta. Nunca dê tapas de "congratulações" nas nádegas de uma criança).
- Fazer comentários sexualmente sugestivos a uma criança, mesmo como piada.

- Levar crianças, a não ser seus próprios filhos, sozinhas em viagens de carro, não importa a distância.
- Realizar brincadeiras de luta ou sexualmente provocativas com uma criança.

Por mais conscientes e rigorosas que fossem as regras do manual em relação a essas questões, não tinham obviamente pensado que um treinador acharia correto organizar uma oração coletiva. A regra mais próxima ao que estava procurando que Ruth encontrou foi um jogo de palavras ambíguo: "O técnico deve se limitar às questões técnicas e só fornecer instruções atléticas".

Embora essa regra pudesse ser razoavelmente interpretada como uma forma de impedir que técnicos discutissem assuntos que não estivessem relacionados ao futebol com seus jogadores, Ruth achou muito vago para seus objetivos e completamente irreal. O técnico não deveria comentar sobre o tempo, contar uma piada boba ou perguntar se alguém tinha gostado da viagem à Disney World? Falando de forma estrita, todas essas coisas estavam tão fora dos limites do mundo da instrução de futebol quanto o Pai Nosso. Se Tim Mason era culpado por quebrar essa regra, então todo treinador da liga também estaria. Além disso, parecia um anticlímax deprimente escrever uma carta cheia de indignação moral, só para acusar alguém de "não se limitar às questões técnicas".

Como resultado dessa confusão, Ruth escreveu vários rascunhos da carta, na segunda à noite. Alguns eram muito emotivos, chegando ao melodramático ("Fiquei estupefata. Essa não é a Stonewood Heights que eu conheci, os Estados Unidos que amava"); outros perdidos em detalhes desnecessários ("Acredito que o técnico assistente Roper estava sentado à direita do técnico Mason, embora seja possível que possa ter sido ao contrário, e ele, o Sr. Roper, estivesse na verdade à esquerda"); outros ainda mergulharam em águas legais tão profundas que Ruth logo achou que tinha exagerado ("Não sou, claro, advogada, mas parece simples bom senso assumir que se é inconstitucional para os professores da escola pública fazer com que seus estudantes orem, então é claro que a Primeira Emenda está sendo igualmente violada quando um técnico de futebol juvenil, que pode ser visto, em certo sentido, como um tipo de professor voluntário, participa

de um exercício religioso parecido em um foro público, nesse caso, um parque do condado").

Só quando ela usou a tática de colocar Maggie no centro que as coisas começaram a se encaixar:

... Minha filha adora jogar pelas Stonewood Stars e gosta de futebol desde os cinco anos. Ela participa porque adora o jogo e quer competir nas categorias superiores enquanto aprimora suas habilidades adéticas, melhorando sua forma física e aproveitando a experiência de pertencer a uma equipe. Ela não joga futebol, no entanto, com o objetivo de receber instrução religiosa. É para isso que existem igrejas, sinagogas e mesquitas. Não sei qual é a política da Associação em relação a orações organizadas pelos treinadores (isso parece não fazer parte de seu Manual), mas parece claro para mim que orações coletivas em jogos de futebol estão fora do âmbito da declaração de princípios da SHYSA que, como sabem, afirma o objetivo admirável de "ensinar o futebol para a juventude de Stonewood Heights de modo a encorajar a competição saudável, o espírito esportivo, a boa forma física e, sobretudo, a diversão".

Não vejo, para a minha vida, como a oração cristã pode se encaixar nisso. Se estiver errada, por favor, avisem-me. Se, no entanto, concordarem com minha opinião de que o técnico Mason ultrapassou, e muito, os limites da conduta apropriada, então eu gostaria de saber, o mais rápido possível, que ação disciplinar a SHYSA planeja aplicar contra ele antes que eu considere qualquer outro passo (incluindo a busca de apoio legal) para garantir que minha filha e suas companheiras não sejam expostas a esse tipo de comportamento novamente.

Depois que encontrou o ritmo, a escrita fluiu. Ela começou a passar a limpo a última versão da carta pouco depois do jantar na noite de terça e terminou pouco antes das oito, a hora em que Tim Mason falou que passaria para conversar sobre o assunto com ela pessoalmente.

Ele tinha ligado na segunda à tarde, mais ou menos na hora em que Ruth estava se reunindo com o Dr. Kamal, mas ela só tinha ouvido a mensagem várias horas depois, quando estava colocando Maggie para dormir.

— Linda — ela falou, passando sua mão levemente sobre os ombros da filha. — Durma bem, certo?

A única resposta de Maggie foi um movimento de ombros, pouco entusiasmado e um pouco hostil. Ruth não podia deixar de ficar impressionada — Maggie tinha conseguido passar os dois últimos dias sem falar uma única palavra fora o necessário na presença dela. Respondia a uma pergunta direta se fosse obrigada, usando monossílabos ou grunhidos se possível, mas, fora isso, estava implementando o voto de silêncio com uma disciplina monástica.

— Eu amo você — disse Ruth. — Sei que pode não parecer às vezes.

Maggie não estremeceu quando os lábios de sua mãe beijaram sua testa, mas ficou um pouco tensa como se estivesse recebendo uma injeção e tentasse aceitar isso de maneira estoica. Depois abraçou sua coruja de pelúcia, Morton, e se virou de lado, de cara para a parede.

— Uma vez passei uma semana inteira sem falar com a sua avó — Ruth contou, os olhos no pôster que Maggie tinha colocado na porta do guarda-roupas, Mia Hamm parecendo bonita e com uma força masculina em seu uniforme branco, os dois punhos fechados em cima da cabeça, a multidão como um borrão pixelado no fundo. — No meu último ano do ensino médio. Nem consigo me lembrar por que tínhamos brigado. Parece tão bobo agora.

Ruth apagou o abajur e se esticou na estreita cama ao lado. Era um velho hábito, só recentemente quebrado — pelos primeiros nove anos de sua vida, Maggie não tinha sido capaz de dormir sem um dos pais deitado ao lado. Em muitas dessas noites, Ruth tinha dormido também, ninada pelo som da respiração da filha, só para acordar à uma ou duas da manhã, com frio e desorientada, ainda de roupa. Mais comum do que ela gostaria de admitir, a viagem até seu próprio quarto parecia muito árdua, então ela se enfiava embaixo das cobertas, encostando-se no corpinho quente de Maggie.

— Eu costumava ficar tão brava com sua avó — ela continuou. — Pensava que ela era boa demais. Estava sempre sorrindo e fingindo que estava tudo bem, quando não estava. Era como se vivesse num mundo

em que fosse ilegal reclamar. Às vezes, eu ficava frustrada e dizia coisas realmente horríveis para ela. E sabe o que ela costumava me dizer?

Maggie não respondeu, mas Ruth agiu como se tivesse:

– Dizia que eu sentiria sua falta quando ela morresse.

Ruth parou a história ali, deixando de fora a parte que de repente parecia a mais importante e triste, que era a parte em que ela jurava para si mesma: *Não vou, não. Não vou sentir sua falta*. Pelo menos ela nunca tinha falado isso em voz alta, não que pudesse se lembrar. Mas ela gostaria de poder pedir desculpas à mãe, por ter pensado algo assim.

– Mãe? — disse Maggie, depois de um minuto. Ela parecia bem acordada.

– Que foi, querida?

– O treinador Tim ligou depois da aula. Disse que precisa falar com você.

– Depois da aula? — Ruth estava intrigada. — Por que não me contou antes?

– Não sei — Maggie deixou passar uns segundos. — Só não queria que você fizesse algo ruim com ele.

Depois de selar a carta, Ruth ainda tinha quinze minutos antes da chegada do técnico Tim, os quais passou tentando resistir à forte vontade de mudar de roupas e colocar um pouco de maquiagem. Ela tinha corrido naquela tarde — três voltas ao redor do Lago Stonewood, sete quilômetros — e estava usando uma roupa normal de ficar em casa: calças da Adidas e uma blusa com capuz de algodão. Não estava deselegante, tampouco bonita.

Teria sido fácil subir correndo e colocar jeans e uma camisa — o top marrom um pouco decotado sempre ficava bem — talvez um pouco de batom e uns retoques nos olhos, mas estava enojada consigo só por considerar essa possibilidade. Não era um encontro, era uma negociação — talvez até um confronto — com um homem que tinha abusado de sua autoridade e levado a um distanciamento com suas filhas, um homem sobre quem ela tinha acabado de escrever uma carta de reclamação. O que

interessava se um homem como esse a achava bonita ou pelo menos razoavelmente atraente para sua idade?

E, mesmo assim, ela não conseguia parar de sentir uma estranha sensação juvenil de antecipação pela visita, a sensação de estar à beira de algo incomum e excitante. Afinal, quando foi a última vez que um cara bonito — pelo menos um cara bonito que não fosse gay ou com quem ela não tinha compartilhado um casamento infeliz — tinha aparecido à sua porta, mesmo tão pouco promissor como esse? Que mal faria pentear o cabelo e esconder as rugas embaixo dos olhos?

Meu Deus, *ela pensou*. Sou patética. Provavelmente colocaria saia e salto alto para Dick Cheney.

Se havia uma coisa que a irritava em ser mulher era essa convicção, martelada em sua cabeça antes de ter uma chance de se defender, de que a sua tarefa — a sua *obrigação* — era sempre estar bonita, mesmo em situações nas quais não havia a menor razão lógica para isso. As verdadeiras feministas corajosas, Ruth sempre acreditara, não eram as sexy como Gloria Steinem, mas as combativas como Andréa Dworkin, que abraçava um tipo de desalinamento — até feiura —, como um anúncio ao mundo de que não queriam mais viver como ornamentos, subordinando o próprio conforto e individualidade às exigências sem remorso do olhar masculino.

Jesus, *ela pensou*. E só um jeans.

Finalmente, poucos minutos antes, Ruth desistiu e correu para o quarto, como sabia que faria o tempo todo. Ela percebeu que devia tirar o top marrom — realmente era o tipo de coisa que se usava em um encontro — e trocou por uma camiseta cinza comprida por baixo de uma jaqueta preta curta. Passou um pouco de maquiagem nos olhos, mas não batom.

Não é para ele, *ela pensou para si*. E para mim. Assim não fico em desvantagem.

Mais tarde, depois que Tim foi embora, ela notou — apesar de poder ser menos uma questão de perceber do que ser capaz de admitir para si mesma — que ela tinha secretamente desejado se encontrar enrolada em umas dessas narrativas bregas de "opostos que se atraem", tão usadas por roteiristas de *sitcoms* e comédias românticas. A fórmula era simples: você

juntava um homem e uma mulher que tinham visões completamente diferentes do mundo — uma médica idealista e, digamos, um advogado de porta de cadeia — e esperava que eles percebessem que o combate intelectual não era nada mais do que uma cortina de fumaça, criada para esconder o fato inconveniente e cada vez mais evidente de que estavam loucos para ir para a cama.

Felizmente para Ruth, essa ridícula fantasia desmoronou imediatamente ao ter contato com a realidade. O homem visivelmente desconfortável que entrou em sua casa uns minutos depois das oito pouco lembrava o treinador hippie sujo que ela tinha conhecido no sábado de manhã, e parecia completamente incapaz de participar da mais bizarra cena romântica. Com sua calça clara e camisa de botões, o cabelo escuro comprido preso em um rabo de cavalo pequeno com a ajuda de algum tipo de gel ou pomada, essa versão limpa de Tim Mason parecia descarada e um pouco astuta demais, como um criminoso cujo advogado tivesse mandado usar algo bonito na frente do juiz.

— Sra. Ramsey — ele falou, sem encará-la ou oferecer as mãos. — Não vou tomar muito do seu tempo.

— Não se preocupe com isso — ela contou, não pedindo que a chamasse pelo primeiro nome. — Realmente acho que precisamos conversar. Aceita um pouco de café, chá ou alguma coisa?

Ela pôde ver que o primeiro impulso dele foi recusar, mas, por alguma razão, aceitou.

— Café está ótimo, se não for incômodo.

— Descafeinado?

— Normal, se tiver.

— Tem sorte — ela falou. — Se eu beber café à noite, estarei acordadíssima às três da manhã, pronta para começar o dia.

Ele olhou com uma expressão tão dolorosa que Ruth precisou parar e rever toda a conversa para ter certeza de que não tinha dito nada ofensivo, sem querer. Mas aí ocorreu que realmente não importava o que tinha falado. Era só estar ali, sob essas circunstâncias, que o fazia parecer tão triste.

Ele me odeia, pensou, mas, em vez de ficar ofendida, só sentiu pena dele, o que era provavelmente uma má ideia, por causa da linha dura que estava determinada a tomar na questão da oração.

O treinador Tim a seguiu até a cozinha e se sentou à mesa enquanto Ruth preparava o café. Sem se preocupar com o barulho de serra circular do moedor, ele pegou a Bíblia que Eliza tinha deixado bem à vista encostada na cesta cheia de maçãs, kiwis e grapefruit — se ficou surpreso por vê-la não demonstrou — e começou a folhear as páginas.

— É da minha filha mais velha — explicou Ruth, batendo com a palma da mão na base do moedor. — Ela anda muito interessada em Jesus por esses dias.

— Bom para ela — Tim falou distraidamente, os olhos fixos no livro, expressando o mesmo entusiasmo que se ela tivesse dito que Eliza estava aprendendo espanhol ou tinha começado aulas de natação. Depois de um momento, no entanto, olhou para Ruth. — Gostaria de poder dizer o mesmo sobre minha filha.

— Ela não vai à igreja com você?

— Abby vive com a mãe — ele falou. — Minha ex-esposa. Não tenho muito direito a falar nada sobre sua criação.

— Isso deve ser difícil — disse Ruth, olhando por cima do ombro enquanto pegava uma caixa de chá da estante mais alta. — Também sou divorciada. Você conhece o Frank, certo? O pai da Maggie?

— E, conheço o Frank — Tim garantiu. — Provavelmente recebo uns dez e-mails dele por semana. É muito generoso com os conselhos. E as, hã, críticas construtivas.

Ruth sentiu-se um pouco embaraçada, como se Frank ainda fosse seu marido.

— Só o ignore — ela disse. — Ele não consegue se controlar.

— Não é um cara fácil de ignorar.

— Às vezes, é preciso insultá-lo — explicou Ruth. — Era o meu método preferido.

— Vou tentar — Tim deixou a Bíblia e deu atenção para a cafeteira, que estava fazendo barulho na pia como se estivesse a ponto de explodir, mas sem produzir muito café. — Tem algo errado com essa coisa?

— Não sei. Costumava ser muito mais rápida.

— Você provavelmente precisa limpá-la. É preciso passar um pouco de vinagre na máquina uma ou duas vezes por ano.

— Eu costumava fazer isso — ela falou, embora fosse realmente Frank quem fizesse isso. — Nunca percebi nenhuma diferença depois, exceto o cheiro ruim pela casa.

— Junta minerais dentro — ele falou, fechando o punho para ilustrar esse processo. Ela percebeu novamente como as mãos de Tim eram grandes, pelo menos comparadas com o resto do corpo. — Fica tudo sujo ali, como uma placa nas artérias.

A chaleira apitou fraquinho — havia algo errado com a biqueira — como se estivesse relutante em interromper a conversa. Tirando-a do fogo, Ruth colocou-a em cima de uma toalha que tinha a inscrição: *Venha viver comigo e ser meu amor*. Tanto a chaleira quanto a toalha tinham sido presentes de casamento e já deveriam ter sido trocadas há muito tempo.

— Você deve usar vinagre branco — ele acrescentou. — Minha ex-esposa usou o balsâmico uma vez e foi um desastre.

Ruth riu enquanto colocava água fervente na sua caneca.

— Você tem várias dicas de casa, não é?

Ele a olhou preocupado, incerto se ela estava tirando um sarro.

— O que quer dizer?

— No jogo, sábado, você estava se gabando de que tinha colocado suco de limão nas fatias de maçã.

— Não diria me gabando — ele falou, soando um pouco ofendido. — É que as crianças não comem as maçãs se estiverem marrons.

— Tanto faz. Você parecia bastante orgulhoso de si — Ruth mexeu o saquinho de chá para cima e para baixo, sem saber se isso realmente

aumentava a velocidade do processo. Ela não ficaria surpresa se o técnico Tim tivesse uma teoria sobre isso também. — Você devia escrever uma coluna num jornal. Chamá-la de "Dicas do Tim". Como "Pistas da Heloise". Exceto que você é homem, o que seria ainda mais interessante para seus leitores, já que são geralmente as mulheres que se preocupam com essas coisas.

Ele ficou espantado, como se não conseguisse entender o que ela queria, falando o que viesse à cabeça, como se essa fosse uma visita social amigável. Ruth não conseguia deixar de pensar o mesmo e a única coisa que podia falar em sua defesa era a dificuldade em manter uma atitude de educação fria com alguém que estava sentado na sua cozinha, oferecendo conselhos úteis sobre seus eletrodomésticos. Sem mencionar as sutis vibrações desanimadas que Tim estava mostrando, o que a fazia se sentir estranhamente tímida, como se fosse sua responsabilidade animá-lo.

Ela trouxe o café para ele e se sentou do outro lado da mesa, deixando passar alguns segundos como sinal de que era o momento de discutirem. Mas, em vez de limpar sua garganta e dizer o quanto estava preocupada com o que tinha acontecido no jogo, ela deu um gole de chá e disse:

— Então, você jogava futebol na escola?

— Não seriamente. Onde eu cresci, os jogadores de futebol eram principalmente esses caras italianos que tinham acabado de emigrar, Ângelo, Mario e Guido, e os irmãos Schiavoni. Os norte-americanos jogavam futebol americano.

— Você não se parece com um jogador de futebol americano.

— Não era. Devotei meus anos de adolescência a me drogar e aprender a tocar "Stairway to Heaven".

— Ei — ela falou. — Acho que nos conhecemos.

— Então peço desculpas — ele respondeu. — Porque provavelmente não a tratei muito bem.

Ruth riu, mas ficou um pouco chateada pela condescendência implícita na piada, a suposição de que ele era *cool* demais para o tipo de garota que

ela tinha sido. Claro, o que realmente a incomodava era a certeza de que provavelmente estava certo.

— O que foi, você era algum tipo de garanhão na escola?

Ele balançou a cabeça de maneira evasiva, como se dissesse que era uma questão complicada que merecia uma resposta comedida.

— Não no começo. Era um cara magrelo com uma pele ruim. Mas entrei numa banda. O nome era Circuit Breaker por um tempo. Depois mudamos para Balin Son of Dwalin.

— Que nome horrível.

— A gente gostava — ele falou. — Era algum coisa ligada ao Tolkien.

— Balin Son of Dwalin? Por que não Big Buncha Dorks?

— Pode tirar sarro — ele disse. — Mas éramos bem populares. Muitas fãs.

— Groupies?

— E, por aí.

— Na escola?

— Você deve ter mais ou menos a minha idade — ele falou.

— Tenho quarenta e um.

Ela esperava que ele ficasse espantado com essa revelação, mas ele só assentiu, como se tivesse imaginado.

— Sou um ano mais velho — ele continuou. — Então você se lembra de como era. Às vezes, eu penso no que as crianças faziam e não consigo acreditar que aquilo realmente acontecia. Quero dizer, odeio pensar na minha filha crescendo como eu.

— E um mundo diferente — concordou Ruth. — Mas até que não nos saímos tão mal.

Rindo, Tim pegou um kiwi.

– Não sei, não — ele falou, olhando para a fruta peluda com uma concentração cética, como se nunca tivesse visto uma antes. — Alguns de nós não acabaram nada bem.

Ruth não tinha certeza se a estava atacando ou só fazendo uma declaração geral sobre a geração deles.

– Acha que está melhor agora?

– Acho — ele falou, colocando o kiwi na cesta. — Pelo menos, para mim.

– Então, o que aconteceu com a banda? O Balin Son of Dwalin sobreviveu ao ensino médio?

– Não — ele balançou a cabeça, como se não pensasse nisso há muito tempo. — O vocalista e o guitarrista brigaram por causa de uma garota. Foi como um divórcio difícil. O guitarrista ficou com a custódia do baterista e o vocalista, comigo. Jerry e eu ficamos juntos durante oito anos, tocando em cinco bandas diferentes. Até gravamos alguns discos quando tínhamos vinte e poucos anos.

– Algo que eu possa ter ouvido?

– Duvido. Chamávamos The Freebies. Havia algumas estações de rádio universitárias que tocavam nosso material.

– Você devia levar isso bem a sério.

– Jerry mais do que eu — contou. — Ele realmente queria isso e tinha talento. Ficava mudando e tentando coisas novas e eu meio que ia atrás.

– E o que aconteceu com ele? Conseguiu fazer sucesso?

Tim olhou para a mesa.

– Ele morreu quando tínhamos vinte e cinco. Afogado no próprio vômito. Como Jimi Hendrix, é o que costumávamos dizer. Como se isso melhorasse a coisa.

– Isso é terrível.

— Poderia ter sido eu — Tim continuou. — Estava tão mal quanto ele.

Tim sentiu-se momentaneamente estranho, fazendo um círculo com o dedo indicador na mesa, como se tentasse apagar uma mancha, e Ruth não conseguia evitar sentir-se como se estivesse vendo um pouco do cara transformado que Matt Friedman tinha descrito, o viciado em recuperação em que ninguém confiava nem para levar sua filha para a escola.

— Mas você mudou — ela o lembrou. — Transformou sua vida.

Ele olhou surpreso.

— Demorou muito tempo. Gostaria de recuperar esses anos.

Ruth pensou algo engraçado.

— Sabe com quem você se parece? — ela disse. — Yusuf Islam.

Sua resposta foi uma cara de quem não tinha entendido.

— Sabe, Cat Stevens. Ele se tornou muçulmano e mudou o nome para Yusuf Islam.

— Não sou muçulmano.

— Não quis dizer isso. Só que você é um músico que rejeitou a vida do rock 'n' roll e encontrou a felicidade na religião.

Ele fez uma careta.

— Não diria que Cat Stevens era rock 'n' roll.

— Sabe o que estou dizendo. Além disso, "Peace Train" era meio rock, concorda?

— Acho que sim, mas...

Antes que pudesse terminar o pensamento, o rosto de Tim se abriu num sorriso estranho, tão radiante e inesperado que Ruth sentiu-se momentaneamente enganada quando percebeu que não era para ela, mas para Maggie, que tinha aparecido atrás dela no corredor, vestida com calça de pijama e camiseta de futebol.

— Oi, Monkey — ele falou.

— Olá, Turnip.

— Querida — disse Ruth preocupada. Ela tinha pedido para suas filhas ficarem em seus quartos enquanto ela e o treinador Tim conversavam.

Maggie deu de ombros.

— Só queria dizer oi.

— Bem, já falou.

Maggie abaixou a cabeça para a mãe, as mãos apertadas contra a testa numa posição de oração.

— Sim, mestre — ela se endireitou e deu um sorriso conspirativo para o treinador. — Treino na quinta?

— Pode apostar.

— Mesma hora?

— Isso mesmo — Tim se despediu. — Agora sai daqui. Sua mãe e eu precisamos conversar.

A atmosfera parecia ter ficado mais pesada depois da saída de Maggie. Ruth suspirou, e Tim assentiu, reconhecendo o fato repentinamente óbvio de que o momento para jogar conversa fora tinha terminado.

— Então — ele falou. — Acho que temos um problema.

Ruth tinha passado os últimos três dias preparando-se para esse exato momento — elaborando sua reclamação contra o treinador Tim, compartilhando-a com outros pais, colocando no papel —, mas agora que tinha a chance de falar na cara dele, não sabia muito bem como começar. Parecia distante, como se o homem na sua cozinha tivesse uma relação indireta com o homem de quem ela estava reclamando.

— Estou um pouco curiosa — ela falou. — Por que a chamou de Monkey?

— É só um apelido. Ela gosta de subir em árvores, e Monkey parece um pouco com Maggie. Faça isso com todas. Nadima é Nomad, e Candace é Caddyshack.

— Você é Turnip?

— Prefiro "Treinador Turnip", mas é isso. E sai fácil. Elas chamam John Roper de "Mullet".

— Ai.

O treinador sorriu.

— Candace mostrou a algumas garotas o álbum de fotos dele. Classe de 85. Aparentemente, ele tinha um corte de cabelo infeliz.

— As garotas dessa idade podem ser bastante maldosas.

— Não, só estão zoando. São ótimas meninas. Maggie especialmente. Você tem sorte de ter uma filha como ela. Você a criou muito bem.

Ruth sentiu uma onda de gratidão que a pegou de surpresa. Esforçava-se muito para ser uma boa mãe, mas nem sempre ganhava crédito por isso. Já era muito difícil ser divorciada; ser uma professora de Educação Sexual divorciada que tinha sido acusada publicamente de imoralidade a transformava em péssima mãe por definição ou, pelo menos, tinha começado a parecer isso.

— Obrigada — ela agradeceu. — É algo muito legal de sua parte.

— Veja — ele falou. — Sei que ficou brava com o que aconteceu no sábado e não a culpo.

— Não?

— Acredite em mim — ele disse. — Não quis ofender ninguém ou deixar alguém desconfortável. Não tenho nenhum interesse em enfiar minha fé garganta abaixo de ninguém.

— Então por que fez isso?

— Me deixei levar — ele explicou. — Abby se machucou e o jogo foi tão incrível, meio que perdi a noção de onde estava. Você precisa

entender, para mim, orar é como respirar. E algo que faço o tempo todo.

Ele parecia sincero, mas Ruth não queria deixá-lo escapar tão fácil.

– Está bem, mas precisa entender que nem todo mundo acredita nas mesmas coisas que você. Há garotas judias naquele time, uma muçulmana...

– Sei bem disso. Alguns dos outros pais já falaram comigo sobre isso — ele fez uma pausa, triste. — Disseram que você estava planejando escrever para a Associação de Futebol.

– Estava pensando nisso — admitiu Ruth.

– Espero que não o faça — ele disse. — Cometi um erro e peço desculpas. Prometo que não vai acontecer novamente.

– Está falando sério?

Seus olhos fizeram um pedido silencioso de misericórdia.

– Amo treinar esse time — ele falou. — Não sei o que faria se me tirassem.

No geral, Ruth pensou enquanto vestia a camisola, a conversa tinha acontecido surpreendentemente bem. O treinador Tim acabara sendo mais razoável do que ela tinha esperado, bem menos rígido e briguento do que outras pessoas do Tabernáculo com quem tinha se encontrado no passado.

Deve ter sido a história dele que o fazia diferente, a vida dura que tinha enfrentado antes de encontrar Jesus. Ela já tinha conhecido alguns viciados recuperados e caras do AA, e, em diferentes graus, todos mostravam a mesma vulnerabilidade e autoconhecimento melancólico que ele, a mesma recusa de julgar outras pessoas ou condená-las por seus equívocos. Fazia perfeito sentido que as pessoas que chegavam ao fundo do poço fossem atraídas pelo cristianismo e encontrassem consolo na sua mensagem de perdão, na ideia de que não importava até que ponto você tinha detonado sua vida, sempre havia outra chance de recomeçar e acertar as coisas. Ela nunca entendia como aquela parte da religião coexistia com a parte beata e intolerante, o cristianismo raivoso e certinho que estava sempre condenando alegremente as pessoas ao inferno e transformando seus crentes em

hipócritas. Tudo o que podia entender era que o treinador Tim tinha ignorado aquela parte e pegou o que precisava para se manter em pé.

Ela se deitou na cama sentindo-se feliz, como há muito tempo não se sentia. Era um grande alívio saber que não precisaria entrar em outra briga pública, se expor mais uma vez à raiva e ao ridículo de seus vizinhos, ou ser levada a um canto onde não teria outra escolha a não ser trair seus princípios ou machucar sua filha. Não tinha entendido completamente como o fardo era pesado até ele ter sido removido de seus ombros.

Por cima do alívio, no entanto, ela sentiu uma possibilidade tonta que não tinha nada a ver com o treinador Tim ou suas meninas ou os parâmetros normais da sua vida, e tudo a ver com uma coisa estranha que havia acontecido apenas minutos depois que ele tinha ido embora. Estava em seu escritório, rasgando a carta que tinha escrito para a Associação de Futebol, quando o telefone tocou. Seu primeiro pensamento era que devia ser Tim, ligando do carro com algo que tinha esquecido de dizer — a imagem era incrivelmente clara em sua mente, por alguma razão —, mas a voz do outro lado pertencia a um homem diferente.

– Ruth? — ele falou. — É a Ruth?

– Sou eu — ela disse. — Quem é?

– Não me reconhece?

– Acho que não.

– Sua voz está exatamente igual.

– Isso é alguma piada? — ela disse. — Porque se for, não tenho tempo para isso.

– É o Paul — ele falou. — Paul Caruso. Seu antigo vizinho.

– Paul? Oh, meu Deus.

– Então, Ruth. Ouvi dizer que você estava me procurando.

Ela acordou na manhã seguinte com a animação intacta, impressionada com a súbita mudança em sua sorte. Era estranho lembrar como tinha se sentido mal apenas doze horas antes — cercada, triste e sozinha — e como tudo havia mudado rapidamente.

Eles não tinham conversado muito. Paul explicou que um velho amigo, Artie Lembach, trombonista na banda do colégio, tinha visto a mensagem de Ruth no Classmates.com e passado a informação.

— Não pude acreditar — ele disse. — Devem ter se passado o quê, uns vinte anos?

Embaraçada, Ruth começou a inventar que tinha decidido se reconectar com muitas pessoas do seu passado, tentando sugerir que ele não era especial, só uma pequena parte de um grupo muito maior.

— Fiquei animado ao receber o e-mail do Artie — ele falou, abaixando a voz para chegar a um registro íntimo. — Porque, Ruth, penso muito em você.

— É mesmo? — ela sentiu uma onda quente de sangue subindo pelo seu rosto e ficou feliz por ele não poder vê-la.

— É — falou. — Quer dizer, às vezes não conseguimos perceber quando as coisas estão acontecendo, mas, depois, quando se olha para trás...

Ele deixou a frase inconclusa, e ela não pediu para completá-la. Em vez disso, mudou o assunto para ele, perguntando onde vivia, o que fazia e se estava casado. Ele disse que morava em Connecticut nos últimos dez anos, trabalhando na área de alta tecnologia. Quanto ao casamento, era uma história longa e complicada, que poderia contar se ela estivesse livre para jantar no próximo fim de semana.

— Esse fim de semana? — ela perguntou. — Está dizendo daqui a três dias?

— Estou na cidade a negócios — ele contou. — Posso ir até sua casa. Que tal sexta à noite?

— Está bem — respondeu ela. — Claro. Não tenho nenhum plano que não possa ser mudado.

— Excelente — ele falou. — Será ótimo encontrá-la.

E assim ela tinha um encontro, o seu primeiro em muito tempo. E não era um encontro às cegas, tampouco, mas algo melhor, um encontro com

um homem que ela já conhecia, um rapaz com quem tinha crescido e, mais importante, seu primeiro amante. Ela tinha lido alguns artigos recentemente sobre casais se reconectando nos reencontros do colégio, reavivando romances da juventude. A coisa que todos mencionavam era como essas velhas ligações permaneceram fortes apesar da passagem do tempo, como podia ser importante uma história compartilhada. Em vários momentos, as pessoas falavam sobre continuar de onde tinham parado, sem perder tempo, como se as décadas no meio não tivessem acontecido.

Sentindo que estava viajando, ela fez um grande esforço para pisar no freio. Afinal, não via Paul Caruso há muito tempo. Podia ser que estivesse careca e pesando cento e cinquenta quilos. Além disso, percebeu, ele não tinha respondido à questão simples sobre se estava casado, o que a deixou um pouco preocupada. Por outro lado, as pessoas que estavam casadas e felizes não diziam que era "uma longa e complicada história", então ela se sentiu bastante otimista.

Ruth, penso muito em você.

Toda a coisa era bastante piegas, romântica e repentina, ela não podia esperar para contar a Randall. Chegou na escola uns minutos mais cedo e apressou-se pelo corredor com um café com leite em cada mão, assobiando o refrão de "PeaceTrain" — a música que tinha ficado na sua cabeça toda a manhã —, quando Joe Venuti saiu da sua sala e ficou plantado bem no meio do caminho. Ele estava com a cara de toda manhã, como se tivesse passado metade da noite suando no banheiro.

— Com licença — ela falou, tentando passar pela direita dele.

— Ruth — ele disse, bloqueando o caminho com um braço esticado. — Preciso conversar com você.

— Não dá para esperar? — ela perguntou, mostrando os copos de café. — Estou com as mãos ocupadas.

— Não dá — ele respondeu.

Num dia normal, Ruth teria dito que estava ocupada nesse momento e que poderiam conversar durante um dos intervalos, mas não estava com vontade de provocar rebuliço, então suspirou e o seguiu até sua sala. Se estivesse pensando um pouco mais claramente, não teria ficado surpresa ao encontrar

JoAnn Marlow e o Superintendente Farmer, sérios e balançando a cabeça, e certamente não teria falado: "Oi, gente!", em um tom de voz tão animado e agudo, como se estivesse muito entusiasmada por ser convidada a essa festa.

Guerreiro de Deus

Tim sabia que era má ideia parar no bar depois de sair da casa de Ruth Ramsey. Parecia somente uma ideia melhor do que ir direto para casa e encontrar Carrie, e não muito pior do que o que tinha feito na última meia hora: dirigir sem rumo por Stonewood Heights ouvindo "Workingmans Dead", pensando em como seria muito melhor matar uma ou duas horas num bar do que ir para casa e encontrar Carrie.

Ele deve ter rodeado o Homestead Lounge quatro ou cinco vezes — isso foi depois de rejeitar o Evergreen Tavern e o Brew-Ha-Ha, que estavam bem mais evidentes na Avenida Central, no coração da cidade — antes de tomar coragem para entrar no estacionamento, o que significava que ele pelo menos não teria de se preocupar com o Pastor Dennis ou qualquer outra pessoa do Tabernáculo passando de carro bem no momento errado e se perguntando se era Tim Mason que tinham acabado de ver entrando no bar, porque parecia muito com ele.

Mesmo assim, ele se sentiu trêmulo e exposto — mas também estranhamente feliz, como um preso fugindo da prisão — quando cruzou o caminho que separava seu carro da entrada dos fundos, o coração batendo forte como sempre fazia em momentos assim, o sangue rugindo tão alto em suas orelhas que afogava os gritos de pânico da sua consciência. Era uma dessas coisas que não tinham mudado com a idade: ele sentia como se tivesse dezesseis anos, comprando uma trouxinha de maconha no banheiro do colégio, ou com vinte e um, mergulhando no XXX World, a terrível "Loja Somente para Adultos" na Estrada 27. A mesma mistura embriagante de alegria e terror tinha corrido por suas veias aos trinta e dois, na primeira vez que traiu Allison, e novamente há dois anos e meio, quando abandonou muitas dúvidas e entrou pelas portas do Tabernáculo, um pecador querendo ser limpo. Era impressionante essa habilidade que sempre teve de avançar, apesar de saber que estava errado, de passar de uma situação complicada para outra com os olhos bem abertos.

Dentro do Homestead, ele hesitou por uns poucos segundos no final de um curto corredor, lutando contra um sentido agudo de desapontamento. Quando viu o neon com uma taça de martíni, fora de moda, na Estrada Lorimer, imaginara um bar escuro e cheio de fumaça, o tipo de lugar onde um cara poderia ficar anônimo num canto, cuidando de sua vergonha ao som de Sinatra e George Jones. Mas isso, ele percebeu, acontecia nos filmes; aqui era Stonewood Heights numa terça à noite. O lugar era bizarramente bem iluminado, o ar incrivelmente fresco — a proibição de fumar já funcionava há mais de um ano — e não havia música, só meia dúzia de TVs estrategicamente espalhadas pela sala, todas sintonizadas na ESPN, sem som. Uns poucos clientes no balcão - um cara jovem de terno estava digitando em seu notebook - e outros estavam jogando bilhar, e claro que todos viraram a cabeça mais ou menos ao mesmo tempo para ele, com o mesmo olhar de boas-vindas faminto nos olhos, como se talvez fosse ele quem finalmente daria um pouco de vida a esse lugar.

— Pode entrar — disse o barman. Era um cara corpulento e de olhar amigável, com um cavanhaque e um avental verde e branco amarrado na cintura. — Não mordemos.

Tim retornou o sorriso e deu uns passos adiante, na direção da luz e de volta no tempo, antes de se lembrar repentinamente quem era, virar de costas e fugir para sua vida.

Carrie estava na cama quando ele chegou em casa, assistindo a Nancy Grace na pequena TV em cima da penteadeira, um prazer culpado ao qual só se permitia quando ele não estava em casa. Tim não conseguia entender: guerras, eleições e desastres naturais faziam um barulho muito baixo no radar mental da sua esposa, mas se alguém matava um membro da própria família ou uma adolescente bonita desaparecia numa ilha tropical, ela acompanhava o caso de perto, passava horas ouvindo especialistas legais cansativos brigando por alguma moção da defesa para limitar as provas encontradas ou o significado do fato de as autoridades ainda chamarem o marido de "envolvido" em vez de "suspeito".

Tim não falava nada, nem mesmo levantava uma sobrancelha, mas Carrie pegava o controle remoto e desligava a TV assim que ele entrava no quarto, antes que Nancy pudesse terminar de explicar como estava enojada e ofendida por esse recente ataque ao bom senso e à decência humana.

- Você não precisa desligar — ele falou.
- Está bem. Sei que você não gosta dela.
- De verdade, Carrie. Pode assistir ao que quiser.

Ela balançou a cabeça.

- Nem estava prestando atenção.
- Você é que sabe — ele murmurou, abrindo a camisa. — Só não se sinta como se precisasse desligar por minha causa.
- Prefiro conversar com você — ela disse. — Quase não nos vimos o dia todo.

Era verdade, apesar de não ser incomum. Carrie começava a trabalhar uma hora antes que ele, então raramente passavam mais do que alguns minutos um com o outro na mesa do café da manhã, e o jantar também era incerto; eles só conseguiam se sentar juntos e conversar algumas noites por semana, nas noites em que Tim não trabalhava até tarde e nenhum deles precisava sair correndo para a reunião de Estudos da Bíblia, treino de futebol, ensaio da banda ou algum outro compromisso.

Ele tirou as moedas do bolso e colocou numa jarra de vidro em cima da cômoda. Quando a jarra estava cheia, ele a entregava para Abby; havia normalmente uns trinta dólares, um dinheiro inesperado que costumava deixá-la mais animada quando era mais jovem, antes de sua mãe se casar com um advogado rico. Agora era só um hábito, mais dinheiro que ela aceitava. Ele se virou para Carrie.

- Viu o sanduíche que deixei para você na geladeira?
- Vi, obrigada.
- Perdão pelas cebolas. Disse duas vezes ao cara para não colocar.
- Tudo bem — ela garantiu. — Eu só as tirei.

Ela ficou de olho nele enquanto se despia, mas, ele imaginava, não era para admirar a relativa boa forma de sua barriga ou se maravilhar pela maneira como sua bunda de meia-idade continuava a resistir às exigências implacáveis que a gravidade impunha ao corpo. Nem estava olhando com o

tipo de olho crítico que às vezes dirigia a ela, fazendo deméritos mentais a suas pernas, ou à forma redonda de seus braços, o que seria um problema no futuro se ela não tomasse cuidado. Parecia a Tim que ela pouco prestava atenção ao corpo dele; só estava tentando entender seu estado de humor, para poder se ajustar corretamente. O que ela não parecia entender era que seu questionamento constante *afetava* seu humor, fazia com que ficasse bravo e vagamente envergonhado de si, implicando que ele era um cara taciturno e difícil que precisava ser animado e mimado pelo bem da tranquilidade doméstica.

— E como foi o grupo? — ele perguntou. — Tudo bem?

— O normal. Quase não discutimos a leitura, no entanto. Passamos a maior parte da noite tentando animar Patty DiMarco.

— A mãe dela?

— Os médicos acharam que ia responder à medicação, mas ela está igual.

— Pobre Patty. — Ele jogou as roupas sujas no cesto. — Como se já não tivesse problemas suficientes.

— E você? — perguntou Carrie. — Tudo bem?

— Acho que sim — ele respondeu, colocando um pijama xadrez. — Precisei engolir um pequeno sapo, mas não foi tão ruim quanto pensei.

Ela pensou por um momento, sorrindo.

— Vem aqui — disse ela. — Deixe-me fazer uma massagem.

— Não precisa. — Ele ainda não tinha conseguido notificá-la de sua decisão de dar um tempo na vida sexual deles. — E meio tarde.

— Não tem problema — ela fez um bico, como uma garotinha. — Você parece tenso.

— De verdade, Carrie. Estou bem.

Ela empurrou as cobertas e se levantou. Estava usando uma camiseta branca sem mangas dele, apertada o suficiente para enfatizar seus seios e

short de ginástica marrom velho, também dele. Estava bonita, muito melhor do que as camisolas compridas de flanela, que ele achava tão deprimentes, que ela usava nos primeiros meses de casamento.

— Vamos lá — ela segurou seu ombro. — Vai se sentir melhor.

— Carrie, por favor.

— Vamos lá — ela insistiu firme, como uma enfermeira falando com um paciente desobediente. — Deite-se.

Tim estava a ponto de protestar novamente, mas se distraiu pela visão dos mamilos dela pressionando contra o frágil algodão da camiseta.

— Certo — ele suspirou. — Mas uma rápida.

Ele deitou de barriga para baixo na cama — o lençol ainda estava quente e com o cheiro dela — sentindo-se chateado e excitado, ao mesmo tempo. Um gemido suave escapou de seus lábios quando ela se sentou em cima dele, prendendo sua lateral com os joelhos e colocando o peso diretamente sobre sua bunda.

Um capítulo inteiro de *O bom sexo cristão* estava devotado à "Arte amorosa da massagem marital", e Carrie o tinha estudado bem. Seus primeiros esforços tinham sido tímidos e pouco eficientes, mas recentemente ela tinha ficado mais ousada e mais competente, apertando e amassando os músculos dele com uma selvageria gratificante.

— Isso — ele deixou escapar. — Bem aí. Um pouco mais para cima.

— Não consigo acreditar como você está tenso. Parece que há um monte de bolas de tênis debaixo de sua pele.

Ela ficou bastante tempo massageando — Carrie era muito paciente —, movendo-se metodicamente de cima para baixo, dando pequenos golpes de caratê as omoplatas, enfiando os dedos no canal que formava a espinha dele. Ondas de calma se espalhavam pelo corpo de Tim, preenchendo os espaços vazios em que a tensão tinha estado. Sentindo como ele estava relaxado, ela encostou a boca na orelha dele.

— Estava preocupada com você — sussurrou. — Esperava que chegasse há muito tempo.

— Estava andando de carro por aí — ele explicou. — Tentando limpar a cabeça.

Sua voz estava doce em seu ouvido.

— Está tudo bem? Você não parece o mesmo ultimamente.

Tim sentiu uma necessidade momentânea de se abrir com ela sobre os insistentes sentimentos em relação a Allison, seu quase deslize em Homestead, a sensação que às vezes tinha de que Jesus estava perdendo o interesse por ele, e vice-versa, mas parecia uma vergonha, conversar seriamente agora, quando estava finalmente se sentindo bem e até um pouco alegre, então ele tensionou a bunda e levantou os quadris, não o suficiente para derrubá-la. Ela riu e deu um tapa em sua coxa.

— Que safado!

Ele fez de novo e ela riu ainda mais. Era quase triste como parecia fácil agradá-la, como se fosse uma criancinha que só queria brincar. Ele fez pela terceira vez e ela deixou escapar um *iupi*.

— Isso! — falou. — Vamos lá, meu cavalinho!

Como sempre, Carrie dormiu logo depois de terminarem de fazer amor, enquanto Tim permaneceu acordado ao lado dela no escuro. Allison costumava reclamar da velocidade com que ele dormia depois do sexo (pelo menos nas noites em que não estava cheio de coca); era uma daquelas mulheres que acreditavam que uma conversa sincera pós-coito era parte tão essencial da experiência quanto um cigarro nos filmes antigos, tão necessária no final como as preliminares no começo. Tim, por outro lado, não se importava nem um pouco com essa troca de papéis. Era tão confortável sentir Carrie toda enrolada ao lado dele, fazendo um suave barulho abafado que era o mais próximo que chegava do ronco, que era um alívio não precisar conversar, ser capaz de seguir seus pensamentos por onde eles o levassem.

Não que estivessem indo muito longe. Sua mente parecia bastante ancorada naqueles poucos segundos que passou dentro do Homestead Lounge, equilibrando-se sobre a ponta do abismo, como se não soubesse

exatamente que tipo de sofrimento estava lá no fundo, como se ele não tivesse passado os últimos três anos de sua vida arrastando-se para fora daquele abismo.

Algo o fez se afastar antes que fosse tarde demais, mas e daí? Teria sido muito bom falar que Jesus tinha vindo resgatá-lo, ou que tinha ouvido a voz do Pastor Dennis gritando para ele, mas, quanto mais pensava nisso, mais parecia ter sido sorte pura. Se o bar fosse mais escuro ou estivesse tocando uma música boa ou uma mulher bonita estivesse sentada perto de um banco vazio, a noite poderia ter seguido em uma direção completamente diferente.

Onde Você estava, Senhor, *ele se perguntou*. Por que não me parou?

Ele sabia o que o Pastor Dennis teria dito. Teria dito que Jesus tinha coisas mais importantes a fazer — pecadores para salvar, crianças doentes para curar, um mundo de dor necessitando desesperadamente de Seu amor. Não precisava gastar Seu tempo falando as coisas que as pessoas já sabiam ou ajudando-as a fazer coisas que eram capazes de fazer sozinhas. E se um homem como Tim — um Guerreiro de Cristo — não era forte o suficiente para ficar longe dos bares, então pode ser que nunca tivesse aceitado Jesus em seu coração, para começar.

Mas eu aceitei, *pensou Tim*. E o Senhor me ajudou. Não desista de mim agora.

Ele teria ficado menos preocupado se soubesse exatamente o que o havia levado ao Homestead. Parecia óbvio que Ruth Ramsey era, ao menos, parcialmente responsável, mas era difícil dizer o porquê. Ele tinha se despedido satisfeito com o encontro. Tinha conseguido o que queria — ela havia aceitado suas desculpas e garantido que não faria nenhuma reclamação oficial à Associação de Futebol —, sem experimentar nenhum tipo de embaraço ou sensação desagradável. Ela não o insultara, nem o humilhara, tampouco atacara sua religião, com a possível exceção daquele comentário estranho sobre Cat Stevens, e mesmo aquilo tinha feito sentido depois que ela explicara.

Ao contrário, tinha sido educada e amigável, e ele gostou de sua companhia, apesar de não ter nada a ver com o que ele temia. Chegara precavido, lembrando-se de como ela tinha parecido atraente no jogo de

futebol, mas agora ele se perguntava se não tinha sido algum tipo de ilusão criada pelo sol e o céu azul, combinada com a aura de escândalo que a seguia aonde quer que fosse (da outra vez que Tim a vira, estava parada diante de uma reunião do conselho escolar fazendo um desagradável e claramente forçado pedido de desculpas por realizar comentários sexuais impróprios na sala de aula). Durante a breve conversa no intervalo do jogo, ele tinha ficado espantado, não só pela beleza de seu rosto e a surpreendente graça de seu corpo — se não se equivocava, ela parecia bem pior no auditório —, mas também por algo infantil em sua atitude, uma combinação de determinação e timidez que achou instantaneamente atrativa, o que só o deixou ainda mais mortificado quando ela começou a gritar com ele no fim do jogo.

Na casa dela, no entanto, parecia mais velha e mais comum, uma mulher de quarenta anos com olhos cansados e um sorriso melancólico, dificilmente o oponente formidável que esperava. Ela não expressava nenhuma raiva contra ele, só tratou toda a questão da oração como algo do passado, nada com que eles precisassem se preocupar, e estava feliz por seguir suas determinações, de ser absolvido da responsabilidade de precisar defender o que tinha feito ou contar o que sabia ser verdade, que ela precisava tanto de Jesus quanto ele, além de Maggie também. Porque, realmente, quem era ele para dizer como o resto deveria viver, principalmente quando era um convidado em sua casa, pedindo um favor, e ela tinha sido tão legal com ele?

O Pastor Dennis teria visto o trabalho do Demônio naquilo, e talvez estivesse certo; afinal, como poderia ser tentado a trair o Senhor com seu silêncio, quando se sentia com medo ou indignado pelo tentador? Tudo o que Tim sabia era que, no momento em que saiu da casa dela, encontrou-se tomado por uma estranha sensação de vazio e derrota, ou talvez fosse só solidão, um sentimento profundo em seu coração de que as coisas de que mais precisava eram boa música, uma bebida e um pouco mais de tempo longe da esposa.

Ele ainda se sentia um pouco confuso na manhã seguinte — nervoso, furtivo e antissocial —, embora nenhum de seus colegas percebesse nada. Estavam acostumados ao silêncio de Tim pelas manhãs, indo direto para seu cubículo para acessar seu e-mail enquanto os outros faziam uma lenta transição no dia de trabalho, analisando o episódio da noite anterior de *Lost*

ou se atualizando com as últimas escapadas de Aimee, a colega gostosa de vinte e três anos cuja complicada vida amorosa era fonte de enormes prazeres indiretos da maioria das mulheres do Loanergy Home Finance.

— Então, Vinnie e eu voltamos — ela anunciou, dirigindo-se a Rita Mangiaro, mas falando alto o suficiente para todo mundo ouvir. — Saímos para beber ontem à noite, só para conversar, sabe? E claro, acordei na cama dele hoje de manhã. Tipo, *Ei, Aimee? Você é realmente uma vagabunda!*

— Não é, não! — riu Rita. Era a melhor funcionária do escritório, de longe, uma professora aposentada que tinha toneladas de referências de seus ex-estudantes em Bridgeton High. Sentado ao lado dela o dia todo, Tim nunca deixava de ficar encantado e irritado por seu inesgotável apetite por fofoca e conversa mole, o que — de alguma forma — não interferia em sua capacidade de fazer quatro vezes mais hipotecas do que ele.

Aimee deu um conhecido levantar de ombros, significando "o que se vai fazer?". Tinha o rosto redondo, era uma loira voluptuosa com bronzado artificial, salto alto e uma personalidade inocente e vazia. Ela seria uma dessas patricinhas, exceto pelo fato de que trabalhava muito bem, uma mestre chata, pontual, quase patológica na arte de organizar a papelada complicada e tinha salvado a pele dele e de todos os outros colegas várias vezes. Todo o escritório teria desmoronado sem ela.

— Foi uma loucura — ela admitiu, com uma mistura arrependida de orgulho e embaraço na voz. — E depois tive de me levantar e fazer o caminho da vergonha, passando pela mãe dele. Tipo, *Oi, Sra. Ruffo, há quanto tempo!*

— Ai — disse Kelly Willard, uma solteira alguns anos mais velha do que Tim, que sempre organizava aventuras em suas férias para lugares como Tanzânia e Chichén Itzá, depois reclamava que não tinha aproveitado nada. — Por que não foram para o seu apartamento?

— O dele estava mais perto — explicou Aimee. — Estávamos com pressa. E eu realmente não planejava passar a noite.

— Tenho certeza de que a mãe dele ficou feliz ao vê-la — disse Rita.

— Totalmente — concordou Aimee. — Sou quase a pessoa favorita dela no mundo.

Até mesmo Tim riu disso. Sem realmente querer — o escritório era totalmente aberto, então era difícil não ouvir —, ele tinha acompanhado a saga de perto o suficiente para saber que a Sra. Ruffo não gostava de Aimee mesmo antes que Vinnie, um professor de ginástica com pouca paciência, tivesse sido preso por atacar Gary Winkinson, o agente imobiliário casado com quem Aimee saía de vez em quando. De acordo com Aimee, Gary não sabia da existência de Vinnie, então não tinha por que ficar preocupado quando um cara musculoso e bravo se aproximara dele no vestiário do Clube Ultra-Body Health and Racquet e perguntou se ele queria ver uma foto da sua namorada. "Hã, claro", disse Gary, pensando que seria má educação recusar. "Acho."

Vinnie mostrou o que foi descrito no B.O. como uma "foto de Polaroid de uma relação íntima", deu a Gary alguns segundos para estudá-la antes de dar um soco na cara dele. Ele acertou mais alguns socos antes de ser segurado por três testemunhas que estavam trocando de roupa, incluindo um musculoso policial de folga. No final, Vinnie se declarou culpado, e a esposa de Gary pediu o divórcio.

— Foi só uma transa? — perguntou Shelley Margulies. Tratamentos muito frequentes de Botox a tinham deixado com uma única expressão, uma careta de surpresa desagradável. — Ou vocês vão voltar mesmo?

— Não sei — respondeu Aimee. — Passamos por isso tantas vezes, tenho até medo de dizer que sim. Mas acho que realmente amadurecemos bastante nesses últimos meses.

— O que fico imaginando — disse Rita — é o que ele vai fazer com aquela tatuagem.

Tim, na verdade, pensara a mesma coisa. Depois do término mais recente, Vinnie tinha passado por uma crise estilo Billy Bob Thornton, que resolvera modificando a tatuagem "Aimee" em seu enorme bíceps esquerdo,

em que agora se lia "Aimee = Puta". Tim sabia disso porque estava presente no dia em que Vinnie entrara no escritório para mostrar a vingança para sua vítima.

— Falei que podia manter — Aimee sorriu, deliciada com sua própria magnanimidade. — Sou a primeira a admitir que mereço. E sabe o que mais? Meio que me excita vê-la ali. Além do mais, é um trabalho muito bonito.

Como muita gente da sua idade, Aimee era fã de tatuagens. Tinha quatro, incluindo uma que havia feito poucos meses atrás, colocada tão na parte de baixo das costas que teve de abaixar as calças para que seus colegas de escritório pudessem admirar.

— Tim — ela falou, pouco antes da grande revelação —, melhor você se virar.

Os colegas de Tim sabiam que ele era um cristão renascido e viciado recuperado; tinha contado desde o começo, como o Pastor Dennis havia aconselhado, e mantinha uma Bíblia e um livro de Devoções na sua mesa, caso alguém se esquecesse, junto com um calendário estilo Um Versículo por Dia, que Carrie tinha lhe dado de presente no Natal. A seleção de hoje era Marcos 9:50: "Sal é bom, mas se deixar de ser salgado, como restaurar o seu sabor? Tenham sal em vocês mesmos e vivam em paz uns com os outros".

— Obrigado — ele falou para Aimee. — Vou cobrir meus olhos.

Apesar de o Pastor Dennis avisar frequentemente a seu rebanho para esperar perseguição e/ou zombarias por serem cristãos num ambiente de trabalho secular, essa não tinha sido a experiência de Tim na Loanergy. O pior que havia passado tinha sido uma sensação média, intermitente de isolamento, como se houvesse uma parede invisível separando-o do resto do escritório. Em geral, seus colegas o tratavam com um pouco mais de solicitude do que o necessário, pedindo desculpas por falar palavrões na sua presença, ou mandando-o tampar os ouvidos quando discutiam *O Código Da Vinci* ou uma das trepadas bêbadas de Aimee. Ele às vezes tinha a sensação de que os outros gostavam que ele estivesse por perto para poder chocá-lo e fazia o melhor para cumprir esse papel designado a ele, embora nem sempre fosse fácil fingir estar escandalizado pela revelação de que

jovens mulheres bêbadas às vezes faziam sexo do qual depois se arrependiam ou que uma companheira, que era avó, poderia chamar um cliente de "bosta".

Vamos lá, *ele às vezes se pegava pensando*. Se vai pecar, que pelo menos seja fazendo algo interessante.

Apesar de não admitir, ele tinha gostado da tatuagem de Aimee. Tinha pensado em se virar, mas havia algo instigante na visão de uma jovem atraente desabotoando as calças no meio de um escritório. Ela só abaixou uns centímetros na parte de trás, o suficiente para revelar a doce curva de seus quadris, o triângulo de uma tanga de algodão cor-de-rosa e três caracteres chineses razoavelmente grandes, que ela disse significarem Força, Lealdade e Perseverança. Não olhou por muito tempo — o suficiente para admirar a espessura, precisão e a cor negra da caligrafia e trocar um olhar de apreciação com Antonio Morris, a única outra testemunha masculina —, mas foi suficiente, ao que parece, para ficar marcada permanentemente em sua mente, de modo que podia conjurá-la à vontade naqueles estranhos momentos quando algo assim estivesse à mão.

Ele saiu do escritório às onze para almoçar com George Dykstra, da DBH Design & Build, um dos maiores construtores da área. Era uma reunião importante para ele, um raro encontro com alguém grande na indústria, e pensou que seria uma boa ideia dar uma caminhada antes, para limpar a cabeça e pensar em como queria se apresentar.

Era muito irônico que alguém com seu abismai histórico de crédito estivesse trabalhando como agente hipotecário, mas Tim gostava de seu emprego e se considerava bom nisso. Tinha começado quatro anos antes, depois de montar um tipo de currículo cheio de furos, do tipo que se poderia esperar de um músico com dois anos de faculdade e problemas de abuso de substâncias ilegais: uns trabalhos temporários aqui, algum trabalho em construção ali, uma tentativa fracassada de abrir sua própria empresa de paisagismo, seguida de um monte de empregos no comércio e em restaurantes, além dos três anos como agente da Lucky Rent-A-Car, durante o período sóbrio e responsável que se seguiu ao nascimento de Abby. Não foi nada mal, e ele recebia frequentes elogios de seus superiores pela capacidade de acalmar clientes irados. Falava-se em uma possível promoção a assistente da gerência, mas isso acabou quando ele voltou à sua

verdadeira vocação de cheirador de cocaína, quando o emprego parou de ser uma pedra fundamental para coisas melhores e se revelou uma distração irritante para o que era mais sério — ficar doido — e mereceu completamente o desprezo com que começou a ser tratado.

Divorciado e precariamente sóbrio com trinta e sete anos, estava procurando uma nova carreira quando viu o anúncio no *Bulletin-Chronicle* — "Profissional de hipoteca, preferência com experiência; treinamento" — e decidiu que não tinha nada a perder ao se candidatar. O momento não poderia ser melhor: taxas de juros incrivelmente baixas tinham iniciado um tsunami de refinanciamento residencial e carne nova era necessária em toda a indústria para realizar o simples, mas mesmo assim crítico, trabalho de juntar os que querem dinheiro com os que querem emprestar.

Em uma semana, ele estava no telefone, identificando-se a clientes em potencial — os nomes e números tinham sido comprados de uma empresa de telemarketing —, como representante da Dream House Mortgage Company, uma empresa nova dirigida por três amigos de faculdade com vinte e poucos anos que pareciam não notar, ou ao menos não estavam nada preocupados, os furos difíceis de explicar no histórico de empregos de Tim. Seu "treinamento" consistiu em uma rápida lição sobre como ler uma folha de taxas e calcular um empréstimo, um seminário de um dia na Warrenton Marriott, além dos conselhos que conseguia agarrar das conversas com seus patrões, que não passavam muito tempo no escritório, ao contrário do que ele esperava.

Durante dois anos, Tim ficou bem, conseguindo um contrato atrás do outro. Com taxas ao redor dos cinco por cento, a decisão era muito simples para a maioria dos proprietários. Tudo o que tinha a fazer era apresentar os fatos, muito simples. Parecia que estava fazendo um favor aos clientes, organizando as coisas para que eles tivessem mais algumas centenas de dólares em seu bolso todo mês, enquanto ganhava uma bela comissão no processo. Era uma dessas raras situações na vida nas quais todos ganhavam.

A Dream House fechou no momento em que as taxas começaram a subir — um dos sócios foi para a Flórida e outro decidiu voltar a estudar, virou fisioterapeuta —, e Tim passou para a Loanergy, uma empresa mais estabelecida, com o cargo de consultor de hipoteca sênior. Com o mercado perdendo força, ele não tinha escolha a não ser mudar o foco para compras,

transações que eram mais satisfatórias num nível pessoal — tinha de trabalhar bem mais próximo aos clientes —, mas também com mais pressão e potencial para maus negócios. Era comum que a negociação não desse certo devido a contingências imprevisíveis, prazos rígidos e às exigências, muitas vezes pouco razoáveis, dos advogados, dos agentes imobiliários e dos credores, sem mencionar o velho erro humano (Tim aprendeu da pior forma o que acontecia quando não fechava uma boa taxa no dia anterior a um anúncio importante do Presidente do Federal Reserve). Mas acordos eram feitos o tempo todo também — os papéis eram assinados, cheques preenchidos, a propriedade mudava de mãos. Sua renda variava muito de um mês para o outro, mas no geral estava ganhando melhor do que tinha imaginado quando começou.

Há seis meses, no entanto, depois de anos de crescimento, o mercado de imóveis se estabilizou. Casas ficaram toda a primavera e o verão com placas de VENDE-SE no jardim. Os compradores desapareceram. Desde que começou na Loanergy, a maioria de suas dicas tinha vindo do Tabernáculo — o Pastor Dennis encorajava seu rebanho a fazer negócios com outros crentes sempre que possível —, mas era um nicho muito pequeno para trabalhar. Sentindo a necessidade de se expandir, mandou fazer novos cartões de visita, enviou algumas correspondências para seu mailing, até recomeçou a comprar listas de telemarketing. Tentou se conectar com outras igrejas evangélicas na área, mas Pete Gorman, da Faith Financial, já tinha o controle desse mercado.

Com a queda comum do mercado no inverno, Tim encarava visto a situação como urgente, talvez calamitosa. Ainda restava algum dinheiro guardado e o emprego de Carrie era estável. Allison e Mitchell estavam muito bem de dinheiro, então acreditava que ninguém reclamaria se deixasse de pagar a pensão da filha por um tempo, se ele explicasse a situação. Mas era no curto prazo. No longo, estava claro que a profissão deveria passar por uma retração, e que um bom número de pessoas não sobreviveria. Tim estava determinado a não ser um dos que ficariam para trás. Não era só por gostar do seu emprego; *precisava* dele. Porque podia imaginar muito bem o que seria acordar de manhã sem lugar para ir, todo o dia vazio pela frente, e o Demônio pairando sobre seu ombro, sussurrando todo tipo de sugestão de como preenchê-lo.

A hostess no Cosmos Diner o levou até uma mesa perto da janela onde um cara grande vestido como trabalhador da construção estava dando uma olhada no *Wall Street Journal* através de óculos com a armação na ponta do nariz. Tim demorou um ou dois segundos para conectar essa figura formidável com George Dykstra, o bobão queimado de sol que usava bermuda e óculos escuros que tinha encontrado uns meses antes num workshop para técnicos de futebol.

— Ei — disse Tim. — Desculpe deixá-lo esperando.

George ignorou a desculpa e enrolou seu jornal.

— Você não está atrasado — ele resmungou, agarrando a ponta da mesa e começando o árduo processo de sair da cabine, que claramente não tinha sido pensada para acomodar gente tão grande. — Eu cheguei cedo.

George fez Tim passar por uma elaborada série de cumprimentos — aperto de mão, tapas nas costas, abraço, cabelo despenteado — antes de encolher a barriga e voltar a se sentar. Com Tim fazendo o mesmo, George voltou sua atenção para a jovem garçonete com a pele lisa e calça preta apertada que enchia os copos de água na mesa ao lado. Ele a admirou por um momento, depois se inclinou para a frente com um ar confidencial.

— Estou dizendo, Timmy. Não sei quem faz as contratações aqui, mas gostaria de escrever uma carta de agradecimento.

— E uma garota muito bonita — observou Tim.

— Acho que é grega. Um sotaque lindo. — Os olhos de George se entrecerraram calculando. — Me pergunto se Cosmo não está enfiando seu velho *souvlaki* nela. Não duvidaria do maldito. Traz as garotas de barco, manda de volta quando se cansa. Ótimo negócio, não?

Tim respondeu com um movimento de cabeça, fazendo o melhor para manter uma expressão neutra. George tirou os óculos de leitura e enfiou-os no bolso da camisa. Sem a formalidade que os óculos davam, seu rosto parecia astuto e jovem, repentinamente familiar.

— Estou curioso — ele falou. — Já transou com uma búlgara?

— Não que eu saiba — respondeu Tim.

George assentiu devagar, como se estivesse ponderando um assunto de grande complexidade.

– A única razão para perguntar é que eu saí com uma garota doida por um tempo antes de me casar. Yanka. Era o nome dela, dá para acreditar? — ele deu um sorriso nostálgico. — Ninfo total. Costumava agarrar minhas costas e girar a cabeça como se estivesse tendo um ataque. Gritava, também. Se a tocasse no lugar correto, começava a gritar como se os russos estivessem invadindo. Nunca consegui descobrir se era só ela ou se havia algo na água daquele país.

Tim forçou um sorriso, pensando que seria uma boa ideia encontrar alguma forma gentil de contar a George que ele era cristão. Tinham passado uma manhã juntos no workshop de técnicos, mas o assunto da fé não tinha surgido, e George tinha desenvolvido uma impressão errada do tipo de cara que Tim era. Evitaria muito embaraço para os dois se ele falasse, mas como fazer isso sem lançar uma sombra sobre a reunião? As vezes, o jeito mais inteligente era somente deixar que as coisas surgissem naturalmente e esperar pela abertura correta para se apresentar.

– É muito bom revê-lo — falou, esperando levar a conversa para uma direção mais saudável. — Muito obrigado, de verdade, por aceitar meu convite.

George estava olhando para a garçonne de novo, o olhar tão insistente que ela abaixou a jarra de água e perguntou se ele precisava de algo. Ele sorriu e balançou a cabeça, depois se voltou para Tim.

– Desculpe por ter cancelado na semana passada. Tivemos um desastre em Fox Hollow. Todo um carregamento de balcões de granito chegou e as mercadorias eram muito grandes. Tivemos de mandá-los de volta para a pedreira. Por isso meus rapazes precisaram ficar parados por duas semanas coçando o saco enquanto os balcões eram acertados. Aquele trabalho só tem me dado dor de cabeça.

– Ouvi dizer que é um empreendimento bem grande.

– Vinte unidades. Quase todas pré-vendidas, graças a Deus. No limite. Conheço alguns caras que estão prontos para começar grandes projetos na próxima primavera e, acredite, estão cagando nas calças. Ninguém está comprando nada.

– É um mercado duro. Estou sentindo isso no meu lado, com certeza.

– Quer saber quem está realmente fodido? Meu primo Billy. O bosta comprou uma concessionária Hummer. Tente vender uma porra de um Hummer hoje em dia. Eu o avisei, mas ele é um cabeça-dura. Mereceu.

– E uma época complicada mesmo. Dá medo.

Depois que a garçonete anotou os pedidos, George pediu desculpas e foi ao banheiro. Tim aproveitou sua ausência para recordar a estratégia para a reunião, que não era chorar sobre as dificuldades, mas vender-se como um especialista em hipotecas experiente, promissor e ativo com uma base sólida de clientes, alguém com quem George Dykstra sentiria orgulho de trabalhar. Não que estivesse esperando muito, pelo menos imediatamente; entendia muito bem que um investidor grande como a DBH provavelmente tinha relações de longo prazo com um bom grupo de agentes hipotecários. Tudo o que ele queria realmente era colocar um pé na porta, uma chance de se provar, de mostrar que podia trabalhar com gente grande.

– Droga — disse George, enquanto se enfiava de novo na mesa. — Aquelas merdas de mocaccinos são piores que cerveja. Estou mijando a cada dez minutos.

Tim se sentou reto, preparando-se para seu discurso, mas uma sensação estranha de timidez tomou conta dele antes de começar. O momento parecia errado, mas não conseguia saber se era uma leitura correta da situação ou somente uma desculpa para evitar o desagradável que era pedir um favor a uma pessoa que não era nem mesmo um amigo. Ele olhou pela janela, como se a resposta pudesse ser encontrada no trânsito da rua River.

– Como está seu time? — perguntou George.

– Nada mal — respondeu Tim, sentindo-se ao mesmo tempo aliviado e desapontado. — Tivemos um começo ruim, mas estamos terminando bem. Nessa semana, estamos lutando pelo primeiro lugar na divisão.

– Maldito sortudo — George parecia abatido.—Fizemos exatamente o oposto; começamos como estrelas, depois caímos. Deve

ser culpa minha, mas não consigo entender o que estou fazendo errado.

– Não há muito a fazer — Tim o lembrou. — Você precisa trabalhar com as jogadoras que tem.

– Tenho as jogadoras — insistiu George. — Pelo menos no papel. Algumas têm sérios problemas de atitude. O outro time marca uma porcaria de um gol e elas desistem. *Somos ruins, jamais ganhamos, não podemos ir para casa ?* Essa atitude delas me deixa louco.

– Tenho sorte com isso. Estou treinando o time A, e minhas garotas estão totalmente motivadas. Elas têm pressa, chegam na hora ao treino, animam-se entre si, dão cem por cento nos jogos. Realmente não poderia pedir nada melhor.

O celular de George tocou, e o toque era o tema de *Rocky*. Ele o tirou do porta-celular de couro preso ao cinto, olhou o identificador de chamada e murmurou algo.

– Vou colocar no silencioso — ele falou, pressionando alguns botões e o colocando sobre a mesa.— Sabe quem é meu maior problema? George Jr. No ano passado, juro, ele era incrível. Artilheiro do seu time, o Charlie Hustle. O treinador o adorava, disse que ficaria feliz em ter todo um time de pequenos Georgies. Agora, este ano, é como se ele quase não conseguisse arrastar a bunda no campo. Não sei, talvez esteja deprimido ou algo assim. Mas ele parece muito feliz quando fica jogando no seu maldito Xbox.

– E complicado lidar com o próprio filho — concordou Tim. — Minha filha não está jogando com todo o seu potencial, também. Tento falar sobre isso com ela, mas ela nem me escuta.

– É preciso ser cuidadoso, realmente — George lembrou.

– Sabe, para não ser muito duro com eles. Os outros pais são rápidos em nos acusar de favorecer nossos filhos, mas se você me perguntar o problema é exatamente o oposto. Outro garoto erra, eu fico frio. *Sem problema, Eddie, não se preocupe.* Mas meu filho comete um erro e eu já falo: *Sem sobremesa esta noite, seu merdinha!*

Os lanches deles chegaram, e Tim sentiu outra oportunidade para levar a conversa de volta ao mercado imobiliário. Mas hesitou novamente — era difícil conversar seriamente com a boca cheia —, e George aproveitou para perguntar se Tim conhecia algumas boas dicas para a cobrança de lateral que ele poderia ensinar a seus jogadores. Tim pediu uma caneta à garçonete e diagramou sua manobra favorita na parte de trás de uma folha. Estudando os Xs e os Os, George ficou surpreso em ver que Tim utilizava uma formação dois-dois-um, o que levou a uma discussão envolvendo os pontos fortes e fracos em relação à configuração padrão três-dois, um assunto sobre o qual Tim havia pensado muito durante o verão.

— Não diria que uma é melhor do que a outra — explicou.

— Meu sistema coloca muita pressão no meio de campo, então é preciso ser muito cuidadoso com quem se coloca aí.

— Sabe o quê? — disse George. — Não me importaria o tipo de formação se pudesse usar esse menino Matt como goleiro o tempo todo, mas seus pais não me deixam. Eles querem que ele saia...

O telefone de George tocou de novo, vibrando tão forte que começou a dançar pela mesa. Ele olhou para Tim pedindo desculpas antes de atender.

— Sim? — Ouviu por um segundo, depois soltou um suspiro frustrado. — Ah, merda. Está bem. Chego aí em vinte minutos. Meia hora no máximo.

Ele fechou o celular e balançou a cabeça.

— Desculpe por isso, mas preciso ir. Outro problema na construção.

George engoliu o resto do seu lanche, pagou a conta na saída, insistindo em ficar com tudo. Sentindo-se um idiota por deixar escapar sua grande chance, Tim o seguiu até o estacionamento; aquele homem se movia tão rápido que parecia estar a ponto de correr a qualquer segundo.

— Certo — disse George, parando em frente à sua gigantesca SUV. — Foi ótimo conversar com você.

— Digo o mesmo — falou Tim, demorando um pouco, como se fosse o momento de verdade no final do primeiro encontro. — Obrigado pelo almoço.

- Tudo bem. Obrigado pelas dicas. Vou tentar aquele lateral.
- Espero que funcione para você. Me deu muita sorte.

George apertou o botão na chave e as portas do Navigator se abriram com um barulho forte. Ele segurou a maçaneta da porta, mas aí pensou melhor e se virou.

– Oh, ei, quase esqueci. Alguns amigos e eu jogamos pôquer, a cada duas semanas, na terça. Estamos procurando um cara novo. Está interessado?

– Pôquer? — disse Tim, surpreso pelo convite.

– São caras legais — garantiu George. — Alguns construtores com quem trabalho, um corretor de imóveis, meu cunhado e meu estúpido primo Billy. As apostas não são altas. Tem mais a ver com beber umas cervejas e descansar de toda a merda. Acho que você combinaria legal. E faria bons contatos de trabalho, posso garantir.

Tim olhou para o chão. Sabia o que fazer, porque tinham falado sobre como lidar com momentos como esse nas reuniões dos Viciados por Cristo. Se a outra pessoa era amiga, era possível somente lembrá-la de que você tinha dedicado sua vida a Jesus e feito um compromisso sagrado de se afastar da tentação. Se ela não sabia de suas crenças religiosas, poderia manter tudo de forma bem simples. Era só dizer: *"Não, obrigado"*, tinha aconselhado o Pastor Dennis. *Diga que está ocupado naquela noite e nada mais*. Mas quando Tim levantou a vista e viu George sorrindo para ele, não se surpreendeu ao perceber que era impossível não sorrir também.

- Eu sei jogar um pouco de pôquer — falou.

Um grande dia para o Senhor

Normalmente, nos dias de jogo, Tim estava super animado para sair. Ele acordava bem antes do despertador e tomava várias xícaras de café, mas depois disso ficava inútil — não conseguia comer nada, não conseguia ler o jornal, conversar com Carrie nem fazer nada a não ser olhar obsessivamente para o relógio até ser hora de pegar Abby e ir para o campo.

Hoje, no entanto, pela primeira vez desde que podia se lembrar, estava se arrastando. O homem do tempo tinha previsto cinquenta por cento de chance de chuva, e Tim passara boa parte da manhã olhando morosamente pela janela da cozinha, esperando que a chuva comesse cedo e fosse forte o suficiente para impedir o jogo das Stars às onze da manhã contra as Gifford Bandits. Não era o jogo em si que ele queria evitar — as Bandits eram um dos times mais fracos da liga, uma partida fácil antes da dificuldade da semana seguinte contra as Green Valley Raiders —, era a decisão que teria de tomar ao término da partida.

Até ir ao grupo de Estudos da Bíblia na noite de quinta, a situação tinha parecido bem clara. Ele havia feito uma promessa a Ruth Ramsey e sua intenção era mantê-la. Não tinha se arrependido de conduzir o time em uma oração na semana passada — tinha a esperança de haver plantado uma semente no coração de algumas garotas (principalmente sua própria filha) que cresceria com o tempo —, mas havia entendido que era algo que não se repetiria, um ato espontâneo de adoração o qual seria uma loucura repetir, pelo menos se quisesse manter-se como treinador.

Quatro anos antes, quando se apresentou como voluntário para ser treinador assistente, ao preencher o formulário de registro de Abby, Tim pouco sabia a diferença entre uma falta direta e uma indireta. Tudo o que queria na época era um jeito de se envolver na vida da filha depois do divórcio, provar que podia ser algo mais do que o perdedor que sua mãe tinha chutado de casa.

No que ele mais tarde reconheceu como um golpe de sorte, foi designado naquela primeira temporada como assistente do time Sub-8

dirigido por Sam "Corny" Hayes, o fundador e mais antigo membro do SHYSA, um visionário que subiu no vagão do futebol juvenil no final dos anos setenta, quando a maioria dos norte-americanos ainda via o esporte com suspeita, ou desprezo aberto, como um passatempo para maricas e europeus. Corny era um velho ríspido, um encanador aposentado que gostava de ficar reclamando dos ricos que estavam arruinando sua cidade, mas adorava treinar e tinha prometido continuar fazendo isso até que o agente funerário o fizesse parar. Por alguma razão — talvez porque Tim obviamente não era um desses malditos caras ricos —, Corny gostou de seu novo assistente e lhe ensinou a pensar como um treinador de futebol. Eles tinham o hábito de ir até a Victors Luncheonette depois de todo jogo — naqueles dias, Abby ia direto para casa com sua mãe — e faziam balanços detalhados da atuação do dia, avaliando o desempenho das jogadoras individualmente e criando estratégias para as formações que melhorariam os pontos fortes e neutralizariam os fracos.

Tim ajudou outro treinador veterano no time Sub-9 de Abby e conseguiu sua primeira designação como treinador principal no ano seguinte, quando assumiu as Sharks Sub-10. Apesar de sua inexperiência, o time foi muito bem, chegando em segundo na Divisão C com uma campanha bastante sólida. Mesmo assim, Tim ficou surpreso quando Bill Derzarian ligou em agosto passado para contar que tinha sido escolhido como treinador das Stars.

– O time A? — perguntou Tim. — Tem certeza de que quer fazer isso? Há muitos caras mais bem qualificados do que eu.

– Não é o que Corny diz. E estou dizendo, Tim, muitos pais o elogiaram. Eles realmente gostam do seu entusiasmo, do jeito que você treina seu time.

– Uau. Não sei o que dizer. Seria uma honra.

– Você provou que consegue — Bill afirmou. — Confiamos totalmente em você.

Tim quase perdeu o grupo de Estudos da Bíblia, em parte porque não tinha terminado a leitura — estavam trabalhando sobre os dois Livros de Samuel, e era algo difícil —, mas principalmente porque estava envergonhado. No final de cada sessão, o Pastor Dennis usava o tempo para

um "check-up espiritual", no qual cada participante era convidado a prestar contas de seus sucessos e fracassos para manter a vida santificada durante a semana anterior. Tim fazia o máximo para ser honesto — senão de que servia tudo isso? — e tinha bastante consciência de que seu comportamento recente não era muito positivo: tinha entrado em um bar pela primeira vez em anos; tinha feito sexo com sua esposa, indo contra as instruções explícitas do Pastor; e, acima de tudo, parecia ter aceitado participar de um jogo de pôquer.

A reunião era na casa de Bill Spooner, pequena ao estilo Cape Cod, perto do parque Shackamackan. Tim chegou meia hora atrasado, não porque algo o detinha, mas porque parou perto do Odyssey, de John Roper, nervoso, depois ligou o carro e foi embora, só para voltar e fazer a mesma coisa, alguns minutos mais tarde.

O Pastor Dennis estava lendo sobre Golias quando Tim entrou tímido na pequena sala, onde quase não cabia um sofá e uma cadeira reclinável, muito menos as cadeiras da cozinha que tinham sido arrastadas para acomodar os convidados. Todos os suspeitos de sempre estavam presentes — Bill, John, Andy McNulty, Jonathan Kim, Steve Zelchuk e Marty Matéria —, bem como um desconhecido que Tim demorou um momento para reconhecer como Jay, o fã de Jenna Jameson.

Famoso por ser obstinado pela pontualidade, o Pastor Dennis parou no meio da frase e levantou os olhos da Bíblia. Fixou-os intensamente em Tim, levantou a mão direita e apontou um dedo acusatório. Pelo menos parecia uma acusação — quando se sabe que é culpado, muitas coisas parecem assim —, até que o rosto do Pastor se abriu com um sorriso cheio de fervor e afirmação.

— Um homem justo caminha entre nós — ele falou, para surpresa de Tim. — E sabemos, pela Escritura, que "a oração de um justo é poderosa e eficaz".

Um benefício de sua lentidão era que sua filha estava esperando nos degraus da entrada, de uniforme, quando ele parou na calçada. Normalmente, não importava quanto ele adiasse sua saída, chegava à casa dela uns minutos mais cedo e precisava enfrentar uma sessão de conversa estranha com Mitchell enquanto Allison andava pela casa com uma

camisola minúscula, tentando encontrar as caneleiras ou a escova elétrica de Abby.

— Você está atrasado — disse Abby, dando um abraço no pai. — O que aconteceu?

— Nada. Só estou um pouco lento esta manhã.

— A mamãe achou que você tinha esquecido.

— Ah, claro. Como se eu fosse me esquecer de um jogo.

Abby assentiu:

— Foi o que eu falei.

Ela foi para o carro, mas Tim hesitou por um momento, achando que precisava avisar Allison antes de ir embora. Parecia um pouco rude ir embora sem dar um alô. Por outro lado, seria ótimo fugir sem sua dose regular de infelicidade, mais uma lembrança deprimente de como ela estava bem sem ele.

Antes que pudesse se decidir, ela saiu correndo da casa, parecendo um tanto confusa — estava carregando Logan como uma bola de futebol num braço e a mochila com as coisas de Abby na outra — e estranhamente modesta, com um roupão que chegava até os joelhos por cima do pijama de algodão.

— Esperem! — ela gritou, como se já estivessem indo embora, em vez de parados bem na frente dela. — Abby esqueceu suas coisas.

Ela desceu a escada e entregou a mochila.

— Eu falei quatro vezes: *Não esqueça suas coisas, não esqueça suas coisas*. Claro que ela esqueceu suas coisas. — Colocou Logan numa posição vertical com uma indiferença que poderia parecer descuido, o rosto se contraindo numa expressão familiar de desgosto. — *Ugh*. Que fedido. A segunda vez esta manhã.

Logan sorriu orgulhoso. Mesmo com uma fralda suja, estava feliz, um querubim gordinho de olhos grandes com a cabeça cheia de cachinhos caóticos, o tipo de criança que era tratada como celebridade pelas senhoras

de idade no supermercado. Tim gostava dele, apesar da semelhança incrível com seu pai.

— Sr. Logan — ele falou. — Como está o garotão?

— Tiiim! — ele exclamou. — Papai da Abby!

Tim colocou o dedo na barriga fofa de Logan e sorriu para Allison.

— Quer que eu troque a fralda?

Allison beijou a testa do menino fedido:

— O papai da Abby é um bobão.

— Não me importo — ele insistiu. — Nunca tive problemas com isso.

— Não sabe no que está se metendo. Ele não é mais um bebezinho lindo. Come o mesmo que você.

— Já faz muito tempo — concordou Tim. Os gases tinham começado a chegar a seu nariz e eram fortes. — Acho que a gente esquece.

— Não se preocupe — ela falou, um pouquinho de arrogância em sua voz. — Sua vez vai chegar. Aí você pode me contar como é divertido.

— Não sei. Nem temos certeza se queremos ter filhos.

Ela inclinou a cabeça, surpresa:

— Tenho certeza de que Carrie quer.

Tim não respondeu. Allison olhou para ele por um momento. Parecia à beira de fazer uma pergunta, mas em vez disso levantou Logan no ar, aproximou a fralda recheada do seu nariz e deu uma inalada cautelosa.

— Uau — ela falou, com uma voz de espanto. — Que coisa você fez aqui?

Depois de chamar Tim de homem justo, o Pastor Dennis se levantou e o abraçou.

— Fez algo muito lindo — disse.

— Quem, eu? — Tim olhou ansioso pela sala, mais espantado do que aliviado. — O que foi que eu fiz?

Os homens do Tabernáculo riram, como se estivessem encantados com sua modéstia.

— Contei a eles o que aconteceu no sábado — explicou John Roper. Estava inclinado para a frente no sofá, entre Jonathan Kim e Andy McNulty, mas eclipsando os dois homens menores com seu tamanho. — O que você fez depois do jogo.

O Pastor Dennis se virou para Jay, o cara novo:

— Se quer saber como é nossa igreja, não poderia lhe dar um exemplo melhor. Essa não é uma operação estilo "uma vez por semana a gente se senta e louva Jesus". É um ministério de vinte e quatro horas, sete dias por semana, e seu objetivo é encontrar novas formas de injetar fé em todo aspecto de nossas vidas.

Jay assentiu pensativo, como se estivesse começando a entender. O Pastor Dennis se sentou, e Tim se dirigiu a uma cadeira vaga perto de Marty Matéria, que deu um tapinha em seu ombro e sussurrou:

— Muito bem.

— Vou dizer uma coisa — continuou o Pastor Dennis, ainda dirigindo seus comentários para Jay. — O que fazemos não é fácil. É duro não cair na preguiça e esquecer nosso propósito. É tentador ligar o piloto automático e deixar o carro ir sozinho por um tempo.

O Pastor Dennis olhou para o chão e balançou a cabeça:

— Estou falando por experiência própria. Não discuti isso com ninguém, a não ser Deus e minha esposa, mas, nesses últimos meses, me senti um pouco perdido. Não me entendam mal: estamos crescendo, arregimentando membros novos, mas estava começando a sentir que não estávamos denunciando essas outras igrejas que se chamam cristãs. Quero dizer, a razão por estarmos indo tão bem é porque agitamos, mexemos realmente com essa cidade e convencemos talvez uns dois por cento das pessoas a realmente olhar para a maneira como estavam vivendo; e aí mostramos que havia um modo melhor em Cristo.

"Mas eu sabia, há algum tempo, que precisávamos de novas táticas, uma forma de chegar ao noventa e oito por cento das pessoas que nos rejeitam. Mas, por alguma razão, não conseguia descobrir como. O Senhor não me contava o que fazer. Achei que Ele tinha me abandonado, mas vejo agora que só estava me instruindo para ser paciente, esperar que um dos meus guerreiros aparecesse e me aliviasse desse peso. Porque essa igreja não tem a ver comigo, tem a ver conosco. O que podemos fazer juntos para sermos instrumentos da vontade de Deus.

"Então quero que todos pensem no exemplo que Tim nos deu. Se você treina um time de qualquer esporte, isso é ótimo, agora sabe o que deve fazer. E se não treina, pense em começar, porque é uma excelente oportunidade para levar a Boa-Nova de Jesus Cristo às crianças da sua comunidade, aquelas cujos pais não permitem que eles ouçam porque são essas que mais precisam. E se os poderosos não gostarem, se quiserem impedir que os bons cidadãos cristãos façam uma simples oração num evento esportivo juvenil, digo que venham. Essa é uma briga que vale a pena."

O Pastor Dennis se virou para Tim:

— Obrigado — falou. — Você é uma inspiração para todos nesta sala.

Tim se mexeu desconfortável na cadeira.

— Não foi nada de mais — ele explicou.

— Não ligue para ele — disse o Pastor Dennis para Jay. — Sempre que um homem levanta seu pescoço para o Senhor, acredite, é algo *muito* importante.

Abby não conseguia entender por que Tim não tinha rádio via satélite no carro. Como ela sempre afirmava, sua mãe tinha XM em seu Volvo e seu padrasto tinha Sirius no seu Lexus, e os dois serviços tinham estações bem mais legais do que as porcaria FM que era forçada a ouvir no Saturn, agora que Tim havia banido seu iPod (ele tinha se cansado de esperá-la tirar os fones cada vez que fazia uma pergunta). Mesmo assim, seu desdém pelos DJs idiotas e os comerciais cafonas não a impediam de ligar o rádio assim

que entrava no carro, aumentar o volume e cantar junto as baladas sem alma que saíam do fraco sistema de som.

Tim fazia um esforço para brincar com ela — odiava ser levado a cumprir o papel de pai bravo —, mas não podia evitar sentir algo um pouco hostil no jeito como ela fechava os olhos e se balançava no banco, uma tentativa deliberada de evitar que ele falasse, ou pelo menos manter o mínimo de conversa. Eles não se viam há uma semana; não tinha nada de mais conversar por uns minutos. Ele esperou a música terminar e abaixou o volume. Abby abriu a boca para protestar, mas preferiu não falar nada.

– Então — ele disse. — Como foi a escola essa semana?

– Tudo bem.

– Aconteceu algo interessante?

– Nada de mais.

– Algo engraçado?

– É só a escola, pai.

Eles repetiam esse ritual toda semana sem muitas variações. Ele tinha esperado que as coisas melhorassem quando ela passou a se sentar no banco da frente — tinha sido autorizada pelo pediatra há um mês —, mas tê-la ao seu lado só fez com que ficasse mais evidente como eles tinham poucas coisas para conversar. Essas viagens eram bem mais fáceis no ano passado, quando algumas amigas dela vinham junto — Tim havia achado incrível e instrutivo ouvir as três garotas no banco de trás, rindo e fofocando o tempo todo —, mas nem Natalie nem Jess tinham se classificado para o time A. Tim ainda sentia saudades dessas garotas, Natalie em particular, uma garotinha doce e atrapalhada que às vezes se esquecia onde estava e começava a fazer piruetas no campo de futebol, e achava engraçado chamá-lo de "Tecnidão".

– Fez alguma prova? — a única coisa pior do que interrogá-la dessa forma era ficar sentado em silêncio, esperando que ela desse alguma informação voluntária sobre sua vida.

– Só de Matemática.

- Como foi?
- Oitenta e sete.
- Bastante bom.
- Minha professora é má, no entanto.
- Não me diga. Srta. Holly, certo?
- Essa é de Estudos Sociais. A Sra. Harris é de Matemática.
- Harris, é verdade. Eu sempre as confiando.

Tim sempre se sentia em desvantagem ao discutir a escola com Abby. A decisão de matriculá-la na Elmwood Academy tinha sido feita sem sua participação; ele só fora notificado depois do fato. Mesmo agora, no segundo ano dela ali, ele ainda não tinha visitado o campus ou conhecido nenhuma de suas professoras. Tudo o que sabia realmente era que Elmwood tinha uma reputação estelar — "criando, mas desafiando academicamente", era o slogan — e custava tanto quanto as melhores escolas privadas.

- As duas começam com H — concordou Abby. — Mas Holly é jovem e legal, enquanto Harris é velha e ranheta.
- Vou tentar me lembrar disso.
- É melhor mesmo — havia uma nota de afeto provocador em sua voz que o deixou animado. — Vou fazer uma prova com você depois.
- Você ainda gosta mais de Inglês?
- Não se chama Inglês. É Artes da Linguagem.
- Na minha época chamávamos de Inglês.
- Quando foi isso, na Idade Média?
- Ha-há. Então, o que você está estudando em Artes da Linguagem?
- Estamos fazendo um módulo sobre biografias. Nessa semana, escrevemos um ensaio sobre "O homem que eu mais admiro".
- Homem? — Tim ficou surpreso. Pelo que tinha ouvido, Elmwood era um lugar bastante politicamente correto. — Não *pessoa*?

- Fizemos "A mulher que eu mais admiro" há duas semanas.
- Oh. Quem você escolheu como mulher?

Ela hesitou.

- Mamãe.

Ele assentiu, concordando:

- Ei, isso é ótimo. Todo mundo, hã, escolheu a mãe ou avó?
- Nem todo mundo. Uma garota escolheu a Condoleezza Rice.
- Então o que você disse sobre sua mãe?
- Não sei — Abby parecia irritada, como se tivesse sido uma questão injusta. — Só, tipo, como ela é legal.

Tim não pressionou por detalhes. Ele podia imaginar o retrato de Abby de uma mãe solteira nobre que volta a trabalhar em tempo integral depois que seu marido irresponsável desmorona e o banco toma a casa deles. Os tempos são difíceis, mas ela mantém a força, nunca reclama, nem mesmo do apartamento nojento que é o único lugar que pode pagar ou do ridículo Mercury Tracer que quebra o tempo todo. A história se completa com um final de Cinderela: a mulher vai a um encontro às cegas com um amigo de um amigo, um advogado rico que se apaixona por ela à primeira vista, e a resgata, junto com a filha, para um castelo suburbano onde eles vivem felizes para sempre.

- E o homem? — ele perguntou, como se estivesse simplesmente curioso, como se não estivesse já imaginando um papel com linhas largas, e a letra cuidadosa da menina: *Meus pais são divorciados, mas meu pai é uma forte presença na minha vida. Ele treina meu time de futebol e todas as garotas o adoram.* — Quem você escolheu?

Abby pareceu um pouco aterrorizada. Nem sempre era a garota mais perceptiva do mundo, mas até ela parecia ter percebido que a conversa tinha chegado a um ponto complicado.

- Foi algo estúpido — ela falou. — Não consegui pensar em ninguém. Só, tipo, peguei alguém aleatório.

Tim teve um terrível pensamento: Meu padrasto é o melhor cara do mundo. Ele é realmente engraçado e sabe mais do que qualquer outra pessoa no mundo sobre marcas e patentes.

— Acho que isso significa que você não escreveu sobre mim — ele disse, esperando acabar com a tensão com uma piada, mas sem conseguir ser tão divertido quanto queria.

Abby virou a cabeça, repentinamente fascinada pelos prédios de tijolos vermelhos do centro de Gifford. Ele perguntou se era possível, se ela realmente admirava Mitchell mais do que ele. Era verdade que passava mais tempo com seu padrasto e o cara comprava tudo o que ela queria. Mas ele era o pai dela. Isso devia servir para alguma coisa.

— Se quer mesmo saber — ela disse —, escrevi sobre Donald Trump.

A sensação imediata de alívio durou apenas alguns segundos.

— *Donald Trump?* Está brincando?

— Ele é legal — ela falou.

— Ele não é *legal*, Abby. Acredite em mim.

— É, sim — ela insistiu. — Ele é muito legal em *O Aprendiz*.

— Não acredito que Donald Trump seja o seu herói.

— Não falei que era meu herói. Só falei que o admiro.

— Por quê?

— Vamos, pai. Todo mundo o admira. Tem um arranha-céu, um jato particular, um cassino e seu próprio programa de TV. Pode fazer o que quiser.

— Só significa que é rico. Não que é boa pessoa.

— Você está com ciúme.

— Não tenho ciúmes do Donald Trump.

— Precisa admitir — ela falou — que é bem legal ter um jato particular.

— Com certeza seria — ele concordou, enquanto entravam no estacionamento lotado de SUVs no Gifford Memorial Park, um complexo de seis campos que seria um lugar muito bom se não fosse pela merda de ganso que fazia as crianças escorregar. — Eu teria um se minha garagem fosse maior.

Como não havia muitos campos, as Stars tinham de esperar pelo fim de um jogo Sub-10 de garotos antes de conseguir esquentar. Alguns treinadores focavam no alongamento e outros nos passes, mas Tim gostava de ficar no gol e mandar as garotas chutarem. Era uma boa forma de interagir com as jogadoras, ver quem estava em boa forma e quem poderia precisar de alguma motivação extra, que ele gostava de fazer com uma dose de conversa-fiada.

Tim sentiu seu espírito se animar um pouco quando as bolas começaram a voar em sua direção, concentrando sua mente no aqui e agora. *Estamos aqui para jogar futebol*, ele se lembrou. *Como em qualquer outra semana.*

— Uau, Slinky! — ele gritou, devolvendo um canhão mandado por Sara D'Angelo. — Vai com calma, sou um velho.

— Vamos lá, Hangman! — ele gritou para Hannah Friedman. — Minha avó podia ter defendido essa e ela morreu há quinze anos.

— Manda ver, Monkey! — ele disse para Maggie Ramsey, que parecia um pouco mais indecisa do que o normal, como se a memória da vergonha da semana anterior ainda não tivesse desaparecido completamente. — Mostre-me o Pé Grande!

Maggie sorriu para ele — pelo menos ele achou que fosse um sorriso; o protetor de dentes tornava difícil ter certeza — e começou a driblar para o lado direito do gol. Tim saiu, repetindo as técnicas agressivas de fechar o gol que havia trabalhado com Louisa Zabel, mas Maggie o surpreendeu com uma pedalada por cima da bola, mudando o curso repentinamente para a esquerda. Voltando para a posição, ele pulou para pegar o chute, mas a bola passou pelos seus dedos esticados direto para a rede.

— Muito bem! — ele arfou, levantando-se da grama e descansando por um momento ajoelhado. Tinha batido no chão mais forte do que

esperava e estava com dificuldade para respirar. — Faça isso no jogo, certo?

Ele se levantou com cautela, esfregando o peito. Na sua idade, realmente não precisava mergulhar para fazer defesas, mas não conseguia evitar. Ao contrário dos outros treinadores, não tinha sido jogador na juventude, não tinha se dedicado ao esporte na época certa. Para caras como Jerry Writzker, de Bridgeton, que tinha jogado na equipe de basquete da faculdade, ou Mike Albers, de Green Valley, um corredor de maratona com vários prêmios, supervisionar um time de garotas de onze anos devia ser muito fácil, mas para Tim era muito importante, uma injeção semanal de adrenalina.

— Sua vez, Nomad! — ele quicou a bola nos próprios pés, indo com o peso do corpo de lado a lado. — Não se contenha. Veja se consegue arrancar minha cabeça!

John e Candace Roper só apareceram uns minutos antes do apito inicial, depois de o juiz completar sua inspeção nas caneleiras e nas jóias das meninas, e Tim já havia selecionado a formação inicial. Não era incomum; com três crianças na *idade de jogar*, *John passava as manhãs de sábado correndo de um campo para o outro, dirigindo como se tivesse um fígado dentro de uma isopor no banco ao lado, pronto para ser transplantado.*

— Louvado seja Deus — disse, abraçando Tim com um desconcertante fervor na lateral do campo. — Hoje é um grande dia para o Senhor.

— Todos os dias são grandes — respondeu Tim. Ele se soltou do abraço e olhou para Candace. Podia jurar que ela tinha crescido uns centímetros desde o treino de ontem. — Quando substituirmos, quero você no meio de campo.

— Meio de campo? — ela reclamou. — Não posso ir para a frente?

— Talvez no segundo tempo.

Afastando-se dos Roper, Tim bateu as mãos forte e repetidamente até obter a atenção de todo o time. Não era pouca coisa conseguir que um bando de garotas da quinta série parasse de falar.

— Certo, garotas! Sem exagerar na confiança hoje. Vamos nos manter focados e jogar nosso jogo. Passamos, avançamos, antecipamos e ficamos em nossas posições, certo?

— Precisamos dessa — John falou por cima do ombro dele. — Vamos jogar forte, como na semana passada.

Houve um momento de confusão antes de as jogadoras entrarem no campo, quando o treinador do outro time — um cara nerd e engraçado que usava uma camiseta das Bandits com as palavras CARA DO FUTEBOL estampadas nas costas — percebeu de repente que não tinha uma camiseta para sua goleira.

— Deixei no carro — ele explicou. — Foi uma daquelas manhãs.

Tim ofereceu alguns jalecos de treino, mas o cara implorou para que o juiz o deixasse dar uma corrida até o estacionamento.

— Eu vou correndo — ele prometeu. — Vai demorar só dois minutos.

Incerto de como proceder, o juiz — um garoto do ensino médio nervoso, com cabelo espetado — se dirigiu a Tim. Outros treinadores teriam feito uma confusão, mas ele não achou que valesse a pena discutir por isso.

— Tanto faz — ele deu de ombros. — Acho que podemos esperar.

John balançou a cabeça quando o Cara do Futebol saiu correndo do campo em direção ao estacionamento, que estava a uns duzentos metros.

— Que figura — murmurou John. — Não é à toa que estão ruins.

Tim pensou em chamar as garotas de volta para a lateral para uma sessão estratégica de último minuto, mas em vez disso mandou que se sentassem e esperassem. Ele realmente precisava conversar com John e não tinha certeza se teria outra oportunidade.

— Ouça... — ele começou, mas John o cortou antes que pudesse continuar.

— Oh, ei, falei com Marty ontem à noite. Estamos todos prontos para a conferência dos Guardiões da Fé na sexta à noite.

Tim ficou espantado com isso, mas tentou não demonstrar. Os caras do grupo de Estudo da Bíblia tinham organizado isso meses atrás, mas sempre parecia distante no futuro.

— *Essa sexta?*

— É. Não sabia?

— Tinha me esquecido, acho.

— Conversamos sobre isso na casa do Bill, na outra noite — John contou. — Talvez tenha sido antes de você chegar.

— É um péssimo momento — Tim afirmou. — Odeio remarcar o treino antes do maior jogo da temporada.

— Não se preocupe com isso. As garotas não se importam com o dia de treino.

— Algumas delas poderão ter problemas. Elas têm um monte de compromissos.

— Temos compromissos, também — John o lembrou.

Tim olhou para o céu cinza sobre o campo.

— Eu sei. Não estou reclamando.

John olhou na direção do estacionamento. O treinador das Bandits estava correndo na direção deles em boa velocidade, uma mochila de equipamentos pendurada no ombro. Tim sabia que não podia esperar mais.

— Ouça, John, sei o que o Pastor disse na outra noite, mas não acho correto rezar hoje. Alguns pais reclamaram comigo na semana passada. Acham que não é justo.

John recebeu essa notícia mais calmamente do que Tim esperava.

— Eu discordo — ele falou. — O que é injusto é privar essas crianças da única coisa que pode salvá-las.

— Não são só os pais — continuou Tim. — E a Associação de Futebol. Se ficarem sabendo disso, estaremos com sérios problemas.

O outro treinador estava no campo agora, jogando uma camiseta laranja e amarela para a goleira. As outras jogadoras se levantaram e começaram a voltar para suas posições. John colocou a mão no ombro de Tim.

— Não o culpo — falou. — Jesus não queria beber da taça, também.

O Cara do Futebol veio correndo para a lateral, suando e respirando forte.

— Valeu, caras — ele levantou o dedão por cima do ombro. — É a camiseta da sorte dela. É meio supersticiosa quanto a isso.

— Sem problema — Tim disse para ele.

O juiz colocou a bola no meio do campo e levantou a mão direita. Tim olhou para John.

— Jesus bebeu da taça — ele disse baixinho.

— Ele foi obrigado — John respondeu, quando o apito marcou o início. — Era a vontade do Pai.

Como treinador principal, Tim era responsável por controlar o quadro geral. Ele precisava se preocupar com todo o campo, garantir que suas jogadoras estivessem onde deviam estar, e se comunicar com elas de modo simples e eficiente da lateral — dirigindo essa para a frente, aquela para proteger o lado fraco, alertando sobre ameaças e oportunidades antes que elas se materializassem — enquanto, ao mesmo tempo, organizava as substituições, calculando quem colocaria em qual lugar e quando fazer as mudanças.

Era uma coisa complicada, mas ele conseguia fazer bem, pelo menos quando Abby estava fora do campo. Quando ela estava jogando, geralmente achava difícil manter seu foco, resistir à tentação de pensar como pai em vez de como treinador. Assim que Abby entrava no campo, seu alcance de visão diminuía, seu olhar, como se fosse arrastado por magnetismo, ia sempre parar nela, independentemente de sua proximidade com a bola, o jogo como um todo obscurecido pelo instigante espetáculo de sua filha

correndo. Tinha de fazer um esforço consciente para afastar seus olhos dela, olhar para o lado e ver o que estava fazendo o resto do time.

Não tinha certeza de por que isso era tão importante para ele, por que sentia tanta emoção quando Abby fazia um bom passe ou roubava a bola de uma oponente, ou por que perdia o ar quando ela errava. Parte era orgulho, achava, o simples desejo egoísta de ver a própria filha ter sucesso, provar ser melhor do que — ou pelo menos igual — os filhos dos outros. Mas era mais profundo do que isso, algo primitivo. Porque havia momentos nos sábados de manhã — momentos incríveis nos quais sua mente e o corpo dela estavam em perfeita sincronia — que ele sentia uma íntima conexão com sua filha, como se fossem uma só pessoa. Tão frequentes, no entanto, quanto aqueles interlúdios de pesadelo quando ela errava uma oportunidade fácil de marcar ou ficava parada enquanto uma adversária a driblava, era a distância impossível que ele via entre eles, um golfo que ele temia poder crescer a cada dia e ano de suas vidas, e era essa sensação de separação desesperançada que o fazia abaixar a cabeça e gritar "Oh, Abby!" com tanta angústia que John às vezes sentia a necessidade de bater no ombro dele e falar para ir com calma.

Não ajudava o fato de que ela era uma jogadora inconstante. Nos bons dias, sua filha era valiosa para o time, sem ser a estrela — não tinha a ginga ágil de Nadima, a força intimidadora de Sara ou o fogo competitivo de Maggie —, mas uma atleta sólida e confiável, rápida o suficiente para ser um fator ofensivo e surpreendentemente tenaz na defesa, considerando suas proporções magras. Nos dias ruins, no entanto, ela parecia uma garota totalmente diferente — lerda, incerta, emocionalmente desconectada da ação —, como se o futebol fosse outra obrigação chata em sua agenda repleta de atividades. O estranho é que Tim nunca conseguia julgar seu humor pela conversa no carro. Tinha de esperar até o jogo começar para ver com qual Abby estava lidando.

Hoje parecia ser um bom dia, embora não pudesse se decidir se era porque ela queria jogar ou porque as Bandits eram tão fracas que realmente não importava. As Stars mostraram seu domínio desde o começo, fazendo o que queriam com suas oponentes menores e mais lentas — estranhamente, muitas das garotas de Gifford eram pequenas e gordinhas, o que não era a melhor combinação para o futebol —, conseguindo vários chutes a gol antes de as Bandits chegarem a seu primeiro ataque.

Um ritmo fácil de prever se desenvolveu nos primeiros minutos do jogo. As Stars atacavam, e as Bandits conseguiam, de alguma forma, rechaçá-las. Mas as garotas de Tim eram incansáveis; antes que a defesa conseguisse recuperar o fôlego, elas voltavam a tentar. Logo as Bandits começaram a entrar em pânico. Desistiram de qualquer pretensão de estratégia ou deliberação e só chutavam a bola aleatoriamente para longe de seu gol. Tim mandou o meio de campo aumentar a pressão.

— Elas vão quebrar — disse a John. — É só uma questão de tempo.

Depois de defender uma bola de Hannah Friedman, a goleira das Bandits tentou chutar a bola — ela tinha um braço fraco —, mas bateu com o lado do pé, indo erráticamente para a lateral. Abby chegou primeiro, mas, em vez de passar imediatamente — seu impulso comum no ataque —, parou por um momento para dominar a bola e olhar o campo. Então, para surpresa e deleite de Tim, começou a se mover na direção do gol, algo que tinha pedido para ela fazer durante toda a temporada. Sem qualquer hesitação, mandou um chute alto e forte que passou por duas defensoras antes de explodir contra o braço da goleira. Por sorte, a bola caiu bem nos pés de Maggie Ramsey, que estava perfeitamente posicionada para pegar o rebote.

— Bingo! — John levantou as mãos sobre a cabeça como um juiz. — E isso, querida!

Tim pediu substituição — ninguém nunca reclamava de ser tirada depois de um gol —, entrando no campo para cumprimentar as meninas que tinham começado, que saíam suadas e exultantes. Ele conseguia ouvir Frank Ramsey gritando sua aprovação da lateral — "Ei, Maggs, muito bem!" —, e olhou para ver se conseguia encontrar Ruth entre os espectadores. Parecia estranho não vê-la ali, depois de fazer tanto barulho sobre a oração na semana passada, mas algumas pessoas eram assim — fortes nas bravatas, fracas na continuidade.

Ou, *ele pensou, com uma mágoa que o surpreendeu*, talvez ela tivesse algo melhor para fazer.

Tim, na verdade, tinha passado pela casa de Ruth na noite anterior, com o objetivo de deixar uma camiseta que Maggie havia esquecido no treino. Na hora ele percebeu que isso era somente um pretexto. As garotas

esqueciam garrafas de água e roupas o tempo todo e ele nunca tinha sentido necessidade de entregar pessoalmente esses itens para suas donas. Era o técnico delas, não o carteiro.

Apesar de ter certeza de que tinha um motivo oculto, não parecia muito claro qual era. Seria ótimo acreditar que estava agindo como um adulto responsável — um cavalheiro, até —, saindo de seu caminho para se encontrar com Ruth, contar que sua situação tinha ficado mais complicada desde que tinham conversado, dando mais uma chance para ela lembrá-lo do acordo que tinham feito e como ficaria desapontada se o quebrasse. Mas se fosse esse o caso — se tudo estava completamente às claras —, então não havia nenhum motivo para se esconder por trás da camiseta de Maggie. Ele só precisava da camiseta se algo mais obscuro e menos respeitável estivesse em jogo — se, por exemplo, ele fosse casado sem nenhuma pressa para chegar em casa e ver sua esposa, procurando uma desculpa para visitar uma mulher divorciada cujas filhas, ele sabia, passavam as noites de sexta com o pai.

Deve ter sido essa prolongada incerteza sobre se isso era algo apropriado que manteve Tim preso em seu carro por tanto tempo depois que parou na frente da casa dela. Ruth parecia estar em casa: as luzes no térreo estavam acesas, as janelas brilhavam com uma luz azulada. A luz da varanda estava acesa também, quase como se estivesse esperando por ele. Tim conseguia se imaginar subindo os degraus e tocando a campainha, mas nesse ponto a imaginação titubeava. Ele a cumprimentaria solenemente e informaria que precisavam conversar? Ou ele só entregaria a camiseta com um sorriso tímido e esperaria que ela o convidasse a entrar?

Tinha pensado bastante nela nos dois últimos dias, tanto que tinha começado a ficar nervoso. Não com luxúria — sabia o que era luxúria e não era isso —, mas com um tipo de curiosidade esperançosa, uma sensação de que tinham muito a conversar. Ele gostaria de saber mais sobre o casamento de Ruth, como ela tinha conhecido um cara como Frank Ramsey e quando percebera que tinha sido um erro. E por que tinha mantido o sobrenome mesmo depois do divórcio? Ela não parecia o tipo. Era tudo o que realmente queria — uma chance de se sentar com ela na mesa da cozinha e retomar a conversa que tinham começado na terça à noite.

Isso era muito errado?

Numa das primeiras sessões de Estudo da Bíblia de que Tim havia participado depois de entrar no Tabernáculo, o Pastor Dennis tinha proposto um teste simples que os homens podiam usar quando achassem que estavam no meio de uma situação moralmente ambígua e não tinham certeza de como resolvê-la.

— Tudo o que precisam fazer — ele disse — é imaginar Jesus parado bem ao lado de vocês e perguntar a si mesmos: *A minha Companhia estaria orgulhosa de mim agora? Ou Ele ficaria com vergonha?* E sabem o quê? Noventa e nove vírgula nove por cento das vezes, se fizerem essa pergunta, já sabem a resposta. Precisam dar a volta e sair logo desse lugar!

Nos últimos dois anos, Tim havia feito esse teste em várias ocasiões e, por um tempo, pelo menos, tinha funcionado do jeito que o Pastor tinha previsto. A Companhia de Tim tinha observado bem e ficado bastante alarmada. Ultimamente, no entanto, Ele parecia meio frouxo, ou pelo menos se tornado mais tolerante com a fraqueza humana. Tim sabia que isso não era verdade — nos Evangelhos, o Filho de Deus estava geralmente bravo e severo, apesar de Seu postulado sobre os mortais julgarem uns aos outros —, mas havia momentos em que Jesus ao seu lado parecia menos útil que um de seus antigos amigos drogados da escola, o tipo de cara que ficava olhando suas besteiras, aí ria e dizia: *Uau, cara, não acredito que você fez isso.*

Em casos complicados como esse, o veredicto normalmente parecia bem mais claro se ele imaginasse o Pastor Dennis olhando, em vez de Jesus. Para o Pastor, não faria nenhuma diferença se Tim fora até ali para devolver uma camiseta, conversar seriamente com Ruth sobre a oração ou seduzi-la. Não importa como você conte, o fundo não muda: Tim era casado e cristão, e devia estar em casa com sua esposa cristã. Precisava se virar e ir embora dali!

E era o que estava a ponto de fazer — pelo menos estava pensando em caminhar nessa direção —, quando Ruth saiu de sua casa e começou a vir direto para o carro, olhando curiosa pela janela do passageiro enquanto se aproximava. Ele não tinha nada a fazer a não ser soltar o cinto de segurança e sair, como se tivesse acabado de estacionar e não estivesse sentado ali ouvindo cinco vezes "Uncle Johns Band", tentando se convencer a ir embora.

— Tim? — ela falou, parecendo um pouco nervosa. — E você?

— Maggie esqueceu isso — ele explicou, segurando a camiseta enquanto dava a volta no carro para encontrá-la na calçada.

— Oh, obrigada — disse Ruth, aceitando a camiseta com certa relutância. — Não era preciso vir até aqui. Dava para devolver amanhã.

— Não é nenhum problema — ele insistiu. — Só pensei que ela poderia precisar.

— Ela não está nem aqui. As garotas passam as sextas à noite com meu ex-marido.

— Nem me lembrei — disse Tim. — Desculpe por atrapalhar.

— Não foi nada. — Ela olhou para a casa. — Eu o convidaria a entrar, mas...

Sua voz diminuiu, como se não soubesse como completar a sentença.

— Está bem — ele garantiu. — É melhor eu ir embora.

Ruth riu nervosa. Tim ficou surpreso ao sentir sua mão leve em seu antebraço.

— Tenho um encontro — ela confidenciou, o rosto dela perto o suficiente do seu para sentir o cheiro de vinho em seu hálito. — O primeiro em muito tempo.

— Uau — Tim tentou ignorar uma pontada de ciúme que não fazia sentido. — Isso é excitante.

— Posso perguntar uma coisa? — ela parecia um pouco embaraçada. — Meio que preciso de uma segunda opinião.

Ela jogou a camiseta para ele e deu uns passos para trás na direção de sua casa, onde a luz era um pouco melhor.

— Estou bem? — ela perguntou, dando uma volta lenta. — Tentei seis roupas diferentes e todas pareceram erradas.

— Você está ótima — ele falou.

— Mesmo? — talvez fosse a luz, mas seu rosto parecia mais jovem do que ele se lembrava, parecia uma garota. — Dê uma opinião honesta.

Tim não precisava estudá-la, mas fez isso, só para que ela se sentisse melhor. Estava usando uma jaqueta de couro com botões por cima de uma saia de tweed, meia-calça preta e botas altas. O cabelo estava solto e ela o colocou atrás da orelha, olhando inquisitiva para ele.

— Minha opinião honesta? — ele falou. — Você não precisa se preocupar com nada.

A chuva só começou na metade do segundo tempo. Segundos depois que Tim sentiu as primeiras gotas no rosto, parecia ter estourado um balão de água no céu. As jogadoras ignoraram no começo, correndo determinadas no meio dos pingos enquanto guarda-chuvas começavam a aparecer na lateral e as meninas no banco pegavam seus casacos, mas logo elas encaravam os técnicos, esperando a suspensão da partida.

Tim não as culpava. O jogo estava sendo uma lavada, nove ou dez a um; ele parou de contar logo no começo do segundo tempo, depois que as Stars marcaram o sétimo e a goleira das Bandits saiu do campo chorando. Num esforço para demonstrar um pouco de misericórdia, ele tinha instruído seu time a passar a bola três vezes antes de chutar e usar a perna não dominante, mas isso não resolveu. Chegou a considerar uma moratória completa nos gols, mas tinha decidido contra isso, porque era mais humilhante parar de chutar do que ganhar do seu oponente por uma diferença de vinte gols.

Com menos de quinze minutos de jogo, Tim não tinha nenhuma objeção de encerrar a partida por causa do mau tempo — ainda contaria como vitória das Stars nos padrões da Divisão —, mas o técnico das Bandits não concordou. Insistia que suas garotas brigariam até o fim, aparentemente para ensinar-lhes algum tipo de lição sobre perseverança diante das adversidades.

Tim ficou chateado no começo — era uma chuva gelada de novembro e ele não tinha chapéu ou guarda-chuva —, mas, quando as garotas voltaram a jogar, ele começou a pensar que o Cara do Futebol tinha razão. Um estranho clima festivo tomou conta dos últimos minutos do jogo, quando as

jogadoras perceberam que estavam completamente ensopadas e podiam se divertir assim.

Uma poça larga de lama se formou em uma parte mal drenada no meio do campo e a bola sempre acabava parando ali- Uma das Bandits perdeu o equilíbrio tentando chutá-la e terminou sentando na água suja com uma expressão de tristeza cômica, um contratempo que algumas das outras garotas acharam inspirador. Pouco depois, as jogadoras encontravam todo tipo de desculpa para deslizar na lama. E depois dispensaram as desculpas. Assim que o juiz apitou o final do jogo, os dois times convergiram para o centro do campo e começaram a pular, rindo e se sujando, completando a transformação de jogo em festa.

Parado ao lado de John na lateral, Tim levantou o colarinho de sua jaqueta e riu quando uma garota após a outra corria, gritando e se agitando no meio da lama, muitas tão sujas que já era difícil dizer de que time eram.

— Estou com uma vontade louca de me juntar a elas — ele falou, mas John não pareceu ouvir. Tim se virou para falar de novo, mas ficou quieto ao ver seu assistente.

John tinha os braços no alto e o rosto molhado virado para o céu, a expressão congelada entre o prazer e o terror enquanto entrava no campo. Os lábios estavam se movendo enquanto se aproximava das garotas, mas Tim não conseguia ouvir o que ele falava.

Atualização

Roger, um professor de ginástica sessentão com o cabelo curto e grisalho, sorria para suas colegas degeneradas enquanto passava cream cheese em um bagel.

– Ei — ele falou, demonstrando uma alegria suspeita para alguém participando de um curso de Atualização em Abstinência às oito da manhã de um sábado. — É como o *Clube dos Cinco*, exceto que eles fornecem o café.

Ruth não tinha certeza se Roger era professor de ginástica, mas parecia uma boa aposta, já que ele estava usando um desses shorts de poliéster que os treinadores de certa idade adoram e uma camiseta na qual se podia ler PROPRIEDADE DE WEST HIGHLAND EAGLES.

C J., a lésbica bem masculina sentada perto de Ruth, deu um riso de apreciação. (Ruth não sabia de verdade se C.J. era lésbica, mas ainda não tinha conhecido nenhuma mulher hétero que achasse uma boa ideia se vestir como o vocalista do grupo Sha Na Na.)

– É — disse C.J., olhando a pequena mesa de café, suco e salgadinhos que havia para eles. — Você é tratado muito bem aqui. É só ficar longe do Kool-Aid.

Havia quatro ao todo — Roger, C.J., Ruth e Trisha, uma jovem séria que tinha trazido seus próprios saquinhos de chá de ervas —, parados ao redor de uma mesa de armar na sede regional da Escolhas Inteligentes para Jovens no centro de Lakeview, a uma hora de carro de Stonewood Heights. As outras salas no edifício comercial de tijolos eram ocupadas por um dentista, um cursinho preparatório para testes e uma empresa chamada Home Surveillance Solutions.

– Não sei do que você está falando — Roger disse para C.J. — Bebi o Kool-Aid e não me aconteceu nada. Só acabei por acreditar firmemente que sexo é ruim e meu pênis é o instrumento do Demônio.

— Ele parou, parecendo momentaneamente confuso. — Não, esperem, é minha esposa que acha isso.

— Bem, ela está um pouco certa — brincou C.J., abrindo um pacote de bolachas Sweet' N Low.

Trisha deu um gole no seu chá Wellness e estudou o pôster pendurado na parede em cima da máquina de xerox. Mostrava um universitário horrorizado fugindo de um dormitório, tentando escapar das garras de uma colega vestida de forma sedutora que tinha "HIV+" marcado na testa em letras negras. *Se fosse assim tão simples*, era o título no alto do pôster. Em letras menores na parte de baixo\ *Abstinência: porque nunca se sabe realmente*.

— Esse lugar me dá arrepios — ela murmurou.

— O que você fez? — perguntou C.J.

Trisha se afastou do pôster. Era uma mulher baixa e gordinha com cabelo escuro reto e uma boca bonita. Se não fosse pelos óculos sérios de intelectual, poderia ser facilmente confundida com uma estudante universitária.

— Admiti aos meus estudantes que me masturbo — ela falou, soando envergonhada e desafiadora ao mesmo tempo. — Não foi parte de um planejamento de aula ou algo assim.

Estávamos somente conversando e disse que a maioria das pessoas provavelmente fazia isso uma ou outra vez na vida, e que não havia por que se envergonhar. Aí um garoto me perguntou à queima-roupa se eu já tinha me masturbado.

— Oops — disse Roger.

— Eu sei. — O rosto de Trisha ficou vermelho com uma velocidade incrível. — Deveria ter dito que isso não era problema dele, mas me pareceu uma covardia fugir da pergunta. Quero dizer, falei o tempo todo que queria que minha aula fosse um ambiente seguro, no qual eles pudessem conversar abertamente sobre todo aspecto da sexualidade e fazer as perguntas que quisessem.

— E vejam aonde você veio parar — disse C.J. — E você, Ruth?

– Minha história não é tão interessante — contou Ruth. — Só perdi a cabeça e sugeri que poderiam existir erros nos folhetos do Instituto de Desinformação Jerry Falwell.

– Ora, ora — disse Roger.

– Essa não é a minha primeira vez — contou C.J. — Eles me mandaram na primavera passada pela mesma razão que estou aqui agora. Porque não me importa o que diga o maldito currículo, abstinência até o casamento não pode de jeito nenhum ser defendida para gays e lésbicas enquanto não pudermos nos casar. Sentenciar uma pessoa a uma vida sem sexo é uma punição cruel e incomum.

– Diga isso para a minha esposa — falou Roger.

– *Ba-dum-bum* — disse C.J. — E eu pensei que Rodney Dangerfield tinha morrido.

– E você? — Trisha perguntou a Roger. Ela parecia mais relaxada, agora que tinha revelado seu segredo. — Qual é o seu pecado?

Roger balançou a cabeça.

– Prefiro não falar sobre isso.

– Não é justo — C.J. lhe disse. — Todas nós confessamos.

– Tanto faz — disse Roger. — Se querem realmente saber, eu mostrei às crianças um pôster central da *Playboy*. Miss Abril, 1973.

– Por que fez isso? — perguntou Ruth, genuinamente curiosa.

– Foi algo estúpido — ele contou. — Estava tentando provar algo sobre peitos falsos.

C.J. parecia espantada.

– O que isso tem a ver com o currículo?

Roger colocou as mãos embaixo de seus peitos e gentilmente os levantou.

– Eu só gosto deles naturais — falou.

Ruth e Trisha trocaram olhares enojados.

— É algo muito importante para mim — explicou Roger. — Nem falem nada.

JoAnn Marlow estava como sempre, com muita roupa, como se não pudesse imaginar uma forma melhor de começar o fim de semana do que jogando uma blusinha de seda, um colar de pérolas bonito e três camadas de maquiagem antes de ir para o escritório a fim de colocar um pouco de bom senso num bando de depravados professores de Educação Sexual.

— Bom dia! — ela falou, assim que todos se sentaram ao redor da mesa grande na sala de conferência. — Que prazer em vê-los!

JoAnn deu um sorriso brilhante para sua audiência cativa e não pareceu perturbada por ninguém sorrir. Deu um gole no café que tinha trazido — Starbucks, notou Ruth, não a porcaria barata que compravam para os participantes — e bateu as unhas bem tratadas na mesa.

— Antes de começarmos, só queria dizer que sei bem que essas sessões de reforço especiais de sábado não são muito populares. Alguns professores que foram convidados antes foram bem explícitos sobre isso em suas avaliações. Alguns disseram que se sentiam punidos. Outros usaram palavras como "doutrinação" e "total perda de tempo". Talvez vocês sintam o mesmo. Se for o caso, tudo o que posso dizer é: aguentem firme.

JoAnn afastou sua cadeira da mesa e se levantou. Não era muito alta, mas havia algo elegante e poderoso na forma como se comportava, uma qualidade de absoluta confiança que Ruth não podia deixar de invejar, mesmo se fosse algo muito estranho para ela e completamente desagradável.

— A primeira coisa que vocês precisam lembrar — continuou JoAnn — é que estão aqui por uma razão simples. Fizeram algo errado. Talvez tenha sido um erro honesto, talvez não. Não posso olhar em seus corações e não sei se gostaria, mesmo se pudesse. Pelo menos, acho que se pode dizer que todos aqui estão tendo problemas em se ajustar a uma nova forma de pensar. E quero ajudar a resolver isso.

Ela se aproximou do quadro e escreveu as palavras "GRANDE OPORTUNIDADE" com uma caneta vermelha.

— Então, em vez de sentir pena de si mesmos e raiva de mim — ela disse —, acho que seria melhor para todos se ajustassem suas atitudes agora, antes de começarmos. Por mais difícil que seja para vocês acreditarem, essa é uma grande oportunidade para todos nos reconectarmos com nosso objetivo comum, que é ensinar o currículo da Escolhas Inteligentes para nossos estudantes da forma mais entusiasmada e efetiva possível.

— Sim, senhora — Roger murmurou baixinho. — Estou tão entusiasmado...

C.J. cobriu a boca com a mão numa tentativa frustrada de esconder seu divertimento. Ruth e Trisha olharam para a mesa.

— Podem rir — disse JoAnn. — Mas eu garanto que seu conselho escolar não acha que abstinência seja um assunto engraçado. É por isso que adotaram nosso currículo e é por isso que esperam que vocês o apresentem a seus estudantes com boa-fé, sem adições, advertências ou comentários sarcásticos. E, se não puderem fazer isso, deveriam pensar em pedir demissão ou solicitar alguma forma de substituição antes de terminarem enfrentando ações disciplinares mais sérias.

JoAnn se virou para a lousa, escreveu a palavra "PARCEIROS" com letras bem grandes e a sublinhou três vezes.

— Tudo o que estou pedindo esta manhã é que tenham um pouco de fé. Só dessa vez e só como um tipo de experiência, poderíamos tentar pensar em nós mesmos como parceiros em vez de adversários? Se olharmos as atividades desta manhã no espírito correto, então talvez possamos dar o primeiro passo na estrada para estabelecer uma relação de confiança e cooperação mútua. Porque a questão é que, queiramos ou não, estamos nisso juntos.

Nenhum dos professores concordou, mas nenhum protestou também. E isso pareceu suficiente para JoAnn.

— Ótimo — ela falou. — Gostaria de começar com uma redação autobiográfica.

Ruth olhou para seu livro de testes e tentou novamente focar seus pensamentos. Até então as únicas palavras que tinha escrito eram as que

JoAnn havia ditado antes de sair da sala: "Um encontro sexual do qual me arrependo". Até agora, já tinha se passado tempo suficiente para que essa simples frase tivesse se transformado no centro de um elaborado sistema solar de objetos rabiscados — estrelas, luas crescentes e galhos sinuosos, uma palmeira e um par de lábios sexy, a Torre Eiffel e um peixe usando óculos escuros, o planeta Saturno com uma tulipa gigante nascendo na superfície.

Escrever nunca tinha sido fácil para Ruth mesmo nas melhores circunstâncias, e as desta manhã não se qualificavam nem como decentes. Estava cansada de uma noite de pouco sono, mal-humorada por perder o jogo da Maggie e com profundas suspeitas dos motivos pelos quais JoAnn havia escolhido esse assunto em particular — ela tinha dito que estava "procurando uma base comum" com os professores, mas Ruth tinha certeza de que estava procurando mais histórias de horror para contar a adolescentes impressionáveis. Não ajudava o fato de que os outros três estivessem escrevendo como se fosse um concurso: C.J. e Trisha descarregando suas histórias com um esforço desagradável, Roger parecendo estranhamente alegre, rindo e balançando a cabeça com as visões de suas lembranças. Acima de tudo, Ruth de repente percebeu que estava com muita fome, uma condição que deduziu do fato de que estava desenhando um donut muito detalhado com açúcar em cima, flutuando como o sol acima da Torre Eiffel e distribuindo raios deliciosos no céu.

Não é que tivesse problemas em encontrar algo para escrever. Como qualquer outra pessoa em sua idade, Ruth tinha cometido uma boa quantidade de indiscrições na juventude, e depois também. Havia algumas transas casuais na faculdade que ela teria eliminado se pudesse, bem como um caso estúpido com um professor casado e bem mais velho que fracassara depois de uma sessão de luxúria no sofá do escritório dele. E ela certamente se arrependia de seu fim de semana em Poconos com Ray Mattingly— não porque tivesse sido ruim, mas porque tinha sido muito bom e ela tinha se humilhado ao chorar inconsolável quando ele anunciou que se mudaria.

Aí, claro, também tinha o Frank. Eles se divertiram no começo do casamento — uma linda lua de mel em Tortola, as manhãs de sábado preguiçosas no primeiro apartamento em Hillcrest — e suas lindas filhas, mas, onde estava agora, era difícil sentir algo mais do que tristeza por

aquela equivocada época de sua vida. Tinham ficado casados por uns quatro anos, mesmo depois de terem percebido que tudo tinha acabado, e, durante esse período, continuaram a dormir juntos por uma patética combinação de necessidade, hábito e vontade de querer continuar. Se ela contasse tudo isso, então teria de admitir que se arrependia da maior parte de suas relações sexuais e pensar desse jeito a deixava ainda mais deprimida do que quando acordou de manhã, com o encontro da noite anterior ainda fresco na memória.

Ela tinha saído de casa na sexta à noite com duas camisinhas na bolsa e uma mente totalmente aberta. Não estava exatamente *planejando* dormir com Paul Caruso, mas certamente não estava descartando a possibilidade ou procurando razões para dizer não. Em sua idade, no meio de uma seca de dois anos, não havia muito a ganhar bancando a difícil ou pedindo mais do que o mundo estava preparado para oferecer. Porque, na maior parte do tempo, como Ruth bem sabia, ele não estava oferecendo nada.

Além disso, Paul e ela já tinham sido amantes. Não importava que isso tivesse acontecido uma vida atrás, tão distante no passado que ela não conseguia nem lembrar direito. Depois que se ultrapassa aquela barreira invisível que separa uma pessoa de outra, a conexão era para sempre, independentemente de gosto. Ela sentia isso com Frank às vezes, uma corrente entre seus corpos, e parecia não preocupar — ou mesmo reconhecer — o fato de que estavam divorciados ou que ela agradecia a Deus diariamente por não precisar mais acordar ao lado dele de manhã, não precisar mais vê-lo escovar os dentes de cueca, olhando animado para o espelho do banheiro.

Ruth e Paul se encontraram no Ferraros, um restaurante italiano em Bridgeton que Randall e Gregory tinham recomendado. Ela cruzou os braços quando entrou esperando aquele momento de surpresa desagradável que tinha sentido tão bem na reunião de vinte anos — a exclamação de descrença que tinha engolido várias vezes ao olhar para o crachá com o nome e o rosto da pessoa —, mas o choque que sentiu ao ver Paul foi completamente diferente.

Ela demorou alguns segundos para reconhecê-lo, não porque o tempo havia sido ruim com ele — totalmente o oposto. Paul parecia bem, muito melhor do que ela imaginava em suas fantasias mais otimistas. Tinha

cortado o cabelo, claro — nenhum cara na idade dele deveria usá-lo comprido e dividido no meio —, mas não foi isso que a deixou estupefata, nem foi o terno caro ou o fato de que tinha um bronzado profundo, daqueles que não pareciam ser fruto de muito tempo sob o sol.

Às vezes, em anúncios de produtos de perda de peso em revistas, dá para ver uma continuidade entre a pessoa obesa que costumava usar aqueles jeans gigantescos e o indivíduo magro e feliz que mostra o espaço vazio nas calças para o mundo. Outras vezes, no entanto, a transformação é tão completa que você fica tentado a se perguntar se o Antes e o Depois são realmente a mesma pessoa.

Era assim com Paul. Ruth tinha vindo aqui para se encontrar com o menino gordo de suas lembranças — o adolescente doce e vulnerável com uma lata de Pringles numa mão e um trompete na outra, o garoto que tinha ensinado que não era preciso se encaixar na definição de "perfeito" para ser amado — e ela não tinha certeza do que fazer com esse empresário galã tomando uma taça de vinho tinto no bar, exalando um ar de masculinidade que ela teria achado muito atrativo se esse fosse um encontro às cegas, se fosse qualquer outra pessoa no mundo.

De repente, consciente do escrutínio dela, Paul girou em seu banco e se encontrou com seu olhar, o rosto se abrindo em um grande sorriso que não mostrava nada da ambivalência que ela dirigia a ele. Se ele notou sua discrepância, no entanto, não demonstrou ao descer de seu banco e começar a andar na direção dela, abrindo os braços quando se aproximava, apertando-a contra seu corpo absurdamente magro, apertando forte e soltando um tipo de murmúrio baixo que é permitido fazer quando se está abraçando alguém que já ouviu sons como esse de sua parte antes.

— Ruth — ele disse. — Uau.

Ele a soltou e deu um passo para trás, sorrindo para ela com um tipo de descrença boquiaberta enquanto seus olhos viajavam por todo o seu corpo.

— Puta merda — ele falou. — Acho que você já não é mais minha pequena vizinha.

C.J. foi voluntária para ler primeiro.

— Desde que tive consciência de ser um ser sexual — ela começou —, sei que gosto de mulheres.

— Eu também — brincou Roger, mas C.J. o silenciou com um olhar imperativo e retomou sua narrativa.

— Quando eu era adolescente, esse conhecimento me amedrontava, implicando uma vida solitária e deslocada, vivendo à margem da chamada sociedade normal. Crescendo em uma cidade pequena, num estado conservador nos anos setenta, ainda nem tinha ideia de que existia uma vibrante comunidade de mulheres como eu — sapatões apoiadoras, amorosas, lindas e fortes, de toda raça, credo e cor — e, mesmo se soubesse, não tinha certeza se teria a coragem para me imaginar vivendo entre elas.

"Tudo o que fiz na escola foi aguentar, matando o tempo até poder escapar para a faculdade e descobrir quem era sem meus pais, irmãos, vizinhos e todas as pessoas que eu conhecia, cuidando da minha vida, prontos a zombar ou me banir por qualquer desvio da norma. Podem achar engraçado, mas até hoje, neste suposto país iluminado, há lugares onde não é seguro ser um adolescente gay, não só fisicamente, mas mental e espiritualmente..."

JoAnn bateu na mesa.

—Já entendemos, C.J. Poderia ir para a parte em que fala realmente do tema?

— Desculpe — disse C.J. numa voz cheia de desculpas fingidas. — Eu a deixo desconfortável?

— De jeito nenhum — respondeu JoAnn. — Só gostaria que fosse mais rápida. Quero que todo mundo tenha a chance de ler.

— Está bem — C.J. virou algumas páginas, procurando algo. — Certo... aqui está... Então, o que faz uma jovem sapatão quando um garoto a convida para o baile de formatura?

Tudo o que posso dizer é que achei muito difícil dizer não. Tinha quatro amigas próximas na época e todas tinham parceiros. Além do mais, elas iam para a casa no lago de Lori Welker depois do baile, e eu não queria perder

isso. Era nosso último ano e essas garotas eram minha vida. Dá para imaginar como minha mãe ficou feliz. Sua garotinha, vestida como uma princesa, na grande noite. Ela me maquiou e me enfiou em um vestido cheio de babados. Eu achei horrível, horrível e desonesto, mas lá fui eu.

Meu par era um garoto chamado Donnie, e ele não era um cara ruim. Não se importava comigo, só queria participar da diversão. Uma coisa que tínhamos em comum era gostar de Southern Comfort e de dançar bêbados. Então o baile em si foi na verdade uma experiência bem divertida.

"Depois da festa as coisas ficaram estranhas. Todos ficamos juntos por um tempo, mas aí os casais começaram a se separar, um a um, procurando lugares mais reservados. E finalmente ficamos só Donnie e eu, e estávamos muito travados."

C.J. parou para juntar coragem.

— Você me pergunta por que permiti que fizéssemos sexo e acho que poderia me esconder atrás de uma desculpa, dizer que estava muito bêbada para resistir e talvez haja um pouco de verdade nisso, mas só um pouco. Acho que lá no fundo eu estava rezando para gostar, para que Donnie fizesse o que o baile e o resto da minha vida não tinham conseguido: transformar-me em uma boa garotinha hétero como todo mundo.

"Acho que vocês querem saber como foi para mim. Foi nojento, doloroso e humilhante. Sóbrio, também. Se havia alguma última sombra de dúvida de que eu era homossexual, o pênis de Donnie Bolger a eliminou naquela noite de formatura."

C.J. sorriu triste, passando os dedos no cabelo penteado para trás.

— Como todos aqui devem ter imaginado, não sou fã da abstinência. Acredito que os seres humanos foram colocados neste planeta para amar e adorar um ao outro, com o melhor das nossas capacidades e inclinações, independentemente de nossa orientação sexual ou status civil. Mas vou dizer uma coisa: até o dia de minha morte, vou lembrar daquela horrível noite em 1979 e desejar que tivesse me abstinido. Obrigada.

Paul parecia um pouco mais familiar depois que se sentara e começaram a conversar. Mesmo quando jovem, ele já falava lentamente e com uma precisão incomum, como se tivesse estudado locução. E o som de

sua voz a fez ter um pouco mais de certeza de que o garoto com quem tinha passado loucas tardes há um quarto de século ainda estava escondido dentro do corpo desse lindo estranho.

– Você está ótima — ele falou, quando já tinham passado das conversas preliminares obrigatórias sobre o trânsito e os perigos do MapQuest. — Não mudou nem um pouco.

– Todo mundo me diz isso — ela respondeu. — Acho que é o lado bom de já ter cabelos brancos e rugas quando se é adolescente.

Paul sorriu. Havia um pouco de pele solta ao redor do pescoço, que era o único traço físico que ela podia encontrar de sua vida anterior.

– *Touché* — ele falou. — Você sempre foi divertida. Lembro-me disso.

Ruth ficou surpresa por isso — humor nem sempre era incluído no inventário de suas virtudes —, mas deixou passar sem falar nada.

– Posso perguntar uma coisa? — ela disse.

– Claro.

Havia centenas de maneiras de fazer a pergunta, algumas mais delicadas que outras. Ruth escolheu a mais direta.

– O que aconteceu? Você é uma pessoa completamente diferente.

Paul deu de ombros.

– Fiquei cansado de ser gordo. Decidi fazer algumas mudanças.

– Quando?

– Há dez anos. Depois que me divorciei de Missy.

Ruth assentiu simpática, tentando não revelar nenhum prazer ou interesse excessivo nessa revelação.

– Não sabia que vocês dois tinham se casado.

– Eu sabia que seria um desastre quando estava entrando na igreja. Mas era como se tivesse de fazer aquilo, como se estivesse

escrito num roteiro.

– Entendo perfeitamente — ela comentou.

– Temos dois filhos — ele contou. — Então isso complicou as coisas.

Ruth resistiu à vontade de contar sobre sua própria situação e como era difícil ser mãe solteira. Teriam tempo para isso.

– Então você começou a se exercitar ou algo assim?

– Exercício era parte. Mas principalmente aprendi a disciplinar minha alimentação. Lembra-se de quanta comida havia em casa?

– Parecia sempre muita — concordou Ruth.

– Tudo o que fazíamos era comer. Toda a família. Perguntei isso a minha mãe alguns anos atrás, e ela fingiu não saber do que eu estava falando. Mas, nossa, tínhamos *duas* geladeiras extras no porão e as duas estavam sempre cheias.

– Mas você se casou — ela afirmou. — Não estava mais vivendo na casa de seus pais.

– Comer demais era um hábito, e Missy ajudou muito. Mas quando meu casamento finalmente acabou, despertei e percebi que tinha recebido uma segunda chance e podia viver minha vida como quisesse. Perdi 55 quilos em dois anos e nunca mais os recuperei.

– Uau. Isso não é fácil.

Paul passou a mão devagar pela frente da camisa, como se estivesse tentando alisá-la.

– Na verdade, não é tão difícil — ele falou. — Porque eu realmente gosto de quem sou agora. Vou à academia de vez em quando e vejo esse cara no espelho e penso: *Ei, quem é esse cara bonitão? Gostaria de poder ser como ele.* E aí percebo que sou eu mesmo.

– Obrigada, C.J. — disse JoAnn. — Foi um texto muito interessante. Acho que você tocou em algumas questões realmente importantes que podemos discutir na sala de aula. Uma é a ligação

entre abuso de álcool e comportamento sexual autodestrutivo, e a outra é a pressão dos companheiros na noite da formatura. Algumas escolas que conheço chegaram a montar pontos de checagem de sobriedade em seus bailes, com policiais e bafômetros. Acho que seu ensaio mostra por que isso pode não ser má ideia.

– O objetivo não foi falar nada disso — protestou C.J.

– O que eu estou contra é a obrigatória heterossexualidade no baile, todos aqueles heterossexuais convencidos se esfregando na cara um do outro. Foi isso que me levou a um comportamento autodestrutivo.

– Uma coisa que o resto de vocês poderia considerar - continuou JoAnn como se C.J. não tivesse falado nada — é encorajar os pais em suas comunidades a organizar encontros depois da festa em suas casas. Se entrarem no nosso website, encontrarão uma lista de atividades em grupo recomendadas que ajudarão a manter as crianças longe de problemas e restaurar um pouco da inocência perdida na noite do baile de formatura.

– Jogar Twister pelado — murmurou Roger.

JoAnn olhou para ele, sem acreditar:

– Quantos *anos* você tem? — ela perguntou.

– Sou velho o suficiente para não dar a mínima — ele respondeu.

– *Argh* — JoAnn fez uma careta, como se tivesse engolido algo desagradável. — Não acredito que permitam que você ensine crianças.

– Não só isso — continuou Roger. — Ainda tenho estabilidade.

– Sinto pena dos seus estudantes — disse JoAnn. Ela parecia estar a ponto de dizer algo mais, mas decidiu que não valia a pena. — Vamos continuar. Trisha, gostaria de ser a próxima?

Com medo evidente, Trisha olhou para sua composição.

– É um pouco embaraçosa — ela disse.

— Tudo bem — encorajou JoAnn. — Não estamos aqui para julgá-la. Só queremos ouvir o que você tem a contar.

— Estou realmente com vergonha — murmurou Trisha.

— Excelente — disse JoAnn. — Por que não nos conta?

Desde o pré-primário, Trisha tinha sido amiga de uma garota chamada Eve e, desde o começo, Trisha era a figura dominante nessa amizade. Era a mais inteligente, a atleta e, mais tarde, a mais bonita. Eve era a admiradora; era sua função ficar ao lado de Trisha, maravilhando-se com os dons e talentos de sua amiga, além de divulgá-los pelo mundo.

A coisa interessante sobre essa dinâmica era que ela sobreviveu muito tempo depois de ter perdido qualquer base na realidade. No meio do ensino médio, logo depois que a bruma da puberdade tinha passado, ficou muito evidente para Trisha que sua companheira era na verdade mais bonita, mais inteligente e mais atlética do que ela. Estranhamente, Eve parecia não perceber que a situação nesse relacionamento havia se invertido. Continuava a ficar em segundo plano e elogiar Trisha como se nada tivesse mudado, como se ainda fossem crianças brincando.

Trisha adorava essa amizade, mas também ficava preocupada. Esperava o temido dia do reconhecimento, quando Eve finalmente visse como ela era fraca e como havia feito pouco de sua vida e comesse a tratá-la devidamente. Mas isso nunca aconteceu, nem mesmo depois que Eve foi aceita em uma faculdade melhor e teve um monte de namorados mais legais, mais gentis e mais bonitos do que todos os estúpidos com quem Trisha saía.

Dois anos atrás, Eve ficou noiva de Thad, um lindo banqueiro de investimentos com uma paixão por montanhismo, um esporte pelo qual ela tinha uma inexplicável atração. Todo fim de semana eles iam para o campo enfrentar uma nova montanha, cada vez mais desafiadora. Trisha estava atolada na faculdade, tristemente solteira, e a felicidade de Eve a enchia de inveja. Às vezes, parecia que tinham trocado suas vidas, que Eve tinha, de alguma forma, terminado com os prêmios que pertenciam a Trisha por direito.

Meses antes do casamento, Thad e Eve convidaram alguns de seus amigos para a casa de veraneio do tio de Thad nas montanhas Shawangunk,

no norte do estado de Nova York. Durante todo o fim de semana, Trisha viu o feliz casal interagir com tanta emoção que só podia sentir raiva. Thad era lindo - magro e musculoso, loiro com o cabelo curto e um ar de inteligência tranquila — e não conseguia tirar os olhos de Eve, que parecia ter comprado todo um guarda-roupa novo de verão - saias, vestidos e blusas —; cada item combinava perfeitamente e chamava a atenção a beleza de seus braços e pernas, a graça de seus menores gestos.

Todos os convidados foram embora no domingo à tarde, menos Trisha, que ia de carona com seus anfitriões na segunda de manhã (seu carro, um Dodge Neon detonado, precisava de uma nova transmissão para a qual ela não tinha dinheiro para comprar). Eles alugaram *Um corpo que cai*, mas Eve afirmou que estava exausta lá pelas nove horas, dizendo que não conseguia manter os olhos abertos. Quando Thad se ofereceu para deitar com ela, Eve insistiu para que os dois continuassem assistindo ao filme sem ela.

— Não quero estragar a noite de vocês — disse.

Eles retomaram o filme logo depois que Eve subiu. Trisha deitou-se confortável no sofá enquanto Thad sentou no chão. *Um corpo que cai* era um dos filmes favoritos de Trisha, mas ela quase não conseguia seguir a ação, tão distraída pela presença física magnética de Thad, a confusão de seu cabelo, os músculos de suas pernas esticadas na frente dela, suas canelas marcadas, machucadas e maltratadas pelas pedras, os pequenos ruídos de surpresa que fazia ao acompanhar a história.

Num ponto, Thad mudou de posição, assim podia se encostar no sofá, o ombro direito a uns tentadores centímetros do pé direito dela. Era tão fácil esticar a perna, ela quase nem percebeu o que estava fazendo até sentir o dedão tocar a camiseta dele. Ele se afastou do toque num reflexo de educação, mas depois voltou, exercendo um pouco de contrapressão, assim ela saberia que não era um acidente.

Eles ficaram sentados assim por muito tempo. O coração de Trisha estava batendo rápido; precisou de toda a concentração que podia juntar para diminuir sua respiração, para deixar de arfar. Finalmente, ela tomou coragem para aproximar seu pé ainda mais, até pressionar o alto do braço dele. Ela mexia de um lado para o outro, num estranho, mas terno gesto de

carinho. Ele se virou lentamente, sorrindo por cima do ombro. Ela sorriu também.

A expressão de Thad ficou mais séria. Com uma estranha elegância, colocou a mão embaixo da panturrilha de Trisha, levantou o pé do sofá e deu um beijo gostoso na sola do pé dela. Trisha sorriu surpresa, depois soltou um gemido baixo de encorajamento quando seus lábios subiram até seu tornozelo. Ele deu uma parada, olhando incerto para o andar de cima. Trisha seguiu seu olhar, pensando na amiga sortuda, dormindo e sem ideia do que acontecia.

— Continue — ela sussurrou, e ele fez o que ela mandou.

Paul quase não tocou em seu nhoque, mas parecia animado com o vinho.

— Estou realmente feliz por você ter postado aquela mensagem — ele contou. — Não acho que teria coragem para fazer algo assim.

— Não sei o que me deu — confessou Ruth. — Não consegui dormir uma noite e por alguma razão comecei a pensar em nós dois, e no que aconteceu naquela época...

— Foi uma época louca — ele falou. — Eu estava com a perna quebrada e as coisas estavam realmente ruins entre mim e Missy. Você foi um ponto de luz. Salvou aquela primavera.

Paul serviu vinho para os dois, terminando a garrafa. Ruth já estava sentindo um calor gostoso das duas primeiras taças, uma sensação misturada de nostalgia e antecipação. *Eu fui um ponto de luz*, ela pensou.

— Ainda toca trompete? — ela perguntou.

Paul fez uma cara triste.

— Não toquei nunca mais, desde o segundo ano da faculdade. Achei que ia me formar em Música, mas terminei trocando por Ciência da Computação. Foi a melhor decisão que já tomei na vida.

— Você era um bom músico. Gostava de ouvi-lo ensaiando.

— Talvez eu retome algum dia — falou sem convicção. — E você? Disse que era professora, certo?

— Ensino médio — ela contou. — Educação Sexual.

— Isso, certo — ele parecia achar isso incrível. — É uma boa matéria.

— Estou falando sério — ela disse.

Ele não conseguia evitar um sorriso zombeteiro no rosto.

— Jura mesmo?

— Por que é tão engraçado?

— Não sei — ele disse. — Parece meio estranho, considerando, sabe, como você era na adolescência.

— O que você quer dizer? — perguntou Ruth, sentindo-se um pouco chateada. — Eu fui uma adolescente perfeitamente normal.

— Você parecia meio doida.

— Não era doida. Nada a ver.

— Quero dizer, você estava no segundo ano, certo? Quando a gente, você sabe...

— Isso foi uma coisa incomum — ela contou. — Você foi o primeiro e o único cara com que fiz sexo no ensino médio. Só fui ter outro namorado na faculdade.

— Mesmo? Você era virgem?

— Tenho certeza de que contei.

— Contou — ele confessou. — Mas eu não acreditei.

JoAnn olhou para Trisha de um jeito que misturava pena e desprezo.

— *Arghh* — ela falou. — Não posso acreditar que você fez sexo com o noivo da sua melhor amiga. Com ela na mesma casa.

— Foi só uma vez — Trisha explicou em autodefesa. — Nunca mais aconteceu.

— Pessoalmente — Roger interveio. — Não posso acreditar que ele beijou seu pé. Isso sim é nojento.

— Estava limpo — Trisha o informou. — Eu me limpo com bastante cuidado.

— O pé é uma poderosa zona erógena — declarou C.J. — Qualquer um que negar isso está perdendo um dos maiores prazeres da vida.

— Certo — disse Roger. — E eu conheço umas tribos africanas que diriam a mesma coisa sobre cérebro de macaco frito.

— Quem sabe? — respondeu C.J. — Pode ser mesmo delicioso. Nunca se sabe até tentar.

— Sugestão anotada — disse Roger. — Como você quiser.

JoAnn ignorou essa conversa, ainda olhando direto para Trisha.

— Você contou para Eve o que fez? — ela perguntou.

— Eu queria — confessou Trisha. — Mas estava tão perto do casamento, e eu era a dama de honra. Tudo ficou muito estranho.

— Espero que esteja brincando — disse JoAnn. — Espero que não tenha subido ao altar perto da mulher que traiu.

— Não era um altar — contou Trisha. — A cerimônia foi num restaurante francês.

— Você foi a Dama da Desonra — disse Roger com um sorriso, dando um tapinha amigável no ombro de Trisha.

— Essa foi minha punição — ela disse, a voz tremendo um pouco. — Saber que fui uma terrível amiga.

— E o Thad? — perguntou Ruth. — Falou com ele de novo?

— Só naquela noite — respondeu Trisha. — Fizemos um pacto de esquecer o que tínhamos feito, fingir que nunca havia acontecido. E foi exatamente o que fizemos, exceto que algumas vezes, quando estou na casa deles e Eve sai da sala, ele me dá um sorriso estranho. Às vezes, dá uma piscada. E horrível.

— Acho que você devia contar para ela — disse C.J. — E preciso limpar o caminho. Ela não devia ficar casada com um cara como ele.

Libertá-la agora, antes que tenham filhos e tudo fique mais complicado.

Trisha estremeceu.

— E tarde demais. Eve está grávida. Ela me pediu para ser a madrinha.

— *Urgh* — disse JoAnn. — Não posso ouvir mais. Quem quer ser o próximo?

— Eu — disse Roger. — A menos que Ruth queira falar antes.

— Está bem — Ruth falou para ele. — Posso esperar.

— Certo — disse JoAnn, com uma evidente falta de entusiasmo. — Vamos ouvir o Roger.

Ele olhou para a mesa, sorrindo para cada membro de sua platéia, fazendo um pedido preliminar de boa vontade para elas. Depois de limpar a garganta e estalar os dedos, ele pegou o papel e começou a ler.

— Qualquer pessoa que já pensou no assunto entenderá que a diferença entre quinze e dezesseis anos é difícil de ver a olho nu. Conheci garotas de catorze anos que parecem ter vinte e outras de dezessete que parecem ter doze. Mas, para a justiça, a diferença entre quinze e dezesseis é crucial e enorme, e aí do homem que estiver no lado errado dessa linha. Eu aceito isso: muitas leis, como a de limite de velocidade, baseiam-se em números arbitrários e fazemos o máximo para obedecê-las. Mas quem é realmente culpado quando uma adolescente afirma ter a idade que não tem? O enganador ou o enganado? Roberta era uma conselheira de acamp...

— Sabe o quê? — disse JoAnn, levantando a voz acima da de Roger. — Por que você não para por aqui?

Roger levantou a vista, espantado e chateado.

— Mas eu acabei de começar — ele reclamou.

— Está bem — JoAnn falou. — Acho que já tivemos o suficiente de você por hoje. — Ela se virou para Ruth. — Vamos ouvir nossa

última redação, depois vamos fazer um teste de múltipla escolha.

– Eu realmente preciso ler? — perguntou Ruth.

– Todo mundo leu — lembrou-a JoAnn.

– Eu não — disse Roger. — Fui censurado.

– Não foi censura — JoAnn o informou. — Foi autodefesa.

– Não me sinto confortável com isso — explicou Ruth.

– Não pode ser pior do que o que eu contei — falou Trisha.

– Ninguém está julgando ninguém — disse C.J. — Estamos apenas compartilhando nossas experiências.

– Eu senti que estavam *me* julgando — falou Trisha. — Senti bastante desaprovação na sala.

– O que você esperava? — JoAnn perguntou. — Tapinhas nas costas?

– Respeito todo mundo por ser voluntário — disse Ruth.

– Mas realmente vou passar.

– Faça o que quiser — JoAnn contou. — Mas acho que deveria saber que estou avaliando por participação, não só assistência. Se não participar, terá de voltar no mês que vem.

– Isso não é justo — disse Ruth.

– Leia essa porcaria — retrucou Roger. — Já poderia ter acabado agora.

Eles concordaram em dividir um tiramisu, mas Paul nem pegou na colher.

– Está muito bom — ela disse. — Deveria experimentar.

– Tudo bem. Estou cheio.

– Cheio? Você quase nem tocou no seu jantar.

– Algo aconteceu com meu metabolismo quando perdi peso. Não sinto mais fome. Acho que é algo mais psicológico do que físico.

Ruth ficou imaginando se ele tinha algum transtorno alimentar, mas decidiu não comentar.

— Então por que não voltou a se casar? — ela perguntou.

— Já está divorciado faz algum tempo.

— Não sei. — Ele pegou sua taça de vinho, percebeu que estava vazia. — Talvez seja muito bom ficar solteiro. Viajo muito a trabalho e conheço muitas mulheres. Odiaria precisar ficar no meu quarto de hotel a noite toda ou me sentir culpado por flertar com algumas representantes de vendas bonitas num bar.

— Só flertar? Ou isso é um eufemismo?

— Eu sigo a corrente — ele explicou, com um leve traço de convencimento. — Se acontece algo, tudo bem. Se não, tudo bem também.

Ruth não tinha passado muito tempo em bares de hotéis e não conhecia muito sobre os hábitos sexuais de gente que viajava a trabalho, mas era fácil imaginar Paul se dando bem nesse meio. Era um cara em forma, bonito, falante, com um belo bronzeado e uma história inspiradora, bem acima dos garotões de fraternidade envelhecidos que deveriam ser os principais concorrentes.

— Mas e quando você está em casa? — ela perguntou. — Não se sente sozinho?

Ele pareceu surpreso pela pergunta.

— Não mesmo. Trabalho muitas horas. Vou para a academia. Vejo meus filhos no fim de semana. Na maior parte do tempo, estou tão ocupado que nem penso nisso.

— Tenho dias assim — ela falou. — Mas às vezes fico deprimida. Normalmente à noite, quando estou sozinha na cama. E do tipo: por que todas essas pessoas conseguem encontrar o amor e eu não? Será que tem algo errado comigo?

— Não fale de amor — ele disse, sorrindo como se estivesse contando alguma piadinha. — Isso só cria confusão.

Ruth não entendeu muito bem o que ele quis dizer, mas sorriu mesmo assim. Paul olhou para a garçonete, que estava anotando pedidos numa mesa ao lado.

– Mais vinho? Ou eu peço a conta?

– Tanto faz — ela disse. — Estarei pronta quando você estiver.

Ela sentiu a perna dele se encostar na dela embaixo da mesa.

– Estou pronto agora — ele falou.

– Cometi alguns erros na minha vida — começou Ruth. — Alguns deles envolveram sexo e, pelo menos, dois deles foram sérios.

Ela tinha experimentado uma súbita iluminação perto do fim da sessão e havia composto toda a sua declaração em cinco minutos de inspiração. No momento, tinha sentido como se estivesse articulando algo verdadeiro e importante, mas agora, que estava lendo em voz alta, suas palavras pareciam vagamente embaraçosas. Pareciam infantis na página, com tanta substância quanto o universo flutuando acima delas.

– Seria muito fácil pegar um desses erros e contar o que eu deveria ter feito de maneira diferente e como minha vida seria melhor se tivesse sido madura e responsável o suficiente para não cometê-lo. Mas não tenho certeza se acredito nisso. Acho que deveria ser mais correto dizer que *somos* nossos erros ou, pelo menos, que são parte essencial de nossas identidades. Quando renegamos nossos erros, não estamos também renegando a nós mesmos, dizendo que gostaríamos de ser outra pessoa?

"Estou na metade da minha vida e, pelo que posso ver, a verdadeira lição do passado não é que cometi alguns erros, é que não cometi erros suficientes. Duvido que estarei no meu leito de morte, daqui a quarenta ou cinquenta anos, me congratulando pelo fato de que nunca fiz sexo num avião com um empresário italiano lindo, ou batendo nas minhas costas por todos aqueles anos de celibato involuntário que sofri depois do meu divórcio. Se a experiência recente serve de guia, provavelmente estarei deitada numa cama de hospital com meu corpo cheio de tubos, olhando para algum médico jovem e bonito, desejando não ter sido tão covarde.

Desejando ter corrido mais riscos, cometido mais erros e acumulado mais arrependimentos. Desejando ter vivido quando tive a chance."

Voltaram para o quarto de hotel de Paul e começaram a se beijar, experimentando no começo e depois com mais convicção. Depois de um tempo, ele deslizou a mão pelas costas dela e para dentro de sua saia.

– Você sempre teve uma bundinha gostosa — ele falou.

– Eu não sou mais a mesma — ela o avisou.

– Parece ótima para mim — ele falou, demonstrando sua afirmação com um apertão gentil. — Se tirar suas roupas, ficarei feliz em realizar um exame mais completo.

Se havia algo no mundo que Ruth menos queria no momento era um exame completo de sua bunda, inclusive por não ter certeza do que isso significava.

– Aceito sua palavra — ela disse.

Ele a beijou do pescoço até a abertura de sua blusa e começou a desabotoá-la, revelando o sutiã preto.

– Hummm — ele falou. — Vejam isso.

Ela colocou a mão em cima da dele.

– Ainda não. Estou me sentindo um pouco tímida.

Paul não discutiu. Afastou-se dela, olhando direto em seus olhos e afrouxou a gravata.

– Tudo bem. Eu faço primeiro.

Com a paciência provocadora de um stripper, ele desabotoou a camisa. Seu peito era bronzado e quase sem pelos, a barriga incrivelmente magra. Sentiu a reação dela.

– Você está ótimo — ela disse.

– E incrível. — Ele olhou feliz para seu peito. — Consigo ver meu pé.

Ele se sentou na ponta da cama e tirou os sapatos e as meias. Depois tirou as calças.

— Não se surpreenda se ele parecer maior do que era — disse com uma voz bem natural. — Não está realmente maior, mas as proporções naquela área estão diferentes agora. Acho que minha barriga fazia com que parecesse menor do que realmente era.

— Faz sentido — ela disse.

Só de cueca, ele deitou na cama e sorriu para ela, as mãos cruzadas atrás da cabeça.

— Por que não tira suas roupas e vem aqui?

— Num minuto — ela falou. — Ainda não estou pronta.

Paul deslizou a mão por dentro da cueca e começou a mexer em si mesmo.

— Você é uma mulher sexy — ele falou. — Realmente me sinto excitado por você ficar me olhando.

— Fico feliz — ela respondeu.

Ele tirou a cueca e a jogou no chão perto do pé dela.

— Sua vez — falou.

Ruth não tinha certeza do que a impedia. Em teoria, foi para isso que havia ido ali. Mas, por alguma razão, não conseguia se mexer.

— Algo errado? — ele perguntou. — Estou deixando-a assustada?

— Não é você — ela garantiu. — Simplesmente faz algum tempo que não transo com ninguém.

Ele assentiu compreendendo e se sentou.

— Não precisamos trepar — disse. — Você pode fazer sexo oral em mim se quiser. Sempre foi ótima.

— Tinha quinze anos — ela falou. — Não tinha nenhuma noção.

— Pois me enganou — ele falou, ficando na ponta do colchão. — Achava incrível.

Ruth hesitou por um momento antes de se ajoelhar aos pés dele. Parecia que era o mínimo que podia fazer.

— Querida — ele sussurrou.

A noite tinha sido interessante. Tinha sido um prazer se reencontrar com Paul depois de todos esses anos, encontrá-lo fisicamente transformado e mais feliz do que nunca. Ficou tocada pela maneira como ele se lembrava com saudades do tempo que passaram juntos e lisonjeada pelo fato de que ainda a queria.

— Oh, Ruthie — ele falou, passando os dedos pelos cabelos dela. — Eu estava esperando por isso.

O pênis de Paul estava duro, a apenas alguns centímetros da boca de Ruth e parecia mesmo maior do que ela se lembrava. Era um momento muito inconveniente para pensar em Tim Mason e em como ele a olhara no começo da noite, depois de ter girado na calçada de sua casa para que ele desse sua opinião sobre a roupa dela. A noite estava caindo e havia alguma distância entre eles, mas seu rosto parecia estranhamente vivido enquanto a estudava, cheio de dor e desejo.

Estou bem?

Sua pergunta parecia bastante inocente no momento — parte curiosidade, parte flerte inofensivo —, mas tinha sido um choque receber a resposta, registrar toda a força de sua aprovação, um empurrão em todo o seu sistema do qual ainda não tinha se recuperado. Ela teria gostado muito de ainda estar parada com Tim naquela rua deserta e escura, em vez de ajoelhada ali no tapete duro de um hotel, pensando em como Paul ficaria infeliz dali a um segundo, quando ela se levantasse e dissesse que tinha cometido um erro e precisava ir para casa.

Dois Tim

Frank deixou as garotas às oito da noite, e Ruth sentiu que havia algo no momento em que entraram pela porta. Normalmente, Maggie estava feliz e afetuosa depois de uma noite longe de casa, com vontade de conversar sobre o jogo e descobrir o que sua mãe tinha feito o dia todo, enquanto Eliza se escondia, raramente soltando algumas poucas palavras antes de desaparecer em seu quarto. Essa noite, no entanto, a dinâmica foi oposta.

— Mãe — disse Eliza, entrando e cumprimentando Ruth com um abraço estranho. — Como você *está*?

— Ótima — Ruth sorriu espantada para Maggie, que ainda estava parada perto da entrada, segurando um saco de lixo com o uniforme enlameado, caneleiras e tênis. — Está tudo bem?

— Ótimo — Eliza soltou Ruth e cruzou os braços imitando muito bem como um adulto falaria com o outro. — Mas nós três precisamos conversar.

— Está bem — Ruth falou, olhando novamente para Maggie. — Vamos conversar.

As garotas deixaram as coisas no chão e foram até a mesa da cozinha, como se a conferência familiar das noites de sábado fosse um evento regular. Ruth as seguiu, resistindo à vontade de oferecer algo para comer ou fazer algum comentário. Tinham algo sério para dizer, e ela queria oferecer toda a sua atenção.

— Mãe — Eliza começou —, sabe que vou à igreja amanhã com os Park?

Ruth precisou fazer um esforço para não girar os olhos. Ir à igreja com os Park era o único assunto de Eliza durante toda a semana.

— Sei muito bem disso, querida. Eles vêm às oito e meia, certo?

— Certo — Eliza olhou para a irmã. — Maggie quer ir também.

— Quer? — Ruth se virou para Maggie, lutando para manter uma expressão neutra. — É verdade?

— E — disse Maggie, e Ruth pôde sentir a coragem que ela precisou juntar para dizer essa única palavra.

Jesus, *ela pensou*, sou tão amedrontadora assim ?

— Foi ideia de sua irmã? — Ruth falou com cuidado, esperando soar mais curiosa do que brava.

— De jeito nenhum — disse Eliza.

— Eu pedi *para ela* — explicou Maggie.

— Mas por quê? Você nunca tinha se interessado pela igreja antes.

Com a ponta do dedo indicador, Maggie cuidadosamente traçou o contorno de sua mão esquerda espalmada sobre a mesa. Sua voz era pouco mais que um sussurro.

— Quero conhecer Jesus.

— Oh, por favor — Ruth reclamou. — Você também?

Maggie olhou para cima. Sua voz estava mais forte agora.

— Eu O senti. Depois do jogo. Quando oramos.

— *O quê?* — Ruth sentiu como se tivesse recebido um soco. — Quem orou?

— O time. Como na semana passada. Algumas jogadoras de Gifford participaram também.

— O treinador Tim participou disso?

Maggie assentiu.

— O treinador John também.

Ruth não conseguia acreditar. Enquanto ela estava no curso de atualização, pensando ternamente em Tim, ele estava no campo,

esfaqueando-a pelas costas.

Esses cristãos, *ela pensou*.

— Umas poucas garotas não quiseram — acrescentou Maggie. — Nadima e Louisa e algumas outras. Elas não se ajoelharam.

— Fizeram o certo — disse Ruth. — Sabe como me sinto sobre essa oração.

— Eu sei — disse Maggie. — Mas eu quis.

— Por quê? Não acredita em Jesus.

— Como você sabe? — interferiu Eliza. — Não diga no que ela acredita.

Ruth fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, as duas garotas estavam olhando para ela com expressões duras. De uma forma engraçada, sentia orgulho delas.

— Nossa — disse com um sorriso triste. — Não podiam gostar de piercings como todo mundo?

— *Argh* — disse Maggie.

— Então, podemos ir? — exigiu Eliza.

Ruth levantou as mãos num gesto de entrega.

— Se ela quiser, não vou proibir.

— Ótimo — Eliza se levantou. — Preciso ligar para a Grace.

Maggie e Ruth ficaram sentadas em silêncio por alguns segundos depois que Eliza saiu. Ruth queria dizer algo calmo e encorajador, mas não conseguiu pensar em nada.

— Mãe — disse Maggie. — Preciso usar um vestido amanhã?

— Use o que quiser — disse Ruth. — Não acho que Jesus se preocupe com isso.

Eliza aparentemente tinha uma opinião diferente sobre as preferências de moda do Salvador, porque as garotas desceram no domingo de manhã parecendo que iam para uma escola de dança. Não só estavam usando saias e meias-calças, mas também tinham penteado o cabelo de forma elegante — Maggie com uma trança, o cabelo de Eliza para o alto, preso com grampos. Ruth não a via assim desde que foram damas de honra no casamento de sua prima Melissa há quatro anos.

— Vocês estão bonitas — ela disse.

Maggie sorriu tímida e tocou a parte de trás da cabeça.

— Eliza fez minha trança. Gostou?

— Adorei. Devia usá-lo assim na escola.

— Queríamos pintar as unhas — acrescentou Eliza. — Mas nos atrasamos.

Ruth ficou emocionada por vê-las tão unidas. Tinha ficado preocupada durante muito tempo pela falta de interesse uma na outra, tão diferente da relação intensa e conspiratória que tivera com sua própria irmã. Ruth e Mandy tinham passado a adolescência se escondendo dos pais, ouvindo música em quartos iluminados por velas, contando segredos, combinando suas escapadas. Toda transgressão que Ruth realizou no ensino médio, sabia que estava seguindo uma trilha glamorosa que Mandy havia aberto especialmente para ela, tentando alcançar sua irmã mais velha, para que um dia as duas pudessem caminhar como iguais. Não havia nada semelhante entre Eliza e Maggie, que basicamente se tratavam com uma educada indiferença que ocasionalmente decaía em uma aberta hostilidade. Ruth só desejava que encontrassem algo mais do que uma visita à Living Waters Fellowship para mantê-las unidas.

— Posso fazer o café para vocês?

— Não dá tempo — respondeu Eliza. — Grace disse que eles têm donuts e essas coisas na igreja.

— *Hum* — Maggie lambeu os beiços e esfregou as mãos, como se tentasse lembrar sua mãe de que era apenas uma criança. — Donuts.

– Vou preparar um pouco de cereal, pela dúvida. Não demora muito.

– Mãe — ela falou. — Você não poderia colocar uma roupa?

Ruth ficou espantada com essa questão. Estava de calção e uma camiseta longa — um souvenir de sua primeira corrida de dez quilômetros — sua típica roupa de fim de semana.

– Por quê? Não vou a lugar nenhum.

– Você vai conhecer o Sr. e a Sra. Park *assim*?

– *Afe* — disse Ruth. — Eu preciso conhecê-los?

– Grace comentou que queriam cumprimentá-la. Imaginam que poderia ficar um pouco nervosa com isso.

Ruth gostaria de dizer *azar o deles*, os Park teriam de aceitá-la como era, mas, na verdade, não ficara muito entusiasmada com a ideia de conhecer estranhos vestida dessa maneira. Simplesmente não havia pensado nisso, não tinha aceitado a situação o suficiente para prever que os Park poderiam fazer mais do que parar na frente da casa e tocar a buzina, da mesma forma que os pais do time de futebol faziam quando davam carona para o treino.

– Certo — disse Ruth. — Vou trocar de roupa. Demoro só um minuto.

Eliza sorriu grata.

– Mãe? — acrescentou Maggie. — Poderia pentear o cabelo também?

Ruth se arrumou o melhor que pôde no curto tempo disponível, mas terminou sentindo que não deveria ter se dado ao trabalho. A mãe de Grace, Esther Park, era uma mulher tão absurdamente linda — pequena, bem vestida, radiante — que Ruth se sentiu feia instantaneamente e sem esperança em comparação com ela, que poderia ter usado pijama, pois daria na mesma.

– Bom dia — disse Esther, apertando a mão de Ruth, que parecia enorme em comparação com o corpo, com grande vigor. Usava o

cabelo pelo ombro, um lado caindo com graça sobre o rosto. — E um privilégio levar suas filhas para o culto conosco. Você nos deu um maravilhoso presente.

— Obrigada pela oferta — disse Ruth. — Estou feliz por nossas filhas serem amigas.

— Eu também — o rosto em forma de gota de Esther sorriu com deleite ao olhar para sua filha, uma garota apenas uns poucos centímetros menor do que a mãe, com busto maior. Grace sorriu também, mostrando o aparelho nos dentes. — Acabamos de nos mudar de Chicago há poucos meses e demora um pouco para acostumar.

— Chicago — repetiu Ruth, sentindo-se um pouco tonta. Por algum motivo, tinha a impressão de que os Park tinham acabado de chegar da Coréia. — Não sabia que eram de Chicago.

— A Cidade dos Ventos — disse o Sr. Park, confirmando. Era um homem com jeito infantil, uma testa grande e bronzeada, vestido com um terno preto e uma camisa branca com o colarinho aberto. — Já esteve lá?

— Só uma vez — disse Ruth. — Há muito tempo. Foi muito divertido.

— Não vivíamos na cidade — explicou Esther. — Tínhamos uma casa em Evanston. Foi onde Henry cresceu.

— Mas gostamos aqui de Stonewood Heights — ele garantiu. — Tem jeito de cidade pequena. Quase como se fosse o Meio-Oeste.

— Tem suas coisas boas — concordou Ruth.

— Grace contou que você é professora.

— Isso mesmo — disse Ruth. — No ensino médio. Não tenho certeza se é a melhor ideia ensinar na cidade onde se vive, mas é o que faço.

— Que matéria?

Ruth sentiu suas filhas olhando para ela, um pedido silencioso.

— Saúde — ela falou, para alívio evidente delas.

Henry sorriu educado, mas não disse mais nada.

— Deve ser difícil — observou Esther. — Trabalhar em tempo integral e cuidar de suas filhas. — Ela não disse *sem um marido*, mas Ruth ouviu as palavras.

— As vezes — ela observou. — Não é tão ruim agora que estão mais velhas. Além disso, eu sempre quis trabalhar. Não tenho certeza do que faria o dia inteiro em casa.

— Você acaba se ocupando — Esther contou. — Eu era pesquisadora biomédica antes de Grace nascer. Fiz muitos trabalhos sobre distúrbios autoimunes. Mas, quando parei, nunca senti falta. Ultimamente, tenho jogado muito tênis.

Henry tirou do bolso uma câmera digital que parecia cara e perguntou se Eliza e Maggie não se importavam de posar com Grace.

— É uma ocasião importante — ele falou. — Gostaria de gravar para a posteridade.

Nas primeiras duas fotos, as três garotas sorriram na frente do sofá, os braços ao redor dos ombros. Grace estava vestida como Eliza e Maggie — saia preta e meia-calça, blusa de uma cor leve — e, vendo as três em fila assim, Ruth percebeu de repente que tinham coordenado as roupas pelo telefone na noite anterior, da mesma forma que ela e suas amigas do colégio costumavam combinar usar os jeans mais apertados nas sextas.

— Vamos tirar uma com Maggie ajoelhada na frente das duas — sugeriu Henry. — As maiores, coloquem as mãos nos ombros dela.

Quando terminaram com essa série, Henry perguntou se as garotas se importariam de sair no jardim da frente para mais umas fotos, considerando que era um dia lindo de outono. As garotas estavam felizes, e Henry as levou para a porta da frente, deixando Esther e Ruth sozinhas na sala. Tudo aconteceu tão tranquilamente que Ruth demorou uns segundos para perceber que tinha sido uma armadilha.

— Suas garotas são adoráveis — observou Esther, com um tom de tristeza incoerente.

— Obrigada — respondeu Ruth. — Grace parece ser uma menina muito doce.

Esther colocou a mão no ombro de Ruth.

— Por que não vem conosco? — perguntou. — É ótimo manter a família unida.

— Não, obrigada — Ruth sorriu por cima de sua irritação. — Acho que vou ficar e ler o jornal.

— E um culto muito tranquilo — Esther informou. — E não há ninguém julgando ninguém. Não importa se as pessoas são solteiras ou divorciadas. E os sermões são muito bons para provocar as nossas ideias, mas nada muito pesado. O Reverendo tem um excelente senso de humor.

— Obrigada pela oferta — disse Ruth —, mas não tenho o mínimo interesse.

O rosto de Esther traiu um rápido desgosto.

— Tem certeza? Não vai se sentir sozinha nesta manhã de domingo?

— Ficarei bem — Ruth garantiu. — Mas obrigada por se preocupar.

As três garotas risonhas se acomodaram no banco de trás do Volvo dos Park. Olhando enquanto se afastavam, Ruth não podia deixar de pensar, só por um segundo, que talvez devesse ter aceitado o convite de Esther, para, pelo menos, poder estar com suas filhas, e não parada estupidamente na sua varanda, *sozinha nesta manhã de domingo*, dando tchau a um carro cheio de pessoas que não estavam nem olhando para ela, se perguntando que droga faria até elas voltarem.

Entrou e deitou no sofá, sabendo que era uma má ideia, que era um desses dias em que o sofá deveria ser evitado a todo custo. O jornal estava na mesa de café, um monte de distração envolvido em um plástico azul, mas ela não conseguia se sentar e pegá-lo.

Vamos lá, *ela pensou*. Você não pode ficar deitada aí.

Ela sabia o que devia fazer. Tinha olhado seus e-mails na noite anterior e encontrado mensagens de Arlene Zabel e Matt Friedman, informando-a sobre o que tinha acontecido no jogo e se oferecendo para incluir seus nomes na carta de reclamação dela à Associação de Futebol. Os dois disseram que tinham se sentido traídos pelo treinador Tim, que havia assegurado verbalmente que não haveria mais orações no campo.

"Dei a ele o benefício da dúvida", escreveu Matt, "e ele se aproveitou disso."

"Não me importa o que pensa meu marido", declarou Arlene. "Isso foi longe demais. É hora de lutar contra isso."

De alguma forma, Ruth entendeu tudo isso como algo bom. Ela tinha aliados agora e não podia mais ser considerada uma louca isolada. Podia simplesmente imprimir outra cópia da carta, enviar para Matt e Arlene e depois para Bill Derzarian, e esperar o começo da guerra. Mas, por alguma razão, todo o fogo dela tinha se apagado. Não sentia mais nenhuma raiva de Tim Mason, só uma espécie de perplexidade ferida.

Tudo o que queria era uma chance de falar com ele, para que explicasse por que tinha tido o trabalho de visitá-la duas vezes na semana anterior e fazer com que ela gostasse dele — e por que, por falar nisso, olhava para ela tão guloso na noite de sexta — se tudo o que faria seria quebrar sua promessa e deixar tudo como estava no começo?

Enquanto pensava nisso, imaginou que era como se existissem dois Tim: o Tim de Cabelo Macio e o Tim de Cabelo Grisalho. O Tim Macio era um cara charmoso e honesto, decente, com uma história complicada e tendências meio fodidas, que estava tentando fazer o melhor para todos. O Tim Grisalho era mentiroso e manipulador, um enganador em quem não se podia confiar e que só se importava consigo mesmo. Essa teoria não fazia sentido literalmente — seu cabelo estava meio ensebado na quarta à noite, quando ele tinha se comportado como seu *alter ego* de cabelo macio —, mas era uma metáfora tão boa para seu comportamento que ela decidiu ligar para Randall e contar.

Ela devia uma ligação para ele de qualquer forma. Randall tinha deixado uma mensagem na sexta à noite, querendo saber como tinha sido seu encontro, e ela ainda não havia retornado. Não era o embaraço que a

impedira — ele era o tipo amigo com quem ela dividiria uma história embaraçosa sem nem pensar —, o problema era a incerteza sobre como contar a história. Para explicar por que tinha deixado Paul, precisaria descrever suas recentes interações com Tim e não sabia como fazer isso de um jeito que fizesse sentido para si, muito menos para Randall. Mas, agora que ela tinha desenvolvido a teoria dos dois Tim, pensou que podia ser capaz de explicar de maneira interessante e verdadeira, ou pelo menos verdadeira o suficiente para aceitá-la.

Estava um pouco confusa sobre ligar tão cedo num domingo de manhã, mas Randall e Gregory já tinham saído. Ou isso ou ainda estavam na cama — bebendo café, talvez, ou transando — e ignoraram, felizes, o telefone. *Bom para eles*, pensou Ruth. Nada aproxima mais um casal do que ignorar os chamados do mundo exterior.

— Ei, meninos — ela disse para a secretária eletrônica. — Sou eu, só dando notícias depois de meu encontro não tão legal. Liguem quando puderem.

Ruth pensou que seria provavelmente uma boa ideia fazer um pouco de café, mas, em vez disso, deitou no sofá e fechou os olhos. Não estava planejando tirar uma soneca, nem mesmo "descansar os olhos", como costumava dizer seu pai, mas deve ter dormido, porque a próxima coisa de que se lembrava era da campainha tocando e ela sentada, piscando, confusa e murmurando coisas como: "Ah? Tá bom. Certo. Já vou".

O relógio do videocassete mostrava nove e trinta e sete, muito cedo para serem as garotas, a menos que uma delas tivesse ficado com medo e pedido para voltar para casa. Ela se arrastou até a porta com um gosto estranho na boca e a sensação de urgência de quando não se está completamente acordada, e a abriu. Sentiu-se estranhamente não surpresa em ver o Tim Grisalho parado em cima de seu capacho de boas-vindas, falando que precisava conversar com ela, e muito surpresa ao se sentir bem depois de dar um tapa na cara dele.

— Uau! — Tim levantou as duas mãos na frente do rosto em um gesto de autodefesa. — Vá com calma!

Na realidade, não se importou com o tapa, que provavelmente merecia. Não doeu muito — tudo o que permaneceu depois do choque inicial foi

uma sensação de formigamento onde a mão dela acertou —, e Ruth parecia ter ficado com menos raiva.

— Desculpe — disse Ruth, tocando o próprio rosto em simpatia. — Não deveria ter feito isso. Mas você mentiu para mim.

Ele assentiu arrependido, apesar de não deixar de sentir que a palavra "mentira" era mais forte do que as circunstâncias mostravam.

— Desculpe pela confusão — ele falou.

— *Confusão?* — ela riu amarga. — Essa é boa. Acho que eu confundi você com uma pessoa honesta.

Tim olhou contemplativo para as próprias unhas. Tinha feito isso a vida toda, quando era forçado a prestar contas de algo estúpido, doloroso ou egoísta que tivesse feito.

— Eu quis avisá-la — ele disse. — Foi por isso que vim aqui na outra noite.

— Então por que não avisou?

— Você não me deu chance.

— Não leio mentes, Tim. Como poderia lhe dar uma chance se nem sabia que você precisava de uma?

— Eu entendo — ele respondeu. — Poderia ter feito bem melhor.

— É. Poderia ter falado a verdade.

Ele olhou direto para ela. Desde que Tim podia se lembrar, as mulheres sempre tinham olhado para ele com essa mesma expressão confusa e desapontada.

— Olhe, Ruth, não a culpo por ter ficado brava e, se quiser que eu vá embora, eu vou. Mas, se quiser conversar, ficarei feliz em contar o meu lado da história. Duvido que isso ajude, mas pelo menos vai saber de onde venho.

— Acredite — ela falou. — Sei exatamente de onde você vem.

— Certo, está bem. Não vou tomar mais seu tempo.

— Não — ela falou, abrindo mais a porta. — Está bem. Não tenho mais nada para fazer mesmo.

Ele a seguiu até a cozinha, preparando-se para receber sua segunda bronca do dia que tinha apenas começado. Pelo menos dessa vez sabia o que estava vindo. A primeira tinha sido um ataque traiçoeiro, feito quando ele deixou Abby na casa de Allison.

— Bom dia — disse Mitchell, cumprimentando-os do lugar que sempre era de Allison na porta da frente. Ele mexeu no cabelo de Abby. — Bem-vinda, esportista.

Ela deu um beijo no rosto dele e entrou na casa, que parecia mais silenciosa do que o normal.

— Sua esposa está? — perguntou Tim.

Mitchell fez uma careta, como se fosse um assunto complicado.

— Ela levou Logan ao parquinho. Está uma manhã muito bonita.

— Oh. — Tim não tinha certeza do que fazer com essa mudança no protocolo. Desde que Abby tinha começado a dormir na casa deles, Allison havia estado presente em todas as devoluções nas manhãs de domingo. — Acha que ela vai voltar logo?

— Por que não descemos ao porão? — sugeriu Mitchell. — Precisamos conversar.

— Por quê? Algo errado?

— Vamos lá, Tim. Isso é sério. Você se meteu numa bela confusão.

Tim nunca tinha descido no porão antes, e era previsivelmente impressionante, um vasto reino subterrâneo contendo uma lavanderia meio cavernosa, um centro acarpetado de diversão para as crianças com uma TV de tela plana montada na parede e um equipamento de ginástica com uma StairMaster, esteira, bicicleta, pesos e sauna.

— Isso é excelente — disse Tim. — Você faz exercício aqui embaixo?

— Eu tento — respondeu Mitchell. — Allison usa bem mais do que eu.

O escritório de Mitchell era menor e mais feio do que Tim esperava, com um PC velho e caindo aos pedaços sobre uma mesa de metal bege perfeita para se esconder embaixo durante uma guerra nuclear. Ele ficou surpreso ao ver uma guitarra perto do gabinete com três gavetas, e ficou ainda mais espantado ao descobrir, depois de uma inspeção mais atenta, que era uma antiga Telecaster.

— Nossa! — falou, olhando melhor o braço. — É uma original.

— Claro que sim — Mitchell pareceu agradecido. — É a verdadeira: 1952, em perfeito estado, tudo original. Consegui no eBay.

— Nem sabia que você tocava.

— Só uns poucos acordes. Allison me pagou umas aulas de presente de aniversário, mas não consegui ir. O trabalho está bem frenético ultimamente, não que eu esteja reclamando.

— Talvez quando se aposentar.

— Era o que eu estava pensando — Mitchell sorriu timidamente e fez um *air guitar*. — Vou tocar rock'n' roll na casa de repouso.

Tim não se importaria de testar a Tele — nunca tinha tocado uma '52 antes —, mas podia ver pela súbita mudança na postura de Mitchell que não era mais hora para brincadeiras.

— Então, hã, por que não se senta?

Adotando uma postura de severidade profissional que deveria servir bem numa sala de tribunal — se é que ele ia a tribunais —, Mitchell sentou-se na cadeira Aeron e esperou Tim se acomodar no sofá, que era grande e baixo, feito de couro incrivelmente macio, o tipo de lugar onde era muito fácil imaginar sua ex-esposa transando numa tarde de fim de semana ensolarado.

— Sei que é estranho — começou Mitchell —, mas temos um problema.

— O que foi agora? — Tim sorriu cansado, como se ele e Mitchell já tivessem feito isso muitas vezes, embora, na verdade, isso nunca tivesse acontecido antes.

O rosto de Mitchell permanecia sério, até um pouco desconfortável.

— Um dos pais ligou ontem à noite e disse que está ocorrendo algo religioso nos jogos.

Tim deu um sorriso fraco, tentando não trair alguma surpresa ou preocupação. Tinha esperado reclamações, mas não havia imaginado que chegariam tão rápido a Allison, que nunca ia aos jogos e não estava na lista de e-mails ou telefones do time.

— Só uma oração — ele falou. — Totalmente não sectária.

Mitchell assentiu lentamente, absorvendo essa informação com um ar de imparcialidade.

— E você acha que essa é uma boa ideia?

— As pessoas oram desde o começo dos tempos — afirmou Tim.
— Se fosse má ideia, provavelmente teríamos parado há muito tempo.

— Obrigado pela lição de antropologia — Mitchell falou. — Mas não estava perguntando sobre o que a raça humana pensa da oração. Estava perguntando a você como indivíduo.

Tim sentiu que estava ficando irritado. Não era pela pergunta em si, que havia sido bastante calma e até um pouco indireta; era por toda a situação — estar *aqui*, no palácio de Mitchell, sentado em seu maravilhoso sofá, perto de sua incrível guitarra, e precisando se explicar e justificar suas decisões em relação à sua filha para um cara que nem era amigo nem parte da família, e que, acima de tudo, estava usando uma camiseta com a cara de Billy Joel. Não ajudava o fato de seu olhar ficar desviando para uma fotografia na parede atrás da mesa, um retrato grande de Allison usando uma guirlanda de flores e um vestido, bebendo água direto de um coco e bem feliz pela maneira como sua vida tinha mudado.

— Não tem a ver com o que eu penso — ele disse.—Tem a ver com o que Deus pensa.

- Vamos lá, Tim. Não piore as coisas. Allison está bastante brava.
- Eu imaginei. Por que outra razão ela mandaria seu advogado em cima de mim?

Mitchel pareceu magoado.

- Que ataque baixo.
- Desculpe, mas é o que parece.
- Não sou seu inimigo — Mitchell o informou. — Pode ser tentador pensar assim, mas, se for isso, você está enganado. Gosto de você. Acho que é um bom pai para Abby.
- Obrigado — murmurou Tim, agradecido apesar de tudo. — E gentil de sua parte.
- Mas você sabe o que diz o acordo de custódia e sabe o que Allison pensa dessa sua igreja.

De alguma forma, Tim entendeu que esse seria um bom momento para dizer algo conciliatório, mas seu amor-próprio não permitiu.

- Se Allison tem algo a dizer sobre nossa filha, peça para, pelo menos, ter a cortesia de falar na minha cara.
- acredite em mim — disse Mitchell —, você não vai querer isso. Se fosse por ela, já estaríamos brigando na Justiça.
- Com todo o respeito — Tim falou para ele —, isso não é da sua conta.

Mitchell fechou os olhos e massageou a testa.

- Não deixe isso acabar nos tribunais — ele advertiu. — Não faça isso com Abby.

Uma xícara de café vinha bem para Tim no momento, mas Ruth não ofereceu, e ele não se sentiu confortável para pedir. Não parecia o tipo de visita amigável, julgando pela maneira como ela o olhava do outro lado da mesa.

— Então — ela deu um sorriso gelado, entrelaçando as mãos como se fosse uma estudante atenta. — Você queria dizer algo?

— Onde estão as garotas? — ele perguntou, tentando ganhar um pouco de tempo. — Ainda com o Frank?

— Foram a uma igreja com uma simpática família coreana. Uma tal de Living Waters Fellowship.

— É em Gifford — ele contou. — Conhecida por ser bem liberal.

— Tudo o que sei é que servem donuts.

— Nós também. Diminui as desculpas para as pessoas ficarem em casa.

— É engraçado — disse Ruth, não parecendo nem um pouco espantada. — Minha filha mais velha tinha planejado ir durante toda a semana, e, de repente, Maggie decidiu acompanhá-la no último minuto. Aparentemente, ela teve algum tipo de experiência religiosa no jogo ontem.

— Ouça, Ruth, sei que você não vai... — Tim estava a ponto de dizer *acreditar em mim*, mas parou quando percebeu o que ela tinha acabado de falar. — O que você quer dizer?

— Ela disse que quer conhecer Jesus.

— E mesmo?

— Acha que estou inventando?

Um som estranho saiu da boca de Tim, um tipo de ruído de perplexidade.

— Isso é engraçado — ele falou.

— Hilário — respondeu Ruth, de maneira ameaçadora. — Então acho que devo dar um tapinha nas suas costas. Você realmente me fez passar por tonta.

Tim não sabia o que responder. Uma parte dele estava feliz por pensar em Maggie na igreja, se aproximando de algo que a faria mais forte do que já era. E o próprio Jesus tinha dito que viera para colocar um homem contra

seu pai e uma filha contra sua mãe. Mas não era isso que Tim gostaria que tivesse acontecido — não com Ruth e não por sua causa.

— Se isso a faz se sentir melhor — ele falou —, eu tentei impedi-la.

Ele contou como tudo aconteceu, como ele seguiu John Roper até o campo embaixo da chuva e ficou de lado, silencioso, enquanto seu treinador assistente ficava de joelhos na gigantesca poça de lama na qual as jogadoras dos dois times estavam se divertindo e chamou as Stars para fazer um círculo. Algumas garotas de Gifford se afastaram confusas quando John anunciou sua intenção de louvar ao Senhor, mas algumas permaneceram, intrigadas pelo chamado. John disse que eram muito bem-vindas.

— Você interveio? — perguntou Ruth.

— Não — admitiu Tim. — Não achei que tinha o direito.

Demorou um tempo para a oração começar, principalmente porque algumas das Stars se recusaram a se ajoelhar. Ficaram ali paradas, rondando o círculo, tentando pensar no que fazer. Tim podia ver a dor e a incerteza em seus olhos, o desejo de se misturar com o grupo colidindo com uma vontade igualmente forte de virar de costas a algo do qual se sentiam excluídas.

— Cinco resistiram — ele falou. — Louisa, Hannah, Nadima, sua filha e a minha.

— Sua filha? — disse Ruth. — Ela não orou?

— Abby foi criada por sua mãe e seu padrasto. Não estão interessados em Deus.

As garotas no chão se deram as mãos, sorrindo tímidas umas para as outras, todas molhadas e sujas de lama. John estava olhando para Tim, não com raiva, mas com gentileza e compreensão.

Treinador, *ele falou*. Precisamos de você aqui.

Tim não podia falar que não sentiu a pressão. John era seu amigo, um homem que ele tinha levado a Jesus. E as garotas que estavam ajoelhadas tão pacientemente na lama e na chuva eram *suas* garotas, até as que ele não conhecia. Segurou sua filha gentilmente pelo pulso.

"Venha", ele falou. "Está tudo bem."

"A mamãe não vai gostar disso", Abby disse para ele. "Ela vai ficar realmente brava."

"Você não é mais uma criança", ele a lembrou. "Pode tomar suas próprias decisões."

Abby soltou o braço.

"Deixe-me em paz!", ela gritou. "Isso é estúpido!"

"Não é estúpido", insistiu Tim.

Nesse momento, John já tinha começado a rezar, falando como era lindo ter jogadoras dos dois times ajoelhadas no campo, dando graças e louvando o Todo-Poderoso, porque Jesus não divide o mundo em times ou nações ou qualquer outra coisa que separe uma pessoa da outra.

"Somos um só", John declarou. "E Ele ama todos nós."

Enquanto estava conversando com Abby, Tim percebeu Maggie se aproximando hesitante, e se ajoelhando entre Candace e uma garota de Gifford.

— Eu bati em seu ombro — Tim contou a Ruth. — E falei: "Maggie, não deveria fazer isso. Sua mãe não permite".

"Minha mãe não está aqui", respondeu Maggie.

"Essa não é uma boa ideia", ele falou.

"Está tudo bem", ela insistiu, dando as mãos para as outras garotas, fechando o círculo que tinha aberto. "Quero fazer isso."

Sem saber mais o que fazer, Tim se virou para Abby, mas ela já estava indo embora com Hannah, Nadima e Louisa, as quatro saindo do campo de cabeça abaixada como se tivessem acabado de sofrer uma derrota dolorosa.

— Eu estava sozinho ali — disse Tim. — Era o único de pé.

— E o que você fez?

— Eu me ajoelhei — ele disse.

Ruth não ficou tão impressionada com essa história como Tim esperava.

— Só isso? Você deu um tapinha no ombro dela e disse que eu não aprovaria? Esse foi o seu grande ato heroico?

— O que queria que eu fizesse? Desse uma chave de braço? Veja bem, eu estava ali, implorando para minha filha participar e, ao mesmo tempo, falando para a sua não participar. Estava me sentindo um completo hipócrita.

— Talvez devêssemos trocar de filhas — sugeriu Ruth. — Seria mais fácil para os dois.

Tim tentou sorrir, mas não pareceu muito convincente. Ruth podia brincar de entregar sua filha, mas ele sabia como era isso, de verdade. E já conseguia sentir Abby escapando de suas mãos novamente, independentemente de Allison tentar limitar seu direito de visita. Mesmo se tudo ficasse igual, era muito fácil imaginar um futuro em que ela nem o reconheceria e não precisaria dele para nada importante.

— Só estou curioso — ele falou. — Do que você tem tanto medo? E só uma oração. Não vai matá-la.

— Não tenho medo. Só não quero estranhos enchendo a cabeça de minha filha com toda essa porcaria religiosa.

— Não sou um estranho, Ruth.

— Era. Quando isso começou, eu não o conhecia.

— Maggie é uma das minhas meninas favoritas — ele disse. — Não faria nada que a machucasse.

— Aprecio isso — ela disse, parecendo um pouco mais calma. — E sei que ela gosta de você, também. Mas isso só deixa tudo pior.

— Como assim?

— Ela confia em você, e você se aproveitou disso. Usou sua posição para convertê-la, contra a minha vontade.

— Não sou proselitista — ele falou. — É possível que John tenha ultrapassado o limite ontem, mas não pode me culpar por isso.

— Não se esconda atrás de John. Foi você quem começou isso. E, acredite, foi muito eficiente. Quanto foi preciso para convertê-la? Nem duas semanas. Um trabalho bem rápido.

— Entendo que esteja brava, mas talvez seja o que Maggie precisa nesse momento.

— Não diga do que minha filha precisa — esbravejou Ruth. — Não estou lhe dando nenhum conselho e não preciso dos seus.

— Gostaria que me desse — ele falou. — Não estou indo muito bem sozinho.

— Não acredito nisso — ela retrucou, sua expressão um pouco tranquilizada. — Você parece um bom pai.

—Tento ser — ele contou. — Mas é muito difícil. Só vejo Abby uma noite por semana. Na metade do tempo quase não consigo arrancar uma palavra dela.

— E só a idade. Não deveria levar isso a sério.

— E difícil evitar, quando ela me olha como se eu fosse o cara mais estúpido do planeta.

— Não deve ser fácil para ela — lembrou Ruth. — Tudo o que aconteceu. Quero dizer, Frank e eu tivemos um casamento horrível, mas às vezes eu me pergunto se não deveríamos ter continuado por causa das garotas.

— Não é só culpa da Abby — afirmou Tim. — Parte é também da minha esposa. Toda essa coisa de madrasta é muito tensa para todo mundo.

— Você e sua esposa estão pensando em ter filhos? — ela perguntou, depois de hesitar um instante.

Tim ficou sério.

— Esse é um assunto delicado.

— Desculpe. Não quis me meter.

— Tudo bem. Só estamos tendo alguns problemas ultimamente.

– Para engravidar?

– Não — ele deu um sorriso triste. — Para ficarmos casados.

Ruth desviou o olhar, como se estivesse embaraçada por ele. Tim havia se surpreendido um pouco ao perceber que ela estava usando batom cedo, na manhã de domingo. Ela não parecia desse tipo.

– Saímos do assunto — ela disse. — Acho que você estava dizendo por que a igreja é uma coisa boa para a Maggie.

– Realmente não posso falar por outra pessoa — ele disse, incerto se ela estava provocando ou com pena dele. — Mas sei que um pouco de direcionamento teria sido bom para mim, na idade dela. Diga o que quiser sobre a Bíblia, pelo menos ela mostra claramente o certo e o errado.

– Sabe — Ruth disse para ele —, é isso que me incomoda. A maneira como vocês falam é como se fossem os únicos que soubessem distinguir o certo do errado. Só porque meu sistema moral é diferente do seu, isso não significa que não tenho um. E, por falar nisso, só porque algo foi escrito num livro há dois mil anos, não significa que seja necessariamente correto.

– Se for a Palavra de Deus, sim.

– A última coisa que ouvi é que a Bíblia não foi escrita por Deus. Foi escrita por seres humanos. E, você precisa admitir, alguns deles bem doidos.

Tim sentiu uma sensação familiar de inquietação que geralmente o atacava quando a Bíblia era o assunto da conversa. Como cristão, ele se sentia na obrigação de defender as Escrituras, mas tinha muito claro que estava mal preparado para isso, já que não tinha lido a maior parte (era bastante consciente de que umas folheadas não contavam). Ele tinha completado os Evangelhos e os Salmos, mas a maior parte do restante não parecia tão fascinante ou iluminada como ele esperava, se levássemos em conta a inspiração divina. Talvez fosse o jeito de o Senhor dizer que nada que era bom era também fácil, mas isso não ajudava a diminuir a sensação de que ele era uma fraude.

– Não sou nenhum estudioso — ele admitiu. — Só sinto que, sabe, com todo o relativismo moral no mundo, é bom ter alguns padrões absolutos.

– Como qual? — ela perguntou. — Como "Não Matarás", a não ser em caso de pena de morte.

– O Velho Testamento diz olho por olho.

– E Jesus diz para oferecer a outra face.

Tim deu de ombros.

– Ouça, Ruth, não vou fingir que não tenho dificuldade em entender essas coisas. Mas isso não significa que é tudo uma porcaria.

– Vou contar o que realmente me parece um absurdo — ela parecia estar se divertindo. — Toda essa besteira de céu e inferno. Quer dizer, você realmente acredita que, quando morremos, vamos nos sentar em uma nuvem com pessoas que amamos enquanto os anjos tocam harpas e Jesus aparece para tomar um café?

– Ah, Ruth, pare com isso. Não é o que está escrito.

– Quer dizer, como isso pode ser diferente das setenta virgens para cada homem-bomba? E só um Papai Noel para adultos.

– A Bíblia não diz nada sobre sentar em nuvens. Supõe-se que o céu seja um lugar onde os que se salvaram são bem-vindos. E não há morte ou dor.

– Está bem. Mas o que você vai fazer ali por toda a eternidade?

– Não sei — ele falou. — Provavelmente não *faça* nada. Estarei com Deus.

– Pode ser só para mim, mas isso parece muito chato.

– O agito queima no inferno.

– Eu aviso quando chegar lá. Podemos comparar nossas opiniões.

– Não precisa ir lá — ele falou. — Não se aceitar Jesus como seu Salvador.

– É tudo o que preciso fazer?

— E o que está escrito.

— E se eu não fizer isso, vou queimar no inferno? — Ruth balançou a cabeça, perplexa. — Fala-se em punição desproporcional a um crime. Quer dizer, não vejo por que importa tanto a Jesus que eu acredite Nele a ponto de me torturar por não fazer isso. Quer dizer, Ele é Deus, certo? Por que tanta insegurança?

— Insegurança? — falou Tim. — Agora você está sendo boba.

— *Eu* estou sendo boba? Você é que está tentando me vender um sistema teológico que coloca Hitler e Gandhi no mesmo nível.

— Não coloca.

— De acordo com o que você me contou, os dois estão queimando no inferno por não serem cristãos.

— Tenho certeza de que Deus é capaz de fazer uma distinção entre Hitler e Gandhi. I

— Espero que sim. Mas alguém aparentemente se esqueceu de mencionar isso na Bíblia.

— Não importa — Tim nem sabia por que se incomodava em discutir com ela. Nada que pudesse dizer sobre Jesus chegaria a seus ouvidos até o coração dela estar pronto para ouvir. — É fácil zombar e procurar defeitos, mas isso não vai levá-la a lugar nenhum.

— Só estou curiosa — ela disse, o sorriso desaparecendo. — Você realmente acha que eu mereço ir para o inferno?

— Não está em minhas mãos — ele disse. — Quero dizer, até onde sei, você é uma ótima pessoa.

— Nossa, obrigada.

— Veja, Ruth. Você pode me fazer cair em milhares de armadilhas que pessoas mais inteligentes poderiam explicar. Mas não é por isso que acredito.

— Bem, então por que é?

— Você realmente quer saber?

— Claro.

Ele a estudou por um momento, tentando detectar um traço de zombaria na sua expressão. Mas tudo o que viu foi curiosidade ou talvez somente boa educação.

— Você precisa entender o tipo de pessoa que eu era. Se perguntar à minha ex-esposa, ela vai dizer que eu era um viciado em drogas egoísta e não vou dizer que não era. Mas nunca pareceu que eu tivesse alguma escolha. Havia somente um grande buraco negro em mim e tudo o que podia fazer era enchê-lo com drogas e álcool para evitar a dor o tempo todo. E, depois que eu ferrei com quase tudo que era importante, Jesus entrou na minha vida e afastou boa parte daquela dor. Era como se Ele estivesse ali, me segurando, cuidando de mim. Era uma sensação, não uma ideia ou uma crença. Um tipo de sensação física de que Ele estava ali e me amava. E isso mudou tudo.

— Certo — disse Ruth, assentindo como fazem as pessoas quando não acreditam realmente, mas não vão dizer isso. — Posso respeitar isso.

— Não posso descrever o alívio — ele continuou. — Ser capaz de me virar para Ele e dizer: *Aqui, Senhor, essa é a minha vida, errei muito e agora eu a entrego ao Senhor.* E me sentir uma pessoa completamente nova. Se não fosse por isso, eu estaria morto agora ou pelo menos na cadeia. Com certeza não estaria sentado aqui conversando com você.

Ruth não respondeu a essa afirmação, nem pediu para que ele explicasse mais. Só deixou um intervalo decente de silêncio passar, depois perguntou se queria um pouco de café.

Tim olhou para o relógio em cima da pia.

— Puxa — disse, espantado ao ver que já eram dez e quinze. — Vou chegar atrasado à igreja.

— Não vai demorar muito — ela disse. — Limpei a cafeteira, como você sugeriu. Está funcionando bem melhor.

— Legal — sorriu Tim, grato de que seu diagnóstico estivesse certo. — Mas eu realmente preciso ir.

— Ah, vamos — ela insistiu, com um inesperado tom de flerte na voz. — Só uma xícara. Fiz umas rabanadas deliciosas.

Ele fechou os olhos e uma visão apareceu. A equipe de Louvor estava no palco, os membros em suas cadeiras. Tudo estava pronto, exceto o baixista, seu microfone vazio, seu instrumento desligado. Tudo parecia tão distante, como se não tivesse nada a ver com ele.

— Ruth — ele falou, levantando-se abruptamente da cadeira, parecendo mais sério do que era sua intenção. — Por favor, não me tente assim.

Ela passou o resto da manhã no sofá, tentando se convencer a sair para correr ou ir ao supermercado, ou talvez só ir ao quintal varrer algumas folhas. Mesmo limpar o banheiro teria sido melhor do que ficar deitada ali, fantasiando transar com um homem que não descartava a possibilidade de que ela ia para o inferno.

Foi pior do que embaraçoso. Ela tinha todo o direito de ficar furiosa com Tim, todo o direito de exigir que pagasse pelo que tinha feito. Perder tempo pensando, em vez disso, na covinha em seu queixo ou no modo como seus olhos pareciam sorrir antes dos lábios, ou como seria bom sentir aquelas mãos grandes de músico em seu corpo não era só estúpido, era um ato de auto traição.

Ela tinha sentido isso no momento em que ele se sentou, aquela emoção secreta de ficar sozinha pela primeira vez com alguém que a atraía fisicamente, de perceber que a única coisa que os separava era um pouco de ar e sua própria incerteza. Tudo o que ela tinha a fazer era estender a mão e colocá-la em cima da dele, e tudo teria mudado. Ela ficou visualizando esse ato enquanto conversavam, abrindo e fechando a mão, pensando em como seria fácil tirar sua mão do colo e deslizar a pela mesa. Mas não conseguiu fazer isso, e agora ele tinha ido embora.

Era o melhor, claro. Ele era casado, um cristão renascido, um viciado em recuperação e um cara que claramente tinha problemas para manter sua palavra. Tudo o que podiam fazer juntos era piorar a situação. Deixe que ele vá para a igreja com sua esposa e ore o quanto quiser com as pessoas que quiser.

Se o telefone não tivesse tocado, quem sabe quanto tempo ela poderia ter permanecido deitada, pensando nos mistérios que a levaram a ser tão patética. Ela se levantou um pouco rápido demais e se sentiu tonta no meio da sala, certa de que estava a ponto de cair. Mas a tontura passou tão rápido quanto veio e ela foi capaz de chegar ao telefone antes que a secretária atendesse. O identificador de chamadas mostrava que era Randall.

— Oi, querido — ela falou. — Estava me perguntando quando você ia me ligar.

Silêncio.

— Randall! Está aí? — Ela esperou mais uns segundos. — Acho que a ligação está ruim... Randall?

Ela estava a ponto de desligar quando finalmente ele falou com a voz baixa e trêmula.

— Greg e eu terminamos.

— Ah, querido. Tem certeza?

— Eu o mandei embora — ele declarou, parecendo orgulhoso e machucado ao mesmo tempo. — Não conseguia mais aguentá-lo.

— Talvez vocês só precisem de um tempo.

— Não acredito nisso. Doze anos jogados no lixo.

— Vocês formavam um ótimo casal. Tenho certeza de que tudo vai se resolver.

— O que vou fazer? — chorou Randall. — Odeio ficar sozinho.

Ruth entendeu que era seu dever falar alguns clichês de encorajamento, mas não conseguia encontrar nada para dizer. Ela pegou uma esponja amarela molhada da pia.

— Estou um caos — ele falou.

Ela jogou a esponja do outro lado da cozinha o mais forte que conseguiu. O objeto não fez nenhum barulho quando bateu na parede, depois caiu inócuo na mesa.

Ruth? — ele falou. — Está aí?

PARTE QUATRO

Apresentação dos medos

Vá para casa com sua esposa

George Dykstra organizava os jogos de pôquer na cozinha de uma de suas casas-modelo, uma unidade de mil e duzentos metros quadrados com quatro dormitórios, conhecida como The Parkhurst. Convidou os rapazes para se encontrarem ali como último recurso, alguns meses atrás — o anfitrião de tanto tempo, um cara divorciado que vendia e instalava sistemas de *home theater*, tinha começado a namorar e abruptamente desistira do jogo —, e acabou sendo uma solução genial. Uma mudança muito boa do apartamento detonado do cara divorciado, The Parkhurst era um clube fechado luxuoso onde homens adultos podiam se divertir com estilo. Com Fox Hollow ("um exclusivo enclave residencial para o comprador exigente") ainda em construção, onde não havia crianças que podiam acordar com as vozes altas, esposas que se ofendessem com os palavrões, vizinhos que poderiam ser contra um pequeno vômito no jardim; não que isso acontecesse com frequência. O único lado ruim era a regra de não fumar que George tinha instituído desde o primeiro jogo — vários compradores em potencial tinham reclamado que a cozinha-modelo tinha cheiro de fumaça — e o fato de que era preciso sair para mijar, embora isso não fosse problema numa noite de outono como aquela.

— Certo, seus merdas — disse Mickey Dunleavy, um agente imobiliário cujo rosto genial e próspero estava espalhado por várias placas de À VENDA em toda a cidade. — Sigam a Rainha, aumento cinquenta centavos, indo pra Chicago, declaração alto-baixo.

Tim assentiu junto com o resto dos jogadores, apesar de ter uma vaga ideia do que isso significava, além do aumento de cinquenta centavos. Ele tinha jogado um pouco de pôquer quando trabalhava na Lucky Rent-A-Car, mas, pelas suas lembranças — ele se drogava muito naqueles dias, então

sua memória nem sempre era confiável —, era só o básico, pôquer aberto, Texas Hold 'Em. Até o momento, já tinham jogado quatro mãos e todas tinham nomes desconhecidos como Anaconda, Razz e Lowball. Mesmo depois de as regras serem anunciadas, Tim ainda estava lutando para entender, tomando decisões estúpidas, caindo em blefes óbvios. Nem mesmo meia hora tinha se passado e seus vinte dólares em fichas tinham diminuído para menos de cinco.

Dunleavy distribuiu algumas cartas — Tim recebeu um dois e um rei —, depois começou a virá-las, como se fosse uma mão comum de pôquer aberto. Depois que todos tinham recebido sua quarta carta, o *dealer* apontou para Tim.

— O cara novo aposta.

— *É?*

— Par de oitos mostrando.

Tim olhou suas cartas, um oito e um três.

— Três é o coringa — George informou. — É Siga a Rainha, lembra? A primeira carta que segue a rainha no maço é o coringa.

— Ah, sim, certo.

— Jesus H. Cristo — murmurou o primo de George, Billy, o gênio da concessionária Hummer. — Achei que você tinha dito que ele jogava.

— Que tal calar a boca? — George pediu.

Billy deu de ombros. Era um cara magro e nervoso, dentro de um terno escuro, com a mandíbula tão pronunciada que parecia mascar chiclete, mesmo quando não estava.

— O cara é um novato.

— Cinquenta centavos — Tim olhou para Billy enquanto jogava duas fichas vermelhas no centro.

— Nossa, quanto dinheiro — disse Billy, dando um sorriso pouco amigável.

Tim não sabia por quê, mas Billy parecia não ter gostado dele desde o começo. Primeiro, tinha feito um comentário depreciativo sobre o Saturn de Tim — "Ei, quem ligou para a pizzaria?" — no estacionamento sujo do lado de fora do The Parkhurst, antes de terem sido apresentados. Depois riu de Tim trazer Coca Diet para um jogo de pôquer.

— Cuidado, parceiro — ele falou arrastando as palavras, numa péssima imitação de John Wayne. — Melhor ir com calma com essa coisa.

Se Billy tivesse feito esses comentários de brincadeira, Tim teria sido o primeiro a rir. *Era* triste beber refrigerante diet meio quente quando todo mundo estava tomando Heinekens geladíssimas — ele olhava ternamente para aquelas latas verdes — e seu carro velho parecia pior aqui, entre o BMW de alguém e um Hummer H2 novinho. Mas, por baixo do sorriso afetado "estou só brincando" de Billy, Tim sentia uma hostilidade real e se perguntava o que tinha feito para provocar isso. O Pastor Dennis teria dito que Billy estava sofrendo de "uma profunda dor espiritual e pronto para ser conquistado, mas Tim só achou que ele era um merda".

Na rodada seguinte, Dunleavy virou outro três para Tim.

— Ooh, cara — ele falou. — Um trio para o cara novo.

Sua sorte durou pouco, no entanto.

— Olha aqui — disse Dunleavy, entregando uma carta para George, seguida de um nove para Phil Kersiotis, um construtor bem-sucedido cujos caminhões Tim via bastante ao redor de Greenwillow Estates e algumas outras áreas chiques da cidade. — A coisa fica bem mais interessante.

— O que acontece agora? — perguntou Tim.

— Os noves são o coringa agora — explicou George. — Nove e Damas.

— E os três? — perguntou Tim, tentando soar como se estivesse apenas tentando ter certeza das regras.

— Três são apenas três — disse George. — Não são mais coringas.

— Que merda é essa? — perguntou Billy. — *Vila Sésamo?*

Depois de outra rodada de apostas — Tim ficou, caso houvesse outra mudança nos coringas —, Phil virou a carta final. Tim tirou um sete de copas, algo que não acrescentava nada à sua mão. Pensou em desistir quando fosse sua vez, mas George falou antes de ele ter a chance.

— Lembre-se, você precisa falar alto-baixo antes de colocar sua aposta final.

— Por quê?

— É Chicago — explicou Dunleavy. — A menor carta de espadas no centro divide as fichas. Mas você precisa declarar se vai para a mão alta ou mão baixa.

Tim não precisava olhar para saber que seu dois fechado era de espadas.

— Oh, nossa. — Ele fingiu pensar sobre essa complicada questão de estratégia antes de jogar suas quatro últimas fichas. — Não sei. Baixa, acho. Só queria que aqueles três fossem coringas.

O outro único jogador a declarar baixa foi Billy, que tinha o quatro de espadas no *hole*. Não ficou nada feliz quando Tim revelou o dois.

— Maldição! — ele gritou para George. — Você estava ajudando o cara!

— Não estava, não — devolveu George. — Só estava lembrando as regras.

Billy deu um longo gole na sua cerveja, fazendo barulhos como se estivesse enxaguando a boca.

— Ele não deveria jogar se não sabe as regras.

— Ele sabe agora — lembrou Dunleavy. — O cara aprende rápido.

— Aqui — Kersiotis sorriu para Tim enquanto deslizava duas torres de fichas pela mesa. — E a sua parte. Nada mal.

Depois de ter ganhado algumas rodadas, Tim começou a relaxar. Tinha ficado nervoso ao ir até ali, preocupado com colocar sua carreira acima de seus princípios, estando, por vontade própria, numa dessas situações

incertas sobre as quais o Pastor Dennis tinha avisado — sua vida estava, de repente, cheia delas —, nas quais o pecado parecia não só possível, mas completamente natural e inevitável. Agora que tinha mergulhado de cabeça, no entanto, não parecia tão ruim.

Pelo menos parte desse sentimento tinha uma base teológica. Ele tinha pesquisado um pouco usando a internet do escritório e ficara agradavelmente surpreso ao descobrir que não havia muito apoio bíblico à ideia de que apostar fosse pecado. Certamente não era um dos casos evidentes, como matar ou cometer adultério — não havia nenhum mandamento que dissesse: "Não participarás de jogos de azar com amigos" —, nem era coberto por nenhuma dessas proibições amplas, um tanto quanto obscuras, como aquela em Efésios contra "obscenidade, conversas e piadas ásperas", ou mesmo um daqueles tabus arcaico[^], amplamente ignorados, como a proibição do Velho Testamento de comer carne de porco. As autoridades que acreditavam que apostar era proibido aos cristãos tiveram de trabalhar muito para justificar suas posições, afirmando que era uma forma de roubar, por exemplo, ou citando uma passagem como "o amor ao dinheiro é a raiz de todo o mal", ou até sugerindo que o jogo era uma violação da Regra da Reciprocidade, já que o apostador que tirava o dinheiro do oponente estava fazendo o que não queria que fizessem com ele.

Mas nada disso pareceu muito convincente a Tim: se todos concordavam com as regras, era impossível dizer que alguém estava roubando dinheiro de outra pessoa e, de qualquer forma, as quantias eram tão pequenas que não fazia sentido falar em cobiça como força motivadora para os jogadores. Quanto à questão da Regra da Reciprocidade, se julgasse o pôquer nesses termos, teria de fazer o mesmo com o futebol, o beisebol, o futebol americano e o golfe, e qualquer tipo de competição no emprego ou no amor — qualquer coisa com um vencedor e um perdedor —, e Tim não podia entender como alguém poderia funcionar num mundo assim, nem mesmo o Pastor Dennis. Teria de ser como um daqueles santos na Índia que passavam toda a vida tentando não matar um pernilongo ou inadvertidamente engolir um mosquito.

— Ei, George — disse Kersiotis, durante uma parada entre as rodadas.
— Pergunte a Tim sobre a direção e o carro.

- Ah, sim — sorriu George. — Eu me esqueci disso.
- Estamos fazendo uma pesquisa informal — explicou Dunleavy.
- E um tipo de questão pessoal — acrescentou George.
- Você não precisa responder se não quiser.

Billy olhou para eles enquanto embaralhava.

- Não seja veadinho. Faça logo a merda da pergunta.
- Eu faço — Dunleavy apontou um dedo para Tim. — Seja honesto. Já gozou enquanto dirigia?
- Dirigindo meu carro?
- É, sabe, uma mão na direção, outra no pinto.
- Parece meio perigoso.
- É preciso escolher o lugar — explicou George. — Uma ótima estrada secundária é a melhor escolha.

Kersiotis assentiu.

- Autoestradas cheias são uma péssima ideia. Isso, só em emergências. Sabe, quando não se tem escolha.
- Não dá para parar?
- De jeito nenhum — disse o cunhado de George, Al, um cara grande e ruivo que quase não disse nada a noite toda.
- Seria muito estranho gozar na beira da estrada.
- É uma boa maneira para acabar preso — murmurou Billy.
- E esqueça as áreas de descanso — disse George. — E melhor evitá-las a todo custo. E como sua cara acaba nos jornais.
- Espere um segundo — disse Tim. — Isso é algo que vocês fazem regularmente?
- Não tanto hoje em dia — respondeu Kersiotis. Era um cara bonito, com a autoconfiança de um ex-atleta. — Quer dizer, agora tenho três filhos, muita responsabilidade. Mas, quando era mais jovem,

claro que sim. Afinal, sua mente começa a viajar em certa direção, o que você vai fazer?

George lançou um olhar inquisidor a Tim. Parecia quase desapontado.

– Está nos dizendo que nunca fez isso? Nem uma vez?

– Você é o único — Dunleavy o informou. — Todo o resto já confessou.

– E mesmo? — Tim olhou ao redor da mesa para os rostos de seus companheiros respeitáveis de meia-idade. — Todos vocês?

– E você? — disse Kersiotis. — É membro do clube?

– Eu diria que sim, se fosse — Tim disse. — Mas nunca nem tinha pensado nisso. — Sentindo a pressão de confessar algo, ele acrescentou: — Já bateram uma pra mim num congestionamento uma vez, há muito tempo, mas não estávamos andando. Estávamos simplesmente parados ali, esperando que limpassem a estrada depois do acidente.

– Isso não conta — disse Billy desdenhoso. — Todo mundo já fez isso.

– E verdade — completou Dunleavy. — Billy já bateu um monte de punhetas. É por isso que todos os caras sempre querem fazer *test-drives* com ele.

– Vá se foder — disse Billy.

– Tive uma namorada que uma vez me chupou na 1-95 — contou Al. Ele olhou para George. — Não se preocupe, não estou falando da sua irmã.

George deu de ombros, como se dissesse que não importava se sua irmã fazia sexo oral em carros andando por estradas.

– De qualquer forma — continuou Al —, tudo estava indo bem, mas aí eu tive de dar uma brecada rápida e podem apostar que não foi muito bom para nenhum dos dois. Decidimos que era melhor esperar até mais tarde.

— Vinte anos depois — riu Dunleavy —, e Big Al ainda está esperando.

— Isso não é nada — disse Billy. — Uma vez, no ensino médio, trepei com uma garota *enquanto* estava levando a menina para casa.

— Você só fala merda — George olhou para Tim. — Não acredite em nenhuma palavra do que ele diz.

— E sério — insistiu Billy.—Tina-Marie Johansen. Sabe, a vesga? Seus pais eram muito severos e ela tinha de estar em casa às onze. Estávamos atrasados, e o único jeito de trepar com ela era se dirigisse ao mesmo tempo.

— Para com isso — disse Kersiotis. — A única coisa que você comeu no colégio foi seu hamster.

—Juro por Deus — Billy levantou a mão direita como se estivesse testemunhando num tribunal. — Ela estava de saia, então passou por cima de mim e se encaixou. Naquela época ninguém usava cinto de segurança. Só precisei me inclinar um pouco para a direita, para ver o caminho. O único problema era o câmbio batendo na bunda dela quando eu colocava em segunda.

— Dá para acreditar nisso? — perguntou Dunleavy. — Agora ele está mudando a marcha e fodendo com zarolhas ao mesmo tempo.

— Não é zarolha — retrucou Billy. — Vesga. Há uma diferença.

— Fico surpreso que não estivesse fazendo malabarismos, também — disse Kersiotis.

— E cortando o cabelo — acrescentou George.

— Vocês estão é com inveja — disse Billy. Ele colocou o baralho na mesa para que Al pudesse cortar. — Vamos jogar uma mão de 727.

O que surpreendeu Tim durante aquela noite não foi o excesso de bebida, ou o excesso de fanfarronice sexual, ou a vulgaridade casual da conversa — ele tinha passado muito tempo ao lado de caras como esses na sua vida anterior, e esse grupo não era nem de longe o pior que já tinha encontrado —; o que o surpreendeu foi como se sentiu confortável e

tranquilo no meio disso tudo. Ele tinha vindo a Fox Hollow pensando em si mesmo como um espião vigiando o território inimigo, mas, quando eles começaram a rodada de dez dólares de Texas Hold 'Em, que era um dos principais eventos da noite, tinha começado a se sentir mais como um viajante que havia acidentalmente encontrado o caminho de casa.

— Estou tentando fazer com que minha esposa raspe os pelos pubianos — disse Dunleavy, passando os marcadores que identificavam o Big Blind e o Little Blind. — Mas ela não quer.

— Confie em mim — falou Kersiotis. — E melhor deixar assim. Shelley começou a se depilar totalmente faz alguns anos e, vou dizer, não sou louco por aqueles pelos duros, não.

— Vou dizer o que não gosto — disse George. — Aquela tirinha de pelos que algumas deixam ali. Parece o bigode do Hitler.

Big Al levantou a mão no cumprimento nazista. Ele tinha se soltado um pouco depois de sua quarta cerveja.

—*Ja, mein Fuhrer!* — gritou, rindo.

— Estamos em estações completamente diferentes — explicou Dunleavy. — Ela está me acusando de querer que se pareça com uma menininha, como se eu fosse um tipo de pedófilo ou algo assim. Mas não é isso. Só quero que se pareça com uma estrela pornô, só que não posso dizer isso, porque ela tem a impressão equivocada de que eu não assisto a essas coisas.

— O quê? — disse Billy. — Ela realmente acha que você usa aquele notebook para trabalhar?

— Se pensa isso — completou George —, deve achar que você é um *workaholic*.

Tim estava bem consciente de como o Pastor Dennis ficaria chateado e desapontado se o visse ali, rindo com os outros da ideia de um homem preso à luxúria, mas por alguma razão não conseguia se preocupar com isso. Por um lado, não acreditou realmente que Mickey Dunleavy fosse viciado em pornografia — se fosse, não estariam brincando com isso — e, mesmo

se tivesse algum tipo de problema, Tim tinha certeza de que não era da conta dele. Tudo o que sabia era que estava se divertindo.

Era ótimo ter uma noite livre de vez em quando, um respiro da pressão incessante que estava vivendo por muito tempo. As vezes, parecia que ele só tinha preocupações na vida. Abby, Carrie, Allison, o time de futebol, o Tabernáculo, o mercado imobiliário e agora Ruth. E, ultimamente, para o lado que se virasse, alguém estava respirando em seu pescoço, dizendo que ele tinha feito besteira e, não importava o quanto tentasse arrumar as coisas, só piorava e fazia as pessoas ficarem mais bravas do que já estavam. Entendeu em algum nível que era sua culpa — não negava isso —, mas nem sempre conseguia compreender o que tinha feito de errado ou como melhorar as coisas. Era sempre a mesma velha história, o mesmo velho Tim: boas intenções, péssimos resultados. A única questão verdadeira sobre sua vida era o quanto pioraria em alguns dias.

– Certo — disse Kersiotis. — Todo mundo pronto?

– Espere — George se levantou da cadeira e abriu a geladeira. — Alguém quer uma cerveja?

– Eu quero uma — falou Big Al.

– Eu também — acrescentou Dunleavy.

– Que droga — disse Tim, espantado não só pelo que estava dizendo, mas também com a calma que estava saindo de sua voz. — Uma cerveja não vai me matar.

Tim e George foram os primeiros eliminados do torneio de Hold 'Em — George porque tinha ido com um *ali in* na primeira rodada, apostando tudo na ideia perfeitamente razoável de que podia ganhar com um *full house* de valetes e setes (infelizmente, Big Al teve a mesma ideia com reis e cinco), e Tim porque estava tão distraído pelo gosto de sua primeira cerveja em três anos que ficou esperando duas rodadas seguidas com cartas fracas e terminou na bancarrota.

– Que se fodam esses merdas — George falou para ele. — Vamos tomar um pouco de ar.

Tim jogou a lata vazia no lixo e pegou outra Heineken na geladeira antes de sair. Sabia que era má ideia, mas não havia muito sentido em parar

depois da primeira. Se fosse para sair da linha, o melhor era encher a cara.

Aqui estou eu, *ele pensou*. De volta ao começo.

Ele pensou no Pastor Dennis e sentiu uma pontada de remorso. O cara tinha investido tanto tempo e energia para salvá-lo, e esse era o resultado. Era a função do Pastor, claro, mas, mesmo assim, Tim sabia que ele ficaria mal quando descobrisse.

Eu tentei, *ele pensou*. Nunca tentei tanto na vida.

Saiu para a varanda dos fundos e se sentou perto de George no alto da escada que levava a um campo sujo que seria, algum dia, o quintal de alguém. Talvez fizessem uma piscina, pensou Tim, ou pelo menos uma mesa de piquenique e uma churrasqueira, uma cerca e uns arbustos ornamentais.

– Gosto disso assim — disse George. — Será meio triste quando as pessoas se mudarem.

– Você só tem de construir outra em algum lugar.

Tim colocou a cerveja no chão e se esticou para trás, olhando para o céu. Era uma noite incrivelmente clara, o céu escuro salpicado de estrelas e as luzes piscantes dos aviões que pareciam se mover tão devagar quando se olhava de baixo, como se não tivessem nenhum lugar especial para ir.

– Estou feliz por você ter vindo — disse George. — Acho que os caras gostaram de você.

Tim balançou a cabeça.

– Não sou muito bom jogando cartas.

– Você se garante.

– Diga isso a seu primo.

– Ah, não se preocupe com o Billy. Ele nasceu assim. Não há nada que se possa fazer.

Enfiando a mão no bolso de trás, George tirou o que parecia ser uma cigarreira, uma caixa prateada fina que brilhou na luz da lua.

— Sabe com quem você devia conversar? — ele disse, abrindo a lata para revelar um baseado. — Mickey Dunleavy. E o cara com jeito pra coisa. E o único agente imobiliário que ainda está conseguindo vender casas.

— Claro. Adoraria me sentar e conversar de negócios com ele.

George tirou o baseado da latinha, que fez um barulho alto ao se fechar.

— Vou falar bem de você — disse, colocando o baseado nos lábios e tirando um isqueiro do bolso. — Acho que vocês poderiam fazer algo juntos.

— Obrigado — disse Tim, fixo no caminho da chama enquanto ela se movia em direção à ponta do baseado.^ papel começou a queimar. — Seria muito legal.

George abaixou o queixo na altura do peito e tragou com uma expressão furtiva, um pouco ansiosa.

— Sem problema — ele falou, com uma voz estrangulada.

— O que vai, volta.

Depois de vários segundos, George fechou os olhos e soltou uma grande quantidade de fumaça dos pulmões.

— Uau! — disse Tim. — Isso tem um cheiro bom.

George sorriu quando passou o baseado.

— Achei que você ia gostar.

Tim foi com muita vontade na primeira tragada e terminou tossindo tudo, para diversão do George.

— Desculpe — ele falou engasgado, batendo no peito e limpando umas lágrimas. — Estou fora de forma.

— Entendo. — George inalou outra tragada monstro.

— Estou diminuindo também. O médico me mandou cuidar do peso, mas tudo se perde quando bate a larica. Principalmente agora que

tem um Taco Bell no caminho de casa que fica aberto até a meia-noite.

– Sempre gostei de White Castle.

– Além disso, minha esposa não gosta que eu fume maconha em casa. Ela acha que é um mau exemplo para as crianças. Então agora preciso esconder dela.

– Como nos velhos tempos — disse Tim, tragando de maneira mais cautelosa dessa vez. — Quando eu estava no colégio, escondia numa lanterna, no compartimento das pilhas. Mantinha ali no meu criado-mudo.

– Não é má ideia.

– É, exceto quando você é pego durante um apagão.

George mexeu no isqueiro algumas vezes, como se estivesse vendo se ainda funcionava.

– Sempre consigo perceber outro cara que fuma maconha. Aposto que gostava de Pink Floyd, certo?

– Na verdade, eu era mais um deadhead.

– Oh — George não conseguiu esconder seu desapontamento. — Eu era fã do Floyd.

– Dark side of the moon *é um disco legal*.

– Não, *The Wall* — disse George. — Esse é uma obra de arte. Tive uma namorada no colégio e costumávamos ficar doidões ouvindo *The Wall*. A gente ficava se beijando até eu achar que meu pinto ia derreter.

– Ui! — disse Tim.

– Não, tudo bem — insistiu George. — Era até legal.

– Sexo seguro.

– Angie Pirro — ele disse. — Nunca transei com ela, na verdade.

Tim não sabia se ele estava reclamando ou só fazendo uma declaração, então deixou isso passar sem nenhum comentário. Eles continuaram

passando o baseado em silêncio até ficar muito pequeno e George jogá-lo no mato.

— Nossa! — ele disse, balançando a cabeça admirado. — Que porra de erva boa.

Tim abriu a boca para concordar, mas foi distraído por uma sensação poderosa, uma agitação quente de bem-estar que parecia irradiar do chão e entrar pelo seu sangue. Por um momento de tirar o fôlego ele parecia sem peso, livre da gravidade. Ouviu seu próprio riso.

— E como está indo o futebol? — perguntou George.

— Bem — disse Tim, voltando. — Vamos disputar o campeonato no sábado.

— Droga — George colocou a mão na nuca de Tim e deu um apertão amigável. — Eu o invejo. Teremos sorte se terminarmos em quinto.

— Foi uma ótima temporada — disse Tim, dando o último gole na cerveja. — Não sei o que fazer quando acabar.

— Sempre dá para dormir até mais tarde no sábado. Talvez até transar com sua esposa.

Tim balançou a cabeça.

— Eu realmente adoro aquele time.

George pensou nisso por um instante.

— Vamos entrar — ele falou. — Vamos ver o que está acontecendo com o jogo.

— Vá em frente — incentivou Tim. — Preciso fazer um *pit stop*.

Depois que George entrou, Tim deu uma volta ao redor de Fox Hollow, procurando um lugar para se aliviar. Entendia que era uma precaução desnecessária — além dos jogadores de pôquer, não havia nenhuma alma ao redor —, mas continuou mesmo assim, vagando pelas casas desocupadas em vários estágios de construção, grandes caixas vazias se levantando como

monumentos no terreno desolado, nenhuma árvore ou carro à vista, sua cabeça confusa, o coração batendo rápido demais.

Estou completamente chapado, *ele pensou*.

Era quase estranho como aquilo tinha acontecido, tão tranquila e dissimuladamente, o modo como George o havia levado para fora e oferecido o baseado sem perguntar, nem mesmo dando uma chance para ele recusar, como se soubesse há muito tempo que esse era o verdadeiro motivo para a vinda de Tim. Claro, ele já tinha começado a beber naquele ponto, então era difícil culpar George ou fingir que a decisão não tinha sido dele mesmo. Mas, por alguma razão, não parecia assim. Estar chapado era algo que tinha *acontecido* com ele, uma questão mais de acaso do que de vontade.

Ele só queria que George não tivesse mencionado o futebol, porque estragara o que poderia ter sido uma situação muito feliz. Era um pesadelo — tudo o que tinha feito era uma simples oração de agradecimento, e agora seu time estava um caos. Vários pais bravos, incluindo sua própria ex-esposa, estavam ameaçando impedir que suas filhas jogassem no campeonato; enquanto isso, o Pastor Dennis tinha devotado todo o seu sermão no domingo ao que chamou de "ministério de esportes da juventude" de Tim e John. E agora parecia que a merda tinha realmente batido no ventilador, porque ele encontrara uma mensagem brava de Bill Derzarian na sua secretária eletrônica ao chegar em casa naquela tarde, insistindo para que ligasse o mais rápido possível, bem como outra de uma repórter com voz amigável do *Bulletin-Chronicle*, querendo "sua versão da história".

Estou chapado, *ele pensou*. Esse é o meu lado da história.

Antes de chegar ao cruzamento principal, viu um banheiro químico que parecia ser um destino muito popular, julgando pelo cheiro fétido que o cercava. Pensou em entrar, mas preferiu ficar do lado de fora, mijando nele em vez de dentro dele, divertindo-se com o ruído de sua urina batendo contra o plástico.

Ele fechou o zíper e começou a voltar para o Parkhurst. A casa-modelo estava toda acesa, uma ilha brilhante no meio de toda aquela escuridão, mas Tim sentiu algo forte quando se aproximou do que seria a grama frontal.

Isso é um erro, ele pensou, ouvindo as vozes altas e as risadas indecentes pelas janelas. *Esse não é meu lugar*.

Ele se virou antes que pudesse se dissuadir e cruzou a rua na direção do estacionamento. Odiou sair assim, sem se despedir ou manter contato com Mickey Dunleavy, ou oferecer uma explicação para essa conduta peculiar, mas não achou que havia outra forma de agir. George se preocuparia, sabia disso, e os outros caras o chamariam de tonto, então parou para riscar a palavra "JESUS" na porta do passageiro do Hummer de Billy com sua chave, assim eles pelo menos teriam uma vaga ideia de onde ele vinha.

No dia seguinte, eles tinham de trabalhar, mas Randall não parecia querer ir para casa. Ruth tinha dado todas as indiretas que podia imaginar, lavando as xícaras de café, bocejando sem cobrir a boca, e falando como ela e as garotas precisavam acordar cedo, mas nada disso funcionou. Randall só ficava ali sentado, com aquela mesma expressão confusa que não saíra de seu rosto a noite toda, repassando sua longa lista de queixas.

— Fiz tudo por ele. As compras, a comida, a limpeza, era uma verdadeira esposa. Se ele perdia um botão, quem você acha que costurava?

— Não precisava — lembrou Ruth. — Fez porque quis.

— Fiz porque o amo — admitiu Randall. — Mas você acha que ele me agradecia?

— Tenho certeza de que era grato.

— Só achava que era minha obrigação. Foi culpa da mãe dele, sabe? Ela o tratava como um pequeno príncipe.

— Muitos homens são assim — apontou Ruth. — Frank era, com certeza. Se ficasse resfriado ou tivesse dor de barriga, todo mundo precisava parar por ele. Mas se eu estivesse na cama resfriada, ele vinha e perguntava o que eu ia fazer de jantar.

— Era pior porque Greg era um *artista* — disse Randall, pronunciando a palavra com um desdém profundo. — Ele realmente acredita que tem coisas mais importantes a fazer do que ir ao supermercado ou limpar o banheiro. Esse tipo de coisa é para mortais menos importantes, como eu. As vezes, eu só queria agarrá-lo pelo

pescoço e dizer: *Alô? Você não é o porra do Pablo Picasso. É só um agente imobiliário que brinca com bonecas!*

— Isso não é justo — disse Ruth numa voz gentil. — Você sempre admirou o trabalho dele. E ele não poderia trabalhar sem você.

— Não é o que ele pensa.

— Tenho certeza de que ele sabe disso. E, se não souber, vai descobrir da pior maneira.

— Oh, não se preocupe. Vai encontrar outra pessoa para cuidar dele. E só piscar aqueles olhos azuis e um monte de garotinhos vêm correndo.

— Talvez isso fosse antes — disse Ruth. — Mas ele não é mais um juvenzinho. Não é tão fácil encontrar alguém novo quando chegamos à nossa idade.

— Ótimo. Ele precisa descobrir o que é ser rejeitado.

— Ele não o rejeitou. *Você* o mandou embora.

— Porque não queria se comprometer.

— Vocês vivem juntos há dez anos. São donos de uma casa. Que outro compromisso quer?

— Quero me casar. É algo importante para mim, está bem? Não era, mas agora passou a ser.

— E uma coisa pouco importante, não acha?

Randall deu de ombros.

— Quero que ele faça o pedido. Quero que me peça em casamento se e quando isso for legal. Ele sabe disso e se recusa.

— Parece uma coisa louca, romper um bom relacionamento por causa de uma proposta completamente simbólica.

— Não é simbólica — insistiu Randall. — Estou falando de uma proposta real. Palavras verdadeiras saindo da boca de uma pessoa verdadeira.

— Não entendo — disse Ruth. — Por que você não propõe?

Soltando um suspiro de frustração, Randall se aproximou deixando sua testa cair pesada na palma da mão.

– Você ouviu alguma palavra do que eu disse?

Havia um tom em sua voz que Ruth não apreciou. Tudo o que havia feito a noite toda era ouvir. Tinha tentado três vezes falar sobre o súbito interesse de Maggie e Eliza no cristianismo, e sua própria incerteza sobre como lidar com isso — as garotas tinham chegado da igreja contando animadas que Esther Park havia feito toda a Living Waters Fellowship orar pela alma de Ruth —, mas ele continuava voltando ao assunto de seu sofrimento.

– Você está cansado — ela disse. — Deveria ir para casa e descansar.

Randall olhou para ela, os olhos inchados e amedrontados por trás das lentes borradas.

– Não posso ir para casa.

– Por que não?

– Se tiver de passar outra noite sozinho naquele quarto, vou me matar.

– Nem brinque com isso.

Randall balançou a cabeça, como se quisesse dizer que não estava brincando.

– Vamos ter de vender a casa. Não podemos nos casar, mas com certeza podemos... *nos divorciar*.

Por algema razão, essa foi a palavra que o machucou. Seu rosto se contraiu numa máscara infantil de dor e começou a chorar.

– Oh, querido — disse Ruth, levantando-se da cadeira.

O telefone tocou antes que ela pudesse chegar do outro lado da mesa, mais alto do que o normal. Ruth parou, dividida entre o desejo de confortar o amigo e a vontade natural de descobrir quem poderia estar ligando nessa hora absurda.

– Oh, Deus — disse Randall, numa voz ridiculamente esperançosa.
— Talvez seja ele.

Ruth tirou o telefone do gancho, esperando silenciá-lo antes do terceiro toque. O identificador de chamadas mostrava um número desconhecido.

– Alô?

Houve um longo silêncio do outro lado. Ela repetiu.

– Ei — disse uma voz cheia de estática do outro lado. — Espero não tê-la acordado.

– Gregory? — ela perguntou.

– Não, Tim.

– Tim?

– O treinador de futebol.

– Sei quem é você — ela falou. — Só não entendo por que está ligando.

– Quem é Gregory?

– Não interessa.

– Oh — ele parecia um pouco chateado.

Randall gesticulou um *Quem é?* e Ruth deu-lhe um olhar de desculpas e caminhou até o corredor, onde ele não pudesse escutar.

– Por que está ligando tão tarde? — ela sussurrou no telefone.

– Como é? Não ouvi.

Ela repetiu a pergunta um pouco mais alto. Tim riu de um jeito estranho.

– Eu estava, hã, perguntando se, talvez, pudesse passar por aí.

– Agora?

– Tudo bem?

– Não, não está tudo bem. São onze horas de uma noite de terça. Minhas filhas estão dormindo.

– Só queria conversar com você.

– Estamos conversando agora — ela lembrou. — O que quer me contar?

Ele hesitou.

– Não sei.

– Você não sabe?

– Não quero contar nada especial. Queria apenas conversar. Sabe, como já fizemos antes.

O espanto de Ruth acabou quando ela percebeu que Tim não parecia normal. Havia um ritmo estranho em sua voz que nunca tinha ouvido antes.

– Você está bem? — ela perguntou.

– Depende de como você olhar. Estou um pouco zoadado, se é isso que perguntou.

– Bêbado?

– Chapado, também. Uma noite divertida.

– Achei que não fizesse mais isso.

– Eu também. Acho que me equivoquei.

– E isso, então? — ela perguntou. — Você bebe e fuma e decide que quer me ver?

– Agora você está entendendo.

– E o quê? Devo ficar lisonjeada?

– Não pensei nisso. Estava só esperando que estivesse acordada.

– Não está dirigindo, está?

– Não, na verdade estou estacionado.

– Que bom.

– Bem na frente da sua casa — ele acrescentou, com outra risada estranha.

– Espero que esteja brincando.

– Posso tocar a buzina se quiser.

Ruth caminhou até o fim do corredor, puxou a cortina e olhou pela janela. Ele estava bem onde havia dito que estava, uma sombra atrás do banco do motorista.

– Isso não é engraçado — ela falou.

– Não — ele concordou. — Nisso estamos de acordo.

Ruth soltou a cortina e se virou, espantada pelo som cansado de sua respiração. Randall estava parado do outro lado do corredor, olhando para ela com uma expressão perplexa enquanto enxugava os olhos com um lenço de papel.

– Tim — ela falou. — Vou desligar agora.

– Então posso entrar?

– Não — ela disse. — Não pode.

– Mas preciso conversar com você.

– Volte quando estiver sóbrio. Agora você precisa ir para casa com sua esposa.

Tim só foi para casa depois da meia-noite. Tinha pensado em ir a um bar depois que Ruth o mandou embora, mas sua consciência — ou talvez algum instinto de autopreservação — o impediu, e ele dirigiu até o Tabernáculo. O prédio estava fechado, claro, então se ajoelhou na porta e rezou por força e orientação até que um policial parou a viatura e disse que ele precisava ir para outro lugar.

– Odeio importuná-lo — falou —, mas não é permitido ficar aqui depois das onze.

– É a minha igreja — contou Tim.

— Entendo. — O policial era um cara mais velho, de bigode e uma expressão melancólica. — Não faço as regras.

Tim não pôde evitar.

— Foi o que Pôncio Pilatos disse.

— É — o policial deu um sorriso fraco. — Pouco antes de pegar Jesus vagabundeando.

Com um olhar ostentoso, Tim se levantou. Os joelhos estavam doloridos, mas sua cabeça estava bem melhor do que quando tinha começado.

— Acho que posso terminar em casa.

— Isso é muito bom — o policial falou. — Boa noite.

— Boa noite — respondeu Tim.

Ele tinha avisado Carrie que poderia chegar tarde e disse para não esperá-lo — sem querer mencionar o jogo de pôquer, dissera que tinha uma "reunião importante" com um grande construtor —, então presumiu, quando viu a luz no quarto, que ela tinha dormido enquanto lia. Mas estava acordada e esperando, sentada na cama com um conjunto de calcinha e sutiã florido que ele nunca tinha visto antes.

— Uau! — disse, levantando as mãos como se ela tivesse apontado uma arma para ele.

— Você tem sorte — ela disse. — Mais cinco minutos e eu estaria dormindo.

Ela parecia bem, ele achou, dando uma secada furtiva nela. A nova lingerie era sexy, mas tranquila — muitas das coisas que tinham comprado pareciam exageradas para que ela usasse com alguma convicção — e havia um sorriso tímido e ávido em seu rosto. Qualquer homem que estivesse pensando direito teria ficado animado, mas Tim se sentiu irritado, como se ela tivesse estragado seu plano de uma boa noite de sono.

— Não precisamos fazer se você estiver cansada — ele falou. — Eu estou bastante detonado.

O sorriso dela não desapareceu, mas ele pôde ver que sua confiança ficou abalada. Ela olhou para si, passando uma mão tentadora sobre a barriga.

– Qual o problema? Não gosta do que estou usando?

– Não, é ótimo. Muito bonito.

– Está falando sério?

– Estou — ele disse, com um pouco mais de sinceridade. — Você está linda.

– Ótimo — ela bateu no colchão ao seu lado. — Então por que não vem aqui e me beija?

Tim considerou seu pedido. Seria fácil deitar ao seu lado e dar o que ela queria, tão agradável e indolor. Mas esse era o problema. Ele estava tomando esse caminho fácil por muito tempo — era uma das coisas pelas quais tinha orado — e percebeu que não era justo para nenhum dos dois.

– Carrie — ele disse —, há algo que preciso contar há algum tempo. Algo importante.

– O quê? Algo errado?

Ele ouviu o medo em sua voz e sabia que precisava se sentar ao seu lado e pegar sua mão. Mas tudo em que podia pensar era no hálito de cerveja e como ela ficaria alarmada se o sentisse.

—Tive uma longa conversa com o Pastor Dennis algumas semanas atrás e, hã, chegamos à decisão que eu, bem, que você e eu precisamos dar um tempo. Sexualmente, quero dizer.

– Não entendo — ela falou. — O que isso significa, *dar um tempo*?

– Sabe, dar um tempo. Não fazer sexo por um tempo.

– Mas a gente fez. Na outra noite.

– Foi culpa minha — explicou Tim. — Fui fraco. Deveria ter contado há mais tempo.

Sua voz ficou cautelosa.

– Esse é algum tipo de punição? Fiz algo errado?

– O problema é comigo — ele garantiu. — Não tem nada a ver com você. Estava conversando com o Pastor sobre minha... condição espiritual e ele disse que eu não deveria me envolver intimamente com você até resolver umas questões.

Ela assentiu, mas seu rosto só expressava espanto.

– Quais questões?

Tim ficou olhando intensamente para a garrafa cor-de-rosa de lubrificante Sizzlin' Strawberry no criado-mudo. Eles tinham comprado há alguns meses, tentado usar uma vez sem sucesso e esquecido completamente. Ele se perguntava por que ela o havia resgatado do armário.

– É sobre Allison — ele disse. — Eu ainda sinto luxúria em relação a ela e isso está interferindo na minha capacidade de ser um bom marido.

Enquanto dizia isso, viu que não andava pensando nem um pouco em Allison ultimamente; de qualquer forma, ela certamente não era o pior demônio contra quem tinha de lutar no momento. Mas já tinha confessado e não podia se retratar.

– Acha que não sei disso? — perguntou Carrie. — Acha que não vejo como fica deprimido cada vez que vai até lá?

– Desculpe. Não sei se parei realmente de amá-la.

Carrie pensou nisso por um momento, depois deu de ombros.

– Tudo bem — ela falou. — Tanto faz. Não me importa.

Uma pequena risada escapou da boca de Tim.

– Até parece.

– Estou falando sério — ela insistiu. — Você ama sua ex-esposa e teremos de viver com isso. Quer dizer, é o que fizemos até agora, certo?

– Não é tão simples.

– Não é tão complicado — ela respondeu. — Seria um problema se ela ainda amasse você, mas não é assim. Ela se casou com outro cara e tem um filho, e você mesmo disse que ela parece estar bem feliz. Então, isso realmente não importa, certo?

O que ela falava parecia fazer muito sentido, mas Tim relutava em admitir.

– Essa coisa que decidimos é totalmente bíblica. Um marido não deve fazer sexo com a esposa se seu coração não estiver puro. Está em Coríntios. Pergunte ao Pastor Dennis se não acreditar em mim.

– Não me casei com o Pastor Dennis — ela afirmou.

– Não falei isso.

– Então quem é ele para dizer o que deve acontecer na nossa cama?

– Não é só ele, querida. Está nas Escrituras.

– Idiota!

Ela pegou a garrafinha de lubrificante da mesa e a jogou em sua direção, mais forte do que ele imaginava. Quase não conseguiu levantar a mão e aparar o golpe.

– Ei — ele falou. — Vá com calma.

– Vá para o inferno, Tim.

– Realmente não entendo por que está tão brava.

Ela olhou para ele, os olhos cheios de dor.

– Não consigo acreditar que seja tão estúpido. Acha que não fantasio com outros homens?

– Fantasia?

– Claro. Às vezes. Mas não vou chorar com o Pastor Dennis sobre isso. Sabe por quê?

Tim balançou a cabeça.

— Porque adoro meu marido — ela falou. — E tudo o que quero é que ele me ame também. Mas ele não consegue.

Tim não respondeu nada.

— Nunca me amou, não é? — por alguma razão misteriosa, ela estava sorrindo, como se esse conhecimento desse algum tipo de prazer triste. — Nunca me amou, nem um pouco.

— Eu... — Tim começou, mas titubeou. — Estou tentando, Carrie. Estou tentando ser um bom marido.

— Tentando fazer seu dever cristão? — ela provocou.

— Isso não é justo — ele disse. — Estou realmente trabalhando nisso.

Ela balançou a cabeça, lentamente e por um bom tempo. Tim sentiu como se tivesse ocorrido um terrível julgamento e entendeu que provavelmente não haveria apelação.

Se você me amasse — ela falou —, não iria parecer uma tarefa a cumprir.

Guardiões da fé

Ao chegar à escola na sexta de manhã, Ruth encontrou um envelope com aparência oficial enfiado em sua caixa de correspondência, enterrado embaixo do monte normal de memorandos e avisos. A mensagem que continha — algumas linhas riscadas num papel "Do Diretor Venuti" — era terrivelmente curta e grossa.

Ruth, *dizia*. Por favor venha à minha sala no começo do primeiro período —J. V.

Ela mostrou a nota a Randall quando trouxe seu café com leite. Ele fez um barulho simpático enquanto lia, depois começou uma musiquinha infantil.

– Alguém está ferrado, alguém está ferrado.

– Obrigada pelo apoio.

– Desculpe. Só estou tentando injetar um pouco de leveza na situação.

Ela prestou um pouco mais de atenção nele. Seu humor parecia ter melhorado consideravelmente desde a noite anterior, quando a tinha acusado de ser má amiga. Randall tinha implorado para dormir no seu sofá por duas noites seguidas até aquele momento e não havia recebido muito bem a notícia de que uma terceira noite estava fora de questão. Ela odiou ter de ser dura quando ele estava num estado emocional tão frágil,

mas sentia que precisava de algum tempo sozinha com Maggie e Eliza, uma chance de atuarem como família sem um convidado chorão no andar de baixo. Ver as garotas irem para a igreja no domingo com os Park tinha sido um toque de alerta, uma lembrança de como era fácil as pessoas que você ama escaparem de suas mãos. Acontecera com sua irmã e com Frank, e com mais amigos do que ela podia lembrar. Não deixaria acontecer com as filhas, não se pudesse impedir.

— Você parece terrivelmente feliz esta manhã — observou Ruth.
— Dormiu bem?

— Não diria isso. Na verdade, dormi muito tarde. Greg e eu tivemos uma longa conversa.

— E?

Randall sorriu recatado.

— Está livre para jantarmos essa noite?

— Por quê?

— Tem algo que nós queremos contar.

— *Nós*? Isso quer dizer o que estou pensando?

— Vai descobrir logo, logo.

— Vamos lá — ela insistiu. — Vocês voltaram?

A expressão de Randall ficou séria.

— Não tenho autorização para discutir isso agora. Greg me fez prometer que íamos dar a notícia juntos.

— O suspense está me matando.

— Sete horas no restaurante indiano — ele disse, devolvendo a nota do diretor. — Não se atrase.

Dessa vez Ruth não estava surpresa ao encontrar o Superintendente e JoAnn Marlow esperando por ela na sala do Diretor — estavam sentados dos dois lados da mesa grande, com uma expressão sombria —, junto com a expressão azeda de Joe Venuti, que estava acariciando ansiosamente seu abdome, como se já tivesse começado a se arrepender de ter tomado o café da manhã.

— Ei — ela falou. — É a velha gangue!

Só o Superintendente sentiu necessidade de responder. Ele se levantou e ofereceu a mão para cumprimentá-la.

– Bom revê-la, Ruth. — Ele movia o braço para cima e para baixo, como se a congratulasse por um trabalho benfeito. — Obrigado por vir.

JoAnn e o Diretor permaneceram sentados, olhando-a friamente enquanto se encaminhava à cadeira que tinha sido colocada na frente da mesa. Tinha as palavras SALA DA BANDA escritas nas costas em letras pretas apagadas.

– O que foi? — perguntou Ruth. — Ganhei o prêmio Professora do Ano?

– Muito engraçado — murmurou Venuti.

– Calma, calma — disse cauteloso o Dr. Farmer, de uma forma um pouco ambígua. — Não é preciso nada disso.

A conversa parou por um momento. JoAnn olhava com expectativa para o Diretor, que fazia o mesmo com o Superintendente, que fingia estar absorto num profundo exame de uma caneta completamente normal que tinha pegado da mesa de Venuti.

– Eles querem dizer algo a você — explicou JoAnn.

Venuti assentiu. Ele limpou a garganta e deu algumas batidas nervosas na ponta da mesa.

– Depois de alguma, ah, avaliação administrativa, nós, ahhh, chegamos a uma decisão. Dr. Farmer, gostaria de ter a honra?

O Superintendente não parecia muito feliz por isso.

– Certo — ele disse, sorrindo tristemente para Ruth.

– Sabe que odiámos fazer esse tipo de coisa, mas não encontramos uma alternativa.

– Recebemos várias reclamações — acrescentou Venuti.

– Posso mostrar o arquivo, se quiser.

O Dr. Farmer assentiu.

– Parece correto afirmar que você não está em sintonia com o novo currículo. Acho que todos concordam com isso.

— Precisamos de um time — intrometeu-se JoAnn. — De outra forma, vamos em direções contrárias. E esse programa-piloto é importante demais para mim, não posso permitir isso.

— Desculpe — disse Ruth. — Não tenho certeza do que estão falando.

— Você está sendo transferida — informou o Dr. Farmer.

— Pode terminar este semestre, mas a partir de janeiro não ensinará mais Saúde.

— Estávamos esperando que aquele curso de atualização pudesse resolver as coisas — continuou Venuti —, mas, de acordo com o relatório que recebemos, parece que você foi pouco cooperativa e possivelmente até um pouco negativa.

— Pensamos em mandá-la a um programa de treinamento de duas semanas na Filadélfia durante o verão — disse o Dr. Farmer —, mas JoAnn acha sinceramente que seria uma perda de tempo e recursos do distrito escolar. E nessa era de cintos apertados... bem, tenho certeza de que você entende.

— Não se pode ensinar algo em que não se acredita — declarou JoAnn. — E claramente você não acredita na missão que lhe foi confiada.

Ruth estava espantada. Ela tinha vindo esperando uma repreensão, mas não uma emboscada.

— Estou sendo demitida? — ela perguntou, submissa.

JoAnn assentiu, mas o Diretor e o Superintendente imediatamente intervieram.

— Isso é ridículo — disse Venuti. — Ninguém está falando em demitir ninguém.

— Você tem estabilidade — apontou o Dr. Farmer. — Não poderíamos demiti-la, mesmo se quiséssemos.

— A menos que matasse alguém — disse Venuti, olhando para Ruth como se não descartasse essa possibilidade.

— Mesmo assim, não seria fácil — permitiu-se o Dr. Farmer com um sorrisinho burocrático. — Está sendo transferida, Ruth. Não é nada pessoal.

A confusão na cabeça de Ruth começou a se dissipar.

— Isso é um absurdo — ela falou. — Vou ao sindicato.

— É sua prerrogativa — garantiu o Dr. Farmer. — Mas nosso advogado nos disse que estamos no nosso direito. Não está sofrendo uma medida disciplinar. Só está sendo realocada de acordo com nossas necessidades. Temos permissão legal de fazer isso.

— Certo — disse Ruth. — Talvez tenham. Mas quem vai me substituir?

— A reunião do conselho escolar é na próxima terça — disse Venuti. — Eles vão votar uma permissão para que uma especialista qualificada ensine dentro de sua área de conhecimento sem passar pelo oneroso processo de conseguir uma certificação estadual.

— Uma especialista qualificada? — repetiu Ruth, virando-se para JoAnn.

A Consultora de Virgindade sorriu doce e fez um pequeno movimento com os ombros, como se dissesse, *Você ganha uma, você perde outra.*

— JoAnn está terminando o doutorado em Saúde Pública — contou Venuti. — Você só tem Mestrado em Educação.

— Nunca aprovaram uma dessas permissões antes — disse Ruth. — Não recusaram aquele editor de jornais aposentado que queria ensinar jornalismo?

— Isso foi há quatro anos — lembrou Venuti. — O conselho mudou muito nesse tempo. Acho difícil que JoAnn tenha algum problema.

— Tenho certeza de que não vai ter — concordou Ruth.

— Obrigado por ser uma boa esportista — disse o Dr. Farmer, com alívio evidente. — Tem alguma pergunta sobre tudo isso?

Ruth balançou a cabeça e se levantou, louca para ir embora dali. Estava quase saindo quando percebeu que tinha esquecido algo.

— Oh, esperem — ela falou. — Não me disseram para qual matéria fui transferida.

— Não estamos cem por cento certos ainda — respondeu Venuti. — Mas está parecendo que vai abrir uma vaga no Departamento de Matemática.

— Matemática? — ela não pôde evitar uma risada. — Não sei nada sobre Matemática.

— É a recuperação — garantiu o Dr. Farmer. — Estamos falando do básico.

— Acredite em mim — disse Venuti. — Essas crianças não são cientistas espaciais. Se souber somar dois e dois, já está bem.

O contingente dos Guardiões da Fé do Tabernáculo era de nove caras ao todo, muitos para caber na van de John Roper. Tim havia sido voluntário como segundo motorista, e Marty Matéria e Jonathan Kim eram seus passageiros. O cara novo,

Jay, deveria ser o quarto, mas o Pastor Dennis decidiu no último minuto que ele deveria ir na van.

Como sempre — era um eletricista que trabalhava horas absurdas para sustentar esposa e cinco filhos, e conhecido por sua capacidade de dormir quando e onde uma oportunidade se apresentasse, incluindo nos cultos de domingo —, Marty começou a roncar no banco de trás assim que Tim entrou na autoestrada. Jonathan estava no banco do passageiro, olhando para a frente e passando, nervoso, as mãos pelas calças. Na primeira meia hora da viagem, fez alguns comentários ocasionais, perguntando a Tim quantos irmãos tinha e se pensava em comprar uma TV *wide-screen* num futuro próximo. Mas depois desistiu, caindo num silêncio meditativo pontuado por alguns murmúrios de aprovação, como se estivesse concordando com seus próprios pensamentos.

De um ponto de vista puramente social, não havia como negar que o Odyssey de John era um carro bem mais desejável. Seguindo-o a uma distância respeitosa, Tim podia ver as silhuetas dos homens dentro; parecia

haver muita atividade ali - cabeças virando, petiscos sendo divididos, até mesmo estranhos cumprimentos. Devia haver música de louvor no toca-CD - o Pastor Dennis teria insistido — e uma boa quantidade de risadas também, já que Steve Zelchuk parecia não parar de falar no banco de trás. Um mímico talentoso com um grande repertório de piadas engraçadas e não sujas, Steve era considerado por todos o cara mais engraçado do Tabernáculo, não que existisse muita gente competindo pelo título.

Normalmente, Tim teria ficado desapontado ao ser relegado ao carro chato, mas nessa noite ele nem se importou. Era um alívio ter um pouco de tempo para si, uma chance de ouvir seu novo CD de Mavis Staples e deixar a mente viajar. As coisas teriam sido bem mais problemáticas se ele estivesse dentro da van com o Pastor Dennis e John Roper, já que nenhum dos dois conseguia conter sua animação com o jogo de futebol do dia seguinte.

Pelo que Tim podia entender, a coisa toda seria um circo. O Pastor tinha devotado uma boa quantidade de tempo nos dias anteriores para alertar a mídia — não só os jornais locais e regionais, mas estações de TV e rádio também — para o que ele falou que seria "uma batalha histórica na contínua guerra pelos corações e mentes de nossas crianças". Também alistou uma dúzia de voluntários do Tabernáculo para ficar na lateral do campo segurando placas com versículos da Bíblia impressos, pois achava que formariam um ótimo cenário se algum repórter da TV realmente aparecesse. Esses voluntários também poderiam se juntar ao círculo de oração no final do jogo, o que pareceu uma ideia excelente para John.

Não pareceu tão ótima para Tim, mas sua tentativa de explicar suas reservas no final da noite de Estudos da Bíblia na quarta não tinha sido muito boa. O Pastor Dennis não dava a mínima para o fato de que Bill Derzarian e a Associação de Futebol ficariam bravos ou que um monte de garotas e seus pais se sentiriam desconfortáveis, ou que Tim e John provavelmente nunca mais poderiam ser treinadores.

— Se as pessoas ficam bravas ao ouvir a verdade — disse ele —, que assim seja. Jesus nos mandou ir pelo mundo e pregar a boa-nova para toda a criação, não só para as pessoas que se sentem confortáveis com ela.

Pelo menos, os dois homens foram mais simpáticos ao medo de Tim de que, ao participar de outra oração depois do jogo, estaria violando seu

acordo de custódia e colocando em risco a relação com a filha.

— Isso é real — ele falou. — Recebi uma notificação.

— Isso é duro — concordou John. — Não sei o que faria se estivesse em seu lugar.

O Pastor Dennis colocou as mãos nos ombros de Tim e olhou direto em seus olhos por vários segundos, como se estivesse tentando fazer uma transfusão de coragem.

— Seja forte — ele disse. — Abençoado é o homem que confia no Senhor.

John assentiu solenemente.

— Você começou isso — ele lembrou Tim. — Vamos terminar juntos.

Eles colocaram os carros num estacionamento de dez dólares vários quarteirões distantes do Civic Center e entraram no desfile de homens cristãos que ia em direção à arena. Era a segunda conferência dos Guardiões da Fé, então ele não estava sendo pego desprevenido como no ano passado, mas ainda ficou bastante impressionado pelo espetáculo. Era desorientador, mas também estranhamente tocante, encontrar-se num lugar como aquele, olhar ao redor e só ver espíritos similares convergindo de todas as direções, gritando dos ônibus, vans de igrejas e táxis, apertando as mãos e se abraçando, chamando um ao outro com a voz feliz.

A maioria dos Guardiões da Fé era branca e a maior parte tinha em torno de trinta anos, mas havia muitas exceções — asiáticos, universitários com tufos de barba no queixo e costeletas, negros imponentes com a cabeça raspada, pais e filhos, grupos de ciclistas e até alguns homens de mais idade com bengalas. Não daria para juntar uma multidão como essa sem atrair alguns estranhos completos — Tim viu um hippie com dreadlocks numa roupa africana que chegava até o chão, e um cara forte com uma camisa de flanela parado na porta de entrada, tocando sem parar um chifre de carneiro; foi abordado por um pregador de rua com rosto magro que colocou um panfleto feio e mal impresso em sua mão, cuja capa dizia *Dez razões pelas quais Deus odeia as bichas (e nós deveríamos também)* —, mas o que espantou era como havia poucos desses. A maioria dos participantes da

conferência era de caras normais vestidos com calças cáqui ou jeans, suéter ou jaqueta de couro, tênis brancos ou sapatos marrons, cidadãos respeitáveis com empregos normais e alianças, talvez menos cabelo e mais barriga do que quando começaram, caras que pareciam se encaixar bem no Tabernáculo com Marty e Jonathan, Eddie e Jay, John, Tim, Bill, Steve e Dennis.

Eles pegaram seus braceletes oficiais na mesa de registro — de borracha roxa estilo Livestrong com o slogan da conferência (DESTEMIDO) impresso —, depois olharam as mercadorias à venda, passaram pelos estandes vendendo CDs, livros, camisetas (JESUS É DEMAIS) e canecas de lembrança ("Tem Deus?"), e em seguida olharam as mesinhas cheias de literatura promocional de faculdades, organizações de caridade, causas políticas e empresas cristãs. Examinando uma brochura de uma empresa chamada Calvary Homebuilders, Tim se lembrou da ponte que queimou no jogo de pôquer na noite anterior e se perguntou se seria possível acertar as coisas com George Dykstra. A parte boa é que ninguém parecia tê-lo relacionado com o vandalismo no Hummer de Billy; em qualquer caso, ninguém o acusara de nada. Ele entendia bem claramente que um cara correto pegaria o telefone e assumiria o que tinha feito, mas Tim já tinha muitos problemas na sua frente e nenhum estômago para tratar com um estúpido como Billy.

As barracas de comida estavam no corredor principal, e Tim entrou na fila com vários outros membros do grupo do Tabernáculo que não tiveram tempo de jantar. O cara novojay, virou para ele enquanto esperavam.

— Já tinha vindo a um desses?

— No ano passado — contou Tim. — E gostei.

Jay parecia um pouco cético.

— Muitos caras — ele disse. — Parece um bar gay.

Tim riu. Nunca tinha conversado com Jay, mas estava curioso desde o dia em que ele apareceu no culto de domingo depois de acertar um soco no Pastor Dennis. Tinha ouvido umas fofocas de que o Pastor estava começando a duvidar da força do compromisso de Jay com o Senhor e, por isso, gastava bastante energia tentando mantê-lo na linha.

— E um pouco estranho no começo — concordou Tim. — Mas vai se acostumar.

Quando se aproximavam do estande, Jay deu uma olhada irritada no cartaz grudado na parede acima dos barris de cerveja: NÃO VENDEMOS ÁLCOOL NESTE EVENTO.

— Isso é um saco — ele falou. — Uma geladinha viria bem.

Ruth fez o melhor que pôde para fazer uma cara feliz quando entrou no Bombay Palace. Ela não tinha contado a Randall — ou a mais ninguém — o que tinha acontecido naquela manhã na sala do Diretor e imaginou que a notícia demoraria alguns dias para se espalhar. No momento, só queria ter um jantar agradável com seus amigos e uns dois ou três drinques para ajudá-los a comemorar a boa notícia que queriam contar.

Além disso, agora que o choque tinha passado, ela não estava tão brava como esperava estar. Estava brava pela maneira como tinha sido tratada, mas também bastante aliviada por não ser mais a professora de Abstinência, não ter a função de defensora de uma política em que, como JoAnn tinha apontado corretamente, nunca havia acreditado. Recuperação de Matemática seria complicado, não estava se enganando, mas pelo menos não a faria se sentir suja, como se estivesse escondendo informações de seus alunos que poderiam fazer com que fossem mais felizes e mais saudáveis. E quem sabe? Talvez o programa da Escolhas Inteligentes desse errado e daqui a um ou dois anos Ruth voltaria, vingada, para ensinar a verdade honesta sobre a sexualidade humana aos alunos ignorantes de Stonewood Heights. Na sua mente, seria como num filme de Hollywood: Michelle Pfeiffer parada na frente de uma platéia de adolescentes honestos e bonitos, colocando uma camisinha num pepino enquanto uma música triunfante tocava ao fundo.

Ela cruzou o salão para se encontrar com Randall e Gregory, que estavam sentados lado a lado, de mãos dadas — algo que nunca tinha visto os dois fazendo em público —, e sussurrando com o tipo de expressões entusiasmadas que só se via no rosto de amantes novos ou em casais antigos que tinham acabado de passar por experiências próximas à morte. Assim que se sentou, Randall encheu o copo dela de cerveja e propôs um brinde.

— Para nossa boa amiga, Ruth, que salvou nossa relação.

— Saúde! — disse Gregory.

— Eu? — riu Ruth. — O que fiz?

— Lembra quando estávamos conversando na outra noite? — perguntou Randall. — Estava reclamando que Greg não queria me pedir em casamento e você perguntou por que eu não o pedia?

— Você me disse que era uma ideia estúpida.

— Ele reconsiderou — Gregory informou.

Ruth se virou para Randall, um sorriso por todo o rosto.

— É mesmo?

Randall corou.

— Tive muito tempo para pensar.

— Então, como foi? Você se ajoelhou e tudo o mais?

— Foi pelo telefone — admitiu Randall. — Não foi muito romântico.

— Não é verdade — disse Gregory. — Foi *muito* romântico. Pude sentir como foi difícil para ele fazer o pedido, quanta coragem precisou juntar. Mas foi uma solução perfeita. Tínhamos brigado tanto sobre minha recusa em pedi-lo que chegou a um ponto em que eu não poderia pedir, mesmo se quisesse. Uma parte era orgulho, acho, mas também porque parecia que eu estava fazendo só porque ele queria e não porque quisesse também. Sabe do que estou falando?

— Mais ou menos — disse Ruth. — O importante é que estou entusiasmada por vocês. Parabéns.

Eles brindaram de novo. O casal feliz trocou um olhar.

— Mas não é por isso que a convidamos para vir aqui — disse Randall.

— Até parece.

— É sério — insistiu Gregory. — Pedimos para você vir aqui para saber se estará livre no dia 19 de agosto.

— Acho que sim — Ruth deu de ombros. — Provavelmente.

— É melhor estar — Randall falou para ela. — Porque queremos que você seja nossa madrinha no casamento.

— Casamento? Quer dizer uma cerimônia de compromisso?

— Não — disse Gregory. — Nosso casamento. Reservamos um pequeno hotel em Berkshires. E uma cerimônia legal, endossada pelo estado de Massachusetts.

— Mas não são moradores do estado. E eles não permitem...

— Não seremos de fora — Randall a informou. — Vamos nos mudar para Cambridge. Ou algum outro lugar perto. Dan e Jerry disseram que vão nos ajudar a encontrar um lugar legal para morar.

— Estão falando sério?

Os dois assentiram.

— Quando isso vai acontecer?

— O mais rápido possível — contou Gregory. — Não há por que esperar.

— Eu... não entendo — Ruth ainda estava sorrindo, mas sua voz não concordava com seu rosto. — Isso é tão... repentino. Nem sabia que estavam pensando em se mudar.

— É repentino para nós, também — concordou Randall. — Mas sabemos que é o correto.

— Depois de ficarmos noivos — explicou Gregory —, parece o mais óbvio. Você fica noivo para se casar. E, por enquanto, esse é o único lugar onde podemos fazer isso.

— Além do mais — acrescentou Randall —, estamos um pouco cansados de Stonewood Heights. Precisamos de algo mais animado em nossas vidas.

Ruth pôs os dedos ao redor do copo de cerveja, mas não conseguiu levantá-lo.

— E eu? — ela perguntou, numa voz baixa e triste. — O que devo fazer?

Não era como se esperasse que dissessem *Venha com a gente, venha viver conosco em Cambridge*, mas ela teria apreciado algo mais do que o olhar vazio e perdido que estavam dirigindo a ela. Eram seus melhores amigos, deveriam ter entendido como ela se sentiria. Mas a verdade era que a própria Ruth não sabia como se sentia até enterrar a cara em seus braços e se ouvir chorar como uma menina perdida.

Tim nunca tinha visto o Grateful Dead tocar no Civic Center Auditorium — eles preferiam os lugares abertos na região —, mas tinha visto alguns shows ali nos seus dias de juventude, incluindo do .38 Special, The English Beat e algumas formações diferentes do Allman Brothers. De alguma forma — pelo menos tirando a nuvem de maconha que costumava sobrevoar esses eventos/ —, parecia muito familiar estar sentado ali nas cadeiras baratas com seus amigos, olhando para os pequenos músicos tocando no palco, tudo a ver com o resto de sua vida. Ele se perguntou quantos outros Guardiões da Fé podiam dizer a mesma coisa, quantos deles tinham jogado bolas de praia para o alto enquanto esperavam o Supertramp entrar no palco ou passarem garotas bêbadas por cima da cabeça enquanto o Little Feat tocava o terceiro bis.

Depois de quatro músicas, a banda dos Guardiões da Fé deixou o palco para o mestre de cerimônias, Irmão Biggs — Tim se lembrava dele do ano passado —, um negro forte, com um charme travesso e uma voz retumbante. Ele animou a multidão com as típicas perguntas de estádio, fazendo com que a parte de baixo disputasse com o mezanino, o lado esquerdo contra o direito.

- Quem ama Jesus?
- NÓS AMAMOS!
- Quem odeia o pecado?
- NÓS ODIAMOS!
- Quem nós amamos?
- JESUS!

– O que odiámos?

– PECADO.

– Muito bem — o Irmão Biggs sorriu, seu rosto enorme nos telões montados de todos os lados do palco. — Eu sei que todos receberam um bracelete quando entraram aqui esta noite, certo? E uma coisa legal, não acham? Nunca digam que não estamos tomando conta de vocês. Não sei se notaram, mas há uma palavra impressa nesse bracelete e é nosso slogan da noite. Por que não me dizem o que está escrito?

– Destemido — a multidão respondeu, mas a resposta parecia hesitante e desorganizada, apesar de a palavra estar piscando nos telões.

– Oh, meu Deus — falou o Irmão Biggs com um sorriso desapontado. — Não quero insultar ninguém, mas isso foi meio maricas. Achei que todos eram cristãos com sangue nas veias, mas parecem mais uma tropa de bandeirantes ou algo assim. Então, vou perguntar de novo. Qual é o slogan da noite?

– DESTEMIDO!

O Irmão Biggs limpou a testa com um lenço e soltou um suspiro de alívio.

– Isso é muito melhor. Vocês me deixaram preocupados por um minuto. Achei que tinha entrado no evento errado. Não tenho nada contra bandeirantes, mas vocês não são nada bonitos para usar aqueles vestidinhos.

O Irmão Biggs andou pela beirada do palco. Nos telões, seu rosto ficou sério.

– Sei que todos vieram aqui para se divertir esta noite, uma celebração de nosso amor por Jesus Cristo. Louvar e se sentir parte de uma comunidade de milhares de cristãos. Confiem em mim, amigos, vamos ter essa experiência. Mas primeiro devemos trabalhar um pouco no confronto de nossos medos. Oh, sei que isso não parece muito divertido, mas faz sentido quando pensarem nisso. Porque não se consegue sentir verdadeira alegria quando sentimos medo, não é

mesmo? E preciso domar o medo. E é isso que significa *destemido*. Significa que se pode sentir medo, mas não fugir. Você continua caminhando direto para aquele medo. Porque o Senhor está logo ali, Ele caminha com você. Digam amém.

A multidão obedeceu.

— Então, como eu falei, temos um grande evento planejado para vocês. Mas, antes de começarmos, quero lhes dar uma missão para esta noite. Três tarefas simples. Nem duas, nem quatro. Três. Vou descrevê-las rimando, assim é mais fácil de lembrar. A primeira coisa que vamos fazer é *encarar* nosso medo. Aí — e essa é a parte mais difícil — vamos *abraçar* nosso medo. E depois disso, com a ajuda de Jesus, vamos *apagar* nosso medo. Entenderam? *Encarar, Abraçar, Apagar*. Por que não repetem comigo? O que vamos fazer primeiro?

— ENCARAR!

— Isso mesmo! E o que vem depois?

— ABRAÇAR!

— E aí?

— APAGAR!

— Excelente — disse o Irmão Biggs. — Vocês estão começando a pegar a coisa. Parece que há um monte de cristãos fortes na casa! Agora, que a festa comeceeeeeeece!

No meio do discurso — "Otimizando Jesus: sete maneiras de colocar sua fé para trabalhar no local de trabalho" — Tim se levantou para ir ao banheiro. Não era uma emergência, mas tinha se passado meia hora de palestra, e o ex-CEO corporativo e atual orador motivacional cristão, Bob Mallot, só apresentara três das sete maneiras, e Tim estava começando a ficar impaciente.

Ele ganhou uns minutos no banheiro, jogando água gelada no rosto e friccionando as mãos embaixo da secadora automática por mais tempo do que seria necessário. Quando finalmente saiu, não ficou completamente surpreso por encontrar Jay esperando por ele no corredor, com uma bandejinha de nachos na mão. Durante toda a noite, Tim havia sentido o

cara novo olhando para ele, fazendo caretas e geralmente tentando conquistar sua atenção, embora o Pastor Dennis e o Pastor da Juventude, Eddie, estivessem sentados entre os dois.

– Aí está você — disse Jay, num tom estranhamente acusador. — Achei que tinha me abandonado.

Tim ficou espantado com essas palavras. Como poderia abandonar alguém se não tinham nem vindo no mesmo carro?

– Só estava usando o banheiro — falou.

Jay assentiu, mas não parecia totalmente convencido. Aproximou-se de Tim, falando baixo:

– Está gostando disso?

– Está bom. Quer dizer, não é a noite mais divertida da minha vida.

Jay fez um barulho baixo e incrédulo:

– Preferia enfiar um prego na cabeça a ouvir essa merda.

– Foi melhor no ano passado — garantiu Tim. — Trouxeram um comediante.

Jay ofereceu uns nachos. Tim não aceitou.

– Vamos lá, não seja tímido. Pegue um com queijo.

– Está bem. Obrigado.

Tim escolheu um bem recheado com uma fatia de jalapeno. Jay ficou olhando enquanto ele comia, com um interesse que beirava a grosseria.

– Que foi? — perguntou Tim.

– Nada — Jay levantou os ombros, misterioso. Tinha um rosto infantil, mas havia uma sagacidade nos seus olhos que Tim não havia percebido antes. — Só estou feliz por termos finalmente uma possibilidade de conversar.

– Eu também — falou Tim, apesar de estar começando a se sentir um pouco desconfortável.

Jay olhou para os dois lados. Havia um bom número de caras andando pelo corredor, mas nenhum deles do Tabernáculo.

– Pelo que ouvi — ele disse —, temos algumas coisas em comum. Sabe, problemas no passado. Brigas e coisas assim.

– E possível — concordou Tim. — Tive meus problemas.

Jay abaixou a cabeça.

– Não é fácil — ele falou.

– Nem me fale.

– Quero ser bom, não me entenda mal — Jay olhou para ele. — Mas é chato pra caralho.

– Isso pode ser um problema — concordou Tim.

Jay coçou o queixo com a ponta do polegar.

– Tudo o que sei é que fico feliz por não estar dirigindo esta noite. Porque tem um ótimo clube de strip-tease a poucos quilômetros daqui e se eu estivesse de carro...

Jay sentiu o olhar alarmado de Tim e se calou. John Roper tinha acabado de aparecer na rampa de saída e vinha direto para eles.

– Ei, caras — ele falou, numa voz de alegria falsa. — O que estão fazendo?

Tim apertou os lábios, Jay murmurou algo indecifrável.

– Vocês desapareceram por muito tempo — falou John. — O Pastor estava ficando preocupado.

– Estamos bem — garantiu Tim.

– Só conversando — acrescentou Jay—, nos conhecendo um pouco.

– Isso é ótimo — respondeu John. — Não quis me intrometer.

— Sem problema — falou Tim. — Estávamos quase voltando.

Ruth não chorou por muito tempo, mas os dois se sentiram muito mal.

— Desculpe, de verdade — disse Gregory. — Deveríamos ter sido mais cuidadosos.

Randall concordou.

— Ficamos tão animados com as boas notícias que não pensamos como isso a afetaria.

— Não é culpa de vocês — Ruth contou. — Realmente não sei por que fiquei tão chateada. Acho que fui pega desprevenida.

Randall esticou a mão por cima da mesa e segurou a dela.

— Sei que foi um ano duro. As coisas vão melhorar.

— Não vejo como — ela falou. — Meu emprego é uma merda, minhas filhas têm vergonha de mim, não tenho namorado e meus melhores amigos estão se mudando da cidade.

— Você pode nos visitar quando quiser — Gregory falou. — Não é tão longe.

— Obrigada — Ruth forçou um sorriso. — Estou realmente feliz por vocês. Sei que terão um casamento lindo e estou honrada por fazer parte dele.

Os rapazes garantiram que ela precisava participar, não aceitariam uma resposta negativa. Ruth assoou o nariz num lenço.

— Ei, espere um minuto — disse Gregory. — O que aconteceu com seu grande encontro na outra noite? Ninguém me contou.

Ruth balançou a cabeça.

— Foi um desastre. Paul é um cara legal, mas não temos nada em comum.

— Que droga — falou Gregory. — Ele parecia promissor.

– Você vai encontrar alguém — disse Randall. — Está na hora de tentar um desses serviços de encontros pela internet.

– Já fiz isso — Ruth o lembrou. — E uma perda de tempo. Havia somente velhos de setenta anos que não queriam mulheres com mais de quarenta.

– Dessa vez vamos fazer melhor — contou Gregory.

– Vamos arrumá-la e tirar umas fotos sexy. Sabe, boa luz, ângulos que a favoreçam. Depois vamos juntar nossas ideias e escrever um perfil novo. E sabe o quê? Se quiser dizer que tem trinta e quatro, acho que todo mundo vai acreditar.

Ruth tentou sorrir, mas isso só a deixou mais cansada.

– Tanto faz — ela falou. — Nem ligo mais.

– Não custa nada tentar — Randall a lembrou.

– Para quê? Não há muitos caras decentes por aí. Gregory passou os dedos pelo rosto de Randall e olhou para Ruth.

– Querida — ele falou. — Só é preciso um.

– Além disso, não é que seu telefone não esteja tocando

– Randall se virou para Gregory. — Um cara casado ligou bêbado para ela às onze da noite. Queria passar e conversar.

– O treinador de futebol da minha filha.

– O cara cristão? — perguntou Gregory. — O que fez as garotas rezarem?

– E, esse mesmo.

Os olhos de Gregory se abriram interessados.

– Ele é bonito?

– Que diferença isso faz? — perguntou Ruth. — Ele é um cristão casado e bêbado.

Randall pensou por um momento.

— Ninguém é perfeito — acabou falando.

Depois da palestra, houve uma rápida e enigmática peça de teatro sobre dois super-heróis vestidos com roupas colantes e capas que se encontram na sala de espera de um psiquiatra. Jetman costumava conseguir voar, mas tinha começado a sentir um terrível medo de altura ("Olhei para baixo um dia e não parecia ser mais seguro lá em cima no céu, como antes"); o Sr. Asbesto, famoso por sua capacidade de caminhar pelas chamas, tinha desenvolvido uma súbita aversão ao fogo ("Aquela coisa é quente!", contou para o Jetman, tentando espantar as lembranças com a mão). Depois de dividir suas histórias tristes, eles começaram a folhear as revistas e olhar impacientes para seus relógios.

— Que horas são? — perguntou o Jetman.

— Uma e meia — disse o Sr. Asbesto.

— E estranho — respondeu o Jetman. — Minha consulta era à uma.

— Não pode ser — falou o Sr. Asbesto. — *Minha* consulta era à uma.

Espantados pela coincidência, eles procuram a recepcionista, mas não há nenhuma. Finalmente, decidem tomar uma atitude drástica e bater na porta do psiquiatra, na qual está pendurada uma enorme placa de NÃO PERTURBE. Como não há resposta, eles abrem a porta e entram no consultório, para voltar segundos depois, mais espantados do que antes.

— A sala está completamente vazia — disse o Sr. Asbesto, coçando a cabeça.

— Sabe o que isso significa? — perguntou Jetman com uma voz sombria.

— Sei — disse um Sr. Asbesto amedrontado. — Significa que estamos sozinhos.

A luz ficou um pouco sobre os tristes super-heróis, depois se apagou. Momentos depois, as luzes do palco se acenderam para revelar que a banda tinha voltado. Estavam tocando uma progressão de acordes simples, a música doce e reconfortante. Só que quando Tim esperava que o cantor

começasse alguma música, o Irmão Biggs entrou no palco. Seu ar de vangloria tinha desaparecido; ele parecia estranhamente solene.

— Preciso falar algo, caras. Jetman e o Sr. Asbesto poderiam se sentir sozinhos com seus medos, mas nós não estamos. Temos alguém cuidando de nós, alguém muito mais poderoso que qualquer super-herói. E é por isso que cada um de nós pode caminhar pelo vale das sombras da morte e não temer o mal. Porque Ele está conosco! Posso senti-Lo aqui esta noite!

"Há pouco tempo, falei sobre nossa missão. Antes de conseguirmos ser verdadeiros homens destemidos de Deus, precisamos lidar com nossos medos. E é o que vamos fazer agora. Se abrirem seus programas na página oito, verão um cartão em branco. Quero que o destaquem."

Tim destacou seu cartão. Estava em branco a não ser por uma única frase impressa no alto — MEU MAIOR MEDO É:

— Agora, rapazes — continuou o Irmão Biggs —, o que eu preciso é que sejam completamente honestos. Não escrevam coisas estúpidas, tipo *Tenho medo de que o mundo fique sem sorvete*. Realmente precisamos que olhem em seu coração e encarem seus medos. Alguns de vocês têm problemas de trabalho e alguns com suas esposas, ou talvez os filhos. E muitos — oh, sei, porque conheço vocês, rapazes, são meus irmãos — alguns têm apetites e vícios dos quais estão tentando se livrar para ser o tipo de homem que Deus quer que sejam. E, por falar nisso, não me digam que não podem preencher o cartão porque não trouxeram nenhuma caneta. Temos voluntários espalhados pelo auditório neste exato momento e eles têm canetas para todos os que precisarem.

Era verdade. Havia caras com coletes verdes subindo e descendo as escadas, com canetas nas mãos. Bill Spooner pegou algumas e as distribuiu pelo corredor.

Depois que os Guardiões da Fé preencheram seus cartões, o Irmão Biggs os convidou para descer até a área do palco que chamou de Apresentação dos Medos.

— Venham agora, vamos fazer isso juntos. Já encararam e abraçaram só ao olhar dentro de si e escrever o que viram ali. Agora

devemos dar esse último passo. Precisamos esquecer esses medos, entregando-os a Deus.

A procissão começou. Os homens se aproximaram lenta e individualmente, levantando-se de suas cadeiras e caminhando até o palco.

— Certo — disse o Irmão Biggs. — É um começo. Sei que não é fácil ser o pioneiro. Mas estamos com Jesus. Nada nos amedronta.

Havia um grande espaço vazio na frente do palco. Depois que o primeiro grupo de voluntários chegou ali, eles levantaram as mãos, jogando os cartões dentro de urnas de plástico com as palavras RECEPÇÃO DO MEDO pintadas nelas.

— É isso mesmo, rapazes. Coloquem esses cartões nas urnas. Entreguem esses medos a Deus! Ele pode resolver qualquer problema!

A banda ficou repetindo os mesmos acordes sonhadores por vários minutos, mas a música de repente ficou mais alta. O cantor entrou numa *power* balada estilo anos oitenta, com um refrão estimulante:

Fear not!
The day is breaking.
Fear not!
Stop your shaking.
Fear not!
The Lord is with us and we've got nothing to fear. {6}

— Venha se juntar a nós! — o Irmão Biggs falou durante a parte instrumental. — Vamos mostrar ao mundo o que significa ser destemido!

O Pastor Dennis se levantou primeiro, e o resto dos caras do Tabernáculo o seguiu, pelo corredor e pela escada, que começava a ficar congestionada.

— Tomem coragem — falava o Irmão Biggs para eles. — Lembrem-se do que Jesus disse: "Não tenham medo, porque estou com vocês!".

Em todo o auditório, mais homens estavam deixando seus assentos e seguindo a procissão. Tim foi pego num engarrafamento perto da entrada do andar quando um monte de confetes de repente caiu do teto sobre o palco.

— Sabem o que é isso? — disse o Irmão Biggs. — São os cartões que pegamos na semana passada em Baltimore! Pegamos esses medos e transformamos em algo divertido! E na próxima semana, seus cartões vão cair sobre os bons homens de Albany!

Quando chegou bem na ponta do palco, Tim estava com as mãos para cima; estava com seu cartão e acompanhava a música com a banda.

— Não tema! O dia está chegando...

Ele parou por um momento, permitindo que seus companheiros passassem. Estava um caos ali, confetes e luzes brilhantes, uma infinidade de corpos indo e vindo, tão apertado quanto o metrô na hora do rush. Ao redor dele, havia caras chorando e se ajoelhando. Tim viu Bill Spooner e Steve Zelchuk largarem seus medos — Bill chorava, e Steve levantava o punho no ar — antes de jogarem seus cartões no lixo.

— Sabe o quê? — gritou o Irmão Biggs. — Quero que se virem para o cara ao seu lado e digam: *Não tenho mais medo!*

Tim não tinha achado fácil escrever sobre seu medo, em parte porque tinha muitos. Pensou em Abby primeiro, e como ele poderia nunca conhecê-la do jeito que queria, e depois em Carrie, porque sabia o quanto a havia machucado. Pensou no jogo de futebol de amanhã e no quanto queria beber. Mas quando colocou a caneta no papel, era no Pastor Dennis que estava pensando e em John Roper, e em todos os caras que tinham vindo com ele, caras com quem tinha louvado e rezado nos últimos três anos. Caras que o tinham aceitado apesar de todos os seus erros e que o haviam ajudado a se levantar. Estavam ao lado dele agora nessa chuva de confetes, se abraçando e dizendo que não tinham mais medo. E Tim estava parado aturdido ao lado da lata de lixo, um cartão branco tremendo nas mãos.

"MEU MAIOR MEDO É não ser mais parte disso".

Limpando pedaços de papel dos ombros, Tim saiu pela porta e respirou o ar fresco da noite. Até onde tinha visto, ninguém o havia seguido. Sentiu os olhos do Pastor Dennis enquanto se demorava ao lado da urna, incapaz de soltar seu cartão, mas se aproveitou da confusão causada por outra queda de confetes para sair de perto do palco e do auditório.

Não estava sozinho ali. Havia quase uma dúzia de Guardiões da Fé na praça, ao redor do Civic Center. Alguns eram fumantes que tinham saído

para um cigarro, mas a maioria parecia estar com algum tipo de perturbação espiritual, murmurando sozinhos ou olhando incertos para seus celulares, evitando ao máximo fazer contato visual com outros.

Com a cabeça baixa, Tim cruzou a praça, parando ao lado do ponto de táxi para tirar seu bracelete roxo. Deu um rápido olhar temeroso por cima do ombro — não tinha certeza por quê, não estava fazendo nada errado — antes de jogá-lo na lata de lixo.

Cruzou a Fountain Boulevard e caminhou pela rua lateral, andando rápido como se estivesse atrasado para um compromisso. Quando se aproximava do estacionamento, pensou repentinamente como seria inconveniente deixar os caras ali. Havia oito e, na van de John, só cabiam sete, o que significava que alguém teria de ir no colo do outro. Seria uma longa e desconfortável viagem para casa.

Por um ou dois segundos, Tim sentiu-se tão mal por isso que considerou voltar, mas não conseguiu. O Civic Center parecia muito distante, e seu carro estava bem ali na esquina. Mesmo assim, o pensamento de todos aqueles caras — todos seus *amigos* — apertados no Odyssey, a grande noite deles arruinada pelo egoísmo de Tim, estava tão vivido em sua mente e era tão perturbador que ele acabou se sentindo aliviado ao entrar no estacionamento, ao encontrar Jay encostado no porta-malas de seu Saturn, os braços cruzados, impaciente.

– Droga — ele falou. — Você realmente demorou.

– Um pouco mais? — perguntou Randall.

– Por que não? — respondeu Ruth. — Não sou eu que vou dirigir.

Para compensar seu comportamento pouco festivo no restaurante, Ruth tinha comprado uma garrafa de champanhe no Liquor Mart e convidado os rapazes para sua casa, para continuarem a celebrar. Eles aceitaram felizes e até compraram uma segunda garrafa, com a desculpa de que "nunca se sabe quando se pode precisar de uma". Era essa garrafa que Randall estava usando para encher as taças de Ruth e de Gregory.

– Melhor ter cuidado — Gregory avisou o noivo. — Nós vamos dirigir.

— Não necessariamente — disse Randall, olhando para Ruth com sorriso cheio de boa vontade etílica. — Adoro dormir no sofá da Ruth.

— À vontade — ela garantiu. — Você é sempre bem-vindo.

— Eu sei — ele falou, depois virou-se para Gregory. — Mas eu realmente gostaria de dormir na minha própria cama esta noite.

— Se quiser fazer mais do que dormir — disse Gregory —, é melhor não beber tanto.

— Não importa — disse Randall. — Sexo bêbado hoje ou sexo com ressaca de manhã. Os dois são bons.

— Ah, sim — riu Gregory. — Nada é melhor do que sexo com ressaca. Exceto, talvez, sexo gripado. Esse é perfeito.

— Acredite se quiser — disse Randall. — Eu tenho a tendência a ficar com tesão quando estou doente.

Gregory assentiu.

— Ele teve uma infecção na garganta no ano passado e ficava pedindo uma chupada toda vez que eu media sua temperatura.

— Estão vendo? — disse Ruth. — E por isso que vou ficar perdida sem vocês. Achem que vou ouvir histórias assim de Donna DiNardo?

— Ah, a maravilhosa Donna — disse Randall. — Vou sentir saudades.

— Ah, bom — disse Ruth. — Assim que encontrar um novo emprego, vai conhecer vários personagens novos.

— Randall não vai procurar outro emprego — disse Gregory. — Pelo menos não por algum tempo.

— E mesmo? — disse Ruth.

— Vou começar um negócio via eBay em casa — contou Randall. — Já é quase um emprego de meio período.

— Além disso — lembrou Gregory —, alguém precisa ficar em casa com a criança.

Ruth riu, mas parou quando percebeu que Gregory não estava brincando.

— Ou crianças — acrescentou Randall. — Pensamos que dois é um número redondo.

— Estão falando sério? — ela perguntou. Durante todo o tempo que conviveu com eles, nunca tinham expressado a menor inclinação para criar crianças.

— Mais ou menos — disse Gregory. — Nesse momento, ainda estamos pensando em voz alta. Mas depois que alguém se casa parece que faz sentido ter filhos, não acha?

— Definitivamente é algo que vale a pena considerar — disse Ruth. — Acho que vocês dois seriam ótimos pais.

Eles concordaram que queriam uma menina mais velha e um menino mais novo, não que sempre fosse possível escolher. Randall gostava dos nomes Fiona e Jake, enquanto Gregory preferia Isabelle e Liam. Tinham considerado outras possibilidades — Mary e Luke, Nina e Josh, Madeline e Ernesto — quando a campainha tocou. Os três se olharam espantados.

— Está esperando alguém? — perguntou Randall.

— Não — disse Ruth, levantando-se hesitante da cadeira.

— Talvez seja o cara que ligou bêbado — sugeriu Gregory.

— Talvez o celular esteja quebrado.

— Não pode ser — disse Ruth, caminhando pelo corredor. — Não dá para aparecer na porta de alguém a essa hora da noite.

— Deixe-o entrar — disse Randall. — Queremos conhecê-lo.

— Não é ele — insistiu Ruth.

Mas era. Ela sabia disso antes de colocar a mão na maçaneta, antes de abrir a porta e vê-lo parado bem ali, as mãos grandes enfiadas nos bolsos da jaqueta jeans e um olhar de súplica. As únicas coisas que não podia prever eram o confete no cabelo dele e sua própria incapacidade de falar.

Bom dia

Ruth normalmente dormia nua nas noites de sexta, mas não pareceu correto fazer isso com Tim no sofá da sala. Seu conjunto de camiseta larga e shorts parecia tão desalinhado sob essas circunstâncias, que procurou na gaveta de roupas íntimas e tirou uma camisola preta de cetim com um decote cavado que Frank costumava gostar. Estava cheirando levemente a mofo quando ela vestiu — fazia tempo que não tomava ar —, mas era o melhor que podia fazer nessas condições. Pelo menos, não estaria em muita desvantagem se Tim decidisse bater na porta de seu quarto no meio da noite, não que parecesse haver algum perigo de isso acontecer.

Ela ainda não tinha se recuperado completamente do choque de vê-lo ali na porta, a súbita força e clareza de seus próprios sentimentos. Parecia que tinha olhado para ele durante um minuto inteiro antes de recuperar a fala.

— O que está fazendo aqui?

Os olhos dele foram atraídos, como se puxados por uma força magnética, para a taça de champanhe na mão de Ruth.

— Você me falou para voltar quando estivesse sóbrio.

— Já é tarde — ela disse. — Tenho visitas.

Ele fechou os olhos, como se precisasse de um momento para absorver essa informação.

— Quer que eu vá embora?

Ruth fingiu pensar, mas já sabia a resposta. Tinha passado os últimos três dias lamentando a decisão de não convidá-lo na terça à noite — não era possível, não com as garotas no andar de cima e Randall chorando na cozinha —, e ela não queria repetir o erro.

— Entre, por favor — ela falou.

Para sua surpresa, Tim se deu muito bem com Randall e Gregory. Ele os parabenizou pelo noivado e não disse ou fez nada que sugerisse desaprovar o relacionamento ou que sentia qualquer incômodo na companhia deles. O único momento estranho foi quando ela precisou intervir para evitar que Randall servisse uma taça de champanhe a Tim.

– Não — ela falou, um pouco mais dura do que pretendia. — Não faça isso.

– Mas estamos comemorando — protestou Randall.

– Ele não deve beber.

Tim não pareceu muito feliz com isso, mas não a contradisse.

– As vezes, eu esqueço — ele falou para Randall.

– Sabe o quê? — Gregory levantou da cadeira, dando um olhar significativo para seu companheiro. — Acho que é hora de irmos.

– Não, não — Tim falou. — Não vão embora por minha causa.

– Nada a ver — Gregory garantiu. — Já é muito tarde para nós.

Ruth tinha certeza de que ele tentaria seduzi-la assim que estivessem sozinhos — e estava bastante a favor da ideia —, mas tudo o que ele pediu foi se podia dormir em seu sofá.

– Odeio atrapalhar — ele falou. — Mas não tinha outro lugar para ir.

– E sua esposa?

Ele balançou a cabeça, como se isso não fosse mais uma opção.

– Vocês brigaram?

Seu celular começou a tocar antes que pudesse responder. Ele o tirou do bolso e fez uma careta ao ver o número na tela.

– Vamos lá — murmurou. — Deixe-me em paz.

– Algo errado?

Ele enfiou o telefone de volta no bolso e tentou sorrir.

— Minha vida está um caos.

Ela queria perguntar por que tinha confete no cabelo, mas ele não parecia estar no clima para conversas.

— Vou pegar um lençol — ela disse. — Há uma escova de dentes extra no armário.

Ruth tentou ler na cama, mas não conseguiu. Estava muito ocupada ouvindo através da porta não totalmente fechada, tentando descobrir o que Tim estava fazendo na sala, perguntando-se se estava nu, se estava pensando nela como ela pensava nele. Largou o livro, apagou o abajur e deslizou a mão para o meio de suas pernas, mas seu coração não estava para isso.

Ajude-me, ela pensou. Estou aqui em cima.

Não tinha certeza de por que não desceu e o beijou. Afinal, não tinha sido esse conselho que havia dado a Randall? Parar de esperar e resolver as coisas ela mesma? Além disso, Tim não tinha feito a maior parte do trabalho simplesmente aparecendo na casa dela? Talvez agora fosse a vez dela.

Mas não conseguia. Não só porque ele ainda estava casado — mesmo se o casamento estivesse por um fio — ou porque parecia estar passando por uma crise maior que envolvia uma recaída com álcool e drogas. E nem porque ela ainda estava brava com o problema que tinha causado com suas orações nos jogos de futebol. Era principalmente porque estava com medo — medo de que dissesse não, e medo de como se sentiria se ele a rejeitasse.

Depois de se virar pelo que pareceram horas, finalmente deve ter pegado no sono. Só percebeu isso porque estava consciente, algum tempo mais tarde, ao acordar assustada pelo barulho de uma porta se abrindo.

— Ruth? — ele sussurrou. — Está dormindo?

— Não — ela falou. — Agora não estou mais.

Tim estava parado embaixo do batente, iluminado por trás pela luz do corredor, sua silhueta compacta, estranhamente familiar, profundamente excitante.

— Odeio fazer isso — ele pediu —, mas posso usar seu computador?

Ele se sentia um pouco estranho, navegando pela caixa de entrada de Ruth às duas da manhã, mas não tinha escolha. De qualquer forma, não demorou muito para encontrar o que estava procurando, um lembrete que havia mandado ao time na terça de manhã — "Re: Mudança no treino dessa semana". Ele apertou Reply Ali, apagou a antiga linha de assunto e digitou uma nova: "IMPORTANTE MENSAGEM DO TREINADOR TIM".

Queridas Stars, *escreveu*, infelizmente tenho de informá-las que, devido a uma situação pessoal inevitável, não estarei com vocês no jogo de amanhã contra o Green Valley. O treinador assistente John Roper será o responsável na minha ausência.

Ele tinha orado muito antes de tomar essa decisão, que ia contra seus mais profundos princípios e desejos. Mas uma sensação de certeza tomou conta de Tim quando releu as palavras na tela, uma clareza espiritual que não tinha experimentado havia muito tempo, como se Jesus estivesse olhando por cima de seu ombro, aprovando.

Não deixou de ver a ironia da situação. Apenas algumas horas antes, no estacionamento de um "clube masculino" chamado Eyeballs, Tim havia se sentido travado, lutando para responder às afirmações de Jay de que fora enganado pelo Pastor Dennis.

— Quer dizer, não me entenda mal — ele disse. — Senti algo naquela primeira noite, quando o Pastor rezou comigo no estacionamento. Não estou negando que estava fodido na época, mas juro para você, e pensei muito nisso, senti como se estivesse envolvido por uma linda nuvem de amor e, sabe, perdão. E o Pastor me disse que esse sentimento era Jesus. E acreditei nele — Jay continuou com um tom amargo. — Aceitei Jesus e falei a todo mundo que sabia que havia me transformado em outra pessoa. Livrei-me da pornografia, parei de beber e tentei parar de falar *porra* o tempo todo. Mas sabe o quê? Essa sensação nunca voltou. Nem uma vez. Não a senti na igreja, ou nos Estudos da Bíblia e definitivamente não senti esta noite naquela porra de *evento*, nem sei o nome daquilo. Estava sentado ali, olhando ao redor e percebi: aquela sensação não era Jesus, era somente *eu*, desejando algo melhor.

– Não há nada errado com isso — Tim disse.

– Pode ser que não — concordou Jay. — Mas isso não vai salvar ninguém.

– Só se passaram algumas semanas. Precisa ter um pouco mais de paciência.

Jay se virou para Tim com uma expressão que parecia temerosa e desafiadora ao mesmo tempo. Estavam parados na faixa dos bombeiros, bem perto da entrada do clube.

– Acha que estou cometendo um erro?

– Eu... eu não sei — respondeu Tim. — Também estou confuso.

Jay abriu a porta do passageiro, mas não saiu.

– Tem certeza de que não quer vir? Eles têm uma brasileira que juro...

– Melhor não.

Relutante, Jay desceu do carro. Em vez de entrar no clube, entretanto, ele ficou ali, olhando para Tim, quase implorando, como se quisesse ser convencido a não fazer aquilo. Mas a escolha era dele, e Tim não podia fazer nada.

– A gente se vê — disse.

Tim pegou a autoestrada e foi direto para casa, tentando ganhar coragem para o que seria outra conversa dolorosa com Carrie. Ele foi até o estacionamento do apartamento antes de perder a coragem e terminar ali na casa de Ruth.

Garotas, sabem o quanto amo nosso time, e que privilégio foi para mim ser o treinador de vocês nessa temporada. Então provavelmente não preciso dizer o quanto fico triste por perder o jogo amanhã.

A conversa com Jay ainda estava ecoando em sua mente quando ele se ajoelhou na sala de Ruth. Honestamente não sabia se estava orando por hábito ou desespero, ou porque realmente esperava se comunicar com Deus. Não ajudava em nada o fato de não ter ideia de *para que* estava orando.

Seus problemas estavam todos misturados num único nó e ele não conseguia perceber por onde começar. Para piorar, o celular continuava distraíndo-o — o Pastor Dennis e John Roper ficavam ligando a cada cinco minutos, tentando localizá-lo —, e por saber que Ruth estava no andar de cima, sem mencionar o pensamento recorrente de que provavelmente havia bebida na casa e de que não seria preciso procurar muito para encontrar.

Estava a ponto de jogar a toalha e tentar dormir um pouco — estava se sentindo assim desde que começou a orar — quando uma voz soou em sua cabeça, bem mais alta e clara do que o confuso murmúrio de seus próprios pensamentos.

"NÃO VÁ" falou a voz.

Ele entendeu o sentido disso e não gostou. Não podia perder o jogo. Não seria justo com as garotas.

"É A ÚNICA FORMA."

E era. Ele sabia disso há muito tempo, mas não tinha sido capaz de admitir.

Peço desculpas se fiz algo que causasse divisões entre vocês. Somos um time. Precisamos ficar juntos amanhã. Não importa o que aconteça, saibam que estarei com vocês em espírito e estarei orgulhoso se ganharmos ou perdermos.

Sentiu tanto alívio ao tomar essa decisão, tirar um problema do caminho para que pudesse atacar os outros. O mais importante, percebeu, era não se sentir esmagado, tratar um assunto de cada vez. Depois disso, escreveria um e-mail ao Pastor Dennis, agradecendo por sua ajuda, os esforços heroicos que tinha feito por sua alma perdida e oferecendo sua gratidão eterna. Depois, enfrentaria o rojão e ligaria para Carrie, avisando que não voltaria para casa, embora provavelmente ela já tivesse percebido isso. Mas, primeiro, tinha algo mais para dizer às garotas.

Green Valley é um oponente forte. Precisamos jogar como sempre — um futebol rápido, inteligente e sem estrelismo.

Nomad — você tem muito controle da bola, mas tem uma tendência a driblar para o lado mais complicado. Porfavor, procure os passes mais fáceis.

Slinky — seu chute é muito forte. Mas tem a tendência a ficar nos amontoamentos. Vá para os espaços abertos.

Loopy — sem medo no gol. **SEM MEDO.**

Monkey — você é a minha guerreira. Precisamos do seu fogo.

Hangman — é bom forçar no ataque, mas, por favor, volte correndo para sua posição se necessário.

Caddyshack — não hesite. Se tiver chance, chute. Precisamos aumentar seu poder ofensivo.

Abba — adoro você. Jogue o máximo que puder e não perca o foco. Porfavor, me ligue depois do jogo.

Depois de uma noite de sono difícil, Ruth foi acordada pela campainha. Ela se sentou na cama, consciente tanto de uma sensação de pânico incipiente como dos primeiros sinais de uma ressaca. A campainha tocou de novo, um toque longo seguido por dois curtos.

— Está bem — ela disse, livrando-se das cobertas e levantando-se mais rápido do que o aconselhável. — Estou indo.

Ela olhou para o relógio. Eram seis e quarenta e sete da manhã. Sábado. As garotas estavam na casa do Frank. Ela chegou ao alto da escada antes de se lembrar que tinha um convidado e que não estava decentemente vestida, mas sua memória foi sacudida pela visão do convidado em questão subindo as escadas de cueca e camiseta, olhando para ela com uma expressão preocupada. No momento em que seus olhos se encontraram, a campainha ficou louca, tocando repetida e insistentemente, como se fosse uma emergência.

— E para mim — ele falou.

— Bom, então você pode atender?

Ele fez uma cara triste e balançou a cabeça.

— Realmente não posso lidar com isso agora.

— E a sua esposa?

Como se fosse uma resposta à sua pergunta, a pessoa desistiu da campanha e começou a bater na porta, exigindo que a deixassem entrar. Ruth não conseguia entender as palavras, mas ouvia o suficiente para saber que era um homem.

– Ele vai acordar toda a vizinhança — ela falou, passando por Tim enquanto descia.

Abriu um pouco a porta, o suficiente para mostrar seu rosto. O homem na varanda era menor e mais jovem pessoalmente do que se lembrava. Claro, ela só o vira em algumas reuniões públicas e nunca de perto.

– Posso ajudá-lo? — perguntou.

O Pastor Dennis olhou para ela através de seus óculos de aros metálicos. Os olhos estavam vermelhos e angustiados, como se tivesse ficado acordado a noite toda.

– Preciso falar com Tim.

– Ele não quer falar com você.

– Deixe-me entrar — insistiu o Pastor, tentando olhar dentro da casa. — Tim está com medo e precisa da minha ajuda.

Ruth ficou espantada pela angústia em sua voz. Em público, o Pastor Dennis era sempre estridente e bravo, mas agora parecia estar à beira das lágrimas.

– Desculpe — ela falou. — Você realmente precisa ir embora agora.

O Pastor negou com a cabeça.

– Vim por Tim e não vou embora sem ele. Aqui não é o lugar dele.

– Por favor — disse Ruth —, estou pedindo educadamente.

– Que ele venha até a porta. Se quer que eu vá embora, que diga na minha cara.

– Você precisa ir embora — ela falou. — *Agora*. Não quero discutir.

O Pastor deve ter sentido a ameaça implícita em sua voz.

— Está bem — ele falou. — Mas me faça um favor. Diga que estive orando por ele a noite toda. E não vou parar enquanto ele não conversar comigo.

Sentindo uma inesperada onda de culpa, Ruth fechou a porta, trancou-a e subiu. Tim estava olhando pela janela do quarto dela para o jardim.

— Falei para ele ir embora — informou. — Não ficou muito feliz.

Ele se levantou e olhou para o corpo de Ruth. Ela deveria ter ficado embaraçada, parada ali, com o tipo de camisola que só se usava para um amante, mas a sensação não se materializou. Ajudava o fato de que ele também estava com roupa íntima, tão perto da nudez quanto ela.

— Acredite em mim — ele falou. — O Pastor não vai a nenhum lugar.

— Como assim?

Ele a chamou até a janela. Era uma manhã luminosa, um dia lindo para um jogo de futebol. Uma brisa leve devia estar soprando, porque o ar estava cheio de folhas vermelhas e amarelas que se soltavam das árvores, flutuando pela rua, voando por cima da grama. O Saturn de Tim estava estacionado bem na frente da casa de Ruth, embaixo de uma árvore, e o Pastor Dennis estava sentado no capô, os braços cruzados no peito, olhando direto para eles.

— É um cabeça-dura — disse Tim. — Vai ficar ali o dia todo se precisar.

— A que horas você precisa ir para o jogo?

— Não vou. Preciso faltar a esse.

— Mesmo? Mas essa não é a final do campeonato de, hã, como é, Divisão B-3?

— E — ele falou. — Estou tentando não pensar nisso.

— Desculpe.

— Está bem. Não é culpa sua.

Ruth não tinha certeza disso, mas não falou nada.

– E você? — ele falou. — Vai?

– Hoje não. Maggie pediu para que eu ficasse em casa. Acha que só crio problemas.

Tim balançou a cabeça.

– Ela é uma boa garota, Ruth.

– Eu sei.

Passaram-se alguns segundos. A voz de Tim saiu doce, com um pouco de medo.

– Acho que deveria ir embora. Tenho certeza de que você tem coisas a fazer.

Estavam parados um ao lado do outro, sem se tocar, mas próximos o suficiente para que ela pudesse inalar o aroma sonolento do corpo dele e sentir uma corrente gostosa passando entre os dois. Continuaram se olhando por um bom tempo, quase como se tivessem medo de se olhar, o silêncio crescendo entre eles, ficando mais forte, até que o mundo exterior desapareceu — o céu, as casas, as árvores, as folhas voando, até o homem no carro — e eles estavam sozinhos.

Fique o tempo que quiser — ela disse.

Contra-Capa

Tom Perrotta é norte-americano, e *A professora de abstinência* é seu quinto livro. Duas de suas obras já foram adaptadas para o cinema — *Criancinhas* (*Pecados íntimos*, com Kate Winslet) e *Election* (*A Eleição*, com Reese Witherspoon e Matthew Broderick) — e aclamadas pela crítica. Pela adaptação de *Pecados íntimos*, foi indicado ao Oscar de melhor roteiro adaptado. Considerado uma revelação da literatura em língua inglesa, Perrotta tem como característica principal a análise irônica e contundente que faz da sociedade norte-americana, revelando seus segredos e obsessões.

O Senhor fez isso, / E é fabuloso, / Milagroso, / Maravilhoso, / O Senhor fez isso, / E é esplêndido / A nossos olhos! [tradução livre]

Minha alma está cansada. E meu corpo está cansado!

Indo para Jerusalém. / Mas minha fê está queimando com um fogo celestial! / Indo para Jerusalém.

Deixe que o primeiro seja o último, uh-huh! / Indo para Jerusalém. / Ajude-me, Senhor! Levante-me agora! / Indo para Jerusalém.

Meus pés estão doloridos! Mas eu preciso continuar caminhando! / Indo para Jerusalém! / Oh, Senhor! Estou bem aqui ao seu lado! / Indo para Jerusalém.

Não tema! / O dia está chegando. / Não tema! / Pare de tremer. / Não tema! / O Senhor está conosco e não temos nada a temer.